



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GILIARD DA SILVA PRADO

**GUERRILHAS DA MEMÓRIA: ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO
DA REVOLUÇÃO CUBANA (1959-2009)**

BRASÍLIA
2013

GILIARD DA SILVA PRADO

**GUERRILHAS DA MEMÓRIA: ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO
DA REVOLUÇÃO CUBANA (1959-2009)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Jaime de Almeida

BRASÍLIA
2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília.
Acervo 1011823.

Prado, Giliard da Silva.
P896g Guerrilhas da memória: estratégias de legitimação
da Revolução Cubana (1959-2009) / Giliard da Silva
Prado. - - 2013.
ix, 258 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto
de Ciências Humanas, Departamento de História, Programa
de Pós-Graduação em História, 2013.

Inclui bibliografia.

Orientação: Jaime de Almeida

1. Memória coletiva. 2. História Contemporânea.
3. Discursos, alocações, etc. 4. Cuba - História -
Revolução, 1959. I. Almeida, Jaime de. II. Título.

CDU 323.27 (729.1)

TERMO DE APROVAÇÃO

GILIARD DA SILVA PRADO

GUERRILHAS DA MEMÓRIA: ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO DA REVOLUÇÃO CUBANA (1959-2009)

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História no Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Jaime de Almeida (Orientador)
Programa de Pós Graduação em História, UnB

Prof^a. Dr^a. Silvia Cezar Miskulin
Centro de Ciências Humanas, UMC

Prof. Dr. David Verge Fleischer
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre as Américas, UnB

Prof. Dr. Francisco F. Monteoliva Doratioto
Programa de Pós Graduação em História, UnB

Prof^a. Dr^a. Olga Rosa Cabrera García
Programa de Pós Graduação em História, UnB

Brasília, 13 de setembro de 2013

A Marcely, minha mulher, a quem, mais do que um trabalho acadêmico, eu dedico o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Nesta página, quero expressar a minha gratidão a pessoas e instituições que desempenharam um papel importante durante esta etapa de minha formação acadêmica, seja colaborando diretamente com a realização deste trabalho, seja compartilhando diferentes momentos de meu cotidiano. Desse modo, agradeço:

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de Doutorado Pleno, indispensável para a realização desta pesquisa.

A CAPES, pela concessão da bolsa de Doutorado Sanduíche no Exterior e pelo excelente serviço de acompanhamento de todas as etapas do estágio doutoral.

Ao professor Jaime de Almeida, orientador desta pesquisa, pelo estímulo intelectual, por ter despertado a minha paixão pela História da América e pela relação de confiança e amizade.

Ao professor Gilles Bataillon, coorientador do estágio de doutorado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, pelas dicas sobre os acervos das instituições de pesquisa em Paris e pelas sugestões bibliográficas.

Aos professores que compuseram a banca examinadora: Silvia Miskulin, David Fleischer, Francisco Monteoliva Doratioto e Olga Cabrera, aos quais agradeço pelas críticas e sugestões.

Aos professores Estevão Rezende Martins e Luiz Paulo Nogueiról, que compuseram a banca do exame de qualificação, pelas valiosas sugestões.

A Vincent Bloch, Elizabeth Burgos e Margalida Mulet Pascual, estudiosos da Revolução Cubana, pela interlocução e pelas dicas sobre instituições de pesquisa e bibliografia.

Ao professor e amigo Ibarê Dantas, pela contribuição com seus comentários sobre este trabalho.

A Alex Silveira, estudioso das práticas de patrimônio na cidade de Havana, pela leitura do projeto e pelas dicas valiosas sobre a viagem a Cuba.

Às professoras Eleonora Zicari, Selma Pantoja e Olga Cabrera pelas contribuições que os seus seminários no PPGHIS representaram para este trabalho.

Aos professores Maria Filomena Coelho e Marcelo Balaban, que foram prestimosos no atendimento a solicitações diversas.

Aos professores Fernando Sá, Bruno Álvaro e Célia Cardoso pelas dicas durante o período em que eu trabalhei como professor substituto no Departamento de História da UFS e pela frequente interlocução acadêmica.

Aos meus pais, Geová e Clarice, pelo amor, por me ensinarem através de seus exemplos e pelos esforços que sempre fizeram para assegurar a minha formação acadêmica.

Aos meus irmãos, Lindaura, Douglas, Rafael e Cíntia, que são também grandes amigos, pela cumplicidade e carinho.

Às minhas tias Vanira e Inaldete, pelo amor e pelo incentivo.

A Carlos, Emerson e Manoel pela amizade e cumplicidade.

A Amanda, Crécia, Jéssica, Lenalda e Valéria pelo incentivo e carinho.

A Leandro Bulhões, Marcelo Brito e Ana Uhle pelo apoio e pelo agradável convívio na UnB e em Brasília.

Aos colegas e amigos que fizeram de minha estada na *Maison du Brésil* e em Paris uma experiência muito enriquecedora: Luis Castilo, Vitor Chaves, Gilmar Mascarenhas, Sonia Pascolati, Indayara Martins, Isabel Porto, Danúbia Bonfati, Marie Claire Feghali. Agradeço especialmente a Maura Manca e Hadi Sabaayon pelas constantes mensagens e por serem mestres na arte de cultivar a amizade.

E, por fim, um agradecimento mais do que especial à minha mulher, Marcelly, pelo amor e pelo companheirismo. Obrigado por compartilhar a vida comigo!

Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar.

Victor Klemperer

(KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, p. 55.)

Aquele que conta ao povo falsas lendas revolucionárias, que o diverte com histórias sedutoras, é tão criminoso quanto o geógrafo que traça mapas mentirosos para os navegadores.

Hippolyte Prosper Olivier Lissagaray

(LISSAGARAY, Hippolyte Prosper-Olivier. *História da Comuna de 1871*. São Paulo: Ensaio, 1991, p. 9.)

SUMÁRIO

Resumo.....	viii
Abstract	ix
Introdução.....	01
Capítulo 1 - A gestão da memória da Revolução Cubana: as comemorações do 26 de julho	20
1.1- A festa revolucionária como tempo da memória	25
1.2- Do passado pré-revolucionário ao presente da Revolução	30
1.3- Revolução verde-oliva ou revolução vermelha?	46
Capítulo 2 - O principal inimigo da nação cubana: os Estados Unidos	62
2.1- A construção da inimizade entre Cuba e Estados Unidos.....	63
2.2- Nação versus império: identidades e memórias no front de uma assimétrica guerra bilateral	73
2.3- Progressistas versus reacionários: uma guerra multilateral contra o "inimigo do mundo"	88
2.4- A gestão da inimizade e a personificação do inimigo: as relações do governo cubano com os presidentes dos Estados Unidos.....	92
Capítulo 3 - A instável amizade com a União Soviética.....	113
3.1- Do desinteresse mútuo ao estabelecimento da amizade (1959-1960).....	113
3.2- O período do equilíbrio instável: entre a dependência econômico-militar e a independência político-ideológica (1960-1970)	118
3.3- A acomodação das divergências político-ideológicas (1970-1985)	152
3.4- O reaparecimento das divergências (1986-1991)	170
3.5- Os "elogios fúnebres" à União Soviética (1992-2009)	177
Capítulo 4 - Os inimigos que "traíram" a pátria: os dissidentes cubanos	180
4.1- Os tribunais revolucionários como tribuna política	182

4.1.1- O nacionalismo democrático no banco dos réus: o "caso Huber Matos"	182
4.1.2- O comunismo ortodoxo no banco dos réus: os casos "Marquitos" e "Ordoqui"	198
4.1.3- O reformismo socialista no banco dos réus: os casos "Ochoa" e "Abrantes"	219
Conclusão	236
Referências bibliográficas	247
Anexo: Calendário da Revolução Cubana	256

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender as estratégias de legitimação da Revolução Cubana no período compreendido entre 1959 e 2009, analisando os discursos proferidos por seus líderes desde a tribuna política das cerimônias comemorativas das efemérides revolucionárias e de outros atos públicos promovidos pelo governo cubano. No primeiro capítulo, busca-se entender, a partir de uma análise dos discursos comemorativos da efeméride do 26 de julho, o processo de construção e gestão da memória da Revolução Cubana, sendo destacados os usos políticos do passado e as principais representações construídas acerca do período revolucionário. No segundo capítulo são abordadas as relações conflituosas do regime cubano com o seu principal inimigo externo: os Estados Unidos. Nele, empreende-se uma análise do processo de construção e de gestão da inimizade entre os dois países e salienta-se a importância da figura do inimigo para a construção de significados acerca da Revolução Cubana, bem como para legitimar práticas políticas do governo revolucionário. O tema do terceiro capítulo é a trajetória da relação de amizade entre Cuba e União Soviética. Nele, busca-se identificar as distintas fases de uma relação que se caracterizou, por um lado, pela permanente dependência econômico-militar de Cuba em relação à União Soviética, mas, por outro lado, pelas variações nos modos como o regime cubano fez a gestão das divergências políticas e ideológicas existentes entre os dois projetos revolucionários. No quarto e último capítulo são analisados alguns casos representativos da política de expurgos praticada pelo regime cubano contra indivíduos que ocuparam posições de destaque no poder revolucionário, mas que, por terem sido vistos pelo líder da Revolução como obstáculos ou ameaças a seu poder, foram rotulados de “traidores da pátria” e submetidos aos tribunais revolucionários. Neste capítulo, empreende-se uma mudança quanto ao modo de acessar o discurso oficial da Revolução Cubana, uma vez que os tribunais revolucionários desempenharam também a função de uma tribuna política. Conclui-se demonstrando que, além da repressão aos opositores, o pragmatismo político de Fidel Castro, evidenciado nas diversas metamorfoses ideológicas do governo cubano, foi fundamental para assegurar a manutenção, por mais de cinco décadas, da Revolução Cubana e do grupo no poder.

Palavras-chave: Revolução Cubana. Discurso. Comemoração. Memória. História.

ABSTRACT

The objective of this work is to investigate strategies of creating legitimacy for the Cuban Revolution, during the period of 1959 to 2009, through the analysis of leaders' speeches from the political tribunes in commemoration ceremonies of the revolution's calendar, as well as from other public events promoted by the Cuban Government. The first chapter clarifies the process of constructing and administrating the memory of the Cuban Revolution, by examining celebratory speeches of the 26th of July festivity. Political uses of the past and the main representations of the revolutionary period are highlighted. The second chapter discusses the conflicting relationship of the Cuban regime with its main external enemy: the United States. This chapter analyses the process of construction and the handling of hostilities between the two countries and stresses the importance of the figure of an enemy for the construction of meaning for the Cuban Revolution as well as the legitimacy of political practices in the revolutionary government. The topic of the third chapter is the trajectory of the friendship between Cuba and the Soviet Union. The chapter tries to identify the different stages of a relationship that was characterised on one hand by the permanent economic and military dependency of Cuba in relation to the Soviet Union, and on the other hand by the different ways the Cuban regime managed political and ideological divergences existing in the two revolutionary projects. The fourth and final chapter analyses a number of representative cases regarding the politics of expulsion, practiced by the Cuban government against individuals that occupied key positions in the revolutionary power, but were seen by the leader of the Revolution as an obstacle or a threat to his power, and were labelled as "nation's traitors" and presented to the revolutionary courts. In this chapter a change in the way to access the official speech of the Cuban Revolution is made, because the revolutionary courts were also political tribunes. The conclusion demonstrates that, besides the repression of the opposition, the political pragmatism of Fidel Castro, evident in the various ideological metamorphosis of Cuban Government, was fundamental to maintain the Cuban Revolution and its group in power for more than five decades.

Keywords: Cuban Revolution. Speech. Commemoration. Memory. History.

Introdução

Cuba, 1959. Naquele ano foi assinalada a vitória de uma das principais revoluções ocorridas na América Latina durante o século XX. O triunfo da Revolução Cubana operou mudanças significativas no país e causou grande repercussão para além das fronteiras nacionais, fazendo gravitar em torno da experiência revolucionária posições políticas e ideológicas antagônicas, que se refletiram na construção de significados múltiplos e contraditórios. Como a conquista do poder era indissociável da importância de legitimá-lo, os revolucionários investiram, desde cedo, nas políticas de memória da Revolução, dando especial ênfase às comemorações das efemérides. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo compreender as estratégias de legitimação da Revolução Cubana no período compreendido entre 1959 e 2009, analisando os discursos proferidos por seus líderes desde a tribuna política das cerimônias comemorativas das principais efemérides revolucionárias e de outros atos públicos promovidos pelo governo cubano.

A etapa insurrecional da Revolução Cubana estendeu-se de 26 de julho de 1953 até 1º de janeiro de 1959, data em que os insurgentes conquistaram o poder. No decorrer desse período, fracassaram duas importantes ofensivas armadas empreendidas pelo movimento rebelde para a derrubada do governo ditatorial de Fulgencio Batista¹. Os revoltosos apenas obtiveram sucesso na terceira etapa da luta insurrecional, período em que puseram em prática outro método de luta armada: a guerra de guerrilhas². A ação

¹ A primeira dessas ofensivas contra o regime de Fulgencio Batista (1952-1959) ocorreu em 26 de julho de 1953 e consistiu na tentativa de tomar os quartéis Moncada e Carlos Manuel de Céspedes, localizados, respectivamente, nas cidades de Santiago de Cuba e Bayamo. Derrotados, os rebeldes foram presos e em maio de 1955, depois de anistiados, exilaram-se no México, onde organizaram o Movimento 26 de Julho – cujo nome faz referência à data da ação que inaugurou a luta insurrecional – e iniciaram uma preparação militar com o intuito de regressar a Cuba e pôr em prática um novo plano para depor o governo. A segunda ofensiva foi empreendida em dezembro de 1956 e também fracassou, pois a expedição revolucionária vinda do México foi surpreendida no desembarque do iate Granma pelas tropas governistas. Em ambas as ofensivas muitos insurgentes foram mortos nos confrontos armados. Depois dessa segunda tentativa fracassada de tomar o poder, deu-se início à terceira etapa da luta insurrecional, que se estendeu de dezembro de 1956 até o triunfo da Revolução em janeiro de 1959. Cf.: BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

² Em um texto escrito em setembro de 1963, refletindo retrospectivamente sobre a guerra de guerrilhas empreendida na etapa insurrecional, Che Guevara destacou três axiomas que podiam ser deduzidos a partir do emprego deste método na experiência cubana, de modo a contribuir para o êxito de outros movimentos revolucionários na América: “1º as forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército; 2º nem sempre é preciso esperar que estejam dadas todas as condições para a revolução; o foco insurrecional

rebelde consistiu no estabelecimento de uma base guerrilheira nos territórios da Sierra Maestra, ponto estratégico no qual tiveram início as guerrilhas rurais – que contaram com o apoio da população campesina – e a partir de onde houve a formação de outros focos guerrilheiros que expandiram a luta e foram gradativamente conquistando apoio em outras regiões rurais e nas cidades. Os sucessivos êxitos obtidos pela guerra de guerrilhas, cujas ações caracterizavam-se pela mobilidade das tropas e pelo fator surpresa dos ataques, criaram condições propícias para a tomada do poder através da luta armada.

A conquista do poder não deve, no entanto, ser atribuída unicamente às ações dos guerrilheiros da Sierra Maestra, porque, apesar do importante papel de vanguarda militar por eles desempenhado, foi decisivo o concurso de outros grupos sociais e políticos apoiando um movimento que se reivindicava, até aquele momento, como nacional e democrático e não de caráter socialista. A formação dessa ampla frente oposicionista pôs em evidência o isolamento político e a insustentabilidade do governo de Fulgencio Batista que, diante do avanço das guerrilhas, abandonou Cuba, configurando a queda do regime e possibilitando a tomada do poder pelos revolucionários.

A união das diferentes forças oposicionistas não conseguiria, porém, disfarçar as contradições internas. Isto ficou patente logo que se formou o governo revolucionário. O programa de reformas empreendido pelo governo incluiu, entre outras medidas, a punição dos principais envolvidos com o regime anterior, a nacionalização de empresas estrangeiras e a realização da reforma agrária. Essas medidas apontavam para as significativas transformações políticas, econômicas e sociais que iam sendo operadas, ao mesmo tempo em que expunham os conflitos de interesses entre os setores moderados e os setores radicais das forças de coalizão.

Gradativamente, as reformas postas em prática pelos revolucionários evidenciaram que estavam preponderando as decisões dos setores mais radicais do governo. Desse modo, não tardaram a surgir reações contrárias ao programa reformista, uma vez que as medidas afetavam os interesses de grupos sociais e políticos tanto em âmbito nacional quanto internacional. Como os contornos nacionalistas e anti-

poderá criá-las; 3º na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser, fundamentalmente, o campo”. Cf.: GUEVARA, Ernesto. Guerra de guerrilhas: um método. In: **Textos revolucionários**. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 1980, p. 96-97.

imperialistas das reformas do governo cubano conflitavam com a política externa dos Estados Unidos, este país se tornou o grande opositor no plano internacional, pondo em prática, em um curto intervalo de tempo, uma série de ações diplomáticas, econômicas e militares para conter o avanço da Revolução. Internamente surgiram manifestações dissidentes – algumas delas com a cooperação dos Estados Unidos – que empreenderam movimentos armados em algumas províncias cubanas, configurando uma espécie de guerra civil até meados da década de 1960, momento em que as forças governistas conseguiram desarticular esses grupos de oposição armada e conferir uma relativa estabilidade interna ao país.

A oposição à Revolução no plano internacional tornou-se mais intensa a partir do momento em que o governo revolucionário cubano, abandonando a sua posição inicial de neutralidade no confronto bipolar da Guerra Fria, estabeleceu vínculos estreitos com a União Soviética e, em seguida, no ano de 1961, fez declarações acerca do caráter socialista da Revolução e da adoção do marxismo-leninismo como ideologia oficial. Essas medidas constituíram-se em um significativo ponto de inflexão da experiência revolucionária cubana e fizeram com que se tornassem mais tensas as relações entre Cuba e Estados Unidos.

A radicalização das reformas, o estreitamento de relações com a União Soviética e a adoção do socialismo fizeram de Cuba um dos alvos principais das preocupações políticas dos Estados Unidos, pois se temia que a Revolução Cubana pudesse inspirar movimentos revolucionários similares. Esse temor dos Estados Unidos não se mostraria infundado, uma vez que a experiência revolucionária cubana, de fato, influenciou a radicalização das forças de esquerda em outros países da América Latina. O método da guerra de guerrilhas, elemento que conferiu um caráter singular à Revolução³, tornou-se um ponto de referência fundamental, um modelo que passou a ser adotado por outros grupos revolucionários que tentavam tomar o poder em suas respectivas nações. Por considerarem Cuba uma ameaça a seus interesses, os Estados Unidos continuaram a

³ A conquista do poder pelos revolucionários cubanos, através da guerra de guerrilhas rurais, contrariou alguns princípios da teoria leninista, uma vez que substituiu a ação da vanguarda política pela primazia da ação da vanguarda militar. Além disso, subverteu as teses etapistas próprias do modelo stalinista, demonstrando assim alternativas viáveis aos esquemas teóricos pré-estabelecidos. A esse respeito, cf., entre outros: DEBRAY, Régis. **Revolução na revolução**. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 1967; FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo**: a Revolução Cubana. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

empreender os mais diversos tipos de ações para derrubar o regime cubano⁴. Neste sentido, deram prosseguimento a uma trajetória de relações conflituosas que se iniciaram pouco mais de um ano após o triunfo da Revolução e foram mantidas mesmo depois do fim da Guerra Fria, estendendo-se até a atualidade, embora tenham conhecido avanços e recuos no decorrer desse processo.

Cuba, por sua vez, empreendeu diversas medidas para assegurar o êxito da Revolução. Além de ter estreitado relações com a União Soviética e com outros países do campo socialista, orientou sua política externa no sentido de promover o internacionalismo revolucionário, uma vez que o fortalecimento do movimento revolucionário mundial contribuía para a consolidação da Revolução Cubana. Neste sentido, o governo cubano prestou auxílio a diversos movimentos revolucionários e anti-imperialistas na África e, sobretudo, na América Latina. Internamente, buscou-se também favorecer a consolidação do socialismo, criando diversas organizações sociais⁵ e, algum tempo depois, institucionalizando a Revolução em bases constitucionais com vistas a torná-la mais coesa.

As divergências ideológicas e tensões políticas, tanto internas quanto externas, são características que, com maior ou menor intensidade, estiveram sempre presentes no decorrer da experiência revolucionária cubana e que se refletiram na variedade das formas de confronto entre a Revolução e os seus opositores. Nessa perspectiva, além das ações militares, econômicas e diplomáticas, merecem destaque as ações voltadas para a construção de memórias. Estas ações – em alguns aspectos talvez até mais do que aquelas – caracterizam-se por serem originadas a partir de uma pluralidade de lugares; por se manifestarem através de práticas diferenciadas; pela necessidade de serem incessantemente reavivadas; pela frequência com que são reelaboradas; pela mobilidade de seus referenciais; e pelo poder que têm de consolidar ou desestabilizar um regime

⁴ Entre as principais ações militares, econômicas e diplomáticas praticadas pelos Estados Unidos no decorrer da longa trajetória de relações conflituosas com o governo revolucionário cubano, destacam-se: o rompimento de relações diplomáticas com Cuba; o bombardeio de quartéis e aeroportos cubanos; a invasão da Baía dos Porcos; a ‘Operação Mangusto’; a expulsão de Cuba da OEA; o bloqueio econômico; o bloqueio naval resultante da crise dos mísseis; a ‘Emenda Torricelli’; a ‘Lei Helms-Burton’; a ‘Iniciativa para uma nova Cuba’; e a ‘Comissão de Assistência para uma Cuba Livre’. Cf.: AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

⁵ Dente essas organizações, destacam-se: a União de Jovens Comunistas (UJC); a Federação de Mulheres Cubanas (FMC); os Comitês de Defesa da Revolução (CDR); e o Partido Unificado da Revolução Socialista que se transformou mais tarde no Partido Comunista Cubano (PCC). Cf.: BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit.

político. Desse modo, as diversas estratégias de legitimação e as sucessivas lutas de representações que marcam a experiência revolucionária cubana evidenciam a existência daquilo que poderia ser metaforicamente denominado de uma “guerra de guerrilhas” no campo da memória.

Os revolucionários cubanos demonstraram ter consciência de que tão importante quanto conquistar o poder seria efetivar a sua legitimidade e consolidação através da elaboração de representações e da construção de memórias. Essa preocupação em fundamentar as ações e obter para elas reconhecimento e apoio estava presente já na etapa insurrecional. Para atestar isso, basta que se considerem os documentos e manifestos – Manifesto do Moncada; A história me absolverá⁶; Manifesto da Sierra Maestra – produzidos com o objetivo de fazer a propaganda das ideias do movimento rebelde.

Com o triunfo da Revolução e o surgimento das primeiras manifestações oposicionistas, a necessidade de assegurar a legitimidade do novo regime tornou-se maior, permanecendo como uma exigência impreterível até os dias atuais. Desde aquele momento, o governo cubano investiu na propaganda do regime e passou a desenvolver os delineamentos principais das políticas de memória da Revolução. Neste sentido, elegeu datas, figuras e acontecimentos a serem comemorados, estabelecendo quais seriam dignos de lembrança e os meios a serem empregados para representá-los. Fez proliferar, assim, os *lugares de memória*⁷ – topográficos, monumentais, simbólicos e funcionais – do processo revolucionário, dentre os quais constam: os nomes de eventos e de líderes políticos atribuídos a lugares públicos; as mais diversas produções textuais e imagéticas; a instituição de um calendário revolucionário; a apropriação das figuras de heróis da nação cubana para a formação de uma espécie de panteão cívico; e os discursos das comemorações das efemérides da Revolução.

⁶ Por ocasião do julgamento dos rebeldes presos após o fracassado ataque ao quartel Moncada (1953), Fidel Castro proferiu o discurso “A história me absolverá”. Este documento, que consistiu em sua própria defesa jurídica e de todos os envolvidos no referido ataque, continha o programa de reformas pelas quais lutavam. Posteriormente, o documento foi publicado, sob a forma de livro, para dar maior publicidade aos ideais revolucionários. Cf.: CASTRO, Fidel. **A história me absolverá**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez/1993.

A importância dada pelo regime cubano aos lugares de memória e, em particular, às efemérides foi expressa, por exemplo, através da criação de um calendário para a Revolução. Este calendário, por seu caráter ritualístico, consiste em um dos instrumentos das políticas de memória do governo cubano e, além de estabelecer oficialmente as efemérides da história nacional, tem como característica atribuir uma denominação prévia a cada ano do processo revolucionário que será iniciado. Assim, fornece um indicativo das diretrizes do governo, bem como do que será homenageado e comemorado em cada ano.

Para legitimar o governo e conferir uma identidade à Revolução era fundamental investir na perpetuação da memória das principais datas e acontecimentos do movimento revolucionário e, com isso, firmar eventos fundadores para a experiência cubana, de modo que a memória nacional refletisse a memória da Revolução. Dentre as efemérides de maior simbolismo para a Revolução Cubana, comemoradas em grandes concentrações cívicas, estão: o 26 de julho, data em que ocorreram as ações que inauguraram a luta insurrecional, que foi utilizada também para dar nome ao movimento rebelde organizado por Fidel Castro e que, logo após o triunfo revolucionário, foi instituída como o “dia da rebeldia nacional”; e o 1º de janeiro, dia que celebra o triunfo da Revolução e que foi instituído como o “dia da libertação”. Além do 26 de julho e do 1º de janeiro, também é solene e regularmente comemorado, apesar de não ser uma efeméride revolucionária cubana, o 1º de maio, que celebra o “dia internacional dos trabalhadores”. As principais concentrações cívicas que costumam ocorrer anualmente em Cuba destinam-se a comemorar essas três datas, as quais ainda são – junto com o 10 de outubro, dia que marca o início das guerras de independência, – honrosamente distinguidas com o fato de serem feriados nacionais.

O vasto calendário comemorativo de Cuba ainda é composto por outras datas cívicas que totalizam quase vinte efemérides. Das comemorações oficialmente instituídas para rememorar grandes acontecimentos da história pátria, a maior parte é formada por efemérides ligadas à Revolução. Esse é o caso, apenas para citar alguns exemplos, do 2 de dezembro, que assinala o desembarque dos rebeldes do iate Granma e que foi consagrado como a data de fundação das, posteriormente criadas, Forças Armadas

Revolucionárias⁸; do 16 de abril, que traz à memória a data em que o governo cubano declarou o caráter socialista da Revolução; do 19 de abril, que recorda a tão celebrada vitória de *Playa Girón*; do 8 de outubro, que evoca a morte de Che Guevara e que foi instituído como o “dia do guerrilheiro heroico”; e do 28 de outubro, dia do desaparecimento de Camilo Cienfuegos.

É fundamentalmente durante a comemoração dessas efemérides – sobretudo nas cerimônias comemorativas do 26 de julho, do 1º de janeiro e do 1º de maio – que o regime cubano, em diferentes tempos presentes, reconstrói o passado e faz a gestão da memória da experiência revolucionária, reivindicando, por exemplo, as ideologias a que se filia. Neste sentido, é possível perceber que o governo revolucionário combina o uso – embora com intensidades diferenciadas, conforme o momento histórico – de duas correntes de pensamento principais. Uma delas, relacionada à defesa do socialismo e à crítica ao imperialismo e baseada nas ideias de pensadores como Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Ilitch Ulianov (Lênin). A outra, relacionada à defesa do nacionalismo e também ao combate ao imperialismo e na qual são reivindicadas as ideias de José Martí⁹ e a tradição revolucionária de outros heróis da nação cubana – quer das guerras independentistas do século XIX, quer da Revolução –, como ocorre, neste último caso, com Che Guevara e Camilo Cienfuegos, que passaram a ser cultuados pelo regime, sendo entronizados no panteão cívico da Revolução Cubana.

Para compreender as principais estratégias de legitimação da Revolução Cubana no período compreendido entre 1959 e 2009 priorizou-se neste trabalho a análise dos discursos proferidos pelo governo cubano desde a tribuna política de suas cerimônias comemorativas. Essa análise foi orientada pelos seguintes questionamentos: quais as transformações por que passaram os significados e memórias que se buscou construir acerca da Revolução Cubana desde o seu triunfo até a efeméride do cinquentenário?

⁸ As memórias construídas em torno do 26 de julho e do 2 de dezembro são ilustrativas dos usos políticos do passado e dos mecanismos de apropriação dos acontecimentos históricos. Nota-se um esforço por parte do regime em conferir uma conotação positiva a ações que fracassaram. Assim, derrotados nos confrontos militares, os revolucionários buscam figurar como vitoriosos nas batalhas da memória.

⁹ Os manifestos políticos, poemas e aforismos de José Martí, considerado como “apóstolo” da independência cubana, foram amplamente utilizados por Fidel Castro, que reivindicou para si e para os que participaram do ataque ao Moncada o título de “geração do centenário” em alusão ao centenário do nascimento desse herói da independência cubana, tornando notória, desse modo, sua filiação aos ideais martianos. Cf.: SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1986, p. 22.

Neste sentido, quais foram os principais pontos de inflexão no decorrer desses cinquenta anos? Em que momentos o regime cubano atribuiu maior ou menor ênfase a cada uma das correntes de pensamento que reivindicou? E quais foram as razões que concorreram para isso?

Essas questões compõem, contudo, apenas uma das perspectivas de análise adotadas neste trabalho. Isto porque o entendimento de que o processo de legitimação de um regime político não ocorre de forma consensual, mas, ao contrário, sob o signo do dissenso, fez com que se desdobrasse uma segunda perspectiva de análise, orientada pelo interesse em compreender não apenas os significados e memórias que se buscou construir acerca da Revolução Cubana, mas também em examinar em que condições isto ocorreu, o que implica considerar que as estratégias de legitimação da Revolução são indissociáveis dos dissensos e lutas político-ideológicas entre o regime cubano e os seus antagonistas, tanto internos quanto externos. A adoção dessa perspectiva de análise decorre também da constatação de que o tratamento discursivo dado pelo regime cubano aos seus antagonistas ocupa um lugar central nas estratégias de legitimação simbólica da Revolução.

O uso de um vasto vocabulário bélico e a interpretação da realidade a partir de termos antitéticos, orientados por uma lógica da confrontação, são características bastante acentuadas do discurso oficial da Revolução Cubana. De maneira recorrente, palavras oriundas do campo lexical do militarismo – tais como: batalhas, lutas, combates, estratégias, táticas, trincheiras e inimigos – são transpostas pelos líderes cubanos para o universo político, evidenciando a concepção militarista que guia a política do governo revolucionário. O emprego dessa terminologia belicista é indicativa das estreitas relações que o Estado cubano estabelece entre a política e a guerra, revelando uma propensão a resolver por meio desta última as divergências e conflitos daquela.

Nos discursos do regime cubano, as posições políticas daqueles que lhe são favoráveis ou contrários não são pensadas a partir da relação aliados/adversários, sendo concebidas, com base em uma perspectiva antagônica mais extrema, a partir da relação amigos/inimigos. Embora se manifeste de maneira particularmente acentuada nas práticas dos dirigentes revolucionários cubanos, a tendência a considerar os opositores políticos como inimigos não lhes é exclusiva, tendo sido levada a efeito em outras épocas

e lugares por diferentes regimes políticos. Manifestando-se tanto nos discursos – entendidos aqui também como uma prática – quanto em outras práticas políticas do governo cubano, essa tendência encontra ainda estreitas correspondências no âmbito da teoria política.

No entendimento do teórico alemão Carl Schmitt, a essência da política é o seu caráter antagonístico, o qual se expressa por meio dos enfrentamentos que opõem amigos a inimigos¹⁰. Segundo esse autor, dentre os diversos tipos possíveis de enfrentamento, destaca-se o confronto bélico, estando a guerra no horizonte de possibilidades reais e, além disso, constituindo-se no momento por excelência em que a tensão conflitiva na qual está baseada a contraposição amigo/inimigo torna-se mais evidente. Essa diferenciação entre amigos e inimigos marca o extremo grau de intensidade com que se estabelecem os antagonismos decorrentes da adesão ou oposição a um determinado projeto político¹¹. Constituída por nações e/ou grupos sociais, a díade amigo/inimigo reveste-se de grande utilidade para pensar a ideia de guerra – seja uma guerra no interior do estado-nação, seja uma guerra interestatal – e o lugar por ela ocupado no campo da política.

A relação amigo/inimigo é um aspecto fundamental da concepção da política como um campo de guerra, situando-se no centro das estratégias do estado totalitário para justificar a repressão. Afinal se as questões da política são concebidas como uma guerra, urge que lhes seja dado um tratamento de guerra. Isso, porém, não significa dizer que apenas em regimes totalitários e com base na relação amigo/inimigo seja possível conceber o caráter conflitivo da política. Neste sentido, Claude Lefort considera que a política é essencialmente um campo de conflitos também em regime democráticos. A diferença é que, nestes, mais do que a simples distinção na terminologia dos antagonistas – aliados/adversários em vez de amigos/inimigos –, a existência de conflitos não implica em um tratamento de guerra.

¹⁰ SCHMITT, Carl. **El concepto de lo político**. Madrid: Alianza, 1998.

¹¹ Carl Schmitt considera que o critério amigo/inimigo é especificamente político, pois, pelo menos a princípio, é completamente independente de valorações morais, estéticas, econômicas ou de quaisquer outros tipos. De acordo com o autor, “*el enemigo político no necesita ser moralmente malo, ni estéticamente feo; no hace falta que se erija en competidor económico (...)*”. Ibid., p. 57.

Todavia, a linguagem bélica, a onipresente possibilidade da guerra e o binarismo a partir do qual são abordadas as posições políticas são características que evidenciam a afinidade existente entre a teorização schmittiana e as práticas políticas de regimes autoritários e, principalmente, de regimes totalitários, sejam eles de direita ou de esquerda. A produção intelectual de Carl Schmitt, que foi adepto do nacional-socialismo alemão, é comumente entendida como justificação teórica das práticas e instituições do regime político de Adolf Hitler. Independentemente do debate acerca de sua intenção legitimadora ou tão somente de sua arguta observação e compreensão dos fatos, Carl Schmitt produziu uma conceituação teórica que encontra nítidas correspondências não apenas com as práticas do nazismo, mas também de outros regimes políticos, tais como: o fascismo, o stalinismo, o castrismo, entre outros.

De grande utilidade e amplamente empregada por diversos totalitarismos do século XX, a categorização amigo/inimigo não foi, contudo, gestada por esses regimes políticos. Consistindo na parte mais importante desse par antinômico, a categoria “inimigo” passou a ser muito utilizada no âmbito político, tendo sido um conceito que, oriundo da teologia – a exemplo de outros conceitos da teoria do Estado –, passou por um processo de secularização¹². Já em fins do século XVIII, em consonância com a tendência de dessacralização do campo político – em que este, ao mesmo tempo em que se apropriava de conceitos teológicos, adquiria crescente autonomia em relação à esfera religiosa –, o termo “inimigo” passou a ser utilizado como categoria política pelos atores sociais da Revolução Francesa, possibilitando que a relação amigo/inimigo se tornasse “*une modalité essentielle de la vie politique*”¹³ e que, sob essa categorização, fossem agrupados os mais diversos antagonismos.

Não é difícil compreender, portanto, as copiosas referências a “amigos” e “inimigos” na abordagem dos antagonismos políticos pelo discurso oficial da Revolução Cubana quando se considera, por um lado, que essas categorias se prestam a diferentes usos por movimentos e regimes políticos de diferentes tendências e, por outro lado,

¹² A respeito da secularização de conceitos teológicos, cf.: SCHMITT, Carl. **Teologia política**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

¹³ MARTIN, Jean-Clément. La Révolution Française: généalogie de l'ennemi. **Raisons politiques**, n. 5, 2002/1, p. 72.

quando são levadas em conta algumas características apresentadas pelo regime cubano, como, por exemplo, a propensão para o conflito dual.

Neste sentido, não tardaram a surgir “inimigos” e “amigos” para a experiência revolucionária cubana nos discursos proferidos pelo comandante em chefe da Revolução. Logo, os Estados Unidos e a dissidência cubana despontaram como os principais inimigos e, em contrapartida, a União Soviética passou a figurar como o principal amigo. Além dessas relações de inimizade e amizade cuja duração praticamente se confunde com a da experiência revolucionária, houve também amigos e inimigos circunstanciais que, em um curto intervalo de tempo, passaram de um polo a outro do antagonismo político, de modo que amigos converteram-se em inimigos e vice-versa.

Apresentadas algumas das razões que explicam os recorrentes usos do par antitético amigo/inimigo no discurso oficial cubano, resta saber: como se deu o processo de construção das imagens dos amigos e inimigos da Revolução Cubana? Em que circunstâncias e sob que valores essas imagens foram construídas pelo discurso oficial do regime cubano? Em outros termos, quais foram as motivações e os critérios para que diferentes nações e grupos sociais fossem agrupadas com base no antagonismo fundamental da relação que opõe amigos a inimigos? O que pretendia o regime ao se referir reiteradamente a determinados grupos sociais e nações como seus inimigos? Como, no decorrer das sucessivas comemorações das efemérides revolucionárias, os antagonismos políticos foram, conforme o momento histórico, mantidos ou transformados? Neste sentido, é possível identificar pontos de inflexão na relação do regime cubano com seus amigos e inimigos?

A busca de respostas para as questões que conformam a problemática deste trabalho está apoiada em algumas noções e categorias de análise. Uma delas é a noção de *representação*¹⁴. As representações envolvem processos de percepção, interpretação e identificação de si e dos outros. Elas expressam os interesses, concorrências e competições dos grupos sociais, guiando-os nos modos de nomear e definir os aspectos da realidade, podendo ser entendidas como formas de significar simbolicamente uma realidade, de construir significados.

¹⁴ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

Apesar de não se empreender aqui um estudo da recepção dos significados construídos acerca da Revolução Cubana, a análise das representações requer a compreensão de que a fixação de um significado nem sempre corresponde exatamente às intenções de seus produtores, uma vez que o estabelecimento de determinadas ideias depende dos modos como elas são recebidas e utilizadas, isto é, das diferentes modalidades de sua apropriação: aceitação, subversão, resistência, negação¹⁵.

As representações são importantes na conformação de *imaginários sociais*¹⁶, os quais expressam expectativas, aspirações, angústias, medos e diversos outros sentimentos coletivos. Não sem motivos, a tentativa de controle da produção do imaginário social e político constitui-se em objeto das disputas entre grupos antagônicos que buscam a legitimação de seu poder. Neste sentido, apesar da ênfase dada neste trabalho às estratégias de legitimação de um regime político, convém ressaltar que o *poder*¹⁷ não é aqui entendido como um atributo exclusivo do Estado, mas sim como algo que está presente nas assimétricas relações de força que se estabelecem entre indivíduos e grupos de indivíduos, como uma prática que está disseminada em todo o campo social e que é exercida de modos variados.

A busca de *legitimidade* consiste em uma tentativa de promover a aceitação das ideias e valores que fundamentam uma determinada ordem política, de modo a obter reconhecimento e apoio social para as decisões tomadas pelo poder estabelecido. No entanto, a legitimidade de um processo revolucionário não precisa estar apoiada necessariamente em uma estreita observância da legalidade jurídica existente¹⁸.

A *ideologia*¹⁹, enquanto um conjunto de ideias e valores, não se restringe aos seus eventuais usos discursivos com o propósito de deformar uma determinada realidade, devendo ser pensada principalmente em virtude de seu importante papel na legitimação de um determinado sistema de autoridade – como, por exemplo, um regime político –, bem como de sua função integradora, uma vez que a sua capacidade de produzir uma

¹⁵ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. V. 1. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹⁶ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 5. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

¹⁸ SCHMITT, Carl. **Legalidade e legitimidade**. Belo Horizonte: Del Rey, 2007.

¹⁹ RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

crença comum em torno de um conjunto de valores resulta na conformação de uma identidade.

O recurso aos símbolos, além de ser necessário para a legitimação do poder, é fundamental também para que se defina o par identidade/alteridade, uma vez que as *identidades* são relacionais, estabelecem-se sempre a partir de um 'eu' e de um 'outro', constituindo-se, portanto, em uma construção cultural²⁰. É, pois, a partir de uma relação dialógica entre identidades e representações que grupos dão sentido a práticas e relações sociais, definindo pertencimentos que ajudam a compreender os lugares de fala de onde partem múltiplas leituras e interpretações da realidade.

A discussão das identidades é indissociável do tema da *memória*, constituindo-se um erro pensá-los como fenômenos distintos, um preexistindo ao outro, já que não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade. Desse modo, a elaboração de trajetórias de vida, histórias, mitos e narrativas é resultante de processos de inclusão e de exclusão efetivados pelos "diferentes atores que põem em prática estratégias de designação e de atribuição de características identitárias reais ou fictícias, recursos simbólicos mobilizados à custa de outros provisoriamente ou definitivamente afastados"²¹.

Os diferentes usos que indivíduos, grupos e nações fazem do passado são significativos da coexistência de memórias concorrentes. Assim, o entendimento que norteia este trabalho concebe a memória como alvo de disputas e conflitos, como um campo de forças que está em constante construção²². A perspectiva aqui adotada é a de embates entre memórias. Neste sentido, o interesse está centrado nos dissensos, nos conflitos, nos atores e estratégias envolvidos no estabelecimento de uma memória.

No campo da memória cumpre destacar ainda a importância do estudo dos *lugares de memória*. Criados a partir de um esforço de recuperação e preservação do

²⁰ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005; WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

²¹ CANDAU, Joël. **Mémoire et identité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, p. 18-19 [Livre tradução].

²² Ver, por exemplo: CATROGA, Fernando. **Memória, história, e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001; POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989; RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

passado, esses *lugares* não são simplesmente físicos, pois comportam também os sentidos monumental, simbólico e funcional e, além disso, “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres”²³. As *comemorações* podem, desse modo, ser consideradas como lugares de memória no seu sentido imaterial, simbólico. Elas constituem-se em uma forma de representação e ritualização do passado, desempenhando um importante papel contra a fluidez do tempo.

Embora se destinem a tornar consensual um poder e uma memória, as comemorações podem, ao contrário, revelar tensões e conflitos em torno da disputa pelo controle do passado. Não sem motivos, elas têm se constituído em privilegiados objetos de estudo das investigações históricas, visto que as efemérides têm impulsionado as reflexões e produções historiográficas. Desse modo, por se revestir de um forte caráter político, o ato de comemorar, mais do que mera evocação de lembranças, é um momento de problematização da memória instituída, podendo-se tanto reforçá-la quanto rejeitá-la. É, portanto, o grupo que detém o controle do poder que, em cada tempo presente, cria seus instrumentos de comemoração, “que escolhe as datas e as figuras a comemorar, que as ignora pelo silêncio ou as multiplica pela lembrança”²⁴, que dá significações às comemorações, estabelecendo identidades, afirmando simbolicamente filiações e forjando diferentes projetos políticos.

As cerimônias comemorativas das efemérides transcorrem em um tempo de curta duração, de um dia, de um instante, que é passageiro e fugaz, mas que, passando, deixa marcas no presente e projeta-se no devir²⁵. O tempo dos rituais comemorativos é aqui entendido como um “tempo saturado de ‘agoras’”²⁶, considerando-se que, em cada tempo presente, o passado é permanentemente inscrito, atualizado e, por vezes, dotado de novos significados. A atribuição de sentidos não se restringe, todavia, ao passado, uma

²³ NORA, Pierre, op. cit., p. 13.

²⁴ Id., *L'ère de la commémoration*. In: _____. (dir.). **Les lieux de mémoire** (Les France). V. 3. Paris: Gallimard, 1997, p. 4707 [Livre tradução].

²⁵ Sobre o caráter efêmero do tempo das práticas cotidianas, cf.: ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 177-198.

²⁶ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 229.

vez que também o presente “é reescrito indefinidamente utilizando-se o mesmo material, mediante correções, acréscimos, revisões”²⁷, em um processo constante de reconstrução.

Com o auxílio teórico das noções e categorias de análise apresentadas e buscando responder às questões que constituíram a problemática deste trabalho, adotou-se como procedimento metodológico fundamental a análise dos discursos proferidos pelos líderes do governo cubano – Fidel e Raúl Castro²⁸ – durante as comemorações das principais efemérides da Revolução Cubana no período compreendido entre 1959 e 2009. A análise centrou-se nos discursos comemorativos do 26 de julho, efeméride que consiste na principal data do calendário comemorativo da Revolução²⁹. No exame dessas fontes buscou-se fazer uma *história da memória*³⁰, isto é, investigar a partir de uma perspectiva diacrônica as metamorfoses das representações e memórias que se buscou construir acerca da experiência revolucionária, de modo a enfatizar seus pontos de inflexão. Dito de outro modo, pretendeu-se fazer uma arqueologia da memória, examinando a sobreposição e o acúmulo de camadas do discurso oficial cubano no decorrer do tempo. Neste sentido, convém destacar que, ao acompanhar a trajetória das comemorações do 26 de julho – realizadas anualmente desde o triunfo da Revolução até a efeméride do cinquentenário –, não se buscou produzir uma síntese narrativa sobre cada uma das comemorações, uma vez que o interesse não esteve centrado na cerimônia comemorativa em si mesma, mas sim em utilizar essas comemorações como vias de acesso ao discurso oficial. O objetivo, portanto, foi identificar permanências e transformações discursivas.

A análise do discurso oficial cubano, embora tenha sido centrada nos discursos comemorativos do 26 de julho, não se restringiu a essa efeméride. De modo complementar, também foram examinadas as séries discursivas das duas outras principais cerimônias comemorativas do governo cubano: o 1º de janeiro e o 1º de maio.

²⁷ BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença na história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 221.

²⁸ Os discursos proferidos por Fidel e por Raúl Castro – desde o triunfo da Revolução até os dias atuais – podem ser consultados no portal do governo cubano na internet. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/index.html>>.

²⁹ Essa constatação a partir da análise das fontes contrariou a hipótese inicial da pesquisa de que a principal efeméride seria o 1º de janeiro, por ter sido a data em que ocorreu o triunfo da Revolução.

³⁰ Sobre a história da memória, ver, por exemplo: DOSSE, François. Uma história social da memória. In: **A história**. Bauru: EDUSC, 2003, p. 261-298.

A necessidade de compreensão de alguns aspectos de caráter processual não contemplados satisfatoriamente nas séries discursivas mencionadas – como, por exemplo, o fracasso da meta econômica de produzir uma safra de dez milhões de toneladas de açúcar – ou ainda de acontecimentos importantes que ocorreram em outras datas, como as visitas de chefes de governo, fez com que também fossem consultados, ainda que prescindindo da perspectiva diacrônica, os discursos proferidos em outras efemérides³¹ e mesmo em atos públicos de natureza diversa, como as sessões dos tribunais revolucionários.

Os discursos do governo nessas cerimônias comemorativas e atos públicos diversos não foram, porém, as únicas fontes da pesquisa. Adotou-se ainda como metodologia o estabelecimento de uma relação dialógica entre o texto e contexto, empreendendo-se sucessivas passagens de um a outro, de modo a compreender as circunstâncias que envolveram um acontecimento particular e não apenas as representações que a seu respeito foram construídas pelo governo cubano. Desse modo, para compreender as condições históricas em que esses discursos foram produzidos, a bibliografia foi utilizada, em muitos casos, como fonte para a pesquisa. Para não permanecer circunscrito aos limites da versão oficial – e poder contrastá-la com pontos de vista divergentes e, por vezes, antagônicos, permitindo evidenciar a perspectiva da luta de representações –, além da produção bibliográfica, recorreu-se ainda às seguintes fontes: trabalhos acadêmicos; artigos de jornais e revistas; textos veiculados em blogs; e documentos relativos a processos judiciais – vídeos, atas, etc. – disponíveis em meio digital.

Na análise dessas fontes, buscou-se levar em consideração o lugar de fala de seus autores, sendo os seus discursos interpretados como práticas geradoras de representações que, por sua vez, constroem o que é definido como o real. Isto implica dizer que não se considera a realidade como algo evidente, objetivo, que está fielmente expresso nos documentos por meio dos quais se acessa o passado, mas como algo que é contraditoriamente construído a partir das representações conflitantes dos diversos

³¹ Incluem-se dentre essas efemérides: o 13 de março, o 19 de abril, o 28 de setembro, o 2 de dezembro, etc.

grupos sociais ou, dito de outro modo, da “guerra de guerrilhas” que se trava no campo da memória.

Para apresentar as respostas obtidas para as questões que foram levantadas com o propósito de compreender as estratégias de legitimação da Revolução Cubana, desde 1959 até 2009, este trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, a partir da análise dos discursos comemorativos do 26 de julho, busca-se entender o processo de construção e gestão da memória da Revolução Cubana. Neste sentido, são discutidos os significados construídos em torno do 26 de julho e a importância das comemorações dessa efeméride para as estratégias de legitimação da Revolução Cubana, sendo destacados os usos políticos do passado e as principais representações construídas acerca do período revolucionário. Este capítulo apresenta ainda as contradições discursivas e as principais metamorfoses ideológicas do regime cubano, enfatizando os motivos que explicam as variações de ênfase com que foram reivindicadas, consoante o momento histórico, as correntes de pensamento nacionalista e socialista.

Enquanto no primeiro capítulo são enfatizadas principalmente – mas não exclusivamente – as representações construídas acerca da Revolução Cubana a partir dos usos políticos que o governo revolucionário faz das três dimensões constitutivas do tempo histórico – passado, presente e futuro; nos demais capítulos a perspectiva de análise adotada privilegia os significados construídos acerca da experiência revolucionária a partir dos usos que o regime cubano fez da relação amigo/inimigo³², ou seja, do tratamento discursivo – e, em alguns casos, repressivo – dispensado aos que apresentavam posições político-ideológicas antagônicas ou apenas divergentes.

No segundo capítulo são abordadas as relações conflituosas do regime cubano com o seu principal inimigo externo: os Estados Unidos. Nele, empreende-se uma análise do processo de construção e de gestão da inimizade entre os dois países e salienta-se a importância dos usos discursivos da figura do inimigo para a construção de uma identidade e de uma memória para a nação cubana, mas principalmente para justificar determinadas práticas políticas do governo revolucionário. Neste capítulo, são

³² A ênfase na discussão da relação amigo/inimigo nos capítulos 2, 3 e 4 não significa que a perspectiva relacional e os usos da figura do inimigo não estejam presentes também no primeiro capítulo, o que poderá ser observado, por exemplo, nas referências aos Estados Unidos e à figura de Fulgencio Batista.

identificadas as diferentes correntes de pensamento que o discurso oficial da Revolução reivindicou para abordar os antagonismos entre os dois países, uma vez que em torno desse confronto enfatizou-se ora seu caráter bilateral, ora sua dimensão multilateral. Por fim, são analisadas as diferentes relações que o governo cubano estabeleceu com os presidentes dos Estados Unidos.

O tema do terceiro capítulo é a trajetória da relação de amizade entre Cuba e União Soviética. Nele, busca-se identificar as distintas fases de uma relação que se caracterizou, por um lado, pela permanente dependência econômico-militar de Cuba em relação à União Soviética, mas, por outro lado, pelas variações nos modos como o regime cubano fez a gestão das divergências político-ideológicas existentes entre os dois países, ora criticando o governo soviético, ora se alinhando às suas diretrizes. Neste sentido, investiga-se a correlação existente entre as distintas fases da amizade com a União Soviética e as metamorfoses ideológicas e políticas empreendidas pelo governo cubano. Este capítulo examina ainda como a União Soviética, mesmo após a sua extinção em 1991, continuou sendo útil para as estratégias de legitimação da Revolução Cubana.

No quarto e último capítulo, ainda com base na lógica do par antinômico amigo/inimigo, é analisada a relação do governo cubano com indivíduos que pertenceram às fileiras da Revolução, mas que dela se afastaram ou foram retirados porque expressaram ou tão somente permitiram que fossem percebidos dissensos em relação às políticas do governo. Diante da impossibilidade de analisar, nos limites deste capítulo, a trajetória das relações do regime revolucionário com uma multifacetada e abrangente dissidência cubana – composta pelos dissidentes internos e pela comunidade no exílio – fez-se a opção metodológica de abordar alguns casos representativos da política de expurgos praticada pelo regime contra indivíduos que ocuparam importantes posições na cúpula do poder revolucionário, mas que, por terem sido vistos pelo líder da Revolução como obstáculos ou ameaças a seu poder, foram rotulados de “contrarrevolucionários”, “inimigos” e “traidores da pátria” e submetidos aos tribunais revolucionários. Em virtude dessa opção metodológica empreendeu-se uma mudança quanto ao modo de acessar o discurso oficial da Revolução Cubana: a tribuna política foi deslocada das praças públicas onde eram realizadas as cerimônias comemorativas para as salas dos tribunais revolucionários. Neste capítulo, enfatiza-se o tratamento discursivo – mas também

repressivo – dispensado pelo regime cubano aos dissidentes como parte integrante das estratégias de legitimação da Revolução Cubana e do grupo no poder.

A realização deste trabalho foi motivada, entre outros aspectos, pela efeméride dos cinquenta anos da Revolução Cubana, consistindo, portanto, em mais um exemplo da estreita relação entre as efemérides e a produção do conhecimento histórico. A efeméride do cinquentenário da Revolução Cubana foi marcada pela proximidade ou coincidência com as comemorações de outros acontecimentos históricos importantes, com destaque para o bicentenário das independências de boa parte dos países hispano-americanos³³ cujo ciclo comemorativo estende-se de 2008 a 2025, configurando um período no decorrer do qual a América Latina vivenciará a sua “era das comemorações”³⁴ e várias histórias nacionais serão problematizadas. Ao analisar as contradições e reconstruções das memórias que marcaram as estratégias de legitimação da Revolução Cubana e do grupo político que permanece no poder, espera-se que este trabalho represente, em alguma medida, uma contribuição para a historiografia produzida acerca dessa agenda comemorativa latino-americana.

³³ O ciclo comemorativo do bicentenário das independências na América Latina teve início com a evocação das primeiras juntas (1808 no Uruguai; 1809 na Bolívia e no Equador; 1810 na Venezuela, Colômbia, Argentina, Chile e México; 1811 no Paraguai) e se encerrará com a comemoração dos duzentos anos da declaração de independência (1811 no Paraguai; 1816 na Argentina; 1818 no Chile; 1819 na Venezuela e Colômbia; 1821 no México; 1822 no Equador; 1824 no Peru; 1825 na Bolívia). ALMEIDA, Jaime de. O segundo centenário da Independência na América Latina: um desafio historiográfico. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 7., 2006, Campinas, SP. **Anais Eletrônicos...** Campinas, SP, ANPHLAC, 2006. Disponível em: <http://anphlac.org/upload/anais/encontro7/jaime_de_almeida.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2009.

³⁴ NORA, Pierre. L'ère de la commémoration..., op. cit., p. 4687-4719.

Capítulo 1 - A gestão da memória da Revolução Cubana: as comemorações do 26 de julho

Santiago de Cuba, 26 de julho de 1953. Naquele dia, grupos rebeldes liderados por Fidel Castro tentaram tomar de assalto o Quartel Moncada, a segunda mais importante fortaleza militar do país. Como parte integrante dessa ação principal, outro grupamento rebelde atacava um posto militar de menor porte, o Quartel Carlos Manuel de Céspedes, localizado na cidade de Bayamo. As ações integradas tinham como finalidade dar início a um grande movimento revoltoso que pudesse culminar com a deposição do governo de Fulgencio Batista, que havia chegado ao poder através de um golpe militar ocorrido em 10 de março de 1952.

A estratégia dos revoltosos consistia em assumir o controle dos quartéis, entregar as armas do Exército ao povo, transmitir através do rádio um pronunciamento à nação cubana – denominado posteriormente de “Manifesto do Moncada”³⁵ –, por meio do qual se apresentaria o programa do movimento revoltoso e, ainda, incitar os trabalhadores a deflagrarem uma greve geral. Com essas diferentes medidas, buscava-se promover uma mobilização em plano nacional que pudesse levar a uma insurreição popular armada para derrubar o governo de Fulgencio Batista.

As diversas ações planejadas pelos insurgentes não foram, porém, postas em prática. Isto porque o primeiro passo da estratégia rebelde, a operação de tomada dos quartéis, fracassou. Para que obtivessem êxito em uma luta na qual teriam inferioridade

³⁵ O manifesto destinado “*A La Nación*” e subscrito por “*La Revolución Cubana*” foi redigido em 23 de julho de 1953 por Raúl Gómez García, que, dias depois, seria preso e assassinado em decorrência das ações do 26 de julho. Ele teria redigido o manifesto atendendo, supostamente, a um pedido de Fidel Castro, conforme enfatizam as fontes oficiais, buscando conferir a este último o protagonismo em cada passo dado pelo movimento rebelde. No “Manifesto do Moncada”, são apresentadas as razões que impulsionaram os rebeldes a iniciarem a luta armada contra o governo de Fulgencio Batista, bem como o programa de ações a ser colocado em prática por ocasião do triunfo insurrecional. No documento, em que se expõem os onze pontos do programa revolucionário precedidos por um breve texto introdutório, reivindica-se a filiação ao ideário de José Martí. Sobre o “Manifesto do Moncada”, cf.: PALENZUELA, María Delys Cruz. **El Manifiesto del Moncada**. Disponível em: <<http://www.cubarte.cult.cu/periodico/noticias/115472/115472.html>>. Acesso em: 26 dez. 2011; OCHOA, Lydia Esther. **Raúl Gómez García no dejó morir las doctrinas del maestro**. Disponível em: <<http://www.radioangulo.cu/variedades/historia/17708-raul-gomez-garcia-no-dejo-morir-las-doctrinas-del-maestro.html>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

numérica e de armamentos, os revoltosos contavam com o fator surpresa dos ataques³⁶. Tanto é assim que decidiram proceder à tomada do Quartel Moncada no período em que se celebravam as festividades carnavalescas na cidade de Santiago de Cuba³⁷, correspondendo o dia do ataque, 26 de julho de 1953, ao domingo de carnaval. No entanto, ao contrário do que haviam planejado, antes que ocupassem as posições desejadas no interior dos quartéis, os grupos rebeldes foram descobertos e, diante da iminência da derrota nos confrontos que se seguiram contra os soldados do Exército, optaram pela retirada dos locais dos combates.

Para os insurgentes, o resultado dos ataques aos quartéis não foi apenas uma retirada estratégica ou um plano frustrado. O saldo foi desastroso, sendo eles presos e/ou mortos³⁸. O fracasso dessa primeira tentativa de derrubar o governo de Fulgencio Batista não representou, contudo, o fim das ações dos rebeldes que objetivavam a tomada do poder. Beneficiados pela Lei de Anistia Política, de 15 de maio de 1955, que libertava os envolvidos nos assaltos aos quartéis, alguns “moncadistas”, como passaram a se autodenominar, exilaram-se no México, onde organizaram o Movimento 26 de julho – cujo nome faz explícita homenagem à data da tentativa de assalto ao Quartel Moncada –, e regressaram a Cuba em dezembro de 1956 para dar continuidade à luta insurrecional

³⁶ O grupamento rebelde contava com 131 combatentes. Destes, 25 foram designados para o ataque ao quartel da cidade de Bayamo. Para as ações na cidade de Santiago de Cuba, os demais se subdividiram em três grupos. O grupo maior estava encarregado do ataque ao Quartel Moncada, ao passo que os dois contingentes menores estavam encarregados das ocupações do hospital civil e do Palácio da Justiça, pontos estratégicos, entre outros aspectos, por serem edifícios contíguos ao Moncada. Para contar com o fator surpresa dos ataques, objetivando não serem descobertos até a sua entrada nos referidos quartéis, os rebeldes confeccionaram uniformes idênticos aos dos soldados. Para informações detalhadas acerca dos planos dos ataques, ver: MENCÍA, Mario. **El grito del Moncada**. La Habana: Ed. Política, 1986 [2 v.]; RAMONET, Ignacio. **Fidel Castro: biografía a duas vozes**. São Paulo: Boitempo, 2006.

³⁷ O período das festividades de carnaval em Cuba não é o mesmo em todo o país, variando de uma província para a outra, embora haja entre algumas delas coincidência. No caso da província de Santiago de Cuba, que tem como capital a cidade de mesmo nome, costuma-se festejar o carnaval no decorrer da última semana de julho. Cf. HERRERA, Virtudes Feliú. **El carnaval cubano**. La Habana: Ediciones Extramuros, 2002; BETTELHEIM, Judith. **Carnival in Santiago de Cuba**. In: _____ (Org.). **Cuban festivals: a century of afro-cuban culture**. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2001, p. 94-126.

³⁸ O número total de mortos entre os rebeldes foi 61. Destes, 8 morreram em combate, ao passo que os outros 53 foram presos, torturados e assassinados nos três dias seguintes à tentativa de tomada dos quartéis. A prisão dos últimos insurgentes que tinham conseguido fugir no dia dos ataques, dentre eles Fidel Castro, ocorreu no dia 1º de agosto. O julgamento dos rebeldes ocorreu nos dias 21 e 22 de setembro de 1953, ocasião em que Fidel Castro leu a sua autodefesa intitulada “A história me absolverá”, publicada posteriormente sob a forma de livro. Dos 50 acusados, 32 foram condenados e cumpriram pena no Presídio Modelo da Ilha de Pinos até 15 de maio de 1955, quando Fulgencio Batista decretou a Lei de Anistia Política, que beneficiou os condenados pelos ataques aos quartéis. Cf. ROJAS, Marta. **El juicio del Moncada**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988; MENCÍA, Mario, op. cit.

que prosseguiu até o dia 1º de janeiro de 1959, quando triunfou o movimento revolucionário.

Com o triunfo da Revolução Cubana tiveram início as ações voltadas para a legitimação do novo governo, para a construção de sentidos em torno da experiência revolucionária. Como parte integrante das políticas de memória, destacaram-se as comemorações de datas e acontecimentos históricos. Já nos primeiros meses da Revolução foram sendo definidas as efemérides a serem comemoradas, aquelas que seriam pontos balizadores de uma nova escrita da história pelos revolucionários. Neste sentido, foi dado um lugar de destaque ao 26 de julho no calendário cívico da Revolução e, por conseguinte, da nação cubana.

As representações que foram sendo construídas em torno do 26 de julho são emblemáticas dos mecanismos de construção das memórias. Novos sentidos vão sendo atribuídos aos acontecimentos que tiveram lugar naquela data. Desse modo, derrotados no campo militar em decorrência de uma ação fracassada cujos resultados poderiam ser qualificados como trágicos, os revolucionários buscam figurar como vitoriosos no campo da memória, conferindo significados positivos em torno do frustrado ataque ao Moncada. A evocação desse acontecimento é, obviamente, orientada não no sentido de trazer à lembrança aquela derrota, mas sim de abstrair o que de positivo representou aquela ação. Na comemoração daquele 26 de julho de 1953, a ênfase é dada, por exemplo, ao início da batalha para libertar o povo de seus opressores, bem como ao espírito combativo e revolucionário dos cubanos. Para significar todo o simbolismo que se buscava conferir à data, o Conselho de Ministros decidiu, já no ano de 1959, declarar o 26 de julho como o “dia da rebeldia nacional”.

A data que marcou o início da luta contra o governo de Fulgencio Batista recebeu, contudo, mais do que uma declaração formal do governo revolucionário. O “dia da rebeldia nacional” passou a ser comemorado em grandes concentrações cívicas, o que teve início no ano de 1959 e estabeleceu-se ao longo da experiência revolucionária como uma tradição comemorativa, que, por sua vez, conheceu vicissitudes no decorrer do tempo. Essas comemorações tornaram-se momentos privilegiados para construir significados em torno da Revolução, legitimar o novo governo e fomentar a consciência revolucionária e a coesão nacional, difundindo-se valores como civismo e patriotismo.

Nessas grandes concentrações populares, Fidel Castro, na condição de líder máximo da Revolução, fazia uso da tribuna política para esgrimir, em discursos que duravam em média cinco horas, suas considerações acerca do 26 de julho, da Revolução Cubana e dos diversos temas a ela relacionados. As comemorações do 26 de julho tornaram-se, portanto, momentos de produção da versão oficial, autorizada, em torno dos acontecimentos e processos históricos.

Mais do que simplesmente o dia da rebeldia, o 26 de julho tornou-se o dia mais importante no calendário político do país, constituindo-se no dia da festa nacional e também na principal festa revolucionária cubana. A data passou a ser sinônimo de tempo de festas, com as celebrações estendendo-se por três dias consecutivos – 25, 26 e 27 de julho –, que são feriados nacionais. A programação dessa festa revolucionária reservava o dia 25 para a realização de um grande desfile desportivo que contava com performances de atletismo, de ginástica, e ainda com a interpretação de danças nacionais e estrangeiras. Em suas apresentações, os atletas formavam, com os seus corpos, frases e nomes relacionados à Revolução, o que demonstra que esses espetáculos desportivos não estavam dissociados das estratégias da pedagogia revolucionária. No dia 26 ocorria o ato central das comemorações, destinado principalmente aos discursos políticos. Após a realização dos desfiles militares³⁹, diversos oradores faziam uso da tribuna: membros das delegações estrangeiras; dirigentes políticos cubanos do município e da província que sediavam o ato; além de estudantes que faziam panegíricos à Revolução em prosa e verso. O ápice da solenidade era o discurso oficial proferido por Fidel Castro. Para o dia 27 – embora frequentemente a data tenha sido utilizada para a inauguração de obras da Revolução –, não havia programação definida. As atividades eram livres, o que fazia com

³⁹ Apenas nos primeiros anos da Revolução houve desfiles militares nas festas revolucionárias do 26 de julho. Ainda em meados da década de 1960, decidiu-se que a realização dos desfiles militares ocorreria tão somente nas comemorações do triunfo da Revolução, no dia 1º de janeiro, e também que os desfiles não mais seriam realizados anualmente, mas sim a cada três ou cinco anos. Em seu discurso de 26 de julho de 1968, Fidel Castro apresentava como razões que motivaram essa decisão: a destruição das ruas pelos tanques de guerra e o fato de se gastar muito tempo com as práticas militares. Esta última razão parece ter sido preponderante para que se chegasse à “sábria conclusão” – conforme as palavras do próprio Fidel – de que seria melhor não mais realizar desfiles militares no 26 de julho, sobretudo quando se considera que apenas o seu discurso já demandava muito tempo – cerca de cinco ou seis horas – da cerimônia. Cf.: CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración en conmemoración del Decimoquinto Aniversario del heroico Ataque al Cuartel Moncada, en la Plaza de la Revolución de Santa Clara, Las Villas, el 26 de julio de 1968.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f260768e.html>>. Acesso em: 3 jul. 2009.

que, no caso de algumas províncias, pela coincidência com o período do carnaval, o dia fosse inteiramente destinado aos festejos carnavalescos.

Durante três dias, portanto, as comemorações em torno da festa revolucionária promoviam uma mudança na experiência temporal, uma suspensão do cotidiano para a população cubana. A concentração cívica do dia 26 de julho atraía para a cidade escolhida para sediar o ato pessoas provenientes das diversas províncias do país, que organizavam verdadeiras excursões – deslocando-se em trens, caminhões, carros ou outros meios de transporte – para participar da festa cívica nacional. Em seus discursos, os oradores, além da abstrata referência ao povo cubano, faziam saudações frequentes a determinados segmentos sociais entre o público presente às cerimônias, tais como: integrantes do governo, incluindo-se membros do Partido e das Forças Armadas Revolucionárias; organizações de massa, a exemplo dos Comitês de Defesa da Revolução, da Federação das Mulheres Cubanas e da União da Juventude Comunista; trabalhadores; camponeses; e estudantes.

A oportunidade de participar da comemoração revolucionária e ouvir discursar o líder da Revolução atraía não apenas os cubanos, mas também estrangeiros de diversos países do mundo. Entre os estrangeiros, havia desde as delegações em visita oficial – por vezes, a convite do governo cubano –, que eram formadas por representantes do corpo diplomático, líderes revolucionários e dirigentes políticos, até estudantes e intelectuais de orientação política de esquerda que viajavam para a ilha caribenha impulsionados pelo desejo de conhecer a Revolução Cubana, constituindo-se em “turistas do ideal”⁴⁰ e praticando uma espécie de peregrinação ideológica.

Constituído por nacionais e estrangeiros, o público dessas cerimônias variou significativamente consoante a fase ou período da experiência revolucionária⁴¹. Contudo,

⁴⁰ A expressão “turistas do ideal” dá título ao romance em que Ignacio Vidal-Folch tece críticas, centradas no campo cultural espanhol, acerca da postura dos intelectuais de esquerda, tidos como “engajados”, em relação aos movimentos revolucionários e acontecimentos ligados ao comunismo e às revoluções cubana e mexicana. Cf.: VIDAL-FOLCH, Ignacio. **Turistas del ideal**. Barcelona: Destino, 2005.

⁴¹ O público das cerimônias do 26 de julho variou desde multidões estimadas em mais de um milhão de pessoas que lotavam praças e ruas da cidade onde o ato comemorativo era realizado – as comemorações do 26 de julho costumam ocorrer em uma cidade distinta a cada ano – até um público bem modesto em cerimônias realizadas em um teatro com capacidade para menos de três mil pessoas. A década de 1960 é o período no qual são mais frequentes as referências às multidões presentes a esses atos. Contudo, é apenas a partir da década de 1990 que ocorre uma drástica redução desse público com algumas cerimônias sendo realizadas em espaços fechados como, por exemplo, em teatros. De acordo com o governo cubano, a não

nos anos iniciais da Revolução, estimava-se que participavam dessas comemorações cerca de um milhão de pessoas. Em algumas ocasiões os limites da principal praça pública da cidade onde se realizava o ato foram insuficientes para comportar a quantidade de espectadores. As cerimônias do 26 de julho poderiam ser acompanhadas não apenas pelas pessoas presentes às concentrações cívicas – muitas das quais portando bandeiras, faixas, cartazes e outros elementos da simbologia da festa revolucionária –, mas também pelo público de casa, uma vez que elas eram transmitidas pelas emissoras de rádio e televisão, o que aumentava significativamente o alcance dos discursos proferidos nessas festas revolucionárias.

1.1- A festa revolucionária como tempo da memória

Se as comemorações do 26 de julho eram vivenciadas pelo povo cubano como tempo de festas, para os dirigentes da Revolução elas eram concebidas e deviam funcionar, entre outros aspectos, como tempo da memória. As festas de comemoração do 26 de julho, assim como de outras efemérides, constituem-se em momentos privilegiados para a gestão da memória da experiência revolucionária, uma vez que têm como uma de suas funções primordiais reavivar a recordação da Revolução⁴². Elas são ocasiões em que se define que homens, que datas e que acontecimentos serão lembrados e, conseqüentemente, quais devem ser esquecidos ou, ainda, execrados. Mais

realização de atos multitudinários devia-se à inviabilidade dos gastos que seriam resultantes da realização de grandes deslocamentos e da utilização de meios de transporte em um período no qual havia racionamento de combustível em decorrência da grave crise econômica que Cuba atravessava desde o colapso do bloco socialista e, principalmente, a partir do fim dos subsídios da União Soviética. Todavia, além do aspecto material, que inegavelmente era importante, há que se considerar também a diminuição do entusiasmo e do apoio popular em relação ao governo revolucionário – que não conseguia concretizar as suas reiteradas promessas acerca de um futuro melhor – como um fator que explica a redução do público das cerimônias comemorativas.

⁴² Sobre a comemoração como parte integrante do programa revolucionário e a utilização da festa e seus objetivos pedagógicos a serviço da memória, cf.: OZOUF, Mona. **La fête révolutionnaire (1789-1799)**. Paris: Gallimard, 1976. Muitas das interpretações e pontos de vista expressos nessa obra – possivelmente a mais completa acerca das festas revolucionárias francesas – são desdobramentos de interpretações já presentes no texto “La fête sous la Révolution Française”, publicado originalmente em 1974 como parte da obra coletiva “Faire de l’histoire: nouveaux objets”, dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Desse capítulo, é utilizada aqui a versão em língua portuguesa, publicada no Brasil. Cf. OZOUF, Mona. A festa sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Org.). **História: novos objetos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 216-232.

do que simplesmente escolher o que deve ser objeto de rememoração, os discursos das festas revolucionárias também estabelecem os modos como tudo deverá ser representado, que significados serão construídos e que memórias serão fixadas como parte das estratégias de legitimação do processo revolucionário e do grupo no poder.

As comemorações de efemérides consistem em uma das principais políticas de memória utilizadas pela Revolução Cubana para engendrar sua pedagogia revolucionária. Contudo, apesar de particularmente acentuada no caso da experiência cubana, a obsessão pelo fenômeno comemorativo não lhe é exclusiva, mas sim uma característica comum às revoluções em diferentes épocas, tendo havido muitas festas revolucionárias nos períodos que se seguiram à Revolução Francesa de 1789 e à Revolução de Outubro na Rússia, em 1917, para citar apenas dois dos principais exemplos. Em consonância com essa prática de investir no fenômeno comemorativo, os revolucionários cubanos fizeram uso das celebrações de suas efemérides, com destaque para o 26 de julho, com o intuito de ensinar a Revolução ao povo.

As festas comemorativas do 26 de julho eram vistas por Fidel Castro como momentos oportunos para tratar de diversos temas, por ele classificados como “*temas históricos, temas patrióticos y temas ideológicos*”⁴³. Todos esses temas deveriam ser abordados de modo que se pudesse satisfazer o objetivo pedagógico de “*transmitir al pueblo y al al mundo*” – este último ali representado pelas delegações estrangeiras e pelos turistas do ideal revolucionário – as “*verdades*” da Revolução Cubana. Para a transmissão dessas verdades da mensagem revolucionária conjugavam-se duas eficientes formas: “*el arte y la palabra hablada*”⁴⁴. O recurso à palavra falada, expediente amplamente utilizado por Fidel Castro, evidencia como uma característica das festas revolucionárias cubanas o fato de, a exemplo das festas congêneres da Revolução Francesa, serem “*festas faladas, muito mais do que festas mostradas ou representadas*”,

⁴³ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Presidente de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, en el acto central por el 45 Aniversario del Asalto a los cuarteles Moncada y Carlos Manuel de Céspedes, efectuado en Santiago de Cuba, el día 26 de julio de 1998.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1998/esp/f260798e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

⁴⁴ Id., **Discurso del Presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, en la tribuna abierta celebrada en la Plaza de la Revolución «Comandante Ernesto Che Guevara», en conmemoración del Aniversario 47 del Asalto al Cuartel Moncada el 26 de julio de 1953. Villa Clara, 29 de julio del 2000.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2000/esp/f290700e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

afinal elas, “acolhem intermináveis discursos, encarregados de precisar seu alcance histórico”⁴⁵.

Os discursos das comemorações desempenharam um papel fundamental na gestão da memória revolucionária. Engendraram sua intenção pedagógica de transmitir aos nacionais e aos estrangeiros o que constituía a verdade acerca da Revolução Cubana, ensinando-a àqueles que não conheceram diretamente as suas etapas ou fases iniciais e orientando a recordação dos que lhes foram contemporâneos. Com isso, como era presumível, desempenharam uma função conservadora em relação ao poder instituído, na medida em que buscaram manter e perpetuar no futuro o regime político vigente. No cumprimento de sua intenção pedagógica e de sua finalidade legitimadora e conservadora, esses discursos fixaram a narrativa histórica da Revolução e, conseqüentemente, promoveram uma reescrita da história da nação cubana. Compuseram uma história que se repete anualmente – há mais de cinquenta anos – durante as comemorações de diferentes efemérides, atualizando a recordação e promovendo a construção de significados acerca da experiência revolucionária.

Para os dirigentes da Revolução não se trata apenas da produção de uma versão entre outras possíveis, mas, ao contrário disso, consiste na única versão possível, autorizada, por ser a única portadora da verdade. Nesta perspectiva, os discursos comemorativos funcionam como matrizes produtoras de memórias e de sentidos, que são reproduzidos – ou, pelo menos, encontram expressivas ressonâncias – em outros tipos de representações, incluindo-se aí tanto as textuais quanto as imagéticas, que, por sua vez, também efetivam um processo de construção de memórias. Desse modo, as ideias e interpretações forjadas pelas palavras pronunciadas nos discursos comemorativos passam da oralidade às formas escritas e imagéticas ou ainda a formas mistas que reúnem textos e imagens, como é o caso das legendas nas fotografias, nas charges, nos desenhos gráficos e em outras produções artísticas usadas pela propaganda revolucionária. Pode-se citar também a reprodução integral ou a elaboração de resenhas dos discursos por jornais e revistas. Há ainda outra importante forma de reverberação dos discursos comemorativos que são as narrativas históricas, as quais apresentam o problema – nos casos em que isto não ocorre de forma intencional e consciente – do

⁴⁵ OZOUF, Mona. A festa sob a Revolução Francesa..., op. cit., p. 219.

espelhismo em relação aos pontos de vista e interpretações dos dirigentes políticos da Revolução, o que contribui para consolidar uma determinada significação histórica que desqualifica quaisquer interpretações divergentes, buscando triunfar sobre elas.

As comemorações mantêm com a história vínculos estreitos e isto não se deve apenas à comum necessidade de composição de uma narrativa, mas também à relação que elas estabelecem com o tempo, na medida em que articulam as suas três dimensões constitutivas: passado, presente e futuro. Constitui, pois, um equívoco considerar que as comemorações das festas revolucionárias são voltadas tão somente para uma excessiva repetição do passado, tendo como finalidade última o ato mnemônico. Mais do que isso, essas comemorações empreendem no presente, isto é, nos seus diversos tempos presentes, um duplo movimento de retorno ao passado, através da recordação, e de antecipação do futuro, através da predição. Desse modo, elas compõem uma história cujas condições de possibilidade são orientadas, no presente, pela relação entre as lembranças das experiências passadas e as projeções das expectativas futuras⁴⁶. Resulta daí a centralidade do tempo presente nas cerimônias comemorativas, o que aponta para a pertinência da noção de um tríplice presente: atingir-se ia o “presente do passado” pela memória; o “presente do presente” pela visão – no sentido de percepção, observação –; e o “presente do futuro” pela expectativa⁴⁷. Além dessa centralidade do tempo presente – que, mais do que um mero ponto de passagem, articula o passado e o futuro –, evidencia-se também que as práticas mnemônicas não são fins em si mesmos, mas modos privilegiados para atingir a finalidade última da festa revolucionária, que é construir significados que legitimem e mantenham o poder instituído.

Os usos que a Revolução Cubana faz do passado e do futuro, articulando esses dois tempos para fins de legitimação do poder, são recorrentes nos discursos comemorativos das efemérides. Referindo-se ao significado das ações do 26 de julho,

⁴⁶ Em suas reflexões acerca do tempo histórico, Reinhart Koselleck, indo além do aspecto meramente cronológico, analisa a relação entre passado e futuro a partir das categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, que são, segundo seu ponto de vista, constitutivas tanto da história – no sentido de processo vivido – quanto do conhecimento histórico. Cf.: KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In: **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

⁴⁷ A ideia da existência de um tríplice tempo presente ou “três espécies de tempo” foi formulada por Santo Agostinho em suas *Confissões* (Livro XI, 20, 26). Sobre as reflexões de Santo Agostinho acerca do tempo, cf.: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. V. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 24.

Fidel Castro afirmou que *“esta fecha tiene valor no como hecho que se proyecta hacia el pasado, sino como hecho que se proyecta hacia el porvenir!”*⁴⁸. Em duas outras ocasiões, o orador declarou que os cubanos estavam conquistando o futuro, mas, antes disso, estabeleceu uma associação direta entre essa possibilidade e as experiências passadas da luta revolucionária. Apresentando as razões que motivavam a realização das grandes concentrações cívicas, ele fez a seguinte ressalva: *“no nos reunimos ya simplemente para gritar de júbilo, para celebrar glorias pasadas”*⁴⁹. Em outro discurso, depois de fazer também uma ressalva retórica sobre o passado, enumerou alguns dos objetivos da cerimônia comemorativa:

*no nos reunimos para hacer un recuento de la historia, no nos reunimos para recordar la historia pasada; nos reunimos para escribir la historia nueva, nos reunimos con la fuerza que ha acumulado en el camino esta enorme columna [tropa de soldados formada em linha] para emprender de nuevo la marcha con toda esa fuerza; nos reunimos para decir que no somos unos pocos, que no somos unos 100 hombres, que no somos una docena de hombres, que somos todo un pueblo en marcha que escribe la historia, que la escribe como la han escrito otros pueblos, que la ha escrito con sacrificio y la ha escrito con sangre*⁵⁰.

Nas festas comemorativas das efemérides revolucionárias, como se percebe nos trechos acima, em diferentes tempos presentes um determinado passado foi evocado, apresentado de maneira mítica e utilizado para fundamentar promessas de que seriam engendrados novos e melhores tempos, construindo, desse modo, representações acerca do futuro. O apelo à memória, através da repetição de um passado mítico, não confere, entretanto, significados positivos só ao futuro, mas também ao presente, uma vez que “le

⁴⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba y Primer Secretario General del PURSC, en la conmemoración del X Aniversario del 26 de Julio, celebrada en la Plaza de la Revolución, el 26 de julio de 1963.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f260763e.html>>. Acesso em: 23 abr. 2009.

⁴⁹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del XIV Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, en Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1967.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f260767e.html>>. Acesso em: 16 maio 2009.

⁵⁰ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el XII Aniversario del Ataque al Cuartel Moncada, en la ciudad de Santa Clara, el 26 de julio de 1965.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260765e.html>>. Acesso em: 15 maio 2009.

*rite historique, en transportant le passé dans le présent, confere à celui-ci les vertus de celui-lá*⁵¹.

Para a Revolução, o tempo não é concebido apenas como um aspecto formal ou mera cronologia por meio da qual se estabelecem datas e se dividem períodos. Isto porque a Revolução não só decorre ao longo do tempo, como também faz deste uma matéria sobre a qual trabalha incessantemente⁵². Trata-se de um trabalho que se manifesta, por exemplo, na instituição de um calendário próprio que decretará os feriados nacionais – praticando uma regulação da vida social no tocante ao trabalho e ao lazer – e procederá a uma contagem específica do tempo, computando os anos a partir do triunfo da Revolução ou de outros eventos considerados fundadores. No cerne dessa diligente operação com o tempo está o intuito de controlá-lo, seja estabelecendo novas contagens e marcos temporais associados ao simbolismo revolucionário, seja exercendo o domínio sobre as significações construídas em torno do passado, do presente e do futuro.

1.2- Do passado pré-revolucionário ao presente da Revolução

No processo de gestão da memória da experiência revolucionária, o passado da Revolução após o seu triunfo, isto é, do período pós-1959 – descrito inicialmente através de expressões como “anos iniciais” e, à medida que o tempo foi passando, “primeiras décadas” – foi frequentemente objeto de rememoração. Recordar a Revolução, além de ser uma forma de ditar a escrita de sua história, servia também para apresentar ao povo os êxitos já obtidos, assinalar os avanços no percurso revolucionário e delinear as políticas a serem postas em prática. No entendimento de Fidel Castro, rememorar passados heroicos e êxitos da Revolução significava “*hacer un discurso propiamente conmemorativo*”⁵³.

⁵¹ OZOUF, Mona. **La fête révolutionnaire...**, op. cit., p. 276.

⁵² Ibid., p. 260.

⁵³ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración conmemorativa del XVII Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, efectuada en la Plaza de la Revolución, La Habana, el 26 de julio de 1970.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1970/esp/f260770e.html>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

Discursar acerca da Revolução Cubana, no entanto, significou – na maioria das vezes e independente da distância temporal a que se estava do triunfo revolucionário – tratar de um fenômeno inscrito no tempo presente, quando não de algo que se projetava em direção ao futuro. O dia 1º de janeiro de 1959 representava justamente a ideia da ruptura criadora de novos tempos, instituindo-se como um marco na história da nação cubana, uma vez que delimitava uma fronteira simbólica entre o passado e o presente. Portanto, rememorar o passado era fundamentalmente evocar o período anterior ao triunfo da Revolução.

A evocação do passado pré-revolucionário é feita a partir de duas abordagens bastante distintas, havendo um passado a ser enaltecido e outro a ser execrado. O enaltecimento, ainda que não exclusivo, estava centrado no período compreendido entre 26 de julho de 1953 e 1º de janeiro de 1959, quando ocorreu a luta insurrecional. Para a elite dirigente da Revolução, esse passado, em torno do qual foram sendo construídas significações positivas, importava ser rememorado sobretudo para se extrair dele lições úteis acerca do espírito daqueles tempos. Busca-se construir a ideia de que a vitória alcançada pela Revolução em 1959 não teria sido possível sem a luta iniciada em 1953, não devendo, pois, ser dissociada da excepcionalidade das ações por meio das quais os rebeldes tentaram tomar os quartéis militares para dar início a uma revolta popular em âmbito nacional. Desse modo, embora o 1º de janeiro de 1959 constitua-se em importante marco da história cubana por estabelecer a ruptura entre o passado pré-revolucionário e o presente da Revolução, é o 26 de julho de 1953 que será representado como o começo absoluto, isto é, como o mito fundacional da Revolução Cubana. O triunfo revolucionário e tudo o que se desenrolou depois derivaria da tentativa de assalto aos quartéis, ação que foi escolhida como grande evento fundador.

Nos discursos comemorativos, reiteradas vezes são enfatizados os significados do 26 de julho de 1953. Os primeiros combates revolucionários ocorridos naquela data representariam o início de uma luta que se destinava a libertar o povo cubano da opressão a que estava submetido pelo governo ditatorial de Fulgencio Batista. De acordo com esses discursos, valores como justiça, dignidade, liberdade e felicidade teriam impulsionado as ações dos insurgentes que tencionavam conquistar o poder para assegurar a soberania e o progresso da nação cubana. Entretanto, com o fracasso da

operação de tomada das fortalezas militares, a vitória foi adiada. Até alcançarem o triunfo, no dia 1º de janeiro de 1959, os rebeldes tiveram que prosseguir sua marcha revolucionária por exatos “*cinco años, cinco meses y cinco días*”⁵⁴.

Alcançado o triunfo, os revolucionários puderam conferir uma conotação positiva à derrota sofrida nas ações que inauguraram a luta insurrecional. Estabelecidos no poder, puderam comemorar com uma grande concentração cívica, em 1959, o sexto aniversário da efeméride, que tinha a particularidade de ser o primeiro “*26 de Julio de la libertad*”⁵⁵. Antes disso, os aniversários do 26 de julho tinham sido lembrados: uma vez no cárcere, em 1954; duas vezes no exílio no México, em 1955 e 1956; e duas vezes na Serra Maestra, em 1957 e 1958, quando se praticava a guerra de guerrilhas. A partir desse 26 de julho da liberdade, após a conquista do poder, os revolucionários tencionaram transformar em vitória o revés sofrido no ano de 1953. Desse modo, vencidos no confronto armado durante a operação de tomada dos quartéis militares, eles buscaram figurar como vencedores nas ações voltadas para a construção da memória.

Em seus discursos, Fidel Castro argumentava que era importante rememorar o 26 de julho porque, apesar da momentânea derrota militar sofrida pelos insurgentes, as ações que tiveram lugar naquela data representaram uma vitória da moral e das ideias da Revolução. Tanto é assim que o dia 26 de julho era uma data alegre para os revolucionários cubanos, ao passo que tinha se transformado em uma data “*triste*” e “*dolorosa*” para todos aqueles que eram considerados pelo líder da Revolução como “*los enemigos del pueblo*”⁵⁶: os imperialistas; os monopólios estrangeiros; os grandes

⁵⁴ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario General de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en la concentración celebrada con motivo de conmemorarse el Noveno Aniversario del 26 de Julio, en Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1962.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f260762e.html>>. Acesso em: 23 abr. 2009. Nesse discurso, Fidel Castro fez referência pela primeira vez ao tempo preciso de duração da luta insurrecional. Depois disso, essa contagem foi repetida em algumas ocasiões nas décadas subsequentes, inclusive nos discursos de Raúl Castro. No discurso proferido no dia 26 de julho de 1998, Fidel fez uma menção jocosa à coincidência em torno do número 5: “*Si uno fuera apostador o algo de eso, apostaba al cinco, ¿no? (Risas)*”. Id., **Discurso... 26 de julio de 1998...**, op. cit.

⁵⁵ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración campesina, efectuada el 26 de julio de 1959 [Plaza Cívica en La Habana].** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f260759e.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

⁵⁶ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VIII Aniversario del Ataque al Cuartel Moncada, en la Plaza de la Revolución “José Martí”, en La Habana, el 26 de julio de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f260761e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

latifundiários; os magnatas da indústria e das finanças; e os politiqueiros. Além de conferir o sentido de vitória a uma derrota, buscou-se também enfatizar a utilidade das lições que poderiam ser aprendidas não só com aquele revés em particular, mas com as adversidades em geral, pois

*recordar los minutos de adversidad es bueno, recordar los minutos en que las realidades presentes no eran más que sueños, es bueno, recordar la lucha, es bueno, recordar el sacrificio y el dolor que han costado las victorias, es bueno; es bueno porque nos enseña, es bueno porque nos dice que en el camino de los pueblos nada es fácil, nos enseña que los pueblos para conquistar aquellas cosas que anhelan tienen que sacrificarse y tienen que luchar muy duramente, y que los pueblos no se pueden desanimar en la adversidad*⁵⁷.

O espírito de luta, a perseverança e a disposição ao sacrifício tinham sido as condições que tornaram possível o posterior triunfo revolucionário e, por conseguinte, consistiram na grande lição que se podia extrair do 26 de julho. Pedagogicamente, fez-se uso dos acontecimentos do 26 de julho para forjar o espírito libertário, o sacrifício, a abnegação e uma tradição de lutas não só como características, mas também como requisitos necessários ao povo cubano sob a Revolução. Foi justamente por querer enfatizar esse espírito de luta, que o governo cubano declarou o 26 de julho como o “dia da rebeldia nacional”. A evocação daquele acontecimento, além de contribuir para a construção de uma identidade para os cubanos, tinha também uma função bastante prática nos diversos tempos presentes da Revolução. Isto porque, em face tanto das exigências de trabalho e disciplina quanto das limitações materiais e de outros tipos a que era submetido pela Revolução, o povo cubano seria levado a agir não apenas em conformidade, mas até com certo orgulho diante dos sacrifícios que lhe eram exigidos. Tem-se aí um bom exemplo de como as representações são forjadas para engendrar determinadas práticas sociais.

Ainda no tocante à evocação do frustrado assalto às fortalezas militares, é interessante notar que os revolucionários admitem ter sofrido uma derrota – tirando, inclusive, o máximo proveito dela para legitimar a experiência revolucionária –, mas não

⁵⁷ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en conmemoración del VII Aniversario del 26 de Julio, en Las Mercedes, estribaciones de la Sierra Maestra, el 26 de julio de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260760e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

cometido um erro. Circunstâncias imprevistas teriam produzido aquele revés provisório, mas a vitória viria posteriormente, de modo inexorável, porque a estratégia da luta armada e os princípios revolucionários estavam corretos, sendo essencialmente mantidos durante a toda a fase insurrecional. O triunfo teria sido alcançado não em virtude de uma mudança, mas sim de uma permanência significativa, que se manifestou no fato de os revolucionários terem enfrentado as condições adversas e prosseguido na luta até a obtenção da vitória. Desse modo, *“la perseverancia y el tesón en los propósitos justos”*, características que estariam presentes no decorrer de todo o período insurrecional, fizeram com que o 26 de julho se constituísse em exemplo e *“lección permanente”*⁵⁸ não só para o povo cubano, mas também para as lutas libertárias dos povos da América Latina.

Os significados dessa lição permanente que o 26 de julho representava foram amplamente explorados pelo governo revolucionário. Do episódio do assalto às fortalezas militares praticamente nada pareceu escapar à simbologia da Revolução. O nome “Moncada” se prestou aos mais diversos usos: a operação de tomada dos dois quartéis quase sempre foi referida apenas como o “assalto ao Quartel Moncada”; o programa a ser colocado em prática pela Revolução triunfante foi denominado de “Manifesto do Moncada”; os insurgentes que participaram do ataque aos quartéis passaram a ser identificados como “moncadistas”. Além disso, o termo “Moncada” foi utilizado para simbolizar todos os obstáculos que precisavam ser transpostos, todos os desafios que precisavam ser vencidos. Neste sentido,

el asalto al Moncada puede decirse que constituía el primer asalto a una de las tantas fortalezas que habrían de ser tomadas después. Quedaban muchos Moncada por tomar. Quedaban, entre otras cosas, el Moncada del analfabetismo, y nuestro pueblo tampoco vaciló en atacar aquella fortaleza, la atacó y la tomó; el Moncada de la ignorancia; el Moncada de la inexperiencia; el Moncada del subdesarrollo; el Moncada de la falta de técnicos, de la falta de recursos en todos los órdenes. Y nuestro pueblo no ha vacilado en emprender también el asalto de esas

⁵⁸ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto central en conmemoración del XX Aniversario del Ataque al Cuartel Moncada, efectuado en el antiguo cuartel convertido hoy en escuela, en Santiago de Cuba, Oriente, el 26 de julio de 1973, "Año del XX Aniversario"**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1973/esp/f260773e.html>>. Acesso em: 02 set. 2009.

*fortalezas. Pero quedaba el Moncada más difícil de tomar, que era el Moncada de las viejas ideas*⁵⁹.

Apesar dessa associação retórica do nome Moncada a tudo aquilo que pretensamente não condizia com o presente revolucionário e do fato de se ter, já no ano de 1959, transformado o referido quartel na “Cidade Escolar 26 de Julho”, não é correto afirmar que houve em torno desse nome algo que é comum nas revoluções e processos históricos de substituição dos grupos no poder: a intenção de apagamento de uma determinada memória. Não houve, pois, um processo de “desmoncadização”, até porque o nome Moncada não identificava um adversário político ou uma ordem à qual era necessário se opor. Ao contrário disso, a denominação do antigo quartel prestava uma homenagem a Guillermo Moncada, que foi general do Exército Libertador cubano, tendo combatido nas três guerras pela independência do país e sendo considerado pelo governo revolucionário como “*uno de los héroes más sobresalientes de las gestas independistas cubanas en contra del colonialismo español*”⁶⁰. Seu nome continuou sendo homenageado em logradouros públicos de Cuba e a transformação do quartel na “Cidade Escolar 26 de Julho” deve ser entendida como uma escolha quanto ao modo de trazer à lembrança o evento fundador da luta insurrecional por meio do estabelecimento de uma toponímia propriamente revolucionária, estratégia à qual se recorreu para firmar uma determinada memória da Revolução Cubana e simbolizar os novos tempos por ela instituídos.

O investimento comemorativo em torno da fase insurrecional era importante para assinalar o começo de um processo de ruptura em relação ao passado pré-revolucionário, ou seja, para explicitar o estado de coisas a que se contrapunha a Revolução, demarcando determinadas fronteiras simbólicas a partir de pares antinômicos comumente usados para legitimar regimes políticos: antes/agora; ontem/hoje; passado/presente; velho/novo; e, no caso particular da Revolução Cubana, período pré-revolucionário/período revolucionário.

⁵⁹ Id., **Discurso... 26 de julio de 1967...**, op. cit.

⁶⁰ Para mais informações a respeito da biografia de José Guillermo Moncada Veranes (1841-1895), cf.: **ECURED – Enciclopedia Cubana en la Red**. Trata-se de um projeto do governo cubano, lançado em dezembro de 2010, para difundir conhecimento na internet a partir de uma perspectiva oficial. Os verbetes abordam principalmente temas relacionados à história e à geografia, além de biografias de personalidades ilustres do país. Disponível em: <http://www.ecured.cu/index.php/Guillermo_Moncada>. Acesso em: 12 jan. 2012.

O passado pré-revolucionário consistia em um período a ser execrado, mas não esquecido. Ao contrário, era fundamental recordá-lo para dar sentido ao tempo presente e forjar a identidade da situação revolucionária em oposição à imprescindível alteridade dos tempos passados. Nos discursos comemorativos são evocadas imagens que representam um passado odioso, configurando um trágico cenário de ruínas morais e materiais, pois

*antes era la corrupción y la inmoralidad, el abuso continuo, el saqueo sistemático, la explotación despiadada... Antes todo era desesperanza, todo era tiranía y sangre, todo era terror y crimen, todo era explotación y abuso, todo era enfermedad y muerte, todo era indolencia y oscuridad... antes no existían casas para los pescadores, ni casas para los barrios humildes... antes no había cooperativas para los campesinos; antes vivían los campesinos en las guardarrayas, hambrientos y maltratados (...)*⁶¹.

Os vícios e problemas de que padecia a nação cubana no passado eram redimensionados – uma vez que, por ocasião do triunfo da Revolução, os índices socioeconômicos e culturais de Cuba já eram melhores do que os da maioria dos países latino-americanos e caribenhos – e exaustivamente descritos nesses discursos. Através deles, compõe-se um retrato do período anterior à Revolução em que se apresenta a ilha caribenha como um lugar onde predominavam o jogo, o crime e a prostituição. A sociedade sofria com a miséria, as enfermidades, o analfabetismo, a insegurança, a discriminação racial e de gênero. Esses e outros males sociais seriam decorrentes ou, pelo menos, agravados pelos problemas da cultura política até então existente no país, tais como: o personalismo, o patrimonialismo e a corrupção. As causas dos males que atingiam a sociedade cubana encontraram também sua explicação – sobretudo a partir de 1961, quando se proclamou o caráter socialista da Revolução – no regime social explorador, ou seja, no capitalismo.

O retrato caótico que se fazia do período pré-revolucionário durante as comemorações era útil para mostrar as diferenças entre o passado e o presente. Com a nova ordem instituída pela Revolução, o caos anterior teria cedido lugar a inúmeras conquistas sociais que fizeram com que o país passasse a ter elevados graus de desenvolvimento em diversas áreas, com destaque para a educação e a saúde pública,

⁶¹ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1960...**, op. cit.

que se tornaram desde cedo os dois grandes pilares sobre os quais se assentou toda a propaganda revolucionária. Nos discursos dos líderes revolucionários tornou-se lugar comum o uso de dados estatísticos que informavam sobre os excelentes patamares que Cuba havia atingido em matéria de saúde pública, segurança, justiça social, educação e cultura. Reiteradas vezes recorreu-se aos números para apresentar a situação privilegiada do país a partir de indicadores favoráveis no que concerne às taxas percentuais de mortalidade infantil, alfabetização, emprego e perspectiva de vida.

Os dirigentes da Revolução retratam a Cuba pré-revolucionária como um país repleto de cassinos e bordéis, paisagem que, por sua vez, teria sido transformada a partir do triunfo revolucionário, passando a abrigar uma quantidade cada vez maior de hospitais, escolas e instituições culturais. Uma comparação entre o passado capitalista e o presente socialista atestaria algumas dessas mudanças, afinal de contas

*Museos, ¿cuántos tenía el capitalismo en esta provincia [La Habana], ese capitalismo tan humano, tan cacareado?, prostíbulos tenía, pero museos ninguno; bueno, está bien, los prostíbulos pasaron al museo de la historia; cero museo había, hoy hay 22. Casa de la cultura, cero casa de la cultura; hoy hay 24. Galerías de arte, ¡qué se iba a ocupar de galerías de arte el capitalismo, si tenía a la gente muriéndose de hambre, si no se llegaba ni a tercer grado en las escuelas! Hoy tenemos 15 galerías de arte (...)*⁶².

As frequentes comparações com o período pré-revolucionário eram um recurso eficaz para legitimar a Revolução na medida em que se fazia a propaganda da nova ordem revolucionária a partir de um necessário contraste com a velha ordem à qual ela se opunha e cujas características constitutivas não mais poderiam ser encontradas, senão no “museu da história”. Tanto é assim que, no cotidiano da Revolução, quem quisesse encontrar vestígios daquele passado teria que

andar como Diógenes, con una lamparita buscando al analfabeto; o al niño sin escuela, como habría que andar igual, también, con una

⁶² Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXXIV Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, celebrado en la Plaza de Artemisa, el 26 de julio de 1987, "Año 29 de la Revolución"**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1987/esp/f260787e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009. Esse discurso ocorreu no município de Artemisa que, na ocasião, pertencia à província de La Habana. Com a nova divisão político-administrativa do país, que passou a vigorar a partir do dia 1º de janeiro de 2011, entre outras mudanças, foi criada a província de Artemisa, tendo como capital o município de mesmo nome.

*lamparita buscando al pordiosero, al ciudadano durmiendo en los portales, al enfermo sin asistencia médica, al mendigo; o buscar en cualquier ciudad... un prostíbulo, que eso sí abundaba en el pasado, bien lo saben los que conocieron aquella época*⁶³.

Poder assinalar na ordem revolucionária a extinção de práticas e valores sociais identificados com o passado capitalista significava para o governo cubano atestar os êxitos alcançados pela Revolução, oferecendo as obras por ela realizadas à contemplação pública. Dentre as realizações revolucionárias listadas nos discursos comemorativos, deu-se especial ênfase ao fim da prostituição, prática que, segundo Fidel Castro, estava associada aos indivíduos *“educados en una mentalidad burguesa y capitalista”*⁶⁴. A ausência de prostíbulos em Cuba seria, de acordo com o líder máximo da Revolução, motivo de desgosto para os marinheiros que aportavam na ilha caribenha, pois aí, diferentemente do que ocorria nos demais países da América Latina, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, já não mais existia prostituição.

Representar um passado de ruínas morais e materiais e, em seguida, compará-lo a um presente edificante em que o homem, a sociedade, os valores, a época, enfim tudo era acompanhado pelo epíteto “novo” significava marcar uma ruptura com um passado que se queria definitivamente morto, ou seja, ao qual não mais se voltaria, pois o presente revolucionário é concebido como algo irreversível. Situado entre um passado definido como *“la muerte”* e um futuro definido como *“la vida”*, o presente da Revolução era representado exatamente como o tempo em que seria possível ao povo conquistar o futuro. Por isso, segundo Fidel Castro, os cubanos estariam dispostos ao sacrifício por esse futuro e prefeririam *“la muerte física a la muerte moral del pasado”*⁶⁵.

Ao povo cubano eram apresentados dois retratos pintados de modos bastante distintos: um do passado pré-revolucionário, outro do presente da Revolução. A “decisão

⁶³ Id., **Discurso... 26 de julio de 1987...**, op. cit. Para expressar o sentido de uma busca em vão, Fidel Castro evocou nesse discurso a figura de Diógenes de Sínope (404-323 a.C.), também conhecido como “Diógenes, o cínico”, um filósofo da Grécia Antiga. Afirma-se que “Diógenes, o cínico” perambulava pelas ruas com uma lamparina, durante o dia, à procura de um homem honesto em uma sociedade por ele considerada como corrupta. Sobre Diógenes de Sínope, cf.: LAERCIO, Diógenes. **Vidas de los filósofos ilustres**. Trad. Carlos García Gual. Madrid: Alianza, 2007 (Clásicos de Grecia y Roma).

⁶⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto central nacional por el XXV Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, celebrado en la Ciudad Escolar "26 de Julio", Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1978, "Año del XI Festival"**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1978/esp/f260778e.html>>. Acesso em: 4 set. 2009.

⁶⁵ Id., **Discurso... 26 de julio de 1962...**, op. cit.

popular” de substituir as mazelas de tempos passados pelos benefícios do período revolucionário foi anunciada por Fidel Castro nos seguintes termos:

*(...) nuestro pueblo no se puede resignar a seguir viviendo como vivía ayer; eso quiere decir que nuestro pueblo ha decidido trocar la sumisión de ayer, la esclavitud de ayer, la injusticia de ayer, por la justicia de hoy, la libertad de hoy y la rebeldía de hoy. ¡Que nuestro pueblo ha decidido cambiar la humillación de ayer por la gloria de hoy! ¡Que nuestro pueblo ha decidido cambiar la vergüenza de ayer por el orgullo de hoy! ¡Que nuestro pueblo ha decidido cambiar la tristeza y la desesperanza de ayer, por la alegría de hoy y la esperanza de mañana!*⁶⁶

A abordagem das diferenças entre passado e presente requeria também a comparação entre os governos anteriores e o governo revolucionário, o que, na prática, significou legitimar este e detratar aqueles, uma vez que as mazelas do passado eram, em certa medida, atribuídas aos problemas da cultura política até então existente no país, os quais se manifestavam nas más administrações dos sucessivos governos do período pré-revolucionário. Em seus discursos, Fidel Castro retoma e, mais do que isso, amplifica, ao transformar em versão oficial da história cubana, uma ideia forjada em certa tradição intelectual do país: a ideia da “frustração republicana”⁶⁷. Trata-se da ideia de que a intervenção estadunidense em fins da guerra pela independência de Cuba teria levado à instauração, em 1902, de uma “República neocolonial”, ou seja, Cuba teria deixado de ser colônia da Espanha para se tornar um domínio neocolonial dos Estados Unidos. Desenvolve-se a partir daí uma argumentação do descompasso entre o projeto republicano e as práticas engendradas por uma “falsa república”⁶⁸ implantada no país, estando sempre presente a ideia do comprometimento da soberania cubana, uma vez que as lutas empreendidas ao longo de toda a República neocolonial teriam resultado “*en la frustración de las más caras aspiraciones del pueblo cubano, y en el afianzamiento del dominio imperialista sobre nuestra patria*”⁶⁹.

⁶⁶ Id., **Discurso... 26 de julio de 1960...**, op. cit.

⁶⁷ Para uma genealogia da ideia de “frustração republicana” na história intelectual cubana, cf.: ROJAS, Rafael. **Isla sin fin**: contribución a la crítica del nacionalismo cubano. Miami: Ediciones Universal, 1998.

⁶⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la Republica de Cuba, en el acto central por el XLIII Aniversario de los Asaltos a los cuarteles Moncada y "Carlos Manuel de Céspedes", efectuado en la Plaza "Calixto García Iñiguez", Holguín, el 26 de julio de 1996**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1996/esp/f260796e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

⁶⁹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXX Aniversario del Ataque al Cuartel Moncada, celebrado en Santiago de Cuba, el 26 de**

Os sucessivos governos da história republicana de Cuba, antes do triunfo revolucionário, não teriam sido capazes de fazer do país uma nação soberana, pois o mantinham sob a sujeição dos interesses econômicos e políticos dos Estados Unidos. Nos discursos do 26 de julho, as primeiras críticas, ainda em tom moderado, ao “*poderoso vecino del norte*”⁷⁰ surgiram no ano de 1960. A partir desse período, com o aumento dos antagonismos entre Cuba e Estados Unidos, a ideia de República neocolonial ganhou força no discurso da Revolução, fazendo com que se tornassem mais intensas as críticas aos Estados Unidos, bem como aos governantes cubanos que haviam sido subservientes aos interesses imperialistas. Neste sentido, afirma-se que

*La república había ido atravesando de gobierno en gobierno cada vez peores, cada vez más corrompidos, cada vez más entreguistas a los imperialistas norteamericanos; para la nación no se vislumbraban perspectivas de progreso posible, los males sociales se acentuaban el desempleo crecía, crecía la incultura, crecía la pobreza*⁷¹.

O teor geral das críticas indica que, ao longo de sua história independente, a nação cubana foi comandada por governos títeres, corruptos, repressores, entreguistas, defensores dos interesses dos grandes monopólios e do capital internacional, enfim por governos que oprimiam os cubanos, dilapidavam o tesouro público e prejudicavam os interesses nacionais. Além disso, as críticas são direcionadas também para o que era tido como um vergonhoso legado das administrações desses governantes para o país. A herança deixada pelo passado capitalista, que, por sua vez, ter-se-ia constituído no ponto de partida da Revolução, permitia evocar as recordações

*de aquel pasado bochornoso, de aquel pasado de injusticias, de aquel pasado de abusos, de aquel pasado de explotación, de aquel pasado de crimen, que nos dejó como herencia tanta ignorancia, que nos dejó tanta pobreza, que nos dejó tanta miseria, que nos dejó un país subdesarrollado y pobre (...)*⁷².

As críticas dos líderes da Revolução eram generalizadas aos presidentes de todo o período designado como “República neocolonial” (1902-1958), porém, alguns nomes receberam maior atenção, tendo sido criticados explicitamente, entre outros aspectos,

julio de 1983, "Año del XXX Aniversario del Moncada". Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1983/esp/f260783e.html>>. Acesso em: 7 set. 2009.

⁷⁰ Id., **Discurso... 26 de julio de 1960...**, op. cit.

⁷¹ Id., **Discurso... 26 de julio de 1963...**, op. cit.

⁷² Id., **Discurso... 26 de julio de 1968...**, op. cit.

pela repressão e corrupção que eram atribuídas aos seus governos. Foram estes, por exemplo, os casos de Mario García Menocal (1913-1921), Gerardo Machado (1925-1933), Ramón Grau San Martín (1933-1934 / 1944-1948), Carlos Prío Socarrás (1948-1952) e Fulgencio Batista (1940-1944 / 1952-1959). Na evocação do período do governo de Mario García Menocal – em uma cerimônia do 26 de julho em que Raúl Castro foi o orador oficial, substituindo Fidel –, rememorou-se até uma canção popular, que circulava na tradição oral, cujos versos refletiriam os tempos de opressão associados àquele governo: *"tumba la caña, anda ligero, mira que ahí viene el mayoral. Sonando el cuero, mira que ahí viene Menocal"*⁷³.

De todos os presidentes cubanos acima mencionados, indubitavelmente, nenhum ocupa lugar de tanto destaque nas críticas feitas pelo governo revolucionário quanto Fulgencio Batista⁷⁴. Ele ocupou a presidência da República em duas ocasiões: na primeira delas, entre 1940 e 1944, foi eleito por meios constitucionais; na segunda ocasião, chegou ao poder, em 10 de março de 1952, através de um golpe militar, permanecendo no cargo até a madrugada do dia 1º de janeiro de 1959, data em que fugiu do país diante da falta de bases de sustentação política e do avanço das tropas rebeldes. Por ocupar o poder no período imediatamente anterior ao triunfo revolucionário, tendo sido o governo contra o qual se insurgiram os rebeldes e que foi o responsável pelas baixas que ocorreram entre estes, infligindo-lhes algumas derrotas no decorrer da luta insurrecional, é compreensível que o governo de Fulgencio Batista tenha se tornado o principal alvo dos ataques dos líderes revolucionários em seus discursos.

⁷³ CASTRO, Raúl. **Discurso pronunciado por el Segundo Secretario del Comité Central del Partido, General de Ejército Raúl Castro Ruz, en el acto por el Aniversario 44 del Asalto al Cuartel Moncada. Las Tunas, 26 de julio de 1997.** Disponível em: <<http://www.cubavision.icrt.cu/discursos-pronunciados-en-los-actos-por-el-26-de-julio.html>>. Acesso em: 8 jan. 2012. De todas as cerimônias comemorativas do 26 de julho ocorridas no período entre 1959 e 2006 – ano em que o cargo de máximo da nação cubana foi transmitido, provisoriamente, a Raúl Castro – apenas em duas ocasiões Fidel não proferiu o discurso comemorativo do “dia da rebeldia nacional”, sendo substituído pelo irmão Raúl Castro: uma em 1994, porque estava em visita oficial à Colômbia e não retornou para presidir o ato; e outra em 1997. Em relação a este último ano, não foi possível obter informações acerca do motivo da ausência de Fidel Castro na solenidade.

⁷⁴ Fulgencio Batista y Zaldívar nasceu em Banes, Cuba, no dia 16 de janeiro de 1901. Foi presidente de Cuba de 1940 a 1944 e de 1952 a 1959. Na madrugada do dia 1º de janeiro desse último ano fugiu para Ciudad Trujillo – denominação entre 1935 e 1961 da atual Santo Domingo –, na República Dominicana, de onde partiu em seguida para Ilha da Madeira e de lá para Guadalmina, na Espanha, onde permaneceu até morrer no dia 6 de agosto de 1973. Cf.: **ECURED – Enciclopedia Cubana en la Red.** Disponível em: <http://www.ecured.cu/index.php/Fulgencio_Batista>. Acesso em 12 jan. 2012.

O governo de Fulgencio Batista representava a encarnação da ordem contra a qual se opunha a Revolução. Tanto é assim que, por algumas vezes, o 26 de julho de 1953 foi apresentado como contraponto ao 10 de março de 1952. Considerou-se que *“el ataque al cuartel Moncada fue la réplica enérgica y digna al 10 de marzo, fue la réplica decidida a aquel Gobierno instaurado a fuerza de bayonetas (...)”*⁷⁵. Seguindo a mesma lógica do antagonismo em relação a esse governo, Fidel Castro declarou em outro discurso que a insurreição armada do dia 26 de julho de 1953 foi feita *“contra todo lo que ocurría en aquella Cuba de Batista, servidor contumaz de los intereses del imperio y de su ideología reaccionaria”*⁷⁶.

As imagens de Fulgencio Batista e de seu governo foram amplamente utilizadas pelos líderes da Revolução para elaborar representações acerca da República neocolonial e de todo o passado pré-revolucionário. Constitui um equívoco, porém, imaginar que o uso dessas imagens – necessárias para marcar as rupturas iniciais instituídas pela ordem revolucionária – tenha se restringido aos primeiros anos da Revolução. Ao contrário disso, é um expediente ao qual se tem recorrido no transcurso de toda a experiência revolucionária. O governo de Fulgencio Batista é referido no discurso oficial da Revolução por meio de expressões como “tirania sangrenta”, “tirania criminoso”, “regime militar”, “ditadura”, “governo reacionário”, “governo opressor”, para citar apenas alguns exemplos que, no entanto, são suficientes para denotar o sentido predominante que se buscava construir. Utilizados com muita frequência, o nome de Batista e suas derivações têm presença garantida na terminologia da Revolução Cubana: a luta revolucionária era uma “luta contra Batista”; um período da história do país foi denominado através de expressões como “tempos de Batista”; determinadas práticas políticas eram definidas como “batistianas”; e indivíduos que não declaravam apoio incondicional à Revolução ou que lhe faziam críticas eram chamados de “batistianos” e acusados de quererem regressar àquela “Cuba de Batista”. Reiteradamente anatematizadas, as imagens de

⁷⁵ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1963...**, op. cit.

⁷⁶ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el Aniversario 42 del Asalto a los cuarteles Moncada Y "Carlos Manuel de Céspedes", en la Plaza de la Revolución "Mariana Grajales", el 26 de julio de 1995, "Año del Centenario de la Caída de José Martí"**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1995/esp/f260795e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

Fulgencio Batista e de seu governo tornaram-se, portanto, símbolos de toda uma linhagem política e de um passado a serem extirpados de Cuba.

Concomitantemente às representações construídas acerca do conjunto de características – práticas políticas, perfil de governantes e de suas administrações, problemas sociais, etc. – que formavam o passado pré-revolucionário, os discursos comemorativos buscaram forjar também significados acerca do presente da Revolução. Neste sentido, um aspecto a ser destacado diz respeito ao fato de o período revolucionário – independentemente de se estar a dias, meses, anos ou décadas do triunfo da Revolução – não ser tratado sob o signo do passado. Como poderia, efetivamente, fazer parte do passado algo que não acabou?

Em torno da premissa ou ideia de que as revoluções chegam ao fim, já se afirmou, por exemplo, ser esta uma *“leçon générale de science politique”*⁷⁷. Contudo, mais do que uma lição que pode ser aprendida com a Ciência Política, com a História, com a Sociologia ou com quaisquer outras áreas do conhecimento científico, essa ideia parece estar disseminada no senso comum. Em uma tentativa de explicar o entendimento que se tem no senso comum acerca da ideia de revolução, poder-se-ia afirmar que esta tem sua origem com a insatisfação diante de um determinado estado de coisas; a partir dessa insatisfação, desenvolve-se uma luta na qual pode ser empregada uma grande variedade de métodos; a mudança do anterior estado de coisas a partir da vitória alcançada ao final da luta, ou seja, a obtenção do triunfo marcaria o fim da Revolução.

Na tríade – insatisfação/luta/triunfo – constitutiva das revoluções, a obtenção do triunfo desempenha um papel preponderante, uma vez que não apenas demarca o término, como também define a identidade do movimento revolucionário enquanto tal, pois sem obter êxito, isto é, apenas com a insatisfação e a luta, o movimento não poderia ser definido como revolucionário, mas tão somente como revoltoso. Assim, há casos em que, após o triunfo, revoltas passam a ser denominadas de revoluções. Inversamente, há casos de movimentos que se autointitulam revolucionários durante a luta insurrecional, mas que, sendo derrotados, passam à história como revoltas ou rebeliões. De uma forma

⁷⁷ OZOUF, Mona. *La fête révolutionnaire...*, op. cit., p. 277.

ou de outra, está presente a ideia de que com o fim da luta, isto é, quando cessam as disputas no campo de batalha, as revoluções acabam.

Nessa discussão acerca das ideias que formam o entendimento que se tem no senso comum sobre a noção de revolução, não se pretende entrar, por exemplo, nos meandros de alguns outros debates acerca dessa noção, levados a efeito no âmbito das Ciências Humanas, tais como: a discussão, no caso de uma revolução social, de que para que ela possa ser assim considerada, é necessário que, para além da mera substituição dos grupos no poder, concretizem-se transformações estruturais em relação à ordem à qual ela se opôs; ou ainda outra discussão, que mantém relação com a primeira, acerca do poder que os vencedores das revoluções têm de nomear e classificar a realidade à revelia dos vencidos da história.

Não se pretende aqui levar demasiado longe essa discussão sobre a ideia de Revolução. O propósito é tão somente, depois de apresentadas em largos traços algumas premissas que compõem uma noção aproximada do que é uma revolução para o senso comum, demonstrar como, contrariando a principal das referidas premissas, os líderes da Revolução Cubana buscaram legitimá-la perante a população do país e a opinião pública internacional, construindo significados que apontam para certas peculiaridades da experiência revolucionária.

Dos diversos significados elaborados acerca da Revolução Cubana nos discursos comemorativos, uma característica que a distingue diz respeito à formulação da tese de que a Revolução não acabou por ocasião do seu triunfo em 1959, de que se trata, portanto, de uma “Revolução inconclusa”. Na grande concentração cívica em que se comemorava o quarto aniversário do 26 de julho, após o triunfo revolucionário, Fidel Castro afirmou que o povo cubano se reunia para comemorar a efeméride “*no de una Revolución concluida sino de una Revolución que lucha, de una Revolución que no ha terminado sino que apenas ha empezado*”⁷⁸. O argumento de que a Revolução ainda luta é bastante significativo. Ora, se há no senso comum a ideia de que as revoluções acabam quando a luta chega ao fim, busca-se transmitir ao povo a ideia de que a Revolução Cubana não acabou porque a vitória contra as forças de Fulgencio Batista teria sido

⁷⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1962...**, op. cit.

apenas uma das etapas da luta revolucionária, havendo ainda muitas outras lutas a serem vencidas. Pondo em evidência a prática de abusar de uma terminologia bélica em seus discursos, Fidel Castro refere-se reiteradamente a outras “*luchas*” e “*batallas*” a serem travadas, por exemplo, nas áreas da economia, da política, da educação e da saúde⁷⁹. A dificuldade da luta para a conquista do poder é minimizada diante de outros desafios, considerados como não menos heroicos e gloriosos, que a Revolução ainda teria que enfrentar, pois,

*una vez que el pueblo tuvo el poder, comenzó una lucha más difícil, comenzó una lucha más difícil [sic], que es la lucha contra el imperialismo. Esa es la lucha más larga que tenemos, y es una lucha que estamos empezando. Es necesario que comprendamos esto, que esta lucha está empezando*⁸⁰.

A tese da “Revolução inconclusa” ou “Revolução inacabada” está em consonância, complementa-se, e é expressa também pela ideia da “Revolução como processo”. Dando ênfase ao argumento de que a Revolução não tinha acabado logo após a vitória do dia 1º de janeiro de 1959, Fidel Castro afirmou que era preciso que o povo compreendesse “*que la Revolución es un proceso que se propone alcanzar determinadas metas, y que esas metas no se logran por decreto, y que esas metas no se logran en 24 horas*”⁸¹. A abordagem da Revolução, não como algo finalizado, mas como um processo histórico em andamento contribuía ainda para construir em torno dela – que era o objeto por excelência dos discursos comemorativos – a ideia de que se tratava de um fenômeno inscrito em um eterno tempo presente.

Convém destacar, no entanto, que foi somente a partir de 1961, ou seja, do ano em que foi proclamado o caráter socialista e adotado o marxismo-leninismo como ideologia oficial da Revolução, que se buscou forjar a ideia de “Revolução inconclusa”,

⁷⁹ O sociólogo francês Vincent Bloch observou com muita perspicácia a existência de um “campo lexical da luta” no imaginário social e político cubano. Em seus estudos, o autor tem refletido sobre os usos do “sentido da luta” não apenas pelo governo na legitimação da Revolução, mas também pela dissidência política cubana e por diversos segmentos da sociedade no enfrentamento das dificuldades cotidianas. Cf.: BLOCH, Vincent. Reflexões sobre a dissidência cubana. Trad. Jaime de Almeida e Giliard da Silva Prado. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 8, 28p, 2009. Disponível em: <http://www.anphlac.org/revista/revista8/traducao.reflexoes_sobre_a_dissidencia_cubana.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2010; Id., Les dédales du régime cubain (1959-1989). In: _____; LÉTRILLIART, Philippe (dir.). **Cuba, un régime au quotidien**. Paris: Choiseul, 2011, p. 9-62.

⁸⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1962...**, op. cit.

⁸¹ Id., **Discurso... 26 de julio de 1961...**, op. cit.

estando, portanto, a insistência no caráter processual da Revolução diretamente associada à construção do socialismo. O estabelecimento de um sistema socialista era algo que, segundo Fidel Castro, não se obtinha por decreto, mas que demandava “*un proceso de educación del pueblo*”, indissociável, por sua vez, de “*un proceso de formación de conciencia revolucionaria*”⁸². Desde a proclamação do caráter socialista da Revolução, proliferaram nos discursos comemorativos as referências a um “processo revolucionário” que “marchava”, “avançava”, “desenvolvia-se”, rumo ao progresso, à construção do socialismo e, conseqüentemente, ao cumprimento de uma teleologia histórica que levaria ao comunismo.

A proclamação de que a Revolução Cubana era socialista foi responsável por mudanças em sua legitimação, implicando, por exemplo, na construção de novas representações e na reivindicação de filiação teórica a diferentes correntes de pensamento. Antes de 1961, quais eram, porém, as relações da Revolução com o socialismo? Qual era, afinal, o caráter da Revolução Cubana?

1.3- Revolução verde-oliva ou revolução vermelha?

As declarações acerca da filiação ao socialismo e da adoção do marxismo-leninismo como ideologia oficial exigiram do governo cubano esforços adicionais na legitimação da Revolução, o que fez com que os seus líderes tivessem que forçar algumas continuidades históricas, não conseguindo evitar, todavia, a exposição de patentes contradições. Tendo triunfado e adotado suas primeiras medidas revolucionárias em um contexto marcado pela polarização ideológica própria da Guerra Fria, a Revolução Cubana atraiu a atenção da opinião pública internacional, despertando questionamentos acerca do tipo de revolução que ela era e dos rumos que seriam tomados. Afinal, quando triunfou, no dia 1º de janeiro de 1959, a Revolução Cubana tinha uma orientação comunista ou capitalista?

⁸² Id.

Nos primeiros meses que se seguiram à vitória revolucionária, Fidel Castro teve que se pronunciar sobre essa questão em muitos de seus discursos, bem como nas entrevistas que concedeu. Interpelado sobre o confronto ideológico entre as duas grandes potências mundiais da época, o líder cubano afirmava em seus pronunciamentos a posição equidistante – do ponto de vista das ideologias – adotada pelo governo revolucionário em relação aos Estados Unidos e à União Soviética, indicando que, em vez de subordinação a um desses países, a Revolução Cubana primava por sua autonomia, possuindo uma ideologia própria.

As insistentes interpelações estavam relacionadas ao medo de que a Revolução Cubana passasse a gravitar na órbita do comunismo internacional, tornando-se mais uma “revolução vermelha”. Esse medo decorria fundamentalmente de dois aspectos: do radical programa de reformas que estava sendo posto em prática; e da crescente influência que estava sendo exercida no governo revolucionário por adeptos do comunismo. Em suas declarações, nos primeiros meses após o triunfo revolucionário, Fidel Castro reafirmava que nem o Movimento 26 de Julho, por ele comandado, nem ele próprio – uma vez que era membro do Partido do Povo Cubano (Ortodoxo)⁸³ – tinham orientação comunista. Explicava não haver perseguição aos comunistas ou a quaisquer outros grupos políticos por parte do governo revolucionário, pois, em vez disso, o que a Revolução pretendia era a recuperação das liberdades públicas, que tinham sido restringidas pelo governo de Batista. Argumentava ainda que as suspeições criadas em torno de um pretense caráter comunista da Revolução Cubana eram uma estratégia utilizada pelos adversários para confundir e fomentar a divisão entre o povo cubano, de modo a desestabilizar o governo revolucionário.

Em discurso pronunciado no dia 8 de maio de 1959, na cidade de Havana, após ter chegado de uma viagem diplomática que percorreu alguns países do continente americano – inclusive os Estados Unidos – com a finalidade de obter apoio internacional para o governo revolucionário, Fidel Castro repetiu para o povo cubano o que dissera em

⁸³ O Partido do Povo Cubano – também conhecido como Partido Ortodoxo – foi fundado em 1947 a partir de uma dissidência ocorrida no seio do Partido Revolucionário Cubano – também conhecido como Partido Autêntico. Os dois partidos em questão foram duas das principais forças políticas cubanas no decorrer das décadas de 1940 e 1950, tendo sido dissolvidos após o triunfo da Revolução. O fundador e principal líder do Partido do Povo Cubano (Ortodoxo) foi Eduardo Chibás Rivas (1907-1951). Disponível em: <http://www.ecured.cu/index.php/Partido_Ortodoxo>. Acesso em: 19 abr. 2013.

seus discursos fora da ilha caribenha: que a Revolução Cubana não devia ser acusada de comunista, uma vez que pretendia ser uma “*Revolución democrática y humanista*”. Tratava-se de uma Revolução que tinha se convertido “*en el modelo y en la esperanza de todos los pueblos de América Latina*” e cujos líderes não se prestavam ao papel de joguetes, tendo ideias, condutas e movimento revolucionário – o Movimento 26 de Julho, que àquele momento estava à frente do governo da nação – próprios. As acusações relativas à natureza comunista da Revolução seriam uma estratégia utilizada por seus opositores para urdir intrigas. Apoiando-se no prestígio que já possuía entre o povo cubano e buscando defender a Revolução das suspeições de que era comunista, Fidel Castro expressou-se nos seguintes termos:

*Si nuestras ideas son bien claras, si en pos de esas ideas está la mayoría del pueblo, si al mando de ese movimiento y de esa revolución estamos nosotros, ¿es que acaso el pueblo no confía en nosotros? ¿Es que acaso alguien puede pensar que encubrimos oscuros designios? ¿Es que acaso pudiera alguien afirmar que hemos mentido alguna vez al pueblo? (...) ¿Es que acaso puede pensarse que somos unos hipócritas o unos cobardes? Entonces, ¿por qué cuando decimos que nuestra Revolución no es comunista, por qué cuando probamos que nuestros ideales se apartan de la doctrina comunista, que la Revolución Cubana no es ni capitalista ni comunista y que es una revolución propia (EXCLAMACIONES DE: “¡Cubanismo, cubanismo!”), que tiene una ideología propia, enteramente propia, que tiene raíces cubanas, que es enteramente cubana y enteramente americana, por qué entonces ese empeño en acusar a nuestra Revolución de lo que no es?*⁸⁴

Poucos dias após ser decretada a Lei da Reforma Agrária, de 17 de maio de 1959, considerada como uma das mais radicais medidas adotadas pelo governo revolucionário, Fidel Castro concedeu entrevista ao programa *Ante la Prensa*, da emissora cubana de televisão *CMQ-TV*, em que buscou dissociar o pacote de reformas de uma política que denotasse um projeto comunista. Mais uma vez, o líder cubano reiterou que se tratava de uma revolução que, em todas as suas características constitutivas, era uma “*revolución propia*”. Para explicar ao povo que a Revolução era “*de tipo nacional*”, devendo atender às aspirações e necessidades específicas dos cubanos, Fidel Castro recorreu a comparações, explicando que a Revolução era tão peculiarmente cubana quanto a música

⁸⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración celebrada a su llegada del extranjero, en la Plaza Cívica, el 8 de mayo de 1959.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080559e.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

nacional, pois *“cada pueblo tiene su música distinta y su mentalidad distinta”*. Expressou ainda o fato de a experiência revolucionária possuir uma identidade e uma história próprias, uma vez que ela teria rompido com alguns convencionalismos políticos, como, por exemplo, a tese de que não poderia haver revolução sem *“lucha de clases”*⁸⁵.

A Revolução, além de ter sido definida como *“autóctona y cubana”*, era proclamada também como *“humanista”*, buscando-se assim negar qualquer identificação tanto com o capitalismo quanto com o comunismo. As interpelações, recorrentes em tempos de Guerra Fria, acerca de uma obrigatória filiação ideológica ao capitalismo ou ao comunismo constituíam um problema, no entendimento de Fidel Castro, pois ele declarava não estar disposto a ter que *“escoger entre el capitalismo que mata de hambre a la gente y el comunismo que resuelve el problema económico, pero que suprime las libertades”*. Assim, enquanto o capitalismo e o comunismo sacrificariam de distintas formas o homem, a Revolução dispunha-se a seguir tão somente uma *“doctrina humanista”*, que levasse à humanização desse homem antes sacrificado. A um só tempo, o governo revolucionário cubano recusava-se a ser identificado tanto com o comunismo quanto com o capitalismo, argumentando que a Revolução já havia rompido com *“muchos principios del capitalismo arraigados por años”*. Afirmava-se, portanto, que a Revolução possuía tão somente um caráter nacional, não sendo *“de ningún color, ni rojo, sino verde olivo que es el color del uniforme del Ejército Rebelde, que salió de las entrañas de la misma Sierra Maestra”*⁸⁶.

A partir da proclamação de seu caráter socialista e da adoção do marxismo-leninismo como ideologia oficial, em 1961, a Revolução Cubana, que até então era representada como uma *“Revolução verde-oliva”*, transformou-se em uma *“Revolução vermelha”*. Em face da necessidade de legitimar essa nova etapa, que consistiu em um importante ponto de inflexão da experiência revolucionária, o discurso oficial passou por sucessivas mudanças. Desde então, foi necessário silenciar sobre muitas das declarações anteriores, que já não mais poderiam ser sustentadas.

⁸⁵ Id., Comparecencia en el programa de televisión *Ante la Prensa*, CMQ-TV, La Habana, 21 de mayo de 1959, apud ENTRIALGO, Roberto Bonachea. **Fidel Castro**: pensamientos muy escogidos. La Habana: [s. n.], 2007, p. 14-15.

⁸⁶ Id.

A tônica dos discursos, notadamente no período compreendido entre 1961 e 1969, passou a ser a formação de uma “consciência revolucionária”. Além de ser entendida como uma meta cujo alcance deveria ser permanentemente ampliado entre as massas, a formação dessa consciência revolucionária, entre os próprios dirigentes, foi apresentada como o fator que explicaria a adoção do marxismo-leninismo como doutrina oficial do governo cubano e, conseqüentemente, a decisão de que se lutaria por uma Revolução que *“se propone ser revolución de verdad, (...) se propone construir el socialismo y llegar al comunismo”*⁸⁷.

Atribuída a uma crescente consciência revolucionária, a declaração do caráter socialista da Revolução permitiu que Cuba se tornasse *“el primer país socialista de América Latina”* e também que se orgulhasse de ter sido o primeiro país a se livrar *“del imperialismo yanqui”*⁸⁸. Mais do que isso, teria feito da experiência cubana uma *“revolución de verdad”*, que, orientada pelo marxismo-leninismo, construiria o socialismo *“sobre bases realmente revolucionarias”*⁸⁹. Desde que se tornaram “verdadeiros” revolucionários, ou seja, socialistas, os líderes cubanos passaram a repetir nos discursos comemorativos alguns princípios da filosofia política por eles adotada, defendendo teorias e princípios que antes eram refutados. Neste sentido, é interessante notar que, enquanto nos tempos da Revolução verde-oliva era enaltecido o caráter autóctone, nacional, das ideias revolucionárias; na fase da Revolução vermelha as ideias passaram a ser consideradas como “patrimônio universal” e as teorias do marxismo-leninismo já não poderiam ser rejeitadas sob o argumento de que eram exóticas e estrangeiras. Na defesa das novas ideias revolucionárias recorreu-se até, com bastante didatismo, a comparações com a cana-de-açúcar:

*Decían que eran exóticas, pero lo que no sabían era lo bien que se daban en este clima estas ideas llamadas marxista-leninistas. Porque tampoco aquí cuando llegó Colón, había caña de azúcar y ¡qué bien que se da la caña de azúcar en este país! (...) Pues así también se dan, ¡qué bien se dan las ideas revolucionarias en este país! ¡Y seremos uno de los primeros productores de ideas revolucionarias!*⁹⁰

⁸⁷ Id., **Discurso... 26 de julio de 1967...**, op. cit.

⁸⁸ Id., **Discurso... 26 de julio de 1961...**, op. cit.

⁸⁹ Id., **Discurso... 26 de julio de 1965...**, op. cit.

⁹⁰ Id.

Quando, porém, sob o governo revolucionário, foram “plantadas” as ideias socialistas? De acordo com Fidel Castro, elas já estariam presentes antes mesmo do dia 16 de abril de 1961, quando foi declarado o caráter socialista da Revolução. Para reforçar o argumento de que a formação de uma consciência revolucionária ocorreu de maneira processual, o líder cubano buscou sutilmente recuar no tempo a existência de traços socialistas nas ações e pronunciamentos do governo, tentando assinalar uma linha de continuidade ou uma espécie de prenúncio entre a Declaração de Havana⁹¹ – ocorrida no dia 02 de setembro de 1960 – e a posterior proclamação do caráter socialista do processo revolucionário, argumentando que os pontos da referida declaração eram “*los puntos esenciales del socialismo*”⁹². A Declaração de Havana sinalizaria, assim, o despertar de uma consciência revolucionária ainda não compreendida ou expressa em sua totalidade.

A relação da elite dirigente da Revolução – notadamente de Fidel Castro – com o marxismo-leninismo é representativa das metamorfoses por que passaram os esforços de legitimação da experiência revolucionária no decorrer de uma longa sequência de discursos comemorativos. Quando, então, os líderes revolucionários ter-se-iam tornado marxistas-leninistas? Esse questionamento é particularmente instigante pelas respostas diversas e contraditórias que foram dadas, conforme o período do processo revolucionário. Neste sentido, um discurso bastante emblemático foi pronunciado na comemoração do 26 de julho, no ano de 1965. Nessa ocasião, após ter feito alusão às virtudes do marxismo, Fidel Castro reafirmou o caráter marxista-leninista dos líderes revolucionários, o qual teria sido formado no transcurso da Revolução triunfante, conforme se observa no trecho abaixo:

(...) nosotros somos marxista-leninistas! ¿Lo fuimos siempre? ¡No, la mayor parte de nosotros no lo era; y, sin embargo, lo somos! Yo no lo

⁹¹ A “Declaração de Havana” consistiu em um pronunciamento de Fidel Castro ao povo cubano, ocorrido no dia 02 de setembro de 1960, na Praça da República – posteriormente denominada Praça da Revolução –, em Havana. Tratou-se de uma resposta à “Declaração de São José da Costa Rica”, documento resultante de uma reunião de ministros de Relações Exteriores de países da América Latina, que ocorreu em agosto de 1960, sob a égide da Organização dos Estados Americanos (OEA), e que criticava – conforme será detalhado no capítulo seguinte – os rumos da Revolução Cubana. No caso da Declaração de Havana, elaborada em contraposição a esse documento, embora Fidel Castro afirme que nela havia pontos essenciais do socialismo, o que se nota em seu pronunciamento é um nacionalismo anti-imperialista. Cf.: Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la Magna Asamblea Popular celebrada por el pueblo de Cuba en la Plaza de la Republica, el 2 de septiembre de 1960**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f020960e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

⁹² Id., **Discurso... 26 de julio de 1961...**, op. cit.

era, no lo era cuando era un ignorante, cuando de las leyes de la historia no sabía nada, cuando de la sociedad, de los procesos sociales y de la historia de la humanidad, no sabía nada, todo lo más poseía – como poseían muchos – un espíritu rebelde, un entusiasmo y una vocación de los problemas públicos (...) ¿Cuando el 26 de Julio qué éramos? No podíamos llamarnos marxista-leninistas el 26 de Julio (...); ¡No!, nos faltaba mucho por aprender, nos faltaba mucho por comprender todavía.⁹³

A elevação da consciência revolucionária teria ocorrido de maneira processual à medida que se buscava uma melhor explicação para os problemas da sociedade e que se avançava na compreensão do socialismo científico. De acordo com Fidel Castro, os organizadores do Movimento 26 de julho estudavam, além das obras de José Martí, as de Marx e Lênin. Contudo, o aprendizado do marxismo-leninismo não tinha ocorrido “*solo de una manera teórica*”, mas principalmente na prática revolucionária, no enfrentamento dos problemas, uma vez que o fenômeno imperialista, por exemplo, os líderes revolucionários não o tinham aprendido em livros, mas nas “*propias carnes*”. Sendo já possuidores de “*vocación de revolucionarios, (...) sensibilidad de revolucionarios y pasión de revolucionarios*”⁹⁴, eles puderam tornar-se marxistas-leninistas a partir do momento que adquiriram uma elevada consciência revolucionária. Essa guinada para o marxismo-leninismo, segundo Fidel Castro, teria desagradado aos inimigos da Revolução, uma vez que estes

habrían querido que fuésemos unos ‘liberaloides’, unos reformistas pequeño-burgueses. Y fuimos pequeño-burgueses, pero afortunadamente fuimos dejando atrás ese caparazón ideológico y clasista, y adoptamos la ideología de los explotados, de los oprimidos, de los humildes, de los trabajadores.⁹⁵

Contudo, essa adoção do marxismo-leninismo pelos líderes revolucionários foi marcada, pelo menos ao longo da década de 1960, por uma interpretação peculiar, uma vez que não foram aceitas em sua totalidade algumas teorias, dando-se primazia ao aprendizado resultante da própria experiência revolucionária cubana, ou seja, obtido empiricamente. Em consonância com a ideia de que Cuba não deveria apenas transplantar teorias provenientes de outros países, de outras realidades, tornando-se

⁹³ Id., **Discurso... 26 de julio de 1965...**, op. cit.

⁹⁴ Id.

⁹⁵ Id.

também, ela mesma, produtora de ideias revolucionárias, Fidel Castro considerava um erro a crença de que *“la conciencia tiene que venir primero y la lucha después”*, pois, com base na experiência cubana, assegurava, ao invés disso, que *“¡la lucha tiene que venir primero e inevitablemente detrás de la lucha vendrá con ímpetu creciente la conciencia revolucionaria!”*. O líder cubano acreditava que não havia *“mejor maestro de las masas que la misma revolución”* e concluía que os revolucionários teriam encontrado dificuldades ainda maiores se, para fazer uma Revolução socialista, eles tivessem se dedicado primeiro *“a catequizar a todo el mundo con el socialismo y el marxismo para después hacer la revolución”*⁹⁶. Com base ainda nesse entendimento, reiterou em outro discurso que, embora os revolucionários cubanos não pretendessem ser *“los más perfectos intérpretes de las ideas marxista-leninistas”*⁹⁷, cada país tinha sua forma de interpretar as ideias revolucionárias.

A partir dos anos 1970, a abordagem do socialismo nos discursos comemorativos sofreu algumas transformações, tendo início outra fase da Revolução vermelha em Cuba, a qual foi marcada pela expressiva influência da União Soviética no processo de institucionalização da Revolução. Em decorrência disso, o governo cubano perdeu grande parte de sua autonomia político-ideológica, já não havendo espaço para a almejada produção de ideias revolucionárias ou mesmo para interpretações singulares do marxismo-leninismo.

Essa nova fase da experiência cubana caracterizou-se por mudanças na construção de significados e, conseqüentemente, pela tentativa de estabelecimento de uma nova memória em torno da Revolução socialista e dos seus líderes, o que acabou evidenciando contradições em relação a pronunciamentos anteriores. Um argumento diferente foi utilizado, por exemplo, para explicar o momento da filiação dos líderes revolucionários ao marxismo-leninismo. Na década de 1960, afirmava-se que foi somente no decorrer da Revolução triunfante, como resultado de um processo de formação de uma consciência revolucionária, que os líderes cubanos tornaram-se marxistas-leninistas, negando-se de

⁹⁶ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del XIII Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, en La Habana, Plaza de la Revolución, el 26 de julio de 1966.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f260766e.html>>. Acesso em: 15 maio 2009.

⁹⁷ Id., **Discurso... 26 de julio de 1968...**, op. cit.

maneira categórica que eles pudessem ser assim considerados por ocasião do 26 de julho de 1953. Todavia, a partir da década de 1970, eles passaram a ser representados como “socialistas convictos” desde os tempos da etapa que inaugurou a luta insurrecional e mesmo antes disso.

No ano de 1973, em um discurso representativo da nova memória que se buscava firmar, Fidel Castro afirmou que o núcleo fundamental dos dirigentes do Movimento 26 de Julho “*veía en el marxismo-leninismo la única concepción racional y científica de la Revolución*”⁹⁸, antecipando, com isso, para a etapa da luta insurrecional a existência de uma elevada consciência revolucionária socialista.

Em outra cerimônia comemorativa, também contrariando o que havia sido sustentado ao longo da primeira década da Revolução, sentenciou: “*nosotros sí éramos socialistas el 26 de Julio*”⁹⁹. Desde então, essa ideia passou a ser reiterada, afirmando-se, por exemplo, que por ocasião do início da luta para derrubar o governo de Fulgencio Batista, “*nosotros, los dirigentes principales, éramos de ideas y convicciones socialistas, con más precisión, marxista-leninistas, como hemos dicho muchas veces*”¹⁰⁰.

Como parte integrante das representações construídas acerca dos líderes da Revolução como “socialistas convictos” desde longa data, transformou-se até o que se denominava de “autoria intelectual” do assalto ao Quartel Moncada em uma obra coletiva. Antes atribuída exclusivamente a José Martí, essa obra intelectual ganhou “coautores”, que inspiravam àqueles que seguiam a corrente de pensamento socialista, pois, segundo Fidel Castro, “*sin los extraordinarios descubrimientos científicos de Marx y Engels; sin la genial interpretación de Lenin y su portentosa hazaña histórica, no se habría concebido un 26 de Julio*”¹⁰¹.

A construção da imagem dos líderes revolucionários cubanos como “socialistas convictos” a partir do momento em que ocorre o alinhamento político-ideológico de Cuba

⁹⁸ Id., **Discurso... 26 de julio de 1973...**, op. cit.

⁹⁹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto central en conmemoración del XXII Aniversario del Ataque al Cuartel Moncada, efectuado en la ciudad de Santa Clara, Las Villas, el 26 de julio de 1975, "Año del Primer Congreso"**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1975/esp/f260775e.html>>. Acesso em: 4 set. 2009.

¹⁰⁰ Id., **Discurso... 26 de julio de 1995...**, op. cit.

¹⁰¹ Id., **Discurso... 26 de julio de 1973...**, op. cit.

em relação à União Soviética – está relacionada com a tentativa de Fidel Castro de se livrar do que havia se estabelecido como uma espécie de estigma: o fato de ser identificado como um líder pequeno-burguês de uma Revolução nacionalista que, mediante a análise de uma conjuntura política de momento, teria apenas empreendido uma transição para o socialismo. A tentativa de legitimar essa ideia da existência de uma convicção socialista desde tempos pré-revolucionários fez com que o líder cubano minimizasse a importância de algumas conquistas da fase verde-oliva da Revolução. Neste sentido, a luta pelo restabelecimento da legalidade constitucional – interrompida devido ao golpe de Estado de 10 de março de 1952 – e pelo fim da ditadura de Fulgencio Batista passou a ser considerada como uma luta por “*objetivos limitados*”; e as ideias democrático-burguesas passaram a ser vistas como ideias circunscritas em um “*estrecho horizonte*”. Buscando demonstrar que a Revolução Cubana não tinha lutado por objetivos limitados, Fidel Castro afirmou que os líderes revolucionários já eram socialistas antes mesmo que se estabelecesse no poder o governo contra o qual eles lutaram, pois, “*aun antes del 10 de marzo de 1952*”, eles tinham “*llegado a la íntima convicción de que... el objetivo tenía que ser el socialismo*”¹⁰². Essa mesma ideia foi expressa, em outra cerimônia comemorativa, nos seguintes termos:

*(...) nosotros estábamos pensando en la revolución, incluso antes del 10 de marzo de 1952. Nosotros habríamos tratado de seguir el camino revolucionario con 10 de marzo y sin 10 de marzo. Lo digo de verdad, porque mucho antes del 10 de marzo ya algunos habíamos estado pensando en una revolución de verdad, y en una revolución con el pueblo, en una revolución profunda, en una revolución que más tarde o más temprano tenía que ser una revolución socialista, porque no concebíamos otro tipo de revolución en nuestro país.*¹⁰³

O governo revolucionário empreendeu uma importante metamorfose em seu discurso oficial em relação ao socialismo – mais precisamente ao marxismo-leninismo – substituindo a ideia da elevação do grau de consciência revolucionária, que havia sido sustentada na década de 1960, pela tese da convicção socialista anterior à etapa insurrecional, que foi construída nos anos 1970. Desde então, e no decorrer das décadas

¹⁰² Id.

¹⁰³ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXXV Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, efectuado en la Plaza "Antonio Maceo", de Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1988, "Año 30 de la Revolución"**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1988/esp/f260788e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

seguintes, foi reiterada a ideia de que os principais líderes da Revolução sempre estiveram certos de que apenas sob o socialismo poderia ser engendrada uma “revolução de verdade”, uma “revolução profunda” cuja concretização era representada como o cumprimento das *“leyes de la historia”*¹⁰⁴, ou seja, de uma teleologia que levaria ao socialismo e, posteriormente, ao comunismo. O que explicaria, no entanto, que, mesmo se afirmando socialistas convictos, os líderes revolucionários não tenham feito triunfar, já em 1959, uma revolução socialista, mas, em vez disso, aguardado pouco mais dois anos para proclamá-la como tal?

A explicação, segundo Fidel Castro, estaria na necessidade que os líderes da Revolução – na condição de socialistas de longa data – tinham de ocultar as suas convicções marxista-leninistas até que chegasse o momento oportuno para revelá-las. Embora fosse incontornável reconhecer que, quando triunfou, a Revolução não era socialista, os líderes revolucionários buscaram, em compensação, recuar ainda mais no tempo a existência de traços ocultos do socialismo em documentos da Revolução. Esses traços, que antes tinham sido indicados na Declaração de Havana, agora já poderiam ser notados no Programa do Moncada, que, segundo o líder da Revolução, mesmo não sendo também um programa socialista, continha as ideias que criariam *“las condiciones y las bases para el avance ulterior de la Revolución, es decir, para la marcha hacia el socialismo”*¹⁰⁵. As razões que explicariam a pouco ou nada plausível tese do socialismo mantido em segredo até 1961 seriam *“el nivel político de las masas y la correlación nacional e internacional de fuerzas”*. Por esses motivos, o programa que orientou as ações do 26 de julho *“encerraba el máximo de objetivos revolucionarios y económicos que en aquel entonces se podía plantear”*¹⁰⁶. De acordo com o líder da Revolução, as palavras socialismo e comunismo suscitavam temores nas massas, que eram submetidas a uma incessante propaganda anticomunista no período de auge do macarthismo. Por isso, considerava que a declaração imediata das intenções socialistas/comunistas inviabilizaria, no plano nacional, a união das forças de oposição na luta contra Fulgencio Batista e, no plano internacional, resultaria em difíceis relações e na animosidade de todo o bloco capitalista. Explicava assim os motivos para que tivesse sido mantido em sigilo o que, a

¹⁰⁴ Id., *Discurso... 26 de julio de 1973...*, op. cit.

¹⁰⁵ Id., *Discurso... 26 de julio de 1975...*, op. cit.

¹⁰⁶ Id., *Discurso... 26 de julio de 1973...*, op. cit.

partir dos anos 1970, buscou-se firmar como as reais intenções e características da Revolução Cubana.

Gestada em um contexto de crescente influência ideológica exercida pela União Soviética sobre a experiência revolucionária cubana, a tese do socialismo secreto dos líderes revolucionários e, conseqüentemente, da natureza socialista da Revolução anterior à etapa insurrecional foi mantida mesmo após o colapso do bloco socialista, em 1989, e a desintegração final da União Soviética, em 1991.

Contudo, apesar de não ter representado o fim da “revolução vermelha” na ilha caribenha, o colapso do campo socialista levou o regime cubano a promover mudanças em sua estratégia de legitimação, empreendendo, conforme observa Rafael Rojas, “*el desplazamiento del marxismo-leninismo al nacionalismo revolucionario*”¹⁰⁷. Neste sentido, pode-se afirmar, recorrendo aos termos da metáfora cromática, que desde a segunda metade da década de 1980 – ou com maior intensidade desde o começo da década de 1990 – até o presente, essa fase vermelha da Revolução foi intensamente mesclada de verde-oliva.

Essa retomada do nacionalismo não deve ser entendida em termos de uma substituição do socialismo, mas sim como uma alternância ou variação na ênfase com que, consoante o momento histórico, tem sido reivindicada cada uma dessas correntes de pensamento. Neste sentido, a tradição de lutas libertárias do nacionalismo cubano jamais deixou de ser reivindicada ao longo de toda a Revolução, não se restringindo, portanto, ao período compreendido entre 1959 e 1961, quando se reivindicava o caráter nacionalista da experiência revolucionária. A apropriação do ideário nacionalista era importante, entre outros aspectos, para a construção da ideia de que a Revolução era um prolongamento das guerras independentistas do século XIX e que – ao contrário destas, frustradas pela instauração de uma república neocolonial – tinha conseguido efetivar a plena independência do país.

Depois da proclamação do caráter socialista da Revolução e da adoção do marxismo-leninismo como ideologia oficial, em 1961, o nacionalismo revolucionário continuou sendo utilizado, mas de modos distintos. Até o final da década de 1960 a

¹⁰⁷ ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido**: mito, historia y poder en Cuba. México, D.F.: Taurus, 2012, p. 116.

tradição de lutas libertárias e o espírito combativo dos cubanos foram utilizados para explicar tanto o triunfo da Revolução quanto a interpretação heterodoxa do marxismo-leninismo no país caribenho, onde se havia feito uma revolução “vermelha”, mas com uma tonalidade própria, uma vez que não se limitou a transplantar ideias revolucionárias, propondo-se também a produzi-las e exportá-las, especialmente para a América Latina. Nesta etapa da revolução vermelha foram enaltecidos principalmente os aportes da Revolução Cubana ao marxismo-leninismo e ao movimento revolucionário mundial.

A partir da década de 1970 e até a primeira metade dos anos 1980, período caracterizado pelo processo de alinhamento político-ideológico de Cuba em relação à União Soviética, o país caribenho conheceu uma nova etapa de sua revolução vermelha, que se caracterizou por apresentar uma “tonalidade” ideológica muito semelhante à da União Soviética. Este foi o período em que o governo cubano reivindicou com maior ênfase as teorias de Marx, Engels e Lênin. Porém, nem por isso, deixou de reivindicar o ideário de José Martí. Nesta etapa da revolução vermelha em Cuba, Fidel Castro argumentava que os guias do pensamento político dos revolucionários cubanos haviam sido: “*Martí, Marx, Engels y Lenin*”¹⁰⁸, reivindicando ideologicamente um marxismo-leninismo-martiano. Além da figura de José Martí, também eram reivindicados outros heróis das lutas independentistas cubanas no século XIX – Carlos Manuel de Céspedes; Ignacio Agramonte; Máximo Gómez; e Antonio Maceo – como os responsáveis por terem inspirado a ação militar que levou ao triunfo da Revolução Cubana. Portanto, mesmo no período da Revolução em que se deu maior ênfase ao marxismo-leninismo, não se deixou de evocar personagens do panteão cívico da nação cubana.

No final dos anos 1980, mas sobretudo a partir da década de 1990, em um contexto marcado pelo colapso do bloco socialista e pela desintegração da União Soviética, o governo cubano empreendeu, conforme anteriormente mencionado, uma nova metamorfose nas estratégias de legitimação da Revolução, passando a dar maior ênfase ao nacionalismo revolucionário do que à corrente de pensamento socialista. Longe de ter significado a negação do marxismo-leninismo ou do caráter socialista da Revolução, essa ênfase dada à tradição “verde-oliva” do nacionalismo revolucionário foi uma das estratégias utilizadas pelo governo cubano para salvar a “Revolução vermelha”

¹⁰⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1973...**, op. cit.

no país caribenho. Por ocasião da comemoração do 26 de julho, no ano de 1989, quando já era grave a crise do bloco de países socialistas, Fidel Castro admitiu como hipóteses – ainda que, segundo ele, improváveis – a derrocada do bloco socialista e a desintegração da União Soviética e declarou que, mesmo em face dessas condições, *“Cuba y la Revolución Cubana seguirían luchando y seguirían resistiendo!”*. Segundo o líder da Revolução, essa resistência seria possível porque o povo cubano saberia ser consequente com sua *“gloriosa historia”*¹⁰⁹. Na comemoração do 26 de julho, em 1990, depois que a primeira hipótese já havia se concretizado com a derrocada dos regimes socialistas do Leste Europeu e a destituição de seus líderes, Fidel Castro instituiu um novo lema revolucionário: *“Socialismo o Muerte”*¹¹⁰. Esse novo lema passou a ser entoado junto com o habitual *“Pátria ou Morte”*, sendo parte integrante de uma estratégia discursiva na qual os termos socialismo/revolução/pátria tornaram-se praticamente indissociáveis e, por vezes, foram utilizados como sinônimos.

Em seus sucessivos discursos a partir da década de 1990, Fidel Castro buscou construir a ideia de que, independentemente dos acontecimentos na cena internacional, era necessário assegurar a manutenção do socialismo – e, poder-se-ia acrescentar, do grupo no poder – em Cuba, país onde os princípios socialistas jamais deveriam ser renunciados. Tal como expresso no lema revolucionário, era preciso que o povo cubano defendesse o socialismo a qualquer custo, inclusive com a própria vida. Essa ideia de “defesa” ficou evidenciada na terminologia revolucionária, uma vez que Cuba deixou de ser apresentada como um “farol” a guiar os povos de outros países pelo caminho da revolução socialista, passando a ser frequentemente referida como uma “trincheira” ou “bastião” onde seria defendido o socialismo.

No discurso do governo cubano, essa defesa do socialismo significava mais do que simplesmente manter um sistema social, uma vez que era apontada como condição imprescindível não apenas para preservar as conquistas da Revolução, mas também a

¹⁰⁹ Id., **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto conmemorativo por el XXXVI Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, celebrado en la Plaza Mayor General “Ignacio Agramonte”, Camagüey, el día 26 de julio de 1989, “Año 31 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1989/esp/f260789e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

¹¹⁰ Id., **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto conmemorativo por el XXXVII Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, celebrado en la Plaza de la Revolución, ciudad de La Habana, el 26 de julio de 1990, “Año 32 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1990/esp/f260790e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

“soberanía” e a “independência” do país¹¹¹. Buscava-se, portanto, estabelecer uma vinculação entre a defesa do socialismo e a defesa da pátria. Neste sentido, além de evocar princípios do nacionalismo, Fidel Castro valeu-se ainda de outros expedientes para estimular o patriotismo do povo cubano: explorou a imagem do inimigo externo, afirmando que era necessário fazer frente ao imperialismo estadunidense, que, segundo ele, estava cada vez mais triunfalista; recorreu ao passado de lutas heroicas e ao espírito combativo dos cubanos, evocando a memória dos heróis das guerras independentistas e dos diversos mártires do país; e instou cada cubano a ser “*patriota*” e “*revolucionario*”, afirmando que era aos revolucionários que se tinha que pedir mais “*sacrificio*” e “*comprensión*”¹¹².

Nesta etapa da revolução vermelha em Cuba, que sobreveio ao fim do bloco socialista e da União Soviética, a tarefa prioritária do país caribenho, tal como a resumiu Fidel Castro, era “*salvar la patria, la Revolución y las conquistas del socialismo*”. No contexto da grave crise econômica que Cuba atravessava, uma vez que já não mais contava com as relações comerciais com o campo socialista e principalmente com os subsídios da extinta União Soviética, Fidel Castro deu uma emblemática demonstração de seu pragmatismo, ao explicar o que era necessário fazer e como o governo cubano agiria para salvar a pátria, a Revolução e as conquistas do socialismo:

*Esto quiere decir que no seremos dogmáticos, ni dogmáticos ni locos, y algunos pasaron del dogmatismo a la locura y, como nosotros nunca hemos sido dogmáticos, no tenemos que pasar a la locura. Ni aferrarnos a dogmas ni practicar locuras, adoptar las medidas necesarias. Ahora tenemos que agudizar y multiplicar nuestra inteligencia, pero el éxito dependerá del pueblo, del apoyo del pueblo, de la comprensión del pueblo.*¹¹³

¹¹¹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXXVIII Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, efectuado en la Plaza Victoria de Girón, en la provincia de Matanzas, el 26 de julio de 1991.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1991/esp/f260791e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

¹¹² Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en la clausura del acto central por el XL Aniversario del Asalto a los cuarteles Moncada Y "Carlos Manuel de Céspedes", efectuado en el Teatro "Heredia", Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1993, "Año 35 de la Revolución".** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1993/esp/f260793e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

¹¹³ Id.

Esse pragmatismo demonstrado por Fidel Castro traduziu-se em concessões político-ideológicas¹¹⁴, ou seja, na adoção de medidas por ele definidas como “*antipáticas*”¹¹⁵ e que implicavam em uma espécie de restauração do capitalismo – como, por exemplo, a abertura do país aos investimentos do capital estrangeiro –, mas que tinham como propósito salvar o socialismo, ou, pelo menos, manter alguns aspectos que permitissem salvar as aparências de que ainda era plenamente vigente no país um sistema socialista ou, dito de outro modo, uma “*revolução vermelha*”.

Portanto, consideradas em seu conjunto, as diversas e contraditórias representações e memórias que se buscou construir acerca da Revolução Cubana no decorrer das comemorações do 26 de julho permitem identificar, a partir de uma sobreposição das camadas discursivas no decorrer do tempo, a existência de uma fase nacionalista ou “*verde-oliva*”, de 1959 a 1961, e de uma fase socialista ou “*vermelha*” da Revolução, de 1961 a 2009 – embora essa caracterização seja extensiva aos dias atuais, faz-se referência aqui ao ano de 2009 por se tratar do recorte temporal desta pesquisa –, sendo que esta última fase conheceu diferentes matizes, conforme o momento do processo revolucionário, evidenciando o “*camaleonismo*” ideológico e o pragmatismo político como características fundamentais da Revolução Cubana.

¹¹⁴ Por ocasião da comemoração do 26 de julho, em 1988 – período em que estava em curso o programa de reformas do socialismo na União Soviética, que se caracterizava por medidas econômicas e políticas de caráter liberalizante –, Fidel Castro havia declarado, em sentido contrário ao que seria posto em prática pouco tempo depois, que não estava disposto a fazer concessões ideológicas, assegurando que Cuba jamais adotaria “*idiosincrasias del capitalismo*”. Id., **Discurso... 26 de julio de 1988...**, op. cit.

¹¹⁵ Id., **Discurso... 26 de julio de 1993...**, op. cit.

Capítulo 2 - O principal inimigo da nação cubana: os Estados Unidos

Ella es de La Habana, él de Nueva York
Ella baila Tropicana, a él le gusta el rock
(...)

Ella es medio Marxista, él es Republicano
Ella quiere ser artista, él odia a los Cubanos
Él cree en la Estatua de la Libertad
Y ella en su vieja Habana de la Soledad
(...)

Ella mueve su cintura al ritmo de un tan tan
Y él se va divorciando del Tío Sam
Él se refugia en su piel... la quiere para él
Y ella se va olvidando de Fidel
¿Que sabían Lenin y Lincoln del amor?
¿Que saben Fidel y Clinton del amor?
(...)

Él se guardó su bandera, ella olvidó los conflictos
Él encontró la manera de que el amor salga invicto
La tomó de la mano y se la llevó
El Yanqui de la Cubana se enamoró

Lo que las ideologías dividen al hombre
El amor con sus hilos los une en su nombre
(...)

ARJONA, Ricardo. **Ella y él**. Si el norte fuera el sur.
México, D.F., Sony Discos, 1996 (CD; 64min).¹¹⁶

A história da Revolução não pode ser dissociada de suas relações antagônicas e conflituosas com os Estados Unidos, país que, pouco tempo após o triunfo revolucionário, tornou-se o principal inimigo político de Cuba. Nos mais diversos campos – militar, diplomático, ideológico, da memória, etc. – em que se travaram as lutas políticas da experiência revolucionária cubana, os Estados Unidos figuraram no polo oposto.

A canção que serve de epígrafe para este capítulo tematiza, a partir de uma história de amor que se supõe improvável, a polarização ideológica e os conflitos que

¹¹⁶ Ricardo Arjona, nascido em 19 de janeiro de 1964, é um cantor e compositor guatemalteco. Até então conhecido por seu estilo lírico, ele passou a abordar, a partir do álbum intitulado *“Si el norte fuera el sur”*, temas sociopolíticos. Nesse álbum, o tema principal é a relação entre os Estados Unidos e a América Latina. Além de *“Ella y él”*, destaca-se a canção *“Si el norte fuera el sur”*, que dá título ao disco, em que Ricardo Arjona critica a dominação hegemônica dos Estados Unidos sobre a América Latina e a imposição do *American way of life*. Disponível em: <<http://ricardoarjona.com/>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

marcam as relações entre Cuba e Estados Unidos. A união entre uma cubana e um estadunidense, que vão se desvinculando de símbolos relacionados ao poder de suas nações – como a figura do líder máximo da Revolução Cubana e a bandeira dos Estados Unidos –, atua como um contraponto à política de hostilidades alimentadas pelos líderes políticos de ambos os países. As ideologias contrárias dos governos de Cuba e Estados Unidos delimitaram posições políticas tidas como inconciliáveis e, com isso, provocaram uma tensão conflitiva que não se restringiu apenas à esfera do Estado, passando a integrar o imaginário político da sociedade cubana, que, marcada por uma história de décadas de enfrentamentos, viu-se envolta por uma atmosfera de conflitos, ameaças, medo e ódio associados à imagem do inimigo da nação¹¹⁷.

2.1- A construção da inimizade entre Cuba e Estados Unidos

Embora seja também cinquentenária, a exemplo da Revolução, a inimizade entre Cuba e Estados Unidos não se iniciou tão logo ocorreu o triunfo revolucionário. Quando os revolucionários cubanos chegaram ao poder, em janeiro de 1959, o governo por eles instaurado foi prontamente reconhecido pelos Estados Unidos. Em abril daquele ano, as relações entre os dois países ainda se mantinham estáveis, o que fica evidenciado pela visita oficial de Fidel Castro à cidade de Washington, como parte integrante de uma série de viagens diplomáticas que o líder da Revolução realizou por diversos países do continente americano. Contudo, as relações entre Cuba e Estados Unidos não tardaram a se tornar conflituosas. A Lei de Reforma Agrária, decretada pelo governo cubano em 17 de maio de 1959, chocou-se com interesses econômicos dos Estados Unidos, que, por meio de uma nota oficial, manifestaram-se contrários a essa medida e, por conseguinte, aos rumos da Revolução Cubana, desencadeando um clima de suspeição ao qual se seguiu uma longa trajetória de confrontos entre os dois países¹¹⁸.

Foi, porém, a partir de 1960 que teve lugar o processo de acirramento dos antagonismos entre Cuba e Estados Unidos, com cada um desses países levando a efeito

¹¹⁷ Sobre o imaginário político cubano, cf.: ROJAS, Rafael. *Isla sin fin...*, op. cit.

¹¹⁸ Cf.: GOTT, Richard. **Cuba**: uma nova história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006; AYERBE, Luis F., op. cit.

ações que atingiam diretamente os interesses econômicos do outro. Em julho daquele ano, os Estados Unidos reduziram de maneira significativa a cota de importação do açúcar cubano e deram continuidade à política de sanções econômicas decretando, no mês de outubro, um embargo parcial às exportações do país destinadas a Cuba. O governo cubano, por sua vez, entre agosto e outubro do mesmo ano, nacionalizou propriedades e confiscou o patrimônio de empresas e bancos estadunidenses¹¹⁹.

A essas medidas de caráter econômico, logo se seguiram outras formas de confronto entre os dois países, com destaque para os enfrentamentos militares ocorridos em abril de 1961, quando, em um curto intervalo de tempo, tiveram lugar acontecimentos de grande importância para a experiência revolucionária cubana. No dia 16 de abril, Fidel Castro proclamou o caráter socialista da Revolução em uma cerimônia realizada em frente ao Cemitério Cristóvão Colombo, na cidade de Havana, para homenagear as vítimas de um bombardeio ocorrido na véspera, quando aviões procedentes dos Estados Unidos atacaram quartéis e aeroportos cubanos¹²⁰. No dia seguinte, ocorreu o episódio conhecido como “a invasão da Baía dos Porcos”, ocasião em que grupos de cubanos exilados nos Estados Unidos e apoiados pela CIA invadiram Cuba com o propósito de depor o governo revolucionário. A operação resultou em um grande fracasso, sendo os invasores facilmente derrotados, no dia 19 de abril, na praia onde tinha ocorrido o desembarque¹²¹. Embora tropas estadunidenses não tenham participado dessa operação, não configurando, portanto, um confronto militar direto entre Estados Unidos e Cuba, o apoio dado pela CIA foi suficiente para que o episódio, referido e amplamente evocado no discurso oficial como “*la victoria de Playa Girón*”, fosse

¹¹⁹ Esse embargo estabelecido no ano de 1960 é considerado parcial, pois, até então era permitido exportar para Cuba remédios e alimentos. O embargo econômico, de caráter mais amplo, data de fevereiro de 1962. GOTT, Richard, op. cit., p. 213.

¹²⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de Doble [sic] República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la República, efectuado en 23 y 12, frente al Cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009. Aqui convém ressaltar que, em 16 de abril de 1961, Fidel Castro ocupava o cargo de Primeiro Ministro, que foi por ele exercido entre 16/02/1959 e 02/12/1976. Portanto, ao contrário do que consta na descrição que serve de título para o discurso – no qual não há as habituais referências à elaboração pelo Departamento de Versões Taquigráficas do governo revolucionário – Fidel Castro ainda não ocupava o cargo de Presidente de Cuba, o que aconteceu entre 02/12/1976 e 19/02/2008, ocasião em que renunciou ao cargo, que a partir de 24/02/2008 passou a ser ocupado por Raúl Castro. No período em questão, a presidência de Cuba era ocupada por Osvaldo Dorticós Torrado, que exerceu o cargo de 17/07/1959 a 02/12/1976.

¹²¹ AYERBE, Luís F., op. cit., p. 62-63.

representado pelo governo cubano como uma vitória da Revolução sobre os Estados Unidos e sua política imperialista.

As diversas formas de enfrentamento entre Estados Unidos e Cuba, não apenas as medidas econômicas já mencionadas, como de resto as demais confrontações que ocorreram no decorrer de toda a experiência revolucionária, têm sido tratadas por uma parte da historiografia com base em uma perspectiva que considera que essas disputas opõem uma força que age a uma força que reage, apresentando, na maioria das vezes, as antinomias nos termos de uma nação que ataca *versus* uma nação que apenas se defende ou, em outros termos, agressor *versus* vítima. Desse modo, a adoção de uma perspectiva maniqueísta e os vantajosos usos da condição de vítima presentes nos discursos oficiais dos regimes políticos acabam sendo assimilados – conscientemente ou não – por essa historiografia. Com base nesse tipo de tratamento dado ao antagonismo entre Cuba e Estados Unidos, uma das interpretações para o fato de a Revolução ter assumido um caráter socialista, em abril de 1961, consiste na tentativa de explicá-lo como uma forçosa e inevitável reação decorrente da política de hostilidades dos Estados Unidos ou, conforme expressão recorrente no discurso oficial cubano, da “ameaça do império”.

Diferindo dessa abordagem, o presente estudo adota uma linha interpretativa que considera que as relações entre Cuba e Estados Unidos expressam o enfrentamento de duas forças que atuam em sentidos contrários, mas orientadas por lógicas políticas próprias que as impulsionam a efetivar seus valores e projetos. Entende-se, pois, que a anterioridade temporal de algumas ações relativamente a outras não constitui critério suficiente para que se atribua a qualquer uma das nações em questão um permanente caráter reativo. Abordar as relações entre Estados Unidos e Cuba como representativas dos choques entre duas forças ativas, em vez de enquadrá-las a partir da lógica ação/reação, mais do que um aspecto meramente terminológico, possui implicações epistemológicas, pois repercute nos modos pelos quais pode ser compreendida a experiência revolucionária cubana.

A partir dessa perspectiva, a passagem da Revolução verde-oliva para a Revolução vermelha, ou seja, a transição do nacionalismo para o socialismo não é entendida como única reação possível diante de uma ameaça dos Estados Unidos ou mesmo como o cumprimento de uma teleologia, mas sim como uma decisão racional do núcleo dirigente

da Revolução que, no contexto da Guerra Fria, vislumbrou o socialismo como a opção mais viável para manter-se no poder e efetivar os projetos revolucionários. Neste sentido, compartilha-se aqui a interpretação do historiador Rafael Rojas, para quem a relação entre Estados Unidos e Cuba deve ser vista como um “conflito bilateral”, devendo a adoção do socialismo em Cuba ser entendida como o resultado de uma escolha ideológica resultante das necessidades de um projeto político que vinha se consubstanciando em diferentes medidas indicativas da mudança nos rumos da Revolução¹²².

Entende-se aqui que a escolha ideológica e política que levou o governo cubano a adotar o socialismo teve um caráter processual. Desse modo, a declaração do caráter socialista da Revolução, no dia 16 de abril de 1961, não pode ser atribuída unicamente ao episódio do bombardeio ocorrido na véspera, ainda que este tenha sido o seu estopim. Considera-se ainda que, pela atmosfera de comoção nacional na qual estava envolta, a cerimônia fúnebre em memória às vítimas do bombardeio constituiu-se em um momento oportuno para anunciar publicamente, e até mesmo justificar, a adoção do socialismo.

Assim como a transição do nacionalismo para o socialismo, a construção da inimizade entre Cuba e Estados Unidos foi também processual, estando relacionada ao acirramento dos conflitos originados a partir das já mencionadas medidas econômicas adotadas por ambos os países no decorrer do segundo semestre do ano 1960. Ocorreu, portanto, antes que o governo cubano tivesse declarado publicamente o caráter socialista da Revolução. Costuma-se considerar que o surgimento dessa inimizade teve lugar no dia 03 de janeiro de 1961, data em que os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com Cuba. A fixação dessa data como um marco simbólico, dentre outros possíveis, na longa história de conflitos entre Cuba e Estados Unidos não deve, porém, ser dissociada da compreensão do processo de intensificação dos antagonismos que lhe antecedeu e do qual a inimizade entre as duas nações é resultante.

¹²² Dentre as medidas adotadas pelo governo revolucionário, ainda no início do conflito bilateral com os Estados Unidos, destacam-se: os vínculos comerciais estabelecidos com a União Soviética e com a China; o processo de estatização da economia; e a reorientação da política externa cubana após uma mudança ministerial ocorrida em novembro de 1959. Cf.: ROJAS, Rafael. **La máquina del olvido...**, op. cit., p. 114 e 126-127.

O aumento das animosidades com os Estados Unidos e a constituição deste país como inimigo da Revolução podem ser acompanhados por meio do discurso oficial do governo cubano. Em conformidade com as medidas econômicas e demais ações políticas, a mudança na linguagem revolucionária também é representativa do acirramento das diferenças e tensões entre os dois países. Já nos primeiros meses da Revolução Cubana, Fidel Castro demonstrava ter consciência da importância da figura do inimigo para a construção da identidade da experiência revolucionária, aspecto evidenciado, por exemplo, na frase: *“dime quiénes son tus enemigos e te diré quién eres”*¹²³. No entanto, apesar de repletos de considerações sobre inimigos, os primeiros discursos do líder cubano não faziam referência direta aos Estados Unidos, ainda que este país estivesse contemplado nas caracterizações mais gerais acerca daqueles que constituíam os inimigos da Revolução e da pátria cubana, tais como: os detratores e caluniadores da Revolução; os maus políticos; os grandes monopólios e interesses da oligarquia internacional; os que eram contrários à reforma agrária, às leis revolucionárias, à livre determinação dos povos e aos governos majoritários e democráticos¹²⁴.

A partir de 1960 já se faz referência direta aos Estados Unidos, mas as críticas, ainda relativamente moderadas, direcionam os ataques aos maus políticos, aos “oligarcas” que governam o *“poderoso vecino del norte”*. Apesar de as críticas estarem restritas à linha de atuação dos governantes dos Estados Unidos, já se faz presente uma lógica da confrontação, expressa, por exemplo, no lema *“¡Cuba sí, yankis no!”*¹²⁵, entoado pelo público presente à cerimônia comemorativa do 26 de julho daquele ano e repetido exaustivamente, a exemplo de outras consignas revolucionárias, no decorrer das sucessivas comemorações promovidas pelo regime cubano.

Contudo, pouco tempo depois, em setembro de 1960, Fidel Castro proferiu um discurso que marcou o abandono das críticas moderadas, constituindo-se em um momento significativo do recrudescimento do antagonismo com os Estados Unidos e, portanto, em um ponto de inflexão nas relações conflituosas entre os dois países. Esse discurso consistiu em uma ação de repúdio às resoluções e posicionamentos assumidos

¹²³ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1959...**, op. cit.

¹²⁴ Essas caracterizações acerca dos inimigos da Revolução estão presentes em vários discursos do primeiro ano da experiência revolucionária, embora, obviamente, não se restrinjam a esse período.

¹²⁵ Id., **Discurso... 26 de julio de 1960...**, op. cit.

por ocasião da VII Reunião de Consulta de Ministros de Relações Exteriores, organizada sob a égide da OEA e ocorrida entre 22 e 29 de agosto de 1960, na cidade de São José, capital da Costa Rica, tendo contado com a participação de chanceleres de vinte países do continente americano¹²⁶. Algumas das resoluções adotadas nessa reunião foram expressas por meio da “Declaração de São José da Costa Rica”, documento cujos princípios fundamentais evidenciavam as preocupações estratégico-militares do período da Guerra Fria, apontando a experiência revolucionária cubana como um fator de instabilidade política regional, uma vez que a crescente aproximação de Cuba com a China e principalmente com a União Soviética – ainda mais depois do recente oferecimento de armas feito por este último país para auxiliar na defesa da Revolução Cubana – criava um temor associado à possibilidade de intervenção de potências extracontinentais nos assuntos relativos aos países do continente americano, aspecto que seria *“susceptible de quebrantar la unidad continental y de poner en peligro la paz y seguridad del hemisferio”*¹²⁷.

O referido documento declarava ainda que qualquer forma de totalitarismo era incompatível com os princípios da Carta da Organização dos Estados Americanos, cuja obediência assegurava aos países membros: soberania, unidade territorial e independência política. Além disso, embora não nominasse os países, a Declaração de São José proclamava que as controvérsias entre os Estados membros da OEA deviam ser resolvidas por meios pacíficos, em uma referência implícita aos antagonismos entre Cuba e Estados Unidos e à possibilidade de um enfrentamento militar que contasse com a participação da União Soviética.

Contrapondo-se ao teor da Declaração de São José da Costa Rica, o governo cubano realizou, em 02 de setembro de 1960, uma cerimônia – que contou com uma grande concentração popular, retoricamente denominada pelo próprio governo como

¹²⁶ Participaram da VII Reunião de Consulta de Ministros de Relações Exteriores os seguintes países, listados por ordem alfabética: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Estados Unidos, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Cf.: ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS. **Acta Final de la Séptima Reunión de los Ministros de Relaciones Exteriores**, San José, 22 a 29 de agosto de 1960. Washington, D.C., Secretaria General de la Organización de los Estados Americanos, 1960. Disponível em: <<http://www.oas.org/consejo/sp/RC/Actas/Acta%207.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2013. Presumivelmente, em virtude do conteúdo das resoluções adotadas, o ministro de Relações Exteriores de Cuba, Raúl Roa García, não assinou os documentos resultantes da referida reunião.

¹²⁷ Ibid., p. 244.

Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba – em que foi proferido um discurso com críticas veementes aos Estados Unidos e ao final do qual foi lido um documento que ficou conhecido como “Primeira Declaração de Havana”¹²⁸. Esse discurso, considerando-se aqui tanto o texto da Declaração quanto as longas considerações que lhe serviram de preâmbulo, representou, conforme anteriormente mencionado, um ponto de inflexão nas relações conflituosas entre Cuba e Estados Unidos, uma curva ascendente no antagonismo entre os dois países. Assim, antes mesmo do rompimento de relações diplomáticas, ocorrido em janeiro de 1961, a Primeira Declaração de Havana, datada de 02 de setembro de 1960, pode ser apontada como o principal marco simbólico do estabelecimento da inimizade entre Cuba e Estados Unidos.

As críticas feitas pelo governo cubano, até então moderadas e voltadas para a atuação de dirigentes dos Estados Unidos, radicalizaram-se e ganharam uma dimensão abertamente conflitiva, sendo dirigidas à “*penetración imperialista*” daquele país em Cuba. Em seu discurso na cerimônia em que foi lida a Primeira Declaração de Havana, Fidel Castro referiu-se ao imperialismo estadunidense como “*el enemigo principal del desarrollo y del progreso*” da pátria cubana, como “*una fuerza muy poderosa*” que se arrogou o direito, por meio da Emenda Platt, de intervir nos assuntos cubanos, tendo frustrado a plena independência do país. Não bastasse isso, o império passava a envidar esforços para fazer fracassar a Revolução Cubana. Depois das tentativas de promover a divisão interna e de desacreditar a Revolução diante da opinião pública internacional, os Estados Unidos teriam, de acordo com Fidel Castro, dado início a “*agresiones más o menos directas*”¹²⁹ contra Cuba e sua economia, em alusão à pressão exercida, em abril de 1960, pelo governo daquele país para que as três refinarias estadunidenses que atuavam na ilha caribenha não refinassem o petróleo bruto que Cuba havia adquirido, em troca de açúcar, junto à União Soviética; e também ao decreto assinado pelo presidente Dwight Eisenhower, em junho do mesmo ano, por meio do qual os Estados Unidos

¹²⁸ Em seu discurso, Fidel Castro afirmou que essa declaração era “*como una respuesta a la Declaración de Costa Rica, para contraponer a la declaración de los cancilleres la declaración de los pueblos, ¡la declaración que se llamará en la historia de América la Declaración de La Habana!*”. Id., **Discurso... 02 de septiembre de 1960...**, op. cit. Ainda no que diz respeito à denominação atribuída à referida declaração, como em 04 de fevereiro de 1962 teve lugar a “Segunda Declaração de Havana” – que consistiu em um ato de repúdio à expulsão de Cuba da OEA, ocorrida em 31 de janeiro de 1962, por ocasião da VIII Reunião de Consulta de Ministros de Relações exteriores em Punta del Este, Uruguai –, a declaração datada de 02 de setembro de 1960 passou a ser denominada “Primeira Declaração de Havana”.

¹²⁹ Id.

reduziram drasticamente a cota de importação do açúcar cubano, que havia sido estabelecida em acordos comerciais anteriormente firmados.

As diversas ações dos Estados Unidos, segundo Fidel Castro, evidenciavam o fato de que Cuba estava *“siendo víctima de una serie continuada de agresiones”* praticadas pelo *“imperio poderoso del norte”*. Neste sentido, a Declaração de São José da Costa Rica foi apontada, ela própria, como mais uma dessas agressões. O líder cubano referiu-se com bastante dramaticidade à reunião de chanceleres, da qual resultou a referida Declaração, afirmando que *“se estaba afilando allí el puñal que en el corazón de la patria cubana quiere clavar la mano criminal del imperialismo yanqui”*. Para o governo cubano, essa era uma manobra diplomática, um *“documento dictado por el imperialismo norteamericano”* com o intuito de condenar Cuba, quando, ao contrário, eram os Estados Unidos, sua política imperialista e todos os termos da Declaração de São José da Costa Rica que deveriam ser condenados, afinal, na contenda entre os dois países, Cuba era o *“país pequeño”, o “país víctima”,* ao passo que os Estados Unidos eram o *“poderoso país agresor”, o “imperio”, a “potencia agresora y guerrerista”*¹³⁰.

Com base nessa linha de raciocínio, todo o conteúdo do documento resultante da referida reunião de chanceleres deveria ser rechaçado. Nesse documento afirmava-se, por exemplo, que a garantia da soberania e da independência política dos Estados membros do sistema interamericano era decorrente de sua obediência às disposições da Carta da OEA. Todavia, essas disposições não tinham sido capazes de defender Cuba *“de los planes de los contrarrevolucionarios que se gestan allí en territorio norteamericano, de las expediciones que se organizan (...), de los atentados terroristas, de las bombas y de cuanto acto de perturbación inspira, prepara y paga el Departamento de Estado yanqui”*¹³¹.

A acusação de que a União Soviética e a China estavam influenciando a Revolução Cubana e utilizando-a para se intrometerem nos assuntos internos do continente americano foi, contudo, o alvo das principais críticas feitas pelo governo cubano ao *“documento ditado”* pelos Estados Unidos e à política deste país para a América Latina. Contrapondo-se a essa acusação, Fidel Castro argumentou que as únicas influências e intervenções externas exercidas não apenas em Cuba, mas também nos demais países do

¹³⁰ Id.

¹³¹ Id.

continente, eram aquelas decorrentes do imperialismo dos Estados Unidos, único país ao qual se poderia atribuir a culpa pela Revolução, uma vez que ela era *“la respuesta cabal de Cuba a los crímenes y las injusticias instaurados por el imperialismo en América”*¹³². Confrontando os interesses estratégicos dos Estados Unidos e criticando as pretensões de domínio deste país sobre o continente, consubstanciadas no que julgou ser um intento de preservar a Doutrina Monroe, o governo cubano, que já possuía relações diplomáticas com a União Soviética, manifestou sua intenção de estabelecer relações diplomáticas também com a República Popular da China¹³³ e com todos os demais países socialistas, ratificando a sua autodenominada *“política de amistad con todos los pueblos del mundo”*¹³⁴. Além disso, o líder cubano declarou que, em caso de invasão de seu território por forças militares dos Estados Unidos, aceitaria a ajuda dos mísseis que tinham sido recentemente oferecidos pela União Soviética. Cuba valia-se, desse modo, de sua importância estratégica em um contexto de Guerra Fria para orientar sua política externa no sentido de firmar alianças com grandes potências que pudessem auxiliá-la econômica e militarmente em um período no qual se intensificavam as divergências e hostilidades entre o governo revolucionário e os Estados Unidos.

A decisão de estreitar relações com a União Soviética e com a China ainda foi utilizada pelo governo revolucionário para afirmar que a nação cubana exercia efetivamente sua soberania, que determinava os rumos tanto de sua política interna quanto de sua política externa sem qualquer tipo de ingerência de outro país, orgulhando-se, pois, de constituir-se em *“territorio libre de América”*. Ao mesmo tempo em que partia em defesa dos princípios do nacionalismo, o governo cubano apresentava a Revolução como o processo histórico que tinha sido responsável por libertar o país caribenho da anterior sujeição ao imperialismo dos Estados Unidos. Isso teria conferido a Cuba *“el destino de ser el faro que ilumine a los millones y millones de hombres y mujeres igual que nosotros, que en la América sufren hoy lo mismo que nosotros sufríamos ayer!”* e explicaria o empenho dos Estados Unidos em ver destruído o exemplo da Revolução

¹³² Id.

¹³³ Ao mesmo tempo em que anunciava o propósito de estabelecer relações diplomáticas com a República Popular da China, Cuba declarava também o rompimento de relações com Taiwan (país conhecido também sob outras denominações: República da China; Ilha Formosa), cujo regime político foi adjetivado de “títere”, em decorrência do apoio que recebia dos Estados Unidos.

¹³⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso... 02 de septiembre de 1960...**, op. cit.

Cubana. Atribuindo-se o papel de indicar o caminho e contribuir para que os outros países do continente também se livrassem do jugo do imperialismo, o governo cubano reafirmava o direito das nações à plena soberania e condenava a longa trajetória da política intervencionista exercida pelos Estados Unidos, criticando-a nos seguintes termos:

Esa intervención, afianzada en la superioridad militar, en tratados desiguales y en la sumisión miserable de gobernantes traidores, ha convertido, a lo largo de más de cien años, a nuestra América, la América que Bolívar, Hidalgo, Juárez, San Martín, O'Higgins, Sucre, Tiradentes y Martí, quisieron libre, en zona de explotación, en traspatio del imperio financiero y político yanqui, en reserva de votos para los organismos internacionales, en los cuales los países latinoamericanos hemos figurado como arrias del "Norte revuelto y brutal que nos desprecia"¹³⁵.

Essa crítica era extensiva também aos governantes dos países da América Latina que se submetiam às práticas intervencionistas dos Estados Unidos, pois, de acordo com Fidel Castro, a aceitação do domínio imperialista por parte desses governantes traía os ideais independentistas de seus povos, eliminava sua soberania e impedia a verdadeira solidariedade entre os países latino-americanos. Diante disso, a Assembleia Geral Nacional do Povo de Cuba, reunida para votar a Declaração de Havana, reivindicava *"el acento liberador de los próceres inmortales de nuestra América"* e proclamava o latino-americanismo em oposição *"al hipócrita panamericanismo que es solo predominio de los monopolios yanquis sobre los intereses de nuestros pueblos y manejo yanqui de gobiernos prosternados ante Washington"*¹³⁶.

A análise da Primeira Declaração de Havana permite, pois, considerá-la como um importante marco das relações antagônicas entre Cuba e Estados Unidos, uma vez que nela estão presentes as principais bases sobre as quais se dá o processo de construção da imagem dos Estados Unidos como o principal inimigo da Revolução e, conseqüentemente, da nação cubana, a saber: a crítica ao imperialismo estadunidense; a defesa do nacionalismo cubano, assente em princípios como a autodeterminação dos povos e o respeito à soberania nacional; a defesa do latino-americanismo; e a adoção da

¹³⁵ Id. A expressão *"Norte revuelto y brutal que nos desprecia"* remete a uma frase de José Martí e, desde então, foi reiteradamente utilizada por Fidel Castro em seus discursos.

¹³⁶ Id.

condição de vítima para a nação cubana, ao passo que os Estados Unidos figuram como o império agressor. Esses aspectos estão presentes não apenas na construção, mas também na gestão da inimizade com os Estados Unidos, que passou a ser utilizada pelo regime cubano como uma estratégia de legitimação fundamental para o estabelecimento de uma identidade e uma memória para a experiência revolucionária e, a um só tempo, para a nação cubana.

2.2- Nação versus império: identidades e memórias no front de uma assimétrica guerra bilateral

No relato oficial empreendido pelo governo revolucionário, a identidade da nação e do povo cubano é construída em contraste com a indispensável alteridade do principal inimigo: os Estados Unidos. Os discursos do regime cubano referem-se reiteradamente a aspectos culturais que incompatibilizam os dois países, enfatizando as diferenças existentes não apenas em relação à língua, mas principalmente a valores, costumes e mentalidades. Qualquer que seja o aspecto considerado, os Estados Unidos figuram sempre como o “outro”, possuindo características que o distanciam daquilo que tem sido representado como a realidade da Cuba revolucionária.

Contudo, mais do que por meio de simples diferenciações, é a partir da longa trajetória de antagonismos e embates com os Estados Unidos que se busca construir a identidade nacional cubana. Nesse processo de construção identitária, o governo revolucionário empreende uma espécie de genealogia das relações conflituosas entre os dois países. Para isso, remonta ao período das guerras de independência de Cuba contra o domínio colonial espanhol¹³⁷, referindo-se mais precisamente ao último ano da guerra,

¹³⁷ As guerras de independência de Cuba tiveram as seguintes etapas: a “*Guerra de los Diez Años*” ou “*Guerra Grande*” (10/10/1868 - 10/02/1878); a “*Guerra Chiquita*” (24/08/1879 - 03/12/1880); e a “*Guerra Necesaria*” ou “*Guerra del 95*” (24/02/1895 - 10/12/1898). Sobre as guerras de independência, cf.: IBARRA, Jorge. **Historia de Cuba**: las luchas por la independencia nacional y las transformaciones estructurales (1868-1898). La Habana: Editora Política, 1996. A versão oficial do governo cubano para as guerras de independência pode ser consultada em sua enciclopédia on-line: <http://www.ecured.cu/index.php/EcuRed:Enciclopedia_cubana>.

1898, quando se deu o envolvimento dos Estados Unidos no conflito¹³⁸. De acordo com o governo cubano, a participação dos Estados Unidos na etapa final da guerra consistiu em uma manifestação de suas pretensões imperialistas em relação a Cuba¹³⁹.

No período compreendido entre a independência cubana, que ocorreu com a assinatura, em 10 de dezembro de 1898, do Tratado de Paris – documento firmado pelos Estados Unidos e pela Espanha, por meio do qual o reino espanhol renunciou a seus direitos de soberania e propriedade sobre sua, desde então, ex-colônia caribenha – e a instauração da República no país, ocorrida em 20 de maio de 1902, Cuba foi ocupada militarmente e converteu-se em uma espécie de protetorado dos Estados Unidos¹⁴⁰. Buscando estender o seu poder de tutela ao período que se seguiria à retirada de suas tropas militares do território cubano, os Estados Unidos conseguiram aprovar a inclusão, em 12 de junho de 1901, de uma emenda à primeira Constituição da República de Cuba. Tratou-se da Emenda Platt, por meio da qual, entre outras prerrogativas, os Estados Unidos: asseguraram para si o direito de intervir militarmente no país para preservar a independência de Cuba e manter um Governo adequado à proteção das vidas, propriedades e liberdades individuais; determinaram limitações ao exercício da política externa cubana; e estabeleceram a venda ou arrendamento de porções do território cubano, a serem posteriormente definidas, para a instalação de bases navais estadunidenses. Conforme previsto em um de seus artigos, todas as disposições da

¹³⁸ A intervenção dos Estados Unidos na guerra de independência cubana teve curta duração. A causa imediata foi a explosão do *Maine*, um navio militar estadunidense, ocorrida no Porto de Havana, em fevereiro de 1898, e que resultou na morte de cerca de 260 tripulantes. Embora na investigação que se seguiu ao acontecimento não tenham sido determinados os culpados, os Estados Unidos atribuíram a explosão a um ato de sabotagem dos espanhóis e, em retaliação, a Marinha estadunidense impôs um bloqueio naval a Cuba. No mês de abril, pouco mais de dois meses após a explosão do *Maine*, ocorreu a declaração de guerra entre Espanha e Estados Unidos. Os enfrentamentos militares, que consistiram fundamentalmente em uma batalha naval, concentraram-se entre os meses de junho e julho, resultando na rendição das tropas espanholas e na assinatura de um armistício. O término oficial da guerra ocorreu em 10/12/1898 com a assinatura do Tratado de Paris. Convém ressaltar que essa guerra foi além da simples intervenção dos Estados Unidos na luta independentista de Cuba contra a Espanha. Transformou-se em uma “Guerra Hispano-Americana”, que teve duas frentes de luta principais – uma delas no Caribe e a outra no Oceano Pacífico – e resultou na perda das últimas possessões coloniais do império espanhol – Cuba, Porto Rico, Filipinas e Ilha de Guam –, que passaram, em condições e períodos diversos, ao domínio dos Estados Unidos. Cf.: GOTT, Richard, op. cit., p. 117-124; SCHOUTS, Lars. O estabelecimento do império: Cuba e a guerra contra a Espanha. In: **Estados Unidos: poder e submissão. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina.** Bauru: EDUSC, 2000, p. 151-178.

¹³⁹ Esse ponto de vista acerca das pretensões imperialistas dos Estados Unidos não é, porém, exclusivo do governo cubano. Ver, por exemplo: McCALLUM, Jack. **Leonard Wood: Rough Rider, Surgeon, Architect of American Imperialism.** New York: New York University Press, 2006.

¹⁴⁰ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 34-35.

emenda foram incluídas em um Tratado Permanente de Relações entre Cuba e Estados Unidos, que foi firmado em 1903 e fixou o arrendamento da Base Naval de Guantánamo¹⁴¹. A Emenda Platt manteve-se até o ano de 1934, quando, depois de pouco mais de três décadas de vigência, um novo Tratado de Relações entre Cuba e Estados Unidos – que foi firmado durante a presidência de Franklin D. Roosevelt, no contexto de sua política de “boa vizinhança”¹⁴² com os demais países do continente americano – a revogou, mantendo, porém, a cláusula relativa à Base Naval de Guantánamo.

O envolvimento dos Estados Unidos na etapa final da guerra de independência cubana, as seguidas intervenções e ingerências políticas que tiveram lugar em Cuba com base nos artigos da Emenda Platt, e a cessão de parte do território do país para a instalação de uma base militar estadunidense são alguns dos acontecimentos que fizeram com que surgisse no discurso nacionalista do país caribenho o argumento em torno da frustração dos cubanos em relação à sua plena independência e às circunstâncias em que foi instaurada a República. Essa ideia da frustração republicana, conforme mencionado no capítulo anterior, foi forjada durante as primeiras décadas do século XX por meio das produções discursivas de grupos intelectuais e políticos de Cuba, país onde – assim como ocorreu com outras nações da América Latina, como o Brasil, por exemplo – não se cumpriram a contento os sonhos e projetos do ideário republicano. Há, porém, uma característica que, ainda que não lhe seja exclusiva, é particularmente acentuada no caso cubano: a primazia com que é atribuída aos Estados Unidos a culpa pelos males republicanos comparativamente às críticas que são feitas a práticas políticas da elite dirigente cubana. Neste sentido, como destaca o historiador Rafael Rojas, *“el nexo traumático con los Estados Unidos”* converteu-se em um tema central da historiografia sobre o período republicano em Cuba, cujas análises enfatizam recorrentemente o argumento da soberania *“insuficiente”* ou *“inconclusa”*¹⁴³ e o caráter neocolonial da República.

Quando levados em consideração tanto os acontecimentos que marcaram as primeiras décadas da história independente de Cuba quanto as interpretações já

¹⁴¹ A esse respeito, cf.: <http://www.ecured.cu/index.php/Base_Naval_de_Guantánamo>. Acesso em: 28 mar. 2013.

¹⁴² Sobre a política externa dos Estados Unidos no século XX, ver: SCHULZINGER, Robert. **U.S. Diplomacy since 1900**. 4. ed. New York: Oxford University Press, 1998.

¹⁴³ ROJAS, Rafael. *Isla sin fin...*, op. cit., p. 75.

existentes na tradição intelectual do país, vê-se que os líderes da Revolução Cubana puderam dispor de excelentes matérias-primas para as suas diversas construções simbólicas, notadamente no que diz respeito à imagem do inimigo da nação. De forma muito hábil, Fidel Castro apropriou-se desses acontecimentos e interpretações do passado, utilizando-os e, quando necessário, adequando-os para produzir a narrativa oficial da história cubana em consonância com a perspectiva teleológica da experiência revolucionária.

Na construção da imagem do inimigo da pátria cubana, o governo revolucionário recorre a uma genealogia das relações com os Estados Unidos, por meio da qual apresenta a trajetória da dominação imperialista a que a ilha caribenha foi submetida no período pré-revolucionário, de modo que o povo cubano pudesse conhecer os seus “opressores históricos”¹⁴⁴. Para isso, o ponto de partida da rememoração é a última guerra de independência cubana, que *“se vio trágicamente interrumpida con la intervención militar de Estados Unidos y el establecimiento del bochornoso status de dominio neocolonial yanki, legalizado por la odiosa Enmienda Platt”*¹⁴⁵.

Em suas críticas ao imperialismo estadunidense, o governo cubano, mais do que apenas evocar esses acontecimentos associados ao início da fase independente do país, busca enfatizar o que representou – em termos políticos, econômicos, sociais e culturais – todo o período desse domínio neocolonial que lhe foi imposto. Desse modo, em seus sucessivos discursos, os líderes revolucionários retratam os Estados Unidos como o país que: desrespeitou os interesses e a soberania da nação cubana, ocupando o seu território com uma base militar e adotando medidas intervencionistas em relação à política do país; dominou a economia cubana, apoderando-se de riquezas naturais, explorando trabalhadores e praticando monopólios; exerceu influências corruptoras sobre a sociedade, introduzindo o vício, o jogo, e a prostituição no país; e empenhou-se em destruir os valores históricos da nacionalidade cubana, por meio de um processo de imposição cultural e doutrinação reacionário. Referindo-se às diversas práticas imperialistas, Fidel Castro afirmou que elas *“redujeron prácticamente a cero”*¹⁴⁶ a

¹⁴⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1973...**, op. cit.

¹⁴⁵ Id., **Discurso... 26 de julio de 1983...**, op. cit.

¹⁴⁶ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto por el Aniversario 50 del Asalto a los cuarteles Moncada y Carlos Manuel de Céspedes,**

soberania da nação cubana. Em outro discurso, dirigiu-se ao povo para, em um raro exercício de síntese, declarar que em Cuba “*todo lo malo viene del Norte!*”¹⁴⁷.

Mesmo no pós-1959, todo o mal que chegava a Cuba continuava sendo proveniente do “Norte”. De acordo com o governo revolucionário, depois de terem frustrado a plena independência da nação cubana, convertendo-a em um domínio neocolonial, os Estados Unidos tentavam destruir a Revolução, uma vez que esta, além de ter marcado uma ruptura em relação ao período do jugo imperialista sobre a ilha caribenha, constituía-se em um perigoso exemplo para os demais países da América Latina. O triunfo revolucionário tinha posto fim ao domínio imperialista, mas, em contrapartida, desencadeado uma política de agressões do império contra Cuba. Por isso, apesar da importância da evocação da fase da República neocolonial, é principalmente a partir das relações conflituosas mantidas com os Estados Unidos no decorrer da experiência revolucionária que são construídas, como partes integrantes de um mesmo processo, as imagens da nação cubana e de seu principal inimigo.

É justamente a política de agressões dos Estados Unidos para destruir a Revolução que é priorizada no discurso oficial do regime cubano. Na cerimônia, ocorrida em 16 de abril de 1961, em homenagem às vítimas de um bombardeio realizado na véspera por aviões procedentes dos Estados Unidos, Fidel Castro declarou a finalidade pedagógica presente em sua intenção de esclarecer as estratégias e ardis utilizados pelo inimigo:

*(...) para que quede una constancia histórica, para que nuestro pueblo aprenda de una vez y para siempre, y para que puedan aprender aquella parte de los pueblos de América a los que pueda llegar, aunque solo sea un rayo de luz de la verdad, le voy a explicar al pueblo, les voy a enseñar cómo proceden los imperialistas*¹⁴⁸.

À medida que transcorria a experiência revolucionária, acumulavam-se as denúncias dos atos agressivos praticados pelos Estados Unidos. A afirmação de que todos os males que atingiam Cuba eram causados pelo “Norte” foi ganhando, com o passar do

efectuado en Santiago de Cuba, el 26 de julio del 2003. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2003/esp/f260703e.html>>. Acesso em: 25 set. 2009.

¹⁴⁷ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura de los actos celebrados en Playa Girón, península de Zapata, el 27 de julio de 1961**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f270761e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

¹⁴⁸ Id., **Discurso... 16 de abril de 1961...**, op. cit.

tempo, os mais diversos exemplos: alguns comprovados; outros apenas supostos ou ainda originados em teorias conspiratórias. Reiteradas vezes, Fidel Castro listou as agressões cometidas pelos Estados Unidos, as quais, segundo seu ponto de vista, apoiavam-se comumente em planos “tenebrosos”. Neste sentido, afirmou:

Contra nuestro pueblo se centró todo el odio del imperio yanki. Un bloqueo implacable que dura ya casi dos décadas fue impuesto a nuestra patria, una base militar extranjera se ha mantenido en nuestro país con insolente desprecio a la voluntad y soberanía nacional. Conspiraciones, conjuras, sabotajes y agresiones de todo tipo se sucedieron durante muchos años. Tenebrosos planes de eliminación física de los líderes de la Revolución, hoy reconocidos públicamente por los propios autores, fueron elaborados y puestos en práctica por las más altas autoridades de Estados Unidos. No hubo medios, procedimientos, recursos, por ilícitos y sucios que fuesen, que no hayan sido utilizados contra nuestro país. Enfermedades y plagas capaces de aniquilar plantas y animales útiles fueron introducidas por los imperialistas en nuestra tierra¹⁴⁹.

Em outra ocasião, referindo-se também retrospectivamente à longa trajetória de agressões a que Cuba vinha sendo submetida, o líder da Revolução repetiu alguns dos aspectos anteriormente mencionados, mas ofereceu novos exemplos do que ele denominou de métodos ilícitos e sujos utilizados pelo império:

Sabemos los tenebrosos planes imperialistas contra nuestro país en la década del 60: sabotajes a la economía, plagas contra las plantas y los animales, defoliantes de la caña, interrupción de las lluvias bombardeando las nubes con productos químicos antes de que llegaran a nuestro país, bacterias contra el azúcar, etcétera, atentados personales contra dirigentes de la Revolución, tabacos envenenados, hongos en la ropa para ocasionar enfermedades mortales, mercenarios contratados en la mafia, fusiles de mirillas telescópicas, balas envenenadas, etcétera, etcétera¹⁵⁰.

Ainda neste discurso, que foi proferido na cerimônia comemorativa do 26 de julho, no ano de 1981, Fidel Castro insistiu nas acusações com forte caráter conspiratório ao insinuar que os Estados Unidos, por meio de sua Agência Central de Inteligência, engendraram uma guerra biológica contra Cuba, sendo tidos como suspeitos pela introdução de algumas enfermidades na ilha caribenha, dentre as quais a recente

¹⁴⁹ Id., *Discurso... 26 de julio de 1978...*, op. cit.

¹⁵⁰ Id., *Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto central con motivo del XXVIII Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, celebrado en Las Tunas, el 26 de julio de 1981, "Año del XX Aniversario de Girón"*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1981/esp/f260781e.html>>. Acesso em: 7 set. 2009.

epidemia de dengue hemorrágica que tinha acometido o país. A esse respeito, expressou-se nos seguintes termos: *“albergamos la profunda sospecha de que las plagas que han azotado a nuestro país y especialmente el dengue hemorrágico, pueden haber sido introducidas en Cuba por la CIA”*¹⁵¹.

Todos os atos agressivos associados aos Estados Unidos – não importando se eles tinham sido efetivamente praticados ou tão somente supostos – foram utilizados pelo governo revolucionário para construir significados em torno da nação cubana e de seu principal inimigo, mantendo assim a lógica da confrontação a que comumente recorria para compor as identidades dos dois países litigantes. Neste sentido, um dos acontecimentos mais evocados pelo regime cubano foi a fracassada invasão da Baía dos Porcos, ocorrida entre 17 e 19 de abril de 1961. Esse episódio, denominado na história oficial cubana como *“victoria de Playa Girón”*, tem sua simbologia intensamente explorada pelo governo revolucionário. Ainda que, conforme mencionado anteriormente, não tenha sido um confronto militar direto contra tropas estadunidenses, a vitória de *Girón* foi interpretada pelo regime cubano como *“la primera derrota del imperialismo yanqui en América”*¹⁵². Para rememorar esse feito tido como heroico, o governo revolucionário criou a condecoração *“Orden Nacional de Playa Girón”*¹⁵³ para homenagear a todos aqueles que se destacassem, entre outros aspectos, na luta contra o colonialismo e o imperialismo.

O termo *“Girón”* passou a ser utilizado como uma espécie de marco na luta contra o imperialismo e também como sinônimo de qualquer derrota que pudesse ser imposta aos Estados Unidos. Foi assim, por exemplo, durante uma das experiências do internacionalismo revolucionário cubano na África: a sua participação na guerra civil angolana¹⁵⁴. Referindo-se ao apoio prestado por Cuba ao Movimento pela Libertação de

¹⁵¹ Id.

¹⁵² Id., *Discurso... 26 de julio de 1978...*, op. cit.

¹⁵³ Id., *Discurso... 26 de julio de 1961...*, op. cit.

¹⁵⁴ Em 1975, Angola tornou-se independente de Portugal, mas a conquista da independência não trouxe estabilidade ao país, que, desde então, mergulhou em uma intensa guerra civil. Três movimentos de libertação nacional passaram a lutar entre si pelo controle do poder em Angola. Foram eles: o MPLA (Movimento para a Libertação de Angola); a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola); e a UNITA (União Nacional pela Independência Total de Angola). Logo a guerra civil angolana passou a contar com a presença de atores externos, ficando a composição de forças estabelecida do seguinte modo: de um lado, estava o MPLA que contava com o apoio da União Soviética, de Cuba e da SWAPO (*South-West Africa People's Organization*) e, de outro lado, a coalizão UNITA-FNLA que contava com o apoio dos Estados

Angola (MPLA), liderado por Agostinho Neto, na luta contra a coalizão de forças apoiadas pelos Estados Unidos, Fidel Castro apresentou a vitória de *Girón* como precursora de outras vitórias sobre o império. Afirmou que, em sua luta contra o imperialismo em *Girón*, os cubanos estavam “*creando también las condiciones para que un día angolanos y cubanos juntos les infligiéramos a los imperialistas un Girón africano*”¹⁵⁵.

Antes mesmo da vitória de *Playa Girón*, Fidel Castro tinha interpretado a luta da Revolução Cubana contra o imperialismo como “*la lucha de David contra Goliat: la lucha del pueblo pequeño contra el gigante imperialista cuyas largas manos alcanzan a pueblos de todos los continentes del mundo*”. Ele recorreu a essa conhecida imagem bíblica em um discurso em que declarava que, para defender a Revolução, estava disposto a enfrentar o que fosse necessário e, além disso, enfatizava a força de seu inimigo. Neste último aspecto, segundo sua avaliação, talvez estivesse “*el mayor mérito que la historia reconozca a nuestra Revolución; que no se enfrenta a un enemigo pequeño, sino a un enemigo muy poderoso*”¹⁵⁶.

A interpretação do episódio de *Playa Girón* como uma vitória contra os Estados Unidos seria muito útil no decorrer da experiência revolucionária, uma vez que era evocada para demonstrar ser possível vencer o poderoso inimigo, afinal, segundo afirmara Fidel Castro, a luta da Revolução Cubana havia deixado de ser “*una lucha dentro del marco nacional, para convertirse en una lucha de los intereses de la nación contra los intereses del imperialismo*”¹⁵⁷.

Outro aporte da vitória de *Playa Girón* para as estratégias de legitimação da Revolução estava no fato de ser utilizada como mais um dos pioneirismos de que se orgulhava o regime cubano, uma vez que estava relacionada à confrontação com os

Unidos, da África do Sul e do Zaire. Os confrontos militares entre os dois grupos permaneceram incessantes durante anos. Uma alteração neste quadro ocorreu apenas, em 1988, com a batalha de Cuito Cuanavale, quando as tropas cubano-angolanas, auxiliadas pela SWAPO – o exército de libertação da Namíbia –, derrotaram as tropas sul-africanas. Cf.: GEORGE, Edward. **The Cuban Intervention in Angola (1965-1991): from Che Guevara to Cuito Cuanavale**. Abingdon: Frank Cass, 2005.

¹⁵⁵ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto conmemorativo del XXIII Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, celebrado en Pinar del Rio, el 26 de julio de 1976, "Año del XX Aniversario del Granma"**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1976/esp/f260776e.html>>. Acesso em: 4 set. 2009.

¹⁵⁶ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el desfile efectuado en la Plaza Cívica, el 2 de enero de 1961**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f020161e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

¹⁵⁷ Id.

Estados Unidos. Recorrentemente, o governo revolucionário jactava-se do fato de Cuba – que havia sido o último país a tornar-se independente da Espanha – ter conseguido, em decorrência da Revolução, ser *“el primero en independizarse del imperialismo yanqui en este hemisferio, ¡el primero!, y el primero en llevar a cabo una revolución socialista”*¹⁵⁸. Após os enfrentamentos ocorridos em *Playa Girón*, Cuba ampliou a sua lista de pioneirismos, pois, conforme a interpretação de Fidel Castro, havia se tornado também o primeiro país da América a infligir uma derrota ao imperialismo.

Todas essas considerações acerca dos pioneirismos e façanhas da Revolução eram sempre acompanhadas pela afirmação de que Cuba estava apenas a 90 milhas dos Estados Unidos. Essa proximidade geográfica em relação aos Estados Unidos era entendida, por um lado, como algo que reforçava a proeza dos cubanos, uma vez que estes tiveram a audácia de fazer uma revolução e construir o socialismo no *“patio trasero”*¹⁵⁹ do gigante imperialista, mas, por outro lado, era utilizada também para explicar o ódio nutrido pelo inimigo e o seu empenho em destruir a Revolução.

Como as medidas adotadas pelos Estados Unidos não estavam sendo capazes de conter o avanço da Revolução, tornaram-se mais intensos, notadamente após a fracassada invasão dissidente à Baía dos Porcos, os rumores de que Cuba poderia ser alvo de um ataque direto por parte das forças armadas estadunidenses. Esses rumores foram utilizados inclusive como pretexto para justificar a instalação, em outubro de 1962, de mísseis soviéticos em Cuba, resultando no episódio comumente designado pela historiografia internacional como *“crise dos mísseis”*, mas que a história oficial cubana prefere denominar de *“crise de outubro”*¹⁶⁰. No decorrer de pouco mais de cinquenta anos da experiência revolucionária, o país caribenho não sofreu nenhuma invasão ou ataque militar dos Estados Unidos e poucos parecem ter sido os momentos que, efetivamente, reuniram condições para que a concretização desse ataque pudesse ser considerada como algo plausível. Contudo, o argumento de que Cuba estava sob a permanente ameaça de um ataque inimigo foi habilmente explorado pelos líderes

¹⁵⁸ Id., **Discurso... 26 de julio de 1988...**, op. cit.

¹⁵⁹ Id., **Discurso... 26 de julio de 1993...**, op. cit.

¹⁶⁰ As razões estratégicas da União Soviética para instalar mísseis em Cuba, para além do argumento de auxiliar na defesa da Revolução, serão discutidas no capítulo 3.

revolucionários, revestindo-se de grande utilidade para as estratégias de legitimação do regime cubano.

Ainda que tenham existido variações na ênfase com que se considerou a iminência do ataque, conforme as circunstâncias históricas, a possibilidade de os Estados Unidos deflagrarem uma guerra contra Cuba esteve sempre presente no discurso oficial do governo revolucionário. Essa ameaça de guerra foi utilizada para justificar práticas do governo, bem como para reforçar determinadas exigências feitas ao povo cubano. Com base na ideia de que, a qualquer momento, os Estados Unidos poderiam fabricar um pretexto para uma agressão militar a Cuba, exigia-se que os cubanos estivessem preparados para defender a Revolução, o que, por sua vez, implicava fomentar entre o povo uma série de atributos: unidade, disciplina, consciência revolucionária, espírito de luta e disposição ao sacrifício.

Para fazer frente à ameaça de um ataque inimigo, o governo revolucionário empenhava-se em formar um povo uno e insistia na permanente necessidade de defesa da Revolução. Neste sentido, há duas expressões que sintetizam as exigências relativas à postura a ser adotada pelo povo cubano: era preciso que todos se mantivessem “*con la guardia en alto*” e que estivessem “*listos para vencer*”. A primeira delas constitui o lema dos Comitês de Defesa da Revolução – CDRs –, criados em 28 de setembro de 1960, com o intuito de “*implantar, frente a las campañas de agresiones del imperialismo, un sistema de vigilancia colectiva revolucionaria*”¹⁶¹. A segunda expressão está presente em um discurso no qual Fidel Castro, por ocasião de um ato comemorativo realizado em *Playa Girón*, poucos meses depois de as tropas do governo terem derrotado a invasão dissidente, destacava a importância da participação dos cubanos nas organizações de massa e nas atividades de defesa da Revolução, indicando o que era necessário ser feito para evitar que um ataque imperialista fizesse Cuba regressar ao passado pré-revolucionário:

(...) tenemos que luchar duro para vencer... tenemos que estar, no solamente en el deporte sino en la Revolución, "LPV" también, ¡listos para vencer también!, ¡listos para combatir!; por eso tenemos que estar

¹⁶¹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, a su llegada de la Organización de las Naciones Unidas, en la concentración frente a Palacio, el 28 de septiembre de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f280960e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

*preparados; por eso todo el que sea miliciano tiene que estar bien organizado y bien instruido, y adquirir disciplina, y adquirir preparación; y todo el que no sea miliciano, hacerse miliciano. Y, si no miliciano, del Comité de Defensa de la Revolución; si no, de la Asociación Campesina (...)*¹⁶².

Recorrentemente, o governo revolucionário estimulava a crença em uma vitória diante da constante ameaça de guerra contra os Estados Unidos, chegando até mesmo a afirmar, com certa dose de humor, que “*¡Ni Mandrake el Mago!*”¹⁶³ seria capaz de destruir a Revolução. Para que fosse possível assegurar a vitória revolucionária, preconizava-se a necessidade de os cubanos estarem dispostos ao sacrifício em nome da pátria. Fidel Castro considerava que, caso se concretizasse uma invasão estrangeira no país, a guerra só terminaria com a aniquilação total de um dos oponentes, não devendo haver sequer um prisioneiro de guerra. Por isso, dirigia-se aos seus potenciais invasores, advertindo-os:

*extranjero que invada nuestro país en son de guerra, sepa que tiene con nosotros una lucha a muerte; que nos maten, que mientras quede uno solo de nosotros, tendrá un enemigo que lo sabrá combatir nada más que en una guerra a muerte. Guerra a muerte es, sencillamente, guerra a muerte; no hay términos medios*¹⁶⁴.

Valendo-se dessa advertência, Fidel Castro estava, ao mesmo tempo, conclamando o povo cubano a cumprir o lema nacionalista com o qual ele tradicionalmente encerrava seus discursos: “*¡Patria o muerte!*”. Esse lema foi utilizado pela primeira vez em um contexto de progressiva intensificação do antagonismo com os Estados Unidos, mais precisamente no dia 05 de março de 1960, em uma cerimônia em homenagem às vítimas da explosão do navio *La Coubre*, ocorrida na véspera, no porto de

¹⁶² Id., **Discurso... 27 de julio de 1961...**, op. cit.

¹⁶³ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario y Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba, en la concentración en conmemoración del Onceno Aniversario del 26 de Julio, efectuada en la ciudad deportiva de Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1964.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f260764e.html>>. Acesso em: 24 abr. 2009. “Mandrake, o Mágico” – na versão original, em inglês, *Mandrake, the Magician* – foi um personagem de histórias em quadrinhos criado por Lee Falk e Phill Davis em 1934. Em virtude do sucesso, a trama recebeu adaptações para o cinema e para a TV. Os gibis de Mandrake foram publicados em diferentes países, incluindo o Brasil. Artigos sobre *Mandrake, el Mago* podem ser encontrados na revista *El Wendigo*, publicação especializada em gibis. Disponível em: <<http://www.elwendigo.net/>>. Acesso em: 7 abr. 2013.

¹⁶⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, resumiendo los actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza Cívica, 1º de mayo de 1961.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

Havana, e considerada como um ato de sabotagem patrocinado pelos Estados Unidos, uma vez que a embarcação transportava armas e munição para o governo cubano. Referindo-se à política de agressões perpetrada pelos imperialistas, Fidel Castro declarava que, diante dela, não havia alternativa que não fosse lutar – até a morte, se necessário – pela defesa da pátria:

*Y no solo que sabremos resistir cualquier agresión, sino que sabremos vencer cualquier agresión, y que nuevamente no tendríamos otra disyuntiva que aquella con que iniciamos la lucha revolucionaria: la de la libertad o la muerte. Solo que ahora libertad quiere decir algo más todavía: libertad quiere decir patria. Y la disyuntiva nuestra sería patria o muerte*¹⁶⁵.

O lema de Pátria ou Morte, comumente acompanhado pela afirmação de que a Revolução seguiria sua marcha vitoriosamente, passou, desde então, a ser cada vez mais utilizado pelo governo revolucionário. No discurso que serviu de preâmbulo ao texto da Primeira Declaração de Havana, após ter enfatizado o elevado grau de consciência revolucionária do povo cubano, que seria capaz de sacrificar-se por um ideal, Fidel Castro explicou o significado da expressão Pátria ou morte:

*¿Qué quiere decir ¡Patria o Muerte!? Quiere decir que a cualquiera de nosotros no le importa morir con tal de que su pueblo viva, de que su patria viva; que a ninguno de nosotros nos importa entregarle nuestra vida a la patria, para que la patria siga viviendo (EXCLAMACIONES DE: “¡Patria o Muerte!” “¡Venceremos!”). Y, ¿por qué el pueblo dice ¡Venceremos!? El pueblo dice ¡Venceremos!, porque aun cuando muchos de nosotros podamos caer, porque aunque individualmente muchos compatriotas si la patria lo exige den su vida en sacrificio, ello quiere decir que no la dan en balde, la dan ¡para que la patria triunfe! Y por eso cada uno de nosotros dice: ¡Patria o Muerte! Y el pueblo dice: ¡Venceremos!, la patria dice: ¡Venceremos!*¹⁶⁶.

A determinação de lutar até a morte para defender a pátria continuou sendo reiterada no decorrer da experiência revolucionária. Aludindo à permanente ameaça de um ataque por parte dos Estados Unidos, Fidel Castro declarou que, “*en una guerra patriótica contra un agresor*”, Cuba empregaria tanto a guerra regular quanto a guerra

¹⁶⁵ Id., **Palabras pronunciadas por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en las honras fúnebres de las víctimas de la explosión del barco “La Coubre”, en el Cementerio de Colón, el 5 de marzo de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f050360e.html>>. Acesso em: 17 abr. 2009.

¹⁶⁶ Id., **Discurso... 02 de septiembre de 1960...**, op. cit.

irregular, defendendo-se *“con las técnicas de la lucha guerrillera en todas partes”* e, além disso, enfatizou a tenacidade que os cubanos deveriam demonstrar nas lutas em defesa da pátria e da Revolução, afirmando que *“hay una palabra absolutamente prohibida en la terminología revolucionaria: derrota; y por tanto, sinónimo de derrota: rendición. Pero algo más, hay una frase que por una cuestión de profundos principios estará abolida siempre de la terminología de esta Revolución, y es la frase: ‘Alto al fuego’”*¹⁶⁷. Acrescentou ainda que essa era uma ordem que jamais deveria ser obedecida pelos cubanos e que quem pronunciasse essa frase seria considerado traidor.

Parte integrante dessa terminologia bélica, os lemas revolucionários atestam a importância da figura do inimigo da pátria na construção da identidade revolucionária, uma vez que, em sua maioria, eles foram forjados em virtude dos usos, pelo regime cubano, da ameaça de uma guerra contra os Estados Unidos. Os lemas são importantes instrumentos a serviço da ideologia revolucionária, pois se constituem em uma espécie de síntese capaz não apenas de fixar princípios, mas principalmente de impulsionar ações. Em meio a seus extensos discursos, a repetição de alguns poucos vocábulos pelo governo revolucionário tinha o poder de fazer lembrar ao povo cubano o que lhe tinha sido prescrito e também interdito em caso de um ataque inimigo: defender a pátria até a morte; acreditar na vitória; estar de prontidão para a luta; manter-se sempre com a guarda levantada; jamais cessar fogo e tampouco se render. Constitutiva da própria gestão da ameaça de guerra, a afirmação desses princípios pelo regime cubano consistia em uma estratégia para manter o entusiasmo revolucionário do povo em face tanto de um conflito armado quanto de quaisquer outras condições adversas. Além disso, ao determinar como um revolucionário deveria agir e quais valores morais teriam que pautar a sua conduta, o regime estava definindo também o que era “ser cubano”, uma vez que todos aqueles que possuíam alguma característica que não correspondia aos requisitos estabelecidos para um revolucionário ou então que não manifestavam apoio incondicional à Revolução tinham a sua cubanidade negada, sendo apontados como traidores da pátria.

A imagem construída acerca do principal inimigo da nação cubana fez com que os lemas revolucionários associados ao antagonismo com os Estados Unidos não ficassem

¹⁶⁷ Id., *Discurso... 26 de julio de 1967...*, op. cit.

restritos aos dirigentes da Revolução. Também o público presente nas cerimônias comemorativas entoava lemas que evidenciavam os conflitos e a inimizade entre os dois países, tais como: "*¡Cuba sí, yankis no!*"; "*¡Fidel, seguro, a los yankis dales duro!*"; "*Fidel, Fidel, qué tiene Fidel, que los americanos no pueden con él*"; "*Fidel, aprieta, que a Cuba se respeta*"; "*¡Pin, pon, fuera, abajo Caimanera!*"; "*¡Comandante en Jefe, ordene!*"; "*¡Pa' lo que sea, Fidel, pa' lo que sea!*"; "*¡Somos socialistas, pa'lante y pa'lante, y al que no le guste que tome purgante!*"¹⁶⁸. Essas frases populares traduzem, em alguma medida, o apoio à postura de Fidel Castro em relação aos Estados Unidos, além de ecoarem críticas dirigidas a este país, como, por exemplo, na referência feita à Caimanera – município onde está localizada a base naval de Guantánamo –, que consistia em uma manifestação de protesto à ocupação do território cubano por forças militares estadunidenses. Os lemas revolucionários entoados pelo povo – ainda que não ofereçam condições para que se saiba a respeito da autonomia de seus autores em relação ao governo e tampouco para que se mensure o grau de adesão popular – são indicativos da presença da figura do inimigo da nação no imaginário social cubano e, conseqüentemente, de sua importância para a construção da identidade revolucionária.

Contudo, a figura do inimigo da nação não foi útil somente para reforçar as exigências feitas ao povo cubano no que diz respeito a princípios morais e modos de agir. Ela serviu também para justificar determinadas práticas do governo revolucionário, notadamente os investimentos na área de defesa nacional, que refletiam o processo de militarização do país. A permanente ameaça de uma guerra contra os Estados Unidos foi apresentada como justificativa, por exemplo, das medidas de exceção que marcaram a política repressiva do regime em relação aos opositores, mas também foi útil para explicar fragilidades econômicas de Cuba e principalmente a necessidade de priorizar as ações voltadas para a defesa militar em detrimento de outras políticas de governo. Acerca desse último aspecto, Fidel Castro afirmou:

¹⁶⁸ Como a maior parte desses lemas repete-se exaustivamente nos sucessivos discursos das comemorações das efemérides revolucionárias, são indicadas a seguir algumas datas de discursos que, tomados em conjunto, permitem localizar todos os lemas citados: 02/09/1960; 26/07/1964; 26/07/1980. Cf.: Id., **Discursos e intervenciones del Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

Hay que pensar la energía que el pueblo tiene que invertir cavando trincheras, entrenando hombres, custodiando los puntos estratégicos; obreros de la construcción dedicados a hacer túneles, a hacer trincheras, a hacer fortificaciones, cuando todo el mundo sabe que nuestro deseo más caro, nuestro anhelo más ferviente es que todos los cubanos estuvieran haciendo escuelas, haciendo fábricas, haciendo casas, invirtiendo su energía y sus recursos en bien del pueblo, porque nosotros no somos un país guerrerrista. ¡Allá los yankis que gasten más de la mitad de su presupuesto en inútiles armamentos que solo sirven para destruir y para matar y para amenazar al mundo! Nosotros no somos un país guerrerrista, ni guerrerófilos; nosotros somos un país que sencillamente nos vemos obligados a invertir esa energía humana y esos recursos por culpa de los imperialistas¹⁶⁹.

Na argumentação em torno da necessidade de fortalecer a defesa da nação em face da política belicista do império, manifestam-se duas características que são recorrentes no discurso oficial do governo revolucionário. Uma delas diz respeito à atribuição da culpa pelos males cubanos aos Estados Unidos, pois, segundo Fidel Castro, o império, além de ter imposto um rígido bloqueio econômico, tinha obrigado o governo cubano “a gastos extraordinarios en los servicios de la defensa nacional”, sendo “el responsable principal” pelas “miserias”¹⁷⁰ cubanas. A outra característica consiste na abordagem dos antagonismos com os Estados Unidos a partir da lógica ação/reação, atribuindo a Cuba um permanente caráter reativo. Neste sentido, a trajetória de ações conflitantes entre os dois países é retratada no discurso oficial da Revolução como “un proceso de medidas del gobierno de Estados Unidos y respuestas cubanas”¹⁷¹.

Levando-se em consideração toda a série de discursos comemorativos, é possível identificar diversos pares antinômicos a partir dos quais o governo revolucionário busca construir as imagens contrastantes dos Estados Unidos e de Cuba, respectivamente: império/nação; agressor/vítima; ataque/defesa; culpado/inocente; belicismo/pacifismo; força reacionária/força progressista; pan-americanismo/latino-americanismo; capitalismo/socialismo; contrarrevolução/revolução; etc. Todavia, como é possível constatar com base nesses pares antinômicos, a construção das identidades dos dois países não se restringiu unicamente às relações existentes entre eles, tendo sido

¹⁶⁹ Id., *Discurso... 1º de mayo de 1961...*, op. cit.

¹⁷⁰ Id., *Discurso... 26 de julio de 1973...*, op. cit.

¹⁷¹ Id., *Discurso... 26 de julio de 1995...*, op. cit.

extensiva à inserção de ambos na política internacional, tanto no âmbito latino-americano quanto no âmbito mundial.

2.3- Progressistas versus reacionários: uma guerra multilateral contra o “inimigo do mundo”

Na construção da imagem dos Estados Unidos como principal inimigo da nação, o governo revolucionário, além de ter recorrido à tradição do nacionalismo cubano e aos acontecimentos da história pátria, valeu-se também dos discursos latino-americanista e terceiro-mundista. Referindo-se à política externa dos Estados Unidos para o continente americano, Fidel Castro criticava o que era por ele definido como onipotência do império, denunciando a apropriação de terras e riquezas, as intervenções militares e as ingerências políticas praticadas pelo imperialismo em relação aos países latino-americanos, aspectos que evidenciavam o desrespeito à soberania das nações. Argumentava que era necessário contrapor *“frente al llamamiento de los imperialistas a la contrarrevolución, el llamamiento de la Revolución Cubana a la revolución latinoamericana”*¹⁷². Diante dos Estados Unidos e de seus aliados no continente americano, os quais se constituíam na *“punta de lanza contrarrevolucionaria”*, Cuba levantava-se *“para señalar un camino en este continente y poner fin al dominio del ‘Norte revuelto y brutal’ sobre los pueblos de nuestra América”*¹⁷³.

Para instrumentalizar esse seu papel como farol das lutas libertárias na América Latina, Cuba teve atuação destacada na criação da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), cujo primeiro e único congresso ocorreu na cidade de Havana, entre 31 de julho e 10 de agosto de 1967, e que foi idealizada com o objetivo de difundir a luta armada como estratégia para promover a revolução na América Latina. De acordo com Fidel Castro, enquanto a OEA era uma associação de reacionários, que servia *“para santificar los crímenes del imperialismo”*, a OLAS consistia em uma associação de revolucionários a respeito da qual, segundo ele, *“podría repetirse aquello que dijo Carlos*

¹⁷² Id., *Discurso... 26 de julio de 1964...*, op. cit.

¹⁷³ Id., *Discurso... 26 de julio de 1973...*, op. cit.

*Marx en El Manifiesto Comunista: 'un fantasma recorre el continente'. Es el fantasma de la OLAS, que tiene sin dormir a los reaccionarios, a los imperialistas, a los esbirros, a los 'gorilas' y a los explotadores"*¹⁷⁴.

Em nome do latino-americanismo, o governo revolucionário apresentava os conflitos com os Estados Unidos como uma luta que não deveria ser reduzida ao seu caráter bilateral, uma vez que envolvia também os problemas dos demais países do continente americano. Por isso, enquanto os Estados Unidos continuassem exercendo “*el papel de gendarme reaccionario contra los pueblos hermanos de América Latina*”, o regime cubano não vislumbrava “*la mejoría de las relaciones de Cuba y Estados Unidos*”¹⁷⁵.

Contudo, os Estados Unidos não eram inimigos apenas de Cuba e da América Latina, mas de toda a “*humanidad progresista*”¹⁷⁶, que, segundo Fidel Castro, era composta por todos aqueles que lutavam pelo socialismo, pela independência nacional e pela paz. Com o objetivo de fortalecer a luta contra o principal inimigo dessa humanidade progressista, Cuba orientou a sua política externa no sentido de prestar auxílio a movimentos independentistas e de impulsionar a revolução no Terceiro Mundo, internacionalizando-a também para outros continentes. Buscando concretizar esse objetivo, realizou-se na cidade de Havana, entre 03 e 15 de janeiro de 1966, a Conferência Tricontinental, da qual resultou a criação da Organização de Solidariedade entre os Povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAAL), que teve como desdobramento a criação, no ano seguinte, da OLAS.

O governo cubano considerava que a coordenação de esforços entre os povos e as ações internacionalistas em prol dos movimentos revolucionários no Terceiro Mundo eram fundamentais para fazer frente à outra parcela da humanidade: a reacionária. Com base nesse entendimento e em sua visão binária da cena política mundial, Fidel Castro criticava qualquer tendência conciliatória com o imperialismo, instando os movimentos

¹⁷⁴ Id., *Discurso... 26 de julio de 1967...*, op. cit.

¹⁷⁵ Id., *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración con motivo del XIX Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, efectuada en la Plaza de la Revolución, el 26 de julio de 1972*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1972/esp/f260772e.html>>. Acesso em: 2 set. 2009.

¹⁷⁶ Id., *Discurso... 26 de julio de 1962...*, op. cit.

libertários a uma firme tomada de posição, afinal: “*en el mundo existen dos caminos: la reacción y el progreso. Hay que escoger, no es posible ser neutrales*”. Em seguida, após ter enumerado alguns embates que se travavam entre revolucionários e contrarrevolucionários em diferentes continentes, sentenciou que “*no se puede ser neutral ante el imperialismo, el colonialismo, el neocolonialismo, el racismo y el fascismo, y en ninguna de las múltiples situaciones de lucha política, económica y social, entre las fuerzas reaccionarias y las fuerzas progresistas del mundo*”¹⁷⁷.

Em sua defesa de uma postura firme na luta contra as forças reacionárias em âmbito mundial, os líderes da Revolução Cubana utilizaram-se da Guerra do Vietnã (1961-1975) – tanto durante o conflito quanto após o seu término – como um importante exemplo a ser seguido pelos movimentos revolucionários do Terceiro Mundo. Neste sentido, é bastante conhecida a afirmação de Che Guevara, expressa através da Mensagem à Tricontinental, sobre seu desejo de que surgissem no mundo “*dos, tres, muchos Vietnam*”¹⁷⁸. O Vietnã converteu-se em um dos principais símbolos da humanidade progressista e sua guerra contra os Estados Unidos foi útil ao governo cubano no processo de construção da imagem do “*enemigo principal del mundo*”, por meio do qual buscou fomentar o antiamericanismo na opinião pública internacional, criticando o país que, ao atacar os vietnamitas, teria atraído para si a impopularidade, o descrédito e o ódio universais. Além disso, a Guerra do Vietnã constituiu-se em uma ocasião oportuna para que Fidel Castro pudesse proceder à recorrente identificação dos Estados Unidos com o nazismo e o fascismo:

El ataque de Estados Unidos a Viet Nam no tiene paralelo con ningún otro hecho en los tiempos contemporáneos. Se le compara con los

¹⁷⁷ Id., **Discurso... 26 de julio de 1978...**, op. cit.

¹⁷⁸ GUEVARA, Ernesto Che. Mensaje a todos los pueblos del mundo a través de la Tricontinental. **Tricontinental**, La Habana, 16 abr. 1967 (Suplemento Especial). Disponível em: <http://www.lajiribilla.cu/2011/n514_03/514_09.html>. Acesso em: 9 abr. 2013. Nesta mensagem, escrita provavelmente na Bolívia – em um momento no qual se preparava para a luta guerrilheira naquele país, após ter renunciado a seus cargos no governo cubano por discordar de Fidel Castro quanto aos rumos que estavam sendo dados à Revolução, Che Guevara teceu críticas ao modo como tinha se manifestado até então a solidariedade com o povo vietnamita, pois considerava que não se devia apenas enaltecer o feito do Vietnã, mas lutar ao seu lado: “*La solidaridad del mundo progresista para con el pueblo de Vietnam semeja a la amarga ironía que significaba para los gladiadores del circo romano el estímulo de la plebe. No se trata de desear éxitos al agredido, sino de correr su misma suerte; acompañarlo a la muerte o la victoria*”. Embora não tenha se referido explicitamente à União Soviética, esta pareceu ter sido mais uma das críticas dirigidas à superpotência socialista por Che Guevara no referido documento. No que se refere a Cuba, Fidel Castro declarou, em 26 de julho de 1966, que, caso fosse solicitado, enviaria auxílio ao Vietnã.

ataques de Hitler a Polonia y a otros pequeños países; sin embargo, la comparación no puede hacerse, porque la criminalidad de los yanquis en Viet Nam supera la de los nazis alemanes y la de los fascistas italianos, por sus medios de guerra, por su potencial de destrucción, superior al de aquellos, por una falta de escrúpulos similar. Los fascistas no llegaron a emplear gases tóxicos en la guerra; Estados Unidos emplea en Viet Nam no solamente las armas convencionales, sino armas prohibidas como los gases tóxicos, e incluso la guerra bacteriológica¹⁷⁹.

O envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã beneficiou a Cuba em diferentes aspectos. No plano simbólico, o governo cubano utilizou-se do conflito enquanto ele se desenrolava e, após seu término, pôde rememorar-lo por sucessivos anos, explorando o fracasso que a participação na guerra representou para os Estados Unidos em virtude das expressivas perdas militares e da desmoralização que se seguiu à retirada de suas tropas do território vietnamita sem que tivessem sido alcançados os seus objetivos, o que configurou uma derrota militar dos Estados Unidos. Em termos práticos, durante o período em que os Estados Unidos estiveram envolvidos na Guerra do Vietnã houve uma diminuição de suas preocupações estratégicas relativas ao país caribenho e, conseqüentemente, de suas ações destinadas a conter o avanço da Revolução Cubana. Esse aspecto foi reconhecido até mesmo por Fidel Castro, quando, descuidando-se momentaneamente do discurso acerca da onipresente ameaça militar dos Estados Unidos contra Cuba, admitiu que *“en los largos años de la guerra de Viet Nam el imperialismo, comprometido a fondo en aquella sucia agresión, a lo que se unió la derrota sufrida y el trauma subsiguiente, nos dio un respiro en el plano militar”*¹⁸⁰.

Evidentemente, a gestão dessa ameaça de uma guerra a ser deflagrada pelos Estados Unidos contra Cuba – assim como, de forma mais ampla, a trajetória das relações de inimizade entre os dois países – conheceu variações no decorrer da experiência revolucionária. Acompanhando, em certa medida, as mudanças ocorridas em diferentes momentos históricos, o processo de gestão da imagem do inimigo da nação cubana sofreu transformações conforme se modificavam também alguns fatores, tais como: os acontecimentos da cena política em Cuba, na América Latina e no mundo; as diretrizes da política externa dos Estados Unidos e de Cuba; os graus de entendimento ou conflito entre o governo cubano e as diferentes administrações que passaram pela Casa Branca.

¹⁷⁹ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1966...**, op. cit.

¹⁸⁰ Id., **Discurso... 26 de julio de 1983...**, op. cit.

2.4- A gestão da inimidade e a personificação do inimigo: as relações do governo cubano com os presidentes dos Estados Unidos

Em virtude da importância da figura do inimigo para as estratégias de legitimação da Revolução e do grupo que estava no poder, as relações conflituosas com os Estados Unidos estiveram sempre presentes no discurso do regime cubano: algumas vezes as críticas fundamentavam-se em acontecimentos do presente imediato, outras vezes recorria-se à evocação de algum fato do passado; ora eram enfatizadas as confrontações envolvendo apenas os dois países, ora priorizavam-se as críticas acerca da política externa dos Estados Unidos para a América Latina e o Terceiro Mundo. Isto não significa, obviamente, que a defesa do latino-americanismo e do terceiro-mundismo consistisse em um substitutivo do nacionalismo revolucionário, até mesmo porque o governo cubano utilizou de modo conjugado essas correntes de pensamento. Todavia, apesar de terem sido importantes para manter permanentemente as referências ao inimigo, essas variações empreendidas pelo governo cubano no foco das críticas aos Estados Unidos evidenciam que as tensões envolvendo os dois países não foram ininterruptas e nem tão intensas como o discurso oficial da Revolução, em decorrência de sua intenção legitimadora e homogeneizante, buscou fazer crer.

A intensificação dos antagonismos entre os dois países esteve relacionada fundamentalmente, embora não de forma exclusiva, às ações dos Estados Unidos que tiveram como finalidade fazer fracassar a Revolução Cubana, com destaque para as medidas relativas ao embargo comercial, no plano econômico, e aos atos de sabotagem e à ameaça de um ataque direto, no plano militar. Se, por um lado, trouxeram problemas; por outro lado, essas medidas foram bastante úteis ao governo cubano, que se valeu delas, entre outros aspectos, para justificar as fragilidades da economia cubana, bem como o processo de militarização do país, que tinha como um de seus desdobramentos o tratamento de guerra dado às questões da política. Neste sentido, mais do que os momentos precisos em que as ações foram praticadas pelos Estados Unidos, são justamente os períodos nos quais o governo revolucionário precisou recorrer às referidas justificativas que marcam a intensificação dos usos da figura do principal inimigo da pátria cubana.

Os anos iniciais da experiência revolucionária constituíram um desses períodos em que o governo cubano fez amplo uso da figura do inimigo. Conforme mencionado anteriormente, tratou-se de um momento em que tanto Cuba quanto os Estados Unidos adotaram medidas que atingiam os interesses econômicos do outro. O embargo comercial decretado pelos Estados Unidos, em outubro de 1960, e depois ampliado, em fevereiro de 1962, acarretou dificuldades para a economia cubana, mas, ao mesmo tempo, constituiu-se em um dos principais pilares das críticas ao inimigo que se empenhava para que fosse destruída a Revolução. Também entre 1960 e 1962 fez-se expressivo uso de outros aspectos que fundamentavam a construção do inimigo, ou seja, os atos de sabotagem, o apoio à invasão dissidente e a ameaça de um ataque direto por parte das forças militares estadunidenses. A propósito, este último aspecto foi um dos pretextos para a instalação de mísseis soviéticos em Cuba, resultando no episódio da crise dos mísseis. Nas negociações realizadas entre John Kennedy e Nikita Krushev, líderes das duas grandes potências que protagonizaram a referida crise, os Estados Unidos comprometeram-se a não invadir Cuba¹⁸¹. Desde então, embora não houvesse garantias formais do cumprimento desse acordo, a ameaça de um ataque militar direto passou a ser muito mais retórica do que real.

No campo das ações militares, os Estados Unidos foram criticados ainda por fornecerem apoio às guerrilhas anticastristas que tiveram lugar entre 1959 e 1966 na parte central de Cuba, notadamente nas montanhas de Escambray¹⁸². Contudo, como era necessário ao regime cubano criar a imagem de um povo uno e coeso em torno da Revolução, o discurso oficial buscou silenciar o tanto quanto possível acerca da existência de uma oposição interna ao governo, referindo-se a esses opositores como agentes a serviço dos Estados Unidos. Além disso, o regime cubano buscou minimizar a dimensão dos embates contra as guerrilhas de Escambray, apenas retrospectivamente admitindo que se tratou de um confronto expressivo, depois que os últimos focos de luta armada tinham sido debelados pelas Forças Armadas Revolucionárias.

¹⁸¹ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 589.

¹⁸² As guerrilhas anticastristas estenderam-se de 1959 até 1966. A partir de 1962 as forças de oposição ao governo revolucionário começaram a perder força e, em julho de 1965, o último foco guerrilheiro expressivo foi derrotado pelas tropas governistas. Sobre as guerrilhas de Escambray, cf.: ENCINOSA, Enrique G. **Escambray, la guerra olvidada**: un libro histórico de los combatientes anticastristas en Cuba (1960-1966). Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/escambray.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

Em decorrência das dificuldades econômicas, da instabilidade política e dos confrontos militares com os quais o governo cubano se deparou em uma fase de definição dos rumos da Revolução, a década de 1960, sobretudo a primeira metade, foi marcada pelas tensas relações com os Estados Unidos e, conseqüentemente, pela ampla utilização discursiva da imagem do inimigo. Em algumas ocasiões, as críticas ao inimigo não se restringiram às referências mais generalizantes ao “império” e suas práticas, tendo sido materializadas nas figuras dos presidentes dos Estados Unidos à medida que eram mais conflituosas as relações estabelecidas entre estes e o governo cubano. Apesar de a relação de inimizade entre os dois países ter sido construída no fim do mandato de Dwight Eisenhower (1953-1961), quando foi decretado o embargo comercial e adotadas outras medidas contra a economia cubana, as primeiras críticas mais veementes a um presidente dos Estados Unidos foram dirigidas a John Kennedy (1961-1963)¹⁸³, a quem, em razão dos atos de sabotagem atribuídos à CIA e do episódio da tentativa de invasão à Baía dos Porcos, Fidel Castro buscou associar à mesma linhagem política de Adolf Hitler e Benito Mussolini, recorrendo a um expediente que seria utilizado também com outros governantes dos Estados Unidos. De acordo com o líder cubano, John Kennedy queria impor um governo capitalista a Cuba e, para isso, valia-se de uma linguagem “fascista” e “nazista”, afinal *“¿a quiénes se les ocurrían esas cosas antes que a Kennedy? A Hitler, a Mussolini. Hitler y Mussolini predicaban su derecho a establecer en los países vecinos el gobierno que ellos estimaran pertinente; Hitler y Mussolini hablaban con ese lenguaje de fuerza”*¹⁸⁴.

Outra característica marcante nos discursos de Fidel Castro em relação a alguns dos presidentes nos quais ele personificou a inimizade com os Estados Unidos diz respeito à linguagem agressiva, pejorativa e, por vezes, sarcástica com que se referiu a esses líderes políticos. Conferiu a John Kennedy o epíteto de “rufião” e qualificou seu governo

¹⁸³ A administração de John Kennedy teve início em 20 de janeiro de 1961 e foi precocemente encerrada em decorrência de seu assassinato, em 22 de novembro de 1963. Excetuando-se o governo de Lyndon Johnson (22/11/1963 - 20/01/1969), em razão da morte seu antecessor; e o governo de Gerald Ford (09/08/1974 - 20/01/1977), em virtude da renúncia de Richard Nixon (20/01/1969 - 09/08/1974), motivada pelo escândalo de Watergate, os demais presidentes dos Estados Unidos na fase posterior ao triunfo da Revolução Cubana tiveram o início e o término de seus mandatos no dia 20 de janeiro dos anos assinalados para o período de seus governos.

¹⁸⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso... 1º de mayo de 1961...**, op. cit.

como “descarado”¹⁸⁵. Também não poupou insultos ao presidente Lyndon Johnson (1963-1969), de cujo nome se utilizou para provocar risos no público presente a uma cerimônia comemorativa, por se tratar de “*un Lyndon que, en realidad, no tiene nada de ‘lindo’*”¹⁸⁶ e a quem chamou, em outra ocasião, de “*vaquero ignorantón de Texas*”¹⁸⁷. As críticas do líder cubano a Lyndon Johnson dirigiram-se principalmente à progressiva escalada que foi promovida por seu governo, entre 1964 e 1968, da participação das forças militares estadunidenses na Guerra do Vietnã. Na opinião de Fidel Castro, “*la barbarie yanqui en Viet Nam*” colocava “*al señor Johnson entre los más grandes criminales que ha conocido la humanidad*”¹⁸⁸.

Em relação a Cuba, esse agravamento do conflito no Vietnã contribuiu para diminuir o clima de tensão com os Estados Unidos no plano militar já na segunda metade da década de 1960. Tanto é assim que a partir do final dos anos 1960 e no decorrer de toda a década de 1970, mesmo não abandonando a retórica acerca da possibilidade de uma guerra do império contra Cuba, a ênfase com que antes se destacava a iminência de um ataque dos Estados Unidos decaiu significativamente e as referências a essa ameaça de agressão tornaram-se pouco expressivas no discurso do governo revolucionário durante esse período, passando a ser feitas, na maioria das vezes, de modo retrospectivo.

A diminuição das tensões não significou, porém, o fim dos antagonismos e tampouco deixaram de existir elementos nos quais o governo revolucionário podia apoiar-se para fazer a gestão da imagem do inimigo da pátria cubana. Não foram amistosas, por exemplo, as relações mantidas com o governo de Richard Nixon (1969-1974), contra o qual pesava o fato de ter sido um dos gestores da invasão à Baía dos Porcos, bem como a acusação de ter ordenado à CIA, no início de seu mandato presidencial, uma intensificação de atos de sabotagem contra Cuba. O prenúncio de uma retomada das hostilidades no campo militar fez com que a União Soviética intermediasse

¹⁸⁵ Id., *Discurso... 26 de julio de 1963...*, op. cit.

¹⁸⁶ Id., *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Secretario General del PURS y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en conmemoración al Día Internacional de los Trabajadores, celebrada en la Plaza de la Revolución “José Martí”, el 1º de mayo de 1964*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f010564e.html>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

¹⁸⁷ Id., *Discurso... 26 de julio de 1966...*, op. cit.

¹⁸⁸ Id., *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Secretario General del PURS y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del primero de mayo, Día Internacional del Trabajo, en la Plaza de la Revolución, el 1º de mayo de 1966*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f010566e.html>>. Acesso em: 15 maio 2009.

um acordo por meio do qual os Estados Unidos reafirmaram o compromisso, estabelecido por ocasião da crise dos mísseis, de não intervir em Cuba e, em contrapartida, o governo cubano comprometeu-se a não exportar a revolução para a América Latina¹⁸⁹. Além desse breve ensaio de retomada das hostilidades com Cuba, a administração de Richard Nixon foi alvo de críticas pela atuação dos Estados Unidos na política internacional, notadamente pelo prosseguimento na Guerra do Vietnã. Embora tenha, por um lado, diminuído a presença das tropas estadunidenses e iniciado a sua gradual retirada a partir de 1973, por outro lado, o então presidente dos Estados Unidos aumentou o envio de armas a seus aliados, bem como os bombardeios aéreos sobre o território norte-vietnamita. A condução dada à Guerra do Vietnã rendeu a Richard Nixon – sobretudo em 1972, ano em que ele concorria a um segundo mandato presidencial – fortes críticas do governo cubano, que, uma vez mais, procedeu à recorrente operação de associar os presidentes dos Estados Unidos ao nazifascismo. Segundo Fidel Castro, o “fascistoide” Richard Nixon era o mais “reacionário” e “agressivo” de todos os personagens da vida política dos Estados Unidos. Neste sentido, o líder cubano chegou a imaginar

una especie de emulación histórica entre Nixon y Hitler en crueldad, en falta de escrúpulos, aunque parece ser que el señor Nixon deja atrás a Hitler en demagogia y en cinismo. Los nazis eran criminales consumados, eran nazis y no lo ocultaban, no trataban de pintarse como libertadores, no trataban de presentarse ante el mundo como gente civilizada. Y este señor lleva a cabo sus crímenes y trata de justificarlos hablando de independencia, de libertad, de moralidad, de justicia¹⁹⁰.

As animosidades entre Cuba e Estados Unidos reduziram-se significativamente a partir da administração de Gerald Ford (1974-1977). Durante seu governo, foram iniciadas conversas sobre a possibilidade de melhorar as relações entre os dois países. Porém, as negociações não avançaram em virtude da participação, a partir de 1975, dos Estados Unidos e de Cuba em campos de batalha opostos da guerra civil angolana. Embora tenha sido responsável por interromper uma possível conciliação, o caráter conflitante de suas políticas externas no continente africano não representou o retorno das tensões envolvendo um confronto militar entre Cuba e Estados Unidos. A ausência de uma confrontação direta entre os dois países refletiu-se até no uso de uma linguagem

¹⁸⁹ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 589-590.

¹⁹⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1972...**, op. cit.

menos agressiva para referir-se ao presidente dos Estados Unidos. Comentando uma declaração na qual Gerald Ford teria dito que a participação de Cuba na guerra civil angolana praticamente anulava quaisquer esperanças ou perspectivas de um entendimento entre os Estados Unidos e o país caribenho, Fidel Castro, em vez de recorrer aos habituais insultos, valeu-se da ironia ao afirmar que Gerald Ford estava querendo promover o “embargo das esperanças”:

Antes, cuando existían relaciones, las suprimieron, cuando existía cuota azucarera, la suprimieron, cuando existía comercio entre Estados Unidos y Cuba, lo suprimieron, pero ya no les queda nada por suprimir, y ahora suprimen las esperanzas. Esto se pudiera llamar "el embargo de las esperanzas", por parte del Presidente de Estados Unidos. Ha embargado realmente lo que no existe¹⁹¹.

Foi, no entanto, por ocasião da presidência de James E. Carter (1977-1981) – mais conhecido como Jimmy Carter – que as relações entre Cuba e Estados Unidos tornaram-se ainda mais amistosas. Durante seu governo também não houve tensões militares entre os dois países e, diferentemente do que ocorreu no mandato de seu antecessor, ainda tiveram lugar ações concretas de uma política conciliatória com o estabelecimento de uma Seção de Interesses dos Estados Unidos em Havana e, de forma recíproca, de uma Seção de Interesses de Cuba em Washington. Referindo-se a Jimmy Carter sem recorrer a uma linguagem agressiva e insultuosa, Fidel Castro destacou o que considerou como “gestos positivos” do presidente dos Estados Unidos, ressaltando, porém, que esses avanços seriam limitados pelo fato de os dois países possuírem princípios e sistemas sociopolíticos bastante distintos. Além disso, a exemplo do que tinha ocorrido durante o governo de Gerald Ford, diante da ausência de hostilidades militares entre os dois países, o líder cubano centrou suas críticas na permanência do bloqueio econômico, de que se valeu para criticar uma das principais bandeiras políticas de Jimmy Carter: a questão dos direitos humanos. Neste sentido, questionou: “¿Puede hablar de derechos humanos

¹⁹¹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura del Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba, celebrado en el Teatro “Carlos Marx”, el 22 de diciembre de 1975, “Año del Primer Congreso”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1975/esp/f221275e.html>>. Acesso em: 4 set. 2009.

ningún gobierno que mantenga un bloqueo criminal, el intento de matar por hambre a millones de seres humanos?”¹⁹². Ainda a respeito desse tema, afirmou em outra ocasião:

*Cada gobernante de Estados Unidos tiene su frase retórica para América Latina o para el mundo: uno habló del "Buen Vecino", otro de la "Alianza para el Progreso", ahora la consigna es "los derechos humanos". Nada cambió en su política hacia el hemisferio y el mundo, todo quedó igual, siempre prevaleció la diplomacia de las cañoneras y el dólar, la ley del más fuerte. Las frases son tan efímeras como las administraciones. Lo único perdurable en la política yanqui es la mentira*¹⁹³.

Depois de um período marcado por uma política bilateral relativamente amistosa, durante as presidências de Gerald Ford e Jimmy Carter, as relações entre Cuba e Estados Unidos voltaram a se tornar hostis durante o governo de Ronald Reagan (1981-1989). Ao contrário do que aconteceu nas duas administrações anteriores, desta vez as políticas externas conflitantes – envolvendo países como El Salvador, Granada, Nicarágua, Angola, etc. – repercutiram no aumento das tensões entre Cuba e Estados Unidos. Ronald Reagan foi eleito tendo como plataforma política a intensificação do combate ao comunismo e antes mesmo que ocorresse a sua posse, Fidel Castro chamava a atenção para as “*nuevas amenazas*”¹⁹⁴ que se insinuavam acerca de uma agressão imperialista contra Cuba, já vislumbrando o clima de confrontação que se seguiria depois que o novo presidente assumisse o governo. Tão logo chegou ao poder, Ronald Reagan, enquanto membro de “*una camarilla reaccionaria de extrema derecha*”, pôs em prática uma política externa “*abiertamente guerrerista y fascista*”, que fez com que retornasse “*de nuevo a un primer plano el tema de la agresión militar*” contra Cuba. De acordo com Fidel Castro, essa política seria decorrente “*del supuesto de que Cuba, a miles de millas del campo socialista, no podría recibir ayuda militar alguna, y que el compromiso de octubre de 1962*

¹⁹² Id., **Conclusiones de Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el segundo periodo ordinario de sesiones de la Asamblea Nacional del Poder Popular, en el Teatro “Karl Marx”, el 24 de diciembre de 1977, “Año de la Institucionalización”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1977/esp/f241277e.html>>. Acesso em: 4 set. 2009.

¹⁹³ Id., **Discurso... 26 de julio de 1978...**, op. cit.

¹⁹⁴ Id., **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto conmemorativo del XXVII Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, efectuado en Ciego de Ávila, el 26 de julio de 1980, “Año del Segundo Congreso”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1980/esp/f260780e.html>>. Acesso em: 7 set. 2009.

*entre Estados Unidos y la URSS, a raíz de la retirada de los proyectiles nucleares de nuestro territorio, ha caducado al cabo de 20 años*¹⁹⁵.

Diferentemente do que tinha acontecido no passado, Cuba não pôde contar com o apoio de sua principal aliada para fazer frente à política belicista da administração de Ronald Reagan, pois, conforme Raul Castro – então vice-presidente e Ministro das Forças Armadas de Cuba – afirmaria anos mais tarde, a União Soviética havia declarado não ter condições de deslocar suas tropas militares até o território cubano para lutar ao lado do país caribenho em caso de uma guerra contra os Estados Unidos e nem sequer cobrar deste país o compromisso, assumido em outubro de 1962, de não invadir Cuba¹⁹⁶.

Diante dessas circunstâncias, não foi apenas a linguagem utilizada por Fidel Castro em seus discursos que sofreu transformações. Como, desde a crise dos mísseis, esta foi a ocasião em que a possibilidade de um ataque dos Estados Unidos pareceu ser menos retórica, houve mudanças também em relação às estratégias de defesa nacional, uma vez que o governo cubano passou a considerar a possibilidade de um enfrentamento contra o inimigo sem poder recorrer ao apoio da União Soviética. Para fortalecer a defesa militar do país, o governo revolucionário adotou a estratégia da *“guerra de todo el pueblo”*. Tratava-se de uma concepção de defesa que poderia ser sintetizada na frase: *“todo el pueblo en todas partes, para todo tipo de guerra”*¹⁹⁷. A ideia era que a defesa da Revolução e da pátria não era uma função restrita às Forças Armadas Revolucionárias, mas sim uma tarefa que exigia o engajamento de todos os cubanos. Com base nessa concepção de defesa, o governo cubano criou – ainda antes da posse de Ronald Reagan – as Milícias de Tropas Territoriais, passando a aumentar gradativamente o recrutamento e a intensificar os treinamentos e exercícios estratégicos tanto das milícias quanto das tropas regulares. Enaltecendo recorrentemente o poderio bélico do país e o potencial de engajamento do povo cubano, Fidel Castro permite que, ao mesmo tempo, sejam

¹⁹⁵ Id., **Discurso... 26 de julio de 1983...**, op. cit.

¹⁹⁶ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 603-604. O autor cita uma entrevista de Raúl Castro para o periódico *El Sol*, do México, em 05 de maio de 1993.

¹⁹⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, al hacer las conclusiones del VII periodo ordinario de sesiones de la Asamblea Nacional del Poder Popular, el 28 de diciembre de 1984, “Año del XXV Aniversario del Triunfo de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1984/esp/f281284e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

percebidos os vantajosos usos do perigo de guerra para fomentar a unidade nacional, bem como o expressivo processo de militarização do país:

Al calor del patriotismo, que se agiganta ante el peligro, 1 800 000 mujeres cubanas, en enérgica y emocionante actitud, se ofrecieron como voluntarias para integrar las Milicias de Tropas Territoriales. El potencial combativo de nuestro pueblo, entre hombres y mujeres, alcanza casi 6 millones de ciudadanos. (...) Nuestro pueblo estará preparado no solo para resistir ferozmente cada desembarco naval y aéreo y defender las ciudades y posiciones que se determinen hasta la última piedra y el último hombre, sino mucho más, para combatir aun en condiciones de país invadido y ocupado. Cada cuadro del Partido, del Estado, de las Fuerzas Armadas, cada oficial, cada combatiente, cada ciudadano y hasta cada adolescente sabrá lo que debe hacer en cualquier circunstancia. En cada metro cuadrado de nuestros llanos y montañas, en cada calle, en cada cuadra, en cada casa de nuestras ciudades, el enemigo se encontrará con nuestros combatientes¹⁹⁸.

Alguns aspectos que marcaram as relações entre o governo revolucionário e o principal inimigo da nação cubana no decorrer da década de 1980 – período que coincidiu quase que inteiramente com o tempo do mandato de Ronald Reagan – tiveram desdobramentos nos anos subsequentes da experiência revolucionária. Mais do que continuar não podendo recorrer ao auxílio militar de sua principal aliada – ou nação amiga, para utilizar a díade amigo/inimigo a partir da qual o regime cubano interpreta a política – em caso de uma guerra contra os Estados Unidos, Cuba teve que lidar também, desde a segunda metade dos anos 1980, com a acentuada e gradativa redução da ajuda econômica que recebia, a qual foi completamente extinta, em 1991, com a desintegração da União Soviética.

Nesse contexto de dificuldades econômicas, que se agravaria no decorrer dos anos 1990, a estratégia da “*Guerra de todo el pueblo*” revestiu-se de grande utilidade. A frase “*todo el pueblo en todas partes, para todo tipo de guerra*”, por meio da qual foi explicada a concepção que orientava a defesa da pátria cubana, teve seu poder semântico habilmente explorado pelo governo revolucionário. Ao empregar a expressão “todo tipo de guerra”, Fidel Castro – em consonância com a sua característica de interpretar os diversos campos da atividade social a partir de uma terminologia bélica – estava se referindo não apenas a diferentes formas de combate militar, mas transpondo a noção de

¹⁹⁸ Id., *Discurso... 26 de julio de 1983...*, op. cit.

guerra também para o campo da economia, ao apelar para a *“conciencia colectiva”* dos cubanos, instando-os para que, diante da *“intensificación del bloqueo imperialista”*, engendrassem a *“la guerra económica de todo el pueblo”*¹⁹⁹. Para cobrar o empenho do povo cubano em prol das causas revolucionárias, Fidel Castro apoiava-se em dois importantes pilares da propaganda do regime, ao lembrar que a Revolução tinha assegurado saúde e educação a *“todo el pueblo”* e, em contrapartida, apontar a necessidade de que a defesa da Revolução fosse igualmente uma tarefa de *“todo el pueblo”*.

Diante de um cenário político mundial marcado pelo fim do bloco de países socialistas e pela desintegração da União Soviética, as relações entre Estados Unidos e Cuba mantiveram-se bastante tensas durante o governo de George H. W. Bush (1989-1993). Sob a sua administração, a política externa dos Estados Unidos não conheceu mudanças substanciais em relação à praticada por seu antecessor, Ronald Reagan, de cujo governo George H. W. Bush tinha participado como vice-presidente. Todavia, a situação política internacional era mais vantajosa aos Estados Unidos, uma vez que, com o fim do bloco socialista, a condução da política externa da grande potência capitalista já não mais estava pautada pela rivalidade estratégico-militar com a União Soviética, configurando o fim da Guerra Fria e a emergência de uma Nova Ordem Mundial.

Em relação a Cuba, acreditava-se que, com a expressiva diminuição dos subsídios soviéticos e a grave crise econômica que o país estava atravessando, o fim da Revolução era iminente. Tanto é assim que, embora tivessem novamente ganhado força os rumores em torno de uma invasão militar ao país caribenho, as principais medidas dos Estados Unidos destinaram-se a atingir a economia cubana. Um exemplo disso foi a pressão exercida pelos Estados Unidos, em 1990, sobre países da Comunidade Econômica Europeia, notadamente França e Alemanha, para que não fosse concedida nenhuma ajuda econômica à União Soviética enquanto este país não cessasse definitivamente a sua colaboração econômica e militar com Cuba²⁰⁰. Outra importante medida adotada durante o governo de George H. W. Bush com o intuito de promover uma mudança no regime político e o fim do comunismo no país caribenho diz respeito à ampliação do bloqueio

¹⁹⁹ Id., **Discurso... 28 de diciembre de 1984...**, op. cit.

²⁰⁰ Id., **Discurso... 26 de julio de 1990...**, op. cit.

econômico, em 1992, por meio da Lei da Democracia Cubana, também conhecida como Lei Torricelli, que, entre outros aspectos, proibia às subsidiárias de empresas estadunidenses no exterior de realizar transações comerciais com Cuba²⁰¹.

Para enfrentar a crise econômica por que passava o país e da qual se vislumbrava uma perspectiva de agravamento, o governo revolucionário indicou, já em 1990, a necessidade de que os cubanos se preparassem para enfrentar o que foi denominado de “*período especial en tiempo de paz*”²⁰². Segundo Fidel Castro, em face do novo cenário da política mundial, Cuba poderia enfrentar dois tipos distintos de “período especial”. Um deles seria um “período especial em tempo de guerra”, ou seja, uma situação em que Cuba seria submetida a um bloqueio total – naval e aéreo – resultante de uma invasão e ocupação militar do país. Caso isso ocorresse, seria empregada a estratégia da Guerra de Todo o Povo, concepção com base na qual Cuba vinha preparando havia quase dez anos a sua defesa militar. Essa possibilidade foi reiteradamente cogitada pelo governo revolucionário em virtude do que julgou ser “*la obsesión enfermiza del señor Bush*”²⁰³ em relação a Cuba. A outra situação consistia na necessidade de o país enfrentar um “período especial em tempo de paz”. Essa situação ocorreria se Cuba não mais pudesse “*recibir los suministros... de la URSS; entre otros, los suministros energéticos, que son tan importantes, en un país donde ya el nivel de vida y desarrollo se basa en un consumo de 12 millones de toneladas de petróleo*”²⁰⁴. Com a dissolução oficial da União Soviética, em 31 de dezembro de 1991, essa hipótese logo se converteu em realidade e Cuba passou a enfrentar uma série crise de abastecimento.

As relações entre Cuba e Estados Unidos durante o governo de William J. Clinton (1993-2001) – mais conhecido como Bill Clinton – foram pautadas, em grande medida, pelas características do “período especial”. Depois de passadas as incertezas iniciais que marcaram as fases imediatamente posteriores à queda do muro de Berlim e à dissolução da União Soviética, o governo revolucionário já não cogitava com a mesma ênfase de

²⁰¹ GOTT, Richard, op. cit., p. 240. Para consultar a íntegra da Lei da Democracia Cubana (Lei Torricelli), ver: <http://www.state.gov/www/regions/wha/cuba/democ_act_1992.html>. Acesso em 16 abr. 2013.

²⁰² CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba y de los consejos de Estado y de Ministros, en la clausura del V Congreso de la Federación de Mujeres Cubanas, efectuada en el Palacio de las Convenciones, el 7 de marzo de 1990, “Año 32 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1990/esp/f070390e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

²⁰³ Id., **Discurso... 26 de julio de 1990...**, op. cit.

²⁰⁴ Id., **Discurso... 7 de marzo de 1990...**, op. cit.

antes a possibilidade de Cuba enfrentar um “período especial em tempo de guerra”. Contudo, confirmaram-se com grande intensidade as perspectivas de agravamento da crise econômica e o país deparou-se com os sérios problemas do “período especial em tempo de paz”, o que fez com que o governo cubano, seguindo o que previra, tivesse que “*adaptar toda la vida y toda la economía del país a esa situación*”²⁰⁵.

Foi justamente no aspecto econômico que os Estados Unidos apoiaram-se para orientar sua política externa em relação ao país caribenho, acreditando que o agravamento da crise tornaria insustentável a situação do regime cubano. Neste sentido, o final do primeiro mandato de Bill Clinton (1993-1997), caracterizou-se pelo recrudescimento do bloqueio econômico, que ocorreu em um contexto marcado pela intensificação do *lobby* exercido por setores da comunidade cubano-americana, bem como pelo aumento do poder dos integrantes do Partido Republicano, cuja bancada passou a ser majoritária no Congresso – tanto na Câmara dos Representantes quanto no Senado – após as eleições legislativas de 1994. Esse recrudescimento do bloqueio econômico foi instrumentalizado, em 1996, pela Lei da Solidariedade Democrática e Liberdade Cubana, também conhecida como Lei Helms-Burton, que, além de disposições relativas à promoção de uma transição democrática em Cuba, estabelecia sanções jurídicas e comerciais que atingiam os países que mantivessem relações econômicas com a ilha caribenha. Tratou-se de uma lei fortemente criticada, notadamente nos países europeus que mantinham negócios com Cuba, por violar as normas do direito internacional em virtude da extraterritorialidade de sua aplicação²⁰⁶.

Apesar dessa ampliação do bloqueio econômico, as relações estabelecidas entre os governos de Cuba e dos Estados Unidos foram relativamente amistosas durante o segundo mandato (1997-2001) de Bill Clinton. Neste sentido, a interpretação dada à Lei Helms-Burton e a apreciação valorativa acerca do presidente dos Estados Unidos no discurso oficial do governo revolucionário são bastante reveladoras. No entendimento do governo cubano, a Lei Helms-Burton, criticada por seu caráter “*genocida*” e “*fascista*”, uma vez que pretendia condenar o país à paralisia econômica e fazer sua população

²⁰⁵ Id.

²⁰⁶ HOFFMANN, Bert. ¿Helms-Burton a perpetuidad? Repercusiones y perspectivas para Cuba, Estados Unidos y Europa. **Nueva Sociedad**, n. 151, sep./oct. 1997, p. 57-72. Disponível em: <http://nuso.org/upload/articulos/2624_1.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2011.

perecer por *“hambre y enfermedades”*, foi um *“engendro de la mafia anticubana de Miami y los ultraconservadores republicanos en el Congreso”*²⁰⁷. Quanto ao presidente dos Estados Unidos, o governo cubano interpretou a aprovação dessa lei como uma manifestação de *“oportunismo político”* e *“falta de ética”* por parte de um candidato que estava concorrendo ao segundo mandato. Porém, independentemente desse oportunismo político, considerou que, em virtude do *lobby* feito pela Fundação Cubano-Americana e da maioria republicana no Congresso, *“Clinton no habría podido posiblemente vetar esa ley”*²⁰⁸.

Durante o governo de Bill Clinton, embora o regime cubano não tenha deixado de denunciar o que denominava de política de agressões do imperialismo – em referência, por exemplo, às medidas econômicas do governo e aos atos de sabotagem que foram praticados pela CIA ou com os quais esta agência compactuou –, o presidente dos Estados Unidos não só ficou imune às principais críticas, como até chegou a ser defendido por Fidel Castro. Afirmando conhecer *“virtudes”* e *“defectos”* do presidente dos Estados Unidos, o líder cubano considerou que, no caso da Lei Helms-Burton, Bill Clinton tinha sido *“miserablemente engañado”* por uma fundação que lhe fora apresentada como *“supuestamente pacífica y beatífica”*, quando, na verdade, tratava-se de uma *“institución terrorista”*. Já em relação aos atos de terrorismo praticados contra Cuba, declarou não querer fazer *“imputaciones injustas”* e que desses acontecimentos não culpava a atual administração dos Estados Unidos, pois não acreditava que Bill Clinton seria *“capaz de ordenar atentados a dirigentes políticos y planes terroristas contra otro país”*²⁰⁹.

Fidel Castro considerava ser um dever, inerente ao cargo por ele ocupado à frente da Revolução, informar-se criteriosamente acerca dos presidentes dos Estados Unidos e que, em virtude disso, tinha aprendido a conhecê-los no decorrer da experiência revolucionária. Do seu ponto de vista, três presidentes dos Estados Unidos destoavam das práticas tradicionalmente associadas aos dirigentes desse país:

Nosotros hemos conocido las personalidades de algunos dirigentes de ese país. Históricamente conocimos a un Roosevelt, no hay duda de que fue un estadista brillante, defendió los intereses de su sociedad capitalista y defendió los intereses del imperio ... Uno no se imagina a

²⁰⁷ CASTRO, Raúl. **Discurso... 26 de julio de 1997...**, op. cit.

²⁰⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1996...**, op. cit.

²⁰⁹ Id., **Discurso... 26 de julio de 1998...**, op. cit.

Franklin Delano Roosevelt preparando planes terroristas, atentados y cosas de esa naturaleza.

Hubo otro presidente, que fue Jimmy Carter, precisamente el que estableció la Oficina de Intereses en Cuba, que se veía poseedor de una ética, defensor del sistema capitalista, del imperialismo y todo eso; pero uno percibía en él a un hombre incapaz de ordenar un asesinato, un atentado, actos terroristas y cosas similares.

De la misma forma, asumo la responsabilidad y no creo que la historia me desmienta, creo conocer desde lejos la psicología del actual Presidente... y no lo considero de la categoría inescrupulosa de político que ordene hacer cosas de este tipo (...)

No tengo que exhortarlo, para que no digan después: "Castro exhorta al Presidente de Estados Unidos", digo simplemente que percibo un hombre que tiene preocupaciones por muchos problemas de su país, sentido de responsabilidad, preocupaciones acerca del futuro, habla incluso de un legado histórico personal; no es que esté de acuerdo, porque pienso que nadie tenga derecho a pensar en legados históricos personales²¹⁰.

Em um contexto no qual o presidente Bill Clinton, em sentido contrário ao que havia ocorrido no final de seu primeiro mandato, passou a adotar medidas que flexibilizavam o bloqueio e favoreciam a recuperação econômica de Cuba – como, por exemplo, a autorização de remessas de dinheiro pelos cubanos residentes nos Estados Unidos aos seus parentes na ilha caribenha e também a proposta de suspender a proibição relativa à venda de alimentos a Cuba – é compreensível que o governo cubano, tentando fazer o país sair da fase mais crítica do “período especial”, demonstrasse interesse em contar com a simpatia do presidente dos Estados Unidos e, com isso, manter a aproximação amistosa que se observava nas relações entre os dois países.

No governo de George W. Bush (2001-2009), entretanto, as relações entre Cuba e Estados Unidos não foram nada amistosas e tampouco o presidente estadunidense recebeu a mesma apreciação valorativa que seu antecessor. Um dos aspectos que contribuíram para o acirramento do antagonismo foi a intensificação das ações destinadas a promover a mudança do regime político em Cuba por meio de uma transição à democracia. Para isso, ampliaram-se as medidas de apoio aos opositores do governo cubano, que se consubstanciaram no lançamento, em 20 de maio de 2002, da “Iniciativa para uma nova Cuba” e que tiveram continuidade, em 10 de outubro de 2003, com a criação da “Comissão de Assistência para uma Cuba Livre”²¹¹. A escolha das duas datas

²¹⁰ Id.

²¹¹ AYERBE, Luís F., op. cit., p. 101 e 104.

em questão não foi casual, pois, apesar das conotações distintas que possuíam no discurso oficial do governo revolucionário, elas tinham sua simbologia associada a períodos de transição e transformações na história política de Cuba, correspondendo, respectivamente, à instauração do regime republicano no país (20/05/1902) e ao início da guerra de independência (10/10/1868). Para empreender uma nova mudança na história política de Cuba e favorecer a transição à democracia, as medidas do governo dos Estados Unidos buscavam viabilizar aos opositoristas cubanos canais de expressão para suas críticas ao regime, bem como apoiar organizações da sociedade civil e ativistas na área de direitos humanos.

Contudo, o antagonismo entre os dois países durante a administração de George W. Bush não se restringiu apenas às medidas de auxílio aos opositores cubanos. Baseou-se também no que se convencionou chamar de “Doutrina Bush”, ou seja, nas diretrizes da política externa dos Estados Unidos para a área de Segurança Nacional no pós-11 de setembro. Por meio da “Doutrina Bush”, os Estados Unidos construíram e declararam guerra ao novo inimigo: o terrorismo internacional. Valendo-se de uma perspectiva maniqueísta – não estranha ao tratamento que é dado às disputas ideológicas por muitos líderes e regimes políticos –, o presidente dos Estados Unidos identificou um “eixo do mal”, composto por países acusados de promover o terrorismo internacional, tais como: Iraque, Irã, Coreia do Norte, Síria e Cuba. O que distinguia a condução da política externa dos Estados Unidos, sob o governo de George W. Bush, não era a percepção de que se travava uma luta do bem contra o mal – uma vez que esta era uma abordagem recorrente no período da Guerra Fria –, mas sim a substituição da figura do inimigo externo. O “império do mal”, como a União Soviética era vista pelos Estados Unidos, dava lugar ao “eixo do mal”²¹², ou seja, a alguns países que conferiam materialidade à abstração da guerra ao “terror”. Essa mutação da natureza do inimigo e da ameaça por ele representada fica evidenciada no documento que expressa a “Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América”:

²¹² Sobre a ideia de substituição do “império do mal” dos tempos da Guerra Fria pelo “eixo do mal” do pós-11 de setembro, cf.: BARBOSA, Rubens Antônio. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a Ordem Mundial e para o Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 45, n. 1, p. 72-91, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292002000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 8 jan. 2013.

As visões militantes de classe, nação e raça, que prometeram a utopia e entregaram a miséria, foram derrotadas e desacreditadas. A América é agora ameaçada menos por Estados conquistadores do que por Estados falidos. Somos ameaçados menos por frotas e por exércitos do que por tecnologias catastróficas nas mãos de uns poucos ressentidos. Devemos derrotar essas ameaças à nossa nação, nossos aliados e amigos²¹³.

A inclusão de Cuba entre os “Estados falidos” que integravam o “eixo do mal” e a ideia, presente na “Doutrina Bush”, de que no combate ao terrorismo os Estados Unidos poderiam empregar a estratégia da “guerra preventiva” fizeram com que ressurgissem, principalmente após a guerra deflagrada em 2003 contra o Iraque, os rumores de que os Estados Unidos poderiam também invadir Cuba. Indo além da tensão militar, o clima de confrontação entre os governos de Cuba e dos Estados Unidos foi pautado por acusações mútuas em torno de alguns dos principais temas da agenda política internacional, tais como: terrorismo, violação dos direitos humanos, migrações, refugiados, tráfico de drogas e de pessoas, turismo sexual e prostituição infantil.

O acirramento das hostilidades entre os dois países foi acompanhado pela intensificação das críticas aos Estados Unidos e à figura de seu presidente nos discursos do governo revolucionário. As críticas à política externa dos Estados Unidos em relação a Cuba dirigiram-se não apenas à ameaça de ataque militar e à ampliação do bloqueio econômico, mas principalmente às medidas do plano de transição. Estas últimas consubstanciaram, segundo Fidel Castro, uma “*guerra electrónica*” contra Cuba em virtude do uso de uma “*nave aérea*” dos Estados Unidos que ampliava os sinais de transmissão de “*radio y televisión anticubanas*”, às quais se esmeravam “*en transmitir una imagen de crisis y caos en Cuba*”²¹⁴. O líder cubano denunciava ainda o fato de a Seção de Interesses dos Estados Unidos, em Havana, difundir letreiros e cartazes considerados ofensivos contra o país caribenho. Além da política externa dos Estados

²¹³ NATIONAL SECURITY COUNCIL. The National Security Strategy of the United States of America. Washington D.C., 17 Sept. 2002. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.html>>, apud AYERBE, Luís F., op. cit., p. 102.

²¹⁴ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto central por el Aniversario 52 del Asalto a los cuarteles Moncada y Carlos Manuel de Céspedes, en el Teatro “Carlos Marx”, el 26 de julio de 2005.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2005/esp/f260705e.html>>. Acesso em: 28 set. 2009.

Unidos, qualificada como “nazifascista”²¹⁵, também foi alvo de duras críticas a figura de seu presidente.

Em um contexto de progressivo aumento das hostilidades entre os dois países, a cerimônia comemorativa do 26 de julho, no ano de 2004, constituiu-se em um ato inteiramente dedicado a George W. Bush. Nessa comemoração, Fidel Castro, em consonância com o que declarara no passado sobre o seu dever de informar-se criteriosamente a respeito dos dirigentes do país inimigo, traçou o perfil do então presidente dos Estados Unidos. Para isso, valeu-se de citações de obras publicadas a respeito de George W. Bush ou que a ele fazem referências – “*Bush en el Diván*” (Justin A. Frank); “*Blancos estúpidos*” (Michael Moore); “*Contra todos los enemigos*” (Richard Clarke); “*Bush en Guerra*” (Bob Woodward) – e a partir delas compôs a imagem de um presidente alcoólatra, fundamentalista religioso e analfabeto funcional, características que, segundo Fidel Castro, ajudariam a explicar “*la extraña conducta y belicosidad del Presidente de los Estados Unidos*”²¹⁶. Depois de traçar o perfil psicológico de George W. Bush e de rebater críticas por ele feitas ao governo cubano, Fidel Castro dirigiu-lhe uma advertência: “*¡Ojalá que, en el caso de Cuba, Dios no quiera “dar instrucciones” al señor Bush de atacar a nuestro país, y lo induzca más bien a evitar ese colosal error!*”. E ao final do discurso despediu-se com um “*Salve, César*”²¹⁷, saudação irônica por meio da qual buscava enfatizar o caráter imperial da administração do presidente dos Estados Unidos.

Por sua política conflitiva em relação ao regime revolucionário, George W. Bush constitui-se em um dos presidentes dos Estados Unidos que personificaram a figura do inimigo da nação cubana e que passaram a integrar uma espécie de panteão às avessas ou panteão contrarrevolucionário: o “*rincón de los cretinos*” (figura 1).

²¹⁵ Id., **Discurso pronunciado por el Presidente de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, en el acto por el Día Internacional de los Trabajadores, efectuado en la Plaza de la Revolución, el 1º de mayo de 2003.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2003/esp/f010503e.html>>. Acesso em: 25 set. 2009.

²¹⁶ Id., **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto por el 51 Aniversario del Asalto a los cuarteles Moncada y “Carlos Manuel de Céspedes”, efectuado en la Universidad Central de Las Villas, el 26 de julio de 2004.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2004/esp/f260704e.html>>. Acesso em: 25 set. 2009. Embora não faça citações ou comentários a respeito, Fidel Castro menciona ainda a obra “*Hijo afortunado*”, cuja publicação teria custado a vida de seu autor, James Howard Hatfield, que, de acordo com as insinuações do líder cubano, teria sido assassinado a mando de George W. Bush.

²¹⁷ Id.



Figura 1: “Rincón de los cretinos”. Artista desconhecido, [s.d.]
Museu da Revolução, Havana, Cuba.
Foto: Giliard Prado, janeiro de 2011.

Neste “rincão dos cretinos” constam as caricaturas, da esquerda para a direita, do ex-presidente de Cuba, Fulgencio Batista (1940-1944; 1952-1959), retratado com o seu habitual traje militar; e dos ex-presidentes dos Estados Unidos: Ronald Reagan (1981-1989), cuja vestimenta se assemelha a dos cowboys do faroeste, em uma possível sátira à sua carreira de ator, quando atuou na série *“Ticket to Far West”*; George H. W. Bush (1989-1993), vestido como imperador romano, em uma explícita alusão às críticas ao império estadunidense; e George W. Bush (2001-2009), cuja representação explora o caráter nazista de sua política, simbolizada pela suástica no chapéu, e o suposto analfabetismo funcional do presidente, que é retratado com orelhas de burro e tentando ler o *“Informe de la Comisión de Ayuda a una Cuba Libre”*²¹⁸, com o documento posicionado de cabeça para baixo (figura 2).

São também bastante significativas as legendas que acompanham cada uma das caricaturas: *“Fulgencio Batista – Gracias cretino por ayudarnos A HACER LA REVOLUCIÓN; Ronald Reagan – Gracias cretino por ayudarnos A FORTALECER LA REVOLUCIÓN; George Bush Sr. – Gracias cretino por ayudarnos A CONSOLIDAR LA REVOLUCIÓN; W. Bush – Gracias*

²¹⁸ Documento que, assim como o analfabetismo funcional do presidente dos Estados Unidos, foi mencionado por Fidel Castro em seu discurso da cerimônia comemorativa do 26 de julho, em 2004.

cretino por ayudarnos A HACER IRREVOCABLE EL SOCIALISMO”²¹⁹. Elas indicam um aspecto que pode ser constatado no discurso oficial da Revolução: a importância da figura do inimigo para legitimar o regime cubano. Não sem motivos, fazem parte do “rincón dos cretinos”: o ex-presidente cubano, contra o qual se insurgiram os revolucionários e que era identificado como um político subserviente aos interesses do império; e três dos ex-presidentes dos Estados Unidos com os quais o governo cubano manteve relações mais antagônicas, aspecto agravado pelo fato de as hostilidades terem ocorrido em uma fase em que já não mais era possível contar com o importante apoio militar da União Soviética.



Figura 2: Representação de George W. Bush no *Rincón de los cretinos*.
Museu da Revolução, Havana, Cuba.
Foto: Giliard Prado, janeiro de 2011.

Outra característica comum aos três ex-presidentes em questão diz respeito ao fato de terem pertencido ao Partido Republicano, que se constituiu no alvo principal das críticas do governo cubano por possuir uma orientação política mais conservadora ou de

²¹⁹ O caráter irrevogável do socialismo foi aprovado na reforma da Constituição cubana, ocorrida em 2002.

direita comparativamente ao Partido Democrata. Desde o tempo da administração de Richard Nixon, Fidel Castro considerava que o Partido Republicano era o que tinha “*la peor posición, la más criminal, la más reaccionaria, la más guerrerista*”²²⁰. As críticas aos políticos republicanos não se restringiam apenas aos presidentes, sendo extensivas também aos membros do poder legislativo, que tradicionalmente adotavam posições mais rígidas no que diz respeito às medidas da política externa em relação a Cuba. Não é por acaso, portanto, que os três presidentes que integram o “rincão dos cretinos” tenham sido republicanos, ou, igualmente, que os três presidentes elogiados por Fidel Castro – Franklin D. Roosevelt, Jimmy Carter e Bill Clinton –, pelo fato de destoarem das práticas nefastas comumente associadas aos presidentes dos Estados Unidos, tenham sido democratas. Contudo, as relações mais hostis com presidentes republicanos e mais amistosas com democratas não constituem uma regra, mas tão somente uma tendência. São exemplos disso: as relações relativamente amistosas mantidas com o republicano Gerald Ford ou ainda as hostilidades com os democratas John Kennedy e Lyndon Johnson²²¹.

Essa tendência a manter relações mais amistosas com os políticos democratas manifestou-se também com o presidente Barack Obama, que foi eleito em 2009 e reeleito em 2013, tendo mandato previsto até janeiro de 2017. Desde a campanha eleitoral de 2008, Fidel Castro apontou Barack Obama como o melhor candidato e reverberou a opinião de que se tratava do melhor “*orador político de Estados Unidos en las últimas décadas*”²²². Em seu governo, Barack Obama adotou algumas medidas que flexibilizaram o bloqueio econômico, no sentido da ampliação da quantidade de viagens a que os cubanos residentes nos Estados Unidos estavam autorizados a fazer para Cuba, bem como dos valores permitidos para as remessas de dinheiro a seus parentes na ilha caribenha. As avaliações do governo cubano sobre a figura do presidente estadunidense alternaram referências elogiosas e críticas. Em ambas as situações, observou-se a

²²⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1972...**, op. cit.

²²¹ A seguir são listados, por partido, os presidentes dos Estados Unidos que foram contemporâneos da experiência revolucionária cubana: a) Partido Republicano: Dwight D. Eisenhower (1953-1961); Richard Nixon (1969-1974); Gerald Ford (1974-1977); Ronald Reagan (1981-1989); George H. W. Bush (1989-1993); George W. Bush (2001-2009); b) Partido Democrata: John Kennedy (1961-1963); Lyndon Johnson (1963-1969); Jimmy Carter (1977-1981); Bill Clinton (1993-2001); Barack Obama (2009 até os dias atuais, com mandato previsto até 2017).

²²² Id., **Reflexiones del compañero Fidel**: las elecciones del 4 de noviembre. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/reflexiones/2008/esp/f031108e.html>>. Acesso em: 29 set. 2009.

predominância de um tom moderado. Em sua política externa em relação a Cuba, o governo dos Estados Unidos mantém o bloqueio econômico e continua auxiliando os dissidentes para que estes possam expressar suas críticas ao regime cubano, de modo a favorecer uma transição democrática no país. Qualquer mudança significativa nas relações entre os dois países continua condicionada ao estabelecimento de um regime democrático em Cuba.

Para Cuba, a manutenção do bloqueio decretado pelos Estados Unidos tem um caráter ambivalente: prejudica a economia do país, mas, do ponto de vista político, favorece a manutenção do governo revolucionário no poder. Os usos do antagonismo com o poderoso inimigo da nação cubana são parte constitutiva das estratégias de legitimação e, conseqüentemente, do estabelecimento de uma memória e de uma identidade para a experiência revolucionária. Tanto é assim que na entrada do Museu da Revolução, em Havana, há uma placa com o significativo slogan “*donde está toda la Historia*” – da Revolução e da pátria cubana – e no interior desse importante “lugar de memória” há o “*rincón de los cretinos*”, um espaço dedicado a três ex-presidentes dos Estados Unidos que personificaram a imagem de inimigos da Revolução. Indo além do caráter sarcástico presente nas representações caricaturais, pode-se afirmar que, quando se leva em conta a importância da figura do inimigo nas estratégias de legitimação do regime cubano, havia mesmo razões para os agradecimentos contidos nas legendas que acompanham as caricaturas e para a inserção desses antagonistas no espaço dedicado a contar a história da Revolução.

Capítulo 3 - A instável amizade com a União Soviética

3.1- Do desinteresse mútuo ao estabelecimento da amizade (1959-1960)

O estabelecimento de vínculos entre Cuba e União Soviética não ocorreu imediatamente após o triunfo da Revolução Cubana. Durante todo o ano de 1959 houve um desinteresse político mútuo entre os dois países, que se explica, levando-se em consideração apenas o motivo cubano, pelo caráter nacionalista da Revolução triunfante. Em seus discursos, nos primeiros meses da experiência revolucionária, o governo cubano manifestava o propósito de manter uma posição de neutralidade e independência em face do confronto ideológico que caracterizava o sistema bipolar da Guerra Fria. Com base nisso, no primeiro ano da Revolução, a política externa cubana foi marcada pela ausência de vínculos – ou, pelo menos, da declaração pública de tais vínculos – com a União Soviética e pela tentativa de evitar relações conflituosas com os Estados Unidos.

Contudo, o programa de reformas adotado pelo governo cubano não tardou a incompatibilizar-se com os interesses econômicos dos Estados Unidos, dando lugar a uma crescente política de relações conflituosas com este país e, concomitantemente, a um progressivo estabelecimento de vínculos com a União Soviética. O primeiro passo no sentido de uma aproximação entre Cuba e União Soviética deu-se no campo econômico através de um acordo comercial, firmado em fevereiro de 1960, cujas bases principais estavam assentadas no intercâmbio do açúcar cubano pelo petróleo soviético²²³. Apesar de importante para a economia cubana, esse acordo comercial não pode ser considerado como o resultado da existência de laços políticos privilegiados entre a União Soviética e Cuba, uma vez que a superpotência socialista também mantinha linhas de crédito e

²²³ Pelos termos desse acordo comercial, firmado em 13 de fevereiro de 1960, a União Soviética comprometia-se a comprar 425.000 toneladas de açúcar em 1960 e um milhão de toneladas em cada um dos quatro anos seguintes. O pagamento pelo açúcar seria feito na seguinte proporção: 80% em produtos, notadamente petróleo – mediante o fornecimento de seis milhões de barris por ano –, e os 20% restantes seriam pagos em divisas. Além disso, a URSS concederia um crédito de US\$ 100 milhões a Cuba, a uma taxa anual de 2,5%, para a compra de equipamentos soviéticos que seriam utilizados no processo de industrialização do país caribenho. Cf. FURTAK, Robert K. Cuba: un cuarto de siglo de política exterior revolucionaria. **Foro Internacional**, v. 25, n. 4, abr./jun., 1985, p. 347-348.

relações comerciais semelhantes com outros países do Terceiro Mundo²²⁴. Convém ressaltar ainda que a persistência do desinteresse mútuo em firmar uma aliança política pode ser evidenciada pelo fato de Cuba e União Soviética somente terem estabelecido relações diplomáticas em maio do referido ano.

Apenas em julho de 1960, no contexto do acirramento do antagonismo entre Cuba e Estados Unidos em virtude das medidas de retaliação econômica adotadas por ambos os países, houve uma aproximação de caráter mais político nas relações cubano-soviéticas. Nestas circunstâncias, quando os Estados Unidos reduziram significativamente a cota de importação do açúcar cubano, a União Soviética dispôs-se a comprar a quantidade de açúcar antes destinada ao comércio com aquele país. Além dessa medida de auxílio econômico, o governo soviético também concedeu ajuda militar, por meio de um acordo para fornecimento de armas a Cuba²²⁵. Antes mesmo de ser estabelecido esse acordo militar, o premiê Nikita Krushev havia declarado, em 09 de julho de 1960, que a União Soviética poderia atuar na defesa da Revolução Cubana, caso o país caribenho fosse invadido por forças estadunidenses. Nas palavras do líder soviético:

(...) los Estados Unidos no están ahora a tal distancia de la Unión Soviética que sean tan inalcanzables como antes. Hablando en sentido figurado, de ser necesario los artilleros soviéticos pueden prestar apoyo al pueblo cubano con el fuego de sus cohetes, en el caso de que las fuerzas agresivas del Pentágono se atrevieran a emprender una intervención contra Cuba²²⁶.

Apesar de formulada em termos hipotéticos e de ter sido interpretada por integrantes do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos como uma declaração meramente retórica, uma vez que não se acreditava que a União Soviética estivesse disposta a deflagrar uma guerra nuclear para defender a Revolução Cubana, essa afirmação de Nikita Krushev foi corretamente entendida pelo governo cubano como um importante trunfo que poderia ser utilizado para dissuadir os Estados Unidos de perpetrarem uma invasão ou ataque direto a Cuba. Consciente da importância de que a Revolução Cubana pudesse contar com o respaldo da superpotência socialista, Fidel

²²⁴ RAMIREZ, Blanca Torres. **Las relaciones cubano-soviéticas (1959-1968)**. México, D.F.: El colegio de México, 1971, p. 28.

²²⁵ Ibid., p. 32.

²²⁶ BOORSTEIN, Edward. **La transformación económica de Cuba**. México, D.F.: Nuestro Tiempo, 1968, p. 42, apud RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 37.

Castro buscou evitar que a declaração de Nikita Krushev caísse no esquecimento, passando a mencioná-la reiteradamente, de modo a obter do primeiro-ministro soviético uma ratificação de seu compromisso de defender a Revolução. Em um curto intervalo de tempo, o oferecimento de mísseis pela União Soviética foi destacado nos discursos que o líder cubano proferiu em três eventos eminentemente políticos: no encerramento do Primeiro Congresso Latino-Americano das Juventudes (06/08/1960); na Primeira Declaração de Havana (02/09/1960); e na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (26/09/1960). Nesta última ocasião, Fidel Castro referiu-se a uma declaração em que Harley Burke, chefe de operações navais das Forças Armadas dos Estados Unidos, afirmava não acreditar que o primeiro-ministro soviético autorizaria o uso de mísseis, por entender que *“él [Nikita Krushev] sabe muy bien que será destruido si así lo hace”*. Logo em seguida, o líder cubano, buscando habilmente uma nova declaração pública do compromisso do governo soviético, comentou nos seguintes termos a opinião do militar estadunidense: *“este señor virtualmente calcula que en caso de un ataque a nosotros, nosotros vamos a estar solos. Es simplemente un cálculo del señor Burke, pero imaginemos que el señor Burke esté equivocado”*²²⁷. Com esse comentário, o primeiro-ministro cubano conseguiu despertar manifestações de apoio da delegação soviética presente à Assembleia da ONU, inclusive do premiê Nikita Krushev.

O discurso de Fidel Castro na Assembleia das Nações Unidas foi representativo do gradual processo de aproximação política entre Cuba e União Soviética. Em seu pronunciamento, o líder máximo da Revolução Cubana expressou pontos de vista convergentes com o governo soviético em importantes questões da política internacional: reverberou trechos do discurso de Nikita Krushev; apoiou a crítica feita pela União Soviética à corrida armamentista e sua proposição em favor de um desarme total; e opôs-se à política dos Estados Unidos de instalação de bases militares em países ao redor da União Soviética. Contudo, em seu longo discurso houve espaço também para a afirmação de posições anti-imperialistas, nacionalistas e terceiro-mundistas. Ao final da Assembleia da ONU, quando foi instado a responder se era comunista, Fidel Castro esquivou-se,

²²⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la sede de las Naciones Unidas, Estados Unidos, el 26 de septiembre de 1960.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260960e.html>>. Acesso em: 22 abr. 2009.

dizendo: “para vocês, comunista é todo aquele que tem ideias progressistas. Sou o mesmo de sempre e não faço mais que cumprir tudo que prometi”. Ao ser interpelado com essa mesma pergunta, Nikita Kruschev também evitou dar uma resposta direta, afirmando não saber se Fidel Castro era comunista, “mas que ele [Krushev] se considerava um fidelista”²²⁸. Em virtude dessa declaração do premiê soviético, logo surgiram em muros da cidade de Havana grafites com a frase: “¿Fidel comunista?: Nikita fidelista”²²⁹.

É possível identificar o estabelecimento de uma aliança política ou relação de amizade entre Cuba e União Soviética no decorrer do segundo semestre de 1960, notadamente entre os meses de julho e setembro. Nesse período, o oferecimento dos mísseis pelo premiê Nikita Kruschev para a defesa da Revolução Cubana (09/07/1960), que foi representativo de uma mudança na postura soviética em relação a Cuba; e as primeiras referências públicas feitas por Fidel Castro acerca de sua intenção de manter uma política de amizade com a União Soviética – inicialmente em um evento da Federação das Mulheres Cubanas (23/08/1960), destinado a um público restrito, e, em seguida, na grande concentração popular que marcou a Primeira Declaração de Havana (02/09/1960) – constituíram-se em acontecimentos que, conforme o critério que se priorize, podem ser apontados como marcos simbólicos da oficialização da amizade entre os dois países.

Independentemente da fixação de uma data precisa como marco cronológico, importa destacar que o surgimento da relação de amizade entre Cuba e União Soviética ocorreu no mesmo período em que os Estados Unidos passaram a figurar como o principal inimigo da Revolução Cubana. Isto não deve, porém, ser interpretado como uma simples coincidência quanto ao período, pois a trajetória dos vínculos entre Cuba e União Soviética foi bastante influenciada pelas relações que cada um desses países mantinha com os Estados Unidos.

²²⁸ FURIATI, Cláudia. **Fidel Castro**: uma biografia consentida. Tomo II (do subversivo ao estadista). 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2001, p. 93.

²²⁹ CABALLERO, Manuel. Tormentosa historia de una fidelidad: el comunismo latinoamericano y la URSS. **Nueva Sociedad**, n. 80, nov./dic., 1985, p. 8. Disponível em: <www.nuso.org/upload/articulos/1335_1.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2012.

A mudança de postura da União Soviética em relação a Cuba, passando de um notável desinteresse político ao oferecimento de proteção militar e auxílio econômico, estava associada, em grande medida, às disputas entre as duas superpotências pela hegemonia na ordem mundial bipolar. Um dos principais fatores que explicam o desinteresse inicial da União Soviética pela Revolução Cubana diz respeito ao seu intento de manter uma política de coexistência pacífica com os Estados Unidos, razão pela qual era importante não interferir na tradicional zona sob a influência da superpotência capitalista: o continente americano²³⁰. Acessoriamente, podem ainda ser levadas em consideração as incertezas relativas à consolidação da Revolução Cubana e também a percepção soviética de que não se tratava de uma revolução de caráter socialista e de que os principais líderes cubanos não demonstravam afinidade ideológica com o Kremlin.

Contudo, em meados de 1960 ocorre a mudança de postura do governo soviético no sentido de uma aproximação política com Cuba. Para isso, concorreram os seguintes aspectos: o temor de que o seu poder de negociação com os Estados Unidos – até então alicerçado na suposta superioridade militar da superpotência socialista – fosse diminuído depois que, em maio de 1960, um avião estadunidense foi abatido por violar o espaço aéreo soviético enquanto fazia um voo de espionagem para investigar a real capacidade nuclear deste país²³¹; e ainda as pressões decorrentes da cisão no movimento comunista, com a China criticando a política de coexistência pacífica, considerada por Mao Tsé-Tung como uma expressão da cumplicidade soviética com o imperialismo²³². Em face dessas circunstâncias e buscando manter elevado o seu poder de negociação com os Estados Unidos e o seu prestígio à frente do movimento comunista mundial, a União Soviética decidiu fazer uso das vantagens políticas que poderia obter em decorrência do estreitamento de vínculos com Cuba, valendo-se do contexto de crescente antagonismo entre os governos cubano e estadunidense e da localização estratégica do país caribenho. Este último aspecto teve sua importância evidenciada tanto no discurso em que Nikita Krushev, nuançando a perspectiva da coexistência pacífica, ofereceu os mísseis soviéticos para defender a Revolução Cubana quanto em uma declaração posterior, datada de 12 de julho de 1960, na qual ele afirmou que a Doutrina Monroe – cuja

²³⁰ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 221.

²³¹ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 32.

²³² BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 233.

concepção política estava sintetizada na frase “a América para os americanos” – havia perdido sua utilidade e “*fallecido de muerte natural*”²³³.

Para Cuba, em decorrência da já mencionada intensificação das relações conflituosas com os Estados Unidos, o estreitamento de vínculos com a União Soviética também era bastante útil, não apenas pelo auxílio econômico que permitia ao governo revolucionário prosseguir com o programa de reformas, mas principalmente pelo importante papel que o respaldo militar dos mísseis soviéticos representava para a defesa da Revolução Cubana, uma vez que dissuadia o governo estadunidense de autorizar uma invasão ou ataque de suas forças militares ao país caribenho²³⁴. A aliança com a União Soviética pode ser entendida como uma forma pela qual o governo cubano “pretendeu salvar a Revolução”²³⁵ ou, pelo menos, um determinado projeto político revolucionário.

3.2- O período do equilíbrio instável: entre a dependência econômico-militar e a independência político-ideológica (1960-1970)

Construída sobre bases pragmáticas, a amizade cubano-soviética, desde o momento em que se estabelece e no decorrer de sua trajetória, apresenta duas características principais: a dependência econômica e militar de Cuba em relação à União Soviética; e as divergências ideológicas e políticas entre os dois países. A gestão dessa amizade é, portanto, atravessada por uma tensão: a necessidade de encontrar um ponto de equilíbrio, de modo a conciliar os acordos econômicos e militares com os desacordos políticos e ideológicos. São fundamentalmente as variações neste último aspecto, isto é, no grau de divergência ou alinhamento no campo ideológico que definem os momentos de maior ou menor estabilidade nas relações cubano-soviéticas.

Como havia vantagens, ainda que de natureza e com intensidades distintas para ambos os países, compreende-se que a aliança política entre Cuba e União Soviética,

²³³ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 31.

²³⁴ Esse poder de dissuasão, que fez com que os Estados Unidos não autorizassem um ataque de suas tropas militares a Cuba, ficou evidenciado, por exemplo, nos episódios da invasão de *Playa Girón* e durante a guerrilha de Escambray.

²³⁵ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 244.

atendendo a necessidades práticas, tenha sido gestada mesmo diante das diferenças ideológicas. Em importantes momentos da experiência revolucionária cubana, a tomada de decisões foi orientada pelo pragmatismo. Foi este o caso, por exemplo, da proclamação do caráter socialista da Revolução Cubana. Convém lembrar que essa declaração pública de adesão ao socialismo, em 16 de abril de 1961, ocorreu em uma circunstância que apresentava certa excepcionalidade, uma vez que não teve lugar em um ato eminentemente político, mas sim em uma cerimônia fúnebre em homenagem às vítimas de um bombardeio que tinha sido realizado na véspera por aviões procedentes dos Estados Unidos. Além disso, a proclamação do socialismo não foi objeto de enaltecimento político-ideológico e tampouco esteve acompanhada de considerações teóricas ou da reivindicação de qualquer corrente de pensamento, tendo o caráter socialista sido mencionado somente em duas breves passagens do discurso, quando Fidel Castro afirmou que os cubanos tinham feito *“una Revolución socialista en las propias narices de Estados Unidos!”* e, em seguida, ao declarar que aquela era *“la Revolución socialista y democrática de los humildes, con los humildes y para los humildes”*. Naquele momento, o governo revolucionário já possuía informações privilegiadas acerca dos preparativos para a invasão das tropas de cubanos exilados e considerou que o bombardeio ocorrido na véspera tinha sido *“el prelude de la agresión de los mercenarios”*²³⁶, colocando o país em estado de alerta.

Diante da imprevisibilidade quanto aos desdobramentos que a invasão poderia ter, incluindo-se aí uma eventual participação direta dos Estados Unidos, a declaração do caráter socialista era oportuna, pois se constituía em uma medida que objetivava aumentar as possibilidades de obter a proteção militar da União Soviética e até mesmo de outro país socialista, caso Cuba precisasse de ajuda para defender-se de um ataque. A avaliação certamente era que o governo soviético, em virtude de sua posição de liderança no movimento comunista mundial e das críticas feitas pela China à política de coexistência pacífica, sentir-se-ia mais pressionado e persuadido a ajudar militarmente uma revolução socialista do que uma revolução que até aquele momento apenas se declarava como de libertação nacional e anti-imperialista²³⁷.

²³⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso... 16 de abril de 1961...**, op. cit.

²³⁷ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 46; BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 296.

É significativo o fato de que mesmo no discurso em que declarou publicamente o caráter socialista da Revolução, Fidel Castro tenha permanecido adstrito à simbologia do nacionalismo cubano. Tanto é assim que após ter pela primeira vez gritado um “¡Viva la Revolución socialista!”, o líder cubano reivindicou tão somente a tradição de lutas libertárias da nação, reproduzindo em seu discurso – a exemplo do que fizera em *La historia me absolverá* – trechos do hino nacional cubano, conforme se verifica a seguir:

Compañeros, todas las unidades deben dirigirse hacia la sede de sus respectivos batallones, en vista de la movilización ordenada para mantener el país en estado de alerta ante la inminencia que se deduce de todos los hechos de las últimas semanas y del cobarde ataque de ayer, de la agresión de los mercenarios. Marchemos a las Casas de los Milicianos, formemos los batallones y dispongámonos a salirle al frente al enemigo, con el Himno Nacional, con las estrofas del himno patriótico, con el grito de “al combate”, con la convicción de que “morir por la patria es vivir” y que “en cadenas vivir es vivir en oprobios y afrentas sumidos”²³⁸.

A percepção do objetivo prático a que atendia a declaração do caráter socialista da Revolução Cubana pode ser ilustrada também pela ausência de qualquer repercussão política na União Soviética, onde o governo adotou o mais completo silêncio a respeito. Nos meses seguintes à declaração feita por Fidel Castro, a imprensa soviética continuava incluindo Cuba no rol de Estados “nacional-democráticos”²³⁹, recusando-se, portanto, a qualificar o regime cubano como socialista. Por mais que tenha se esquivado quando foi interpelado a responder publicamente se Fidel Castro era comunista, Nikita Krushev estava convencido de que o líder da Revolução Cubana “não era comunista”²⁴⁰ e afirmava isto em conversas pessoais e também por meio de correspondências diplomáticas, tanto antes quanto depois do 16 de abril de 1961.

Alguns meses após ter proclamado que a Revolução era socialista, Fidel Castro declarou, em discurso proferido no dia 02 de dezembro de 1961, o marxismo-leninismo como ideologia oficial da Revolução Cubana. Desta vez, porém, não se tratou de uma declaração vaga e desprovida de qualquer conteúdo teórico. Ao afirmar-se como marxista-leninista, o líder cubano empreendia uma mudança no percurso ideológico da experiência revolucionária, mas buscava apresentar essa transformação em termos de

²³⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso... 16 de abril de 1961...**, op. cit.

²³⁹ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 44.

²⁴⁰ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 306.

continuidade, como o resultado do cumprimento de uma teleologia histórica. A tradição do nacionalismo revolucionário cubano não foi completamente abandonada, mas deixou de ser a única corrente de pensamento reivindicada, passando a ter seu uso conjugado ao socialismo. Porém, estrategicamente, o termo “nacionalista” foi sendo substituído pelo, desde então, prioritário termo “socialista”. Já não mais havia lugar, por exemplo, para as anteriores associações das palavras “nacionalista” e “anti-imperialista” para definir o caráter da Revolução Cubana. Neste seu discurso do dia 02 de dezembro de 1961, Fidel Castro argumentou que, assim como o imperialismo era uma expressão da política do capitalismo, o anti-imperialismo era a expressão da política socialista. Contradizendo declarações anteriores – em que havia negado uma identificação ideológica tanto com o capitalismo quanto com o comunismo e postulado uma posição de neutralidade em face do debate ideológico da Guerra Fria –, mas manifestando o cada vez mais frequente binarismo com que interpretava a política, afirmou ser preciso levar em consideração *“que no hay términos medios entre capitalismo y socialismo. Los que se empeñan en encontrar terceras posiciones, caen en una posición verdaderamente falsa e verdaderamente utópica”*²⁴¹.

De acordo com o líder cubano, todos aqueles que pretendessem adotar uma terceira posição estariam sendo cúmplices do imperialismo. Com base nessa linha de raciocínio, considerava que os dirigentes revolucionários tinham que escolher entre dois termos: *“traición o revolución”*²⁴². Optar pela “traição” significava submeter-se ao imperialismo, negar-se a enfrentá-lo e, com isso, desonrar a memória dos cubanos que haviam se sacrificado nas lutas libertárias do país. Com essa referência ao que considerava como traição, Fidel Castro estava se defendendo das críticas que lhe eram feitas por antigos aliados que o acusavam de ter traído o ideário nacionalista e democrático – em nome do qual eles haviam lutado contra a ditadura de Fulgencio Batista –, promovendo uma transição ao socialismo. Por sua vez, escolher a “revolução” significava adotar uma política verdadeiramente revolucionária, ou seja, que fosse, a um só tempo, anti-imperialista e socialista. Diante dessas duas possibilidades, os dirigentes revolucionários escolheram:

²⁴¹ CASTRO, Fidel. De Martí a Marx. In: LÖWY, Michel (Org.). **El marxismo en América Latina**: antología, desde 1909 hasta nuestros días. Santiago de Chile: LOM ediciones, 2007, p. 286.

²⁴² Ibid., p. 287.

el único camino honrado, el único camino leal que podíamos seguir con nuestra patria, y acorde con la tradición de nuestros mambises²⁴³, acorde con la tradición de todos que han luchado por el bien de nuestro país. Ese es el camino que hemos seguido: el camino de la lucha antiimperialista, el camino de la revolución socialista²⁴⁴.

Em sua evocação de personagens das lutas revolucionárias cubanas, Fidel Castro buscou assinalar antecedentes do pensamento anti-imperialista e socialista no país, citando nominalmente: Antonio Guiteras, Rubén Martínez Villena e Julio Antonio Mella, revolucionários que tiveram atuação destacada na luta contra o governo ditatorial de Gerardo Machado (1925-1933). A reivindicação desses três personagens não era fortuita. O primeiro deles havia proposto a luta armada como método para derrotar a ditadura. Já os dois últimos possuíam uma bem definida orientação marxista, tendo sido dirigentes do primeiro Partido Comunista de Cuba²⁴⁵. Como em qualquer genealogia do pensamento revolucionário cubano, foi reivindicada também a onipresente figura de José Martí, de cuja imagem fez-se uso não apenas pelas críticas que ele havia feito ao imperialismo, mas principalmente para respaldar a nova corrente de pensamento que passava a ocupar o centro das estratégias de legitimação da experiência revolucionária cubana: o marxismo-leninismo. Fidel Castro admitiu que José Martí não era marxista-leninista – até porque careceria de razoabilidade sustentar o contrário –, mas buscou construir a ideia de que não estava profanando a memória do principal herói das lutas pela independência cubana

²⁴³ O termo *mambises* é utilizado para designar os cubanos que lutaram nas guerras independentistas do século XIX. “*Mambí es un vocablo, de formas substantivas y adjetivas, aplicado al cubano separatista contra España, especialmente al que luchaba en armas por la cesación del coloniaje y el advenimiento de la independencia nacional. Mambí es una palabra africanoide, concretamente bantú, construida sobre una raíz, mbí, que tiene numerosas acepciones despectivas. Los españoles comenzaron a usarla en Santo Domingo, contra los dominicanos que no se sometieron a su gobierno a mediados del siglo XIX. Mambí quería decir insurrecto, bandido, criminal, revoltoso, infame, malo, lo mismo allá por el Congo y tierras africanas. Los militares españoles que evacuaron a Santo Domingo y llegaron a Cuba al bregar contra el insurgente cubano lo llamaron también mambí. Esa denominación despectiva pasó a ser apelativo honroso*”. Disponível em: <<http://www.ecured.cu/index.php/Mambises>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

²⁴⁴ CASTRO, Fidel. De Martí a Marx..., op. cit., p. 290.

²⁴⁵ O primeiro Partido Comunista de Cuba foi fundado em 1925. Na década de 1940, o Partido teve seu nome modificado para Partido Socialista Popular, mas manteve sua orientação comunista. Em 1961, o PSP passou a integrar, ao lado do Movimento 26 de julho e do Diretório Revolucionário 13 de Março, as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), as quais deram origem, em 1962, ao Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC), que, por sua vez, deu lugar, em 1965, ao atual Partido Comunista de Cuba (PCC). Disponível em: <http://www.ecured.cu/index.php/Partido_Comunista_de_Cuba>. Acesso em: 30 abr. 2013.

e de que contava com o seu respaldo, ao afirmar: *“Martí dijo de Marx que puesto que se puso del lado de los pobres, tenía todas sus simpatías”*²⁴⁶.

A intenção do governo cubano era reforçar em torno da política revolucionária cubana as ideias de unicidade e coerência e, dessa forma, apresentar a transição ao socialismo como uma continuidade do percurso ideológico da Revolução, que estaria em consonância com as leis da história. Segundo Fidel Castro, *“la revolución antiimperialista y socialista solo tenía que ser una, una sola revolución, porque no hay más que una revolución. Ésa es la grande verdad dialéctica de la humanidad: el imperialismo, y frente al imperialismo el socialismo”*. Essa verdade dialética teria como resultado *“la superación de la etapa del capitalismo y el imperialismo, el establecimiento de la era del socialismo, y después la era del comunismo”*²⁴⁷. Em seu percurso revolucionário, Cuba tinha enfrentado o imperialismo, estabelecido o socialismo e preparava-se para chegar ao comunismo²⁴⁸. Para assegurar o cumprimento dessas etapas, os dirigentes da Revolução estavam orientados pela *“teoría más correcta, más científica”* e que era considerada como *“la única teoría revolucionaria verdadera”*. Foi em nome dessa teoria que Fidel Castro fez a sua profissão de fé, expressando-se nos seguintes termos: *“lo digo aquí con entera satisfacción, y con entera confianza: soy marxista-leninista, y seré marxista-leninista hasta el último día de mi vida”*²⁴⁹.

A declaração do marxismo-leninismo como ideologia oficial da Revolução Cubana foi motivada tanto por fatores externos quanto internos. No plano internacional, a definição dos princípios ideológicos que guiavam a experiência revolucionária cubana representava a adoção de uma postura menos vacilante, o que favorecia o estreitamento de laços com a União Soviética e os demais países do bloco socialista, de modo a atender ao propósito do governo cubano de conseguir uma ampliação da proteção militar e da ajuda econômica até então recebidas²⁵⁰. Como, desta vez, diferentemente de quando havia proclamado de forma imprecisa o caráter socialista da Revolução, Fidel Castro

²⁴⁶ CASTRO, Fidel. De Martí a Marx..., op. cit., p. 287.

²⁴⁷ Ibid., p. 290.

²⁴⁸ Fidel Castro ressaltou neste discurso que a instauração do comunismo não ocorreria em um curto espaço de tempo, podendo levar até três décadas. Porém, ainda na primeira metade da década de 1960, propôs-se a construir o socialismo e o comunismo a um só tempo.

²⁴⁹ Ibid., p. 291.

²⁵⁰ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 350.

definiu os rumos a serem seguidos por um processo revolucionário que se propunha a instaurar o comunismo, a imprensa soviética não silenciou a respeito da declaração do líder cubano, repercutindo nos periódicos *Izvestia* e *Pravda* a sua filiação ideológica ao marxismo-leninismo²⁵¹.

Contudo, talvez até mais do que as questões da política internacional, a situação política interna parece ter desempenhado um papel preponderante na decisão de Fidel Castro de declarar-se marxista-leninista. No período em questão as três forças políticas que participavam do governo cubano – o Movimento 26 de Julho, o Diretório Revolucionário 13 de Março e o Partido Socialista Popular – estavam agrupadas nas Organizações Revolucionárias Integradas (ORI). Porém, “a fusão das forças revolucionárias tornou-se meramente nominal”, uma vez que, na prática, o PSP “absorvia as outras duas organizações”²⁵². Para isto, dois aspectos foram determinantes: o fato de que o PSP “era a única das forças que possuía quadros capacitados e uma estrutura de organização sólida, coesa e disciplinada capaz de sustentar a constituição e o funcionamento do governo revolucionário”²⁵³; e também o crescente prestígio que os seus dirigentes – comunistas de longa data e afinados ideologicamente com o Kremlin – passaram a ter em um período no qual Cuba e União Soviética estreitavam seus vínculos.

Havia alguns dirigentes do PSP que questionavam a liderança de Fidel Castro e sua formação ideológica assentada em ideias burguesas, argumentando que os comunistas de longa data constituíam o grupo mais capacitado para conduzir a revolução socialista em Cuba. A declaração de Fidel Castro de que era marxista-leninista ocorreu, portanto, em um momento no qual ele sentiu o seu poder ameaçado em face da progressiva influência política dos dirigentes do PSP no governo revolucionário e, em particular, da atuação de Aníbal Escalante, secretário encarregado da organização das ORI, que estava indicando apenas comunistas para a direção do partido e para os principais cargos administrativos e que era tido como “homem de confiança da URSS”²⁵⁴, possuindo estreitas relações com o embaixador e com os integrantes dos serviços de segurança desse país. Além disso, constituía-se em um dos principais críticos da formação ideológica do líder da Revolução.

²⁵¹ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 45.

²⁵² BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 380.

²⁵³ Ibid., p. 377.

²⁵⁴ Ibid., p. 380.

Diante dessas circunstâncias, compreende-se a importância da *“rápida conversión de Fidel Castro al marxismo-leninismo”*, uma vez que essa decisão *“dejaba a algunos líderes del PSP sin su mejor arma y prevenía, a la vez, un posible apoyo de la URSS a esa facción”*²⁵⁵.

Logo, porém, ficou evidente que a profissão de fé marxista-leninista feita por Fidel Castro não era propriamente a expressão de suas convicções ideológicas e que ele não estava disposto a seguir o marxismo em consonância com a ortodoxia soviética e muito menos a perder o posto de líder máximo da Revolução, permitindo que os comunistas do PSP controlassem o governo. Pouco tempo depois de ter declarado que o marxismo-leninismo era *“a única teoria revolucionária verdadeira”*, Fidel Castro teceu fortes críticas – em uma implícita referência aos comunistas do PSP – ao dogmatismo daqueles que, por serem marxistas, consideravam-se os únicos que faziam jus ao *“conceito de revolucionário”*. Em março de 1962, durante o ato comemorativo em homenagem aos mártires do assalto ao Palácio Presidencial – uma ação rebelde que fora realizada, em 13 de março de 1957, pelo Diretório Revolucionário –, houve um episódio que forneceu elementos a Fidel Castro para fundamentar a sua crítica ao dogmatismo. Ele constatou que o mestre daquela cerimônia foi orientado por dirigentes do PSP a suprimir da leitura do documento que se convencionou chamar de *“Testamento Político”* de José Antonio Echeverría – presidente do Diretório Revolucionário e um dos mártires daquela ação – um trecho no qual havia uma referência a Deus. Tratava-se da passagem na qual Echeverría havia escrito: *“Confiamos en que la pureza de nuestras intenciones nos traiga el favor de Dios para lograr el imperio de la justicia en nuestra patria”*. Condenando essa censura imposta por aqueles que eram os comunistas de longa data em Cuba, Fidel Castro questionou: *“¿Podrá llamarse ‘concepción dialéctica de la historia’ semejante cobardía? ¿Podrá llamarse marxismo semejante manera de pensar? ¿Podrá llamarse socialismo semejante fraude? ¿Podrá llamarse comunismo semejante engaño?”*. E prosseguiu sua crítica, afirmando:

(...) con ese criterio, habría que comenzar por suprimir todos los escritos de Carlos Manuel de Céspedes, que expresó el pensamiento de su tiempo, que expresó el pensamiento de su clase, que expresó el pensamiento revolucionario que correspondía a un momento en que los

²⁵⁵ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 46-47.

*criollos, los representantes de la riqueza nacional se rebelaron contra el yugo y la explotación de España. ¿Y qué ideas influían a aquellos hombres? ¡Las ideas de la Revolución Francesa, es decir, de la revolución burguesa! ¿Y qué ideas influyeron a los próceres de América, que ideas influyeron en Bolívar? ¡Aquellas mismas ideas! ¿Qué ideas influyeron en Martí, que ideas influyeron en Maceo, que ideas influyeron en Máximo Gómez y los demás hombres de aquella gloriosa estirpe? ¿Qué ideas influyeron en nuestros poetas de aquel tiempo, representantes de la cultura cubana, raíz de nuestra historia, sino las ideas de aquel tiempo? ¿Y entonces tendremos que suprimir los libros de Martí porque Martí no fuera marxista-leninista, porque Martí respondiera al pensamiento revolucionario que cabía en nuestra patria en aquella era?*²⁵⁶

Por meio dessa crítica, Fidel Castro estava, embora indiretamente, defendendo-se dos que se opunham à sua liderança por avaliarem que, em virtude de sua formação ideológica pequeno-burguesa, ele não era o dirigente mais capacitado para conduzir a revolução socialista em Cuba. Estava ainda justificando os usos combinados que passara a fazer das correntes de pensamento socialista e nacionalista. Em seu entendimento, adotar a perspectiva dogmática dos dirigentes do PSP – aos quais estavam implicitamente direcionadas as suas críticas – significaria “*abolir el concepto de revolucionario desde Espartaco hasta Martí*” e incorrer, como consequência de uma “*concepción miope, sectaria, estúpida y manca*”, na negação tanto do marxismo quanto da história, dos valores e das raízes cubanas. Com base nessa linha de raciocínio, manifestou seu repúdio em relação aos “*que se creen más revolucionarios que nadie, y creen que la Revolución está en gritar, y creen que la Revolución está en decir: ‘Izquierda, izquierda’*”. E acerca dessa postura, questionava: “*¿A quién van a conquistar con eso? ‘Izquierda, izquierda, izquierda siempre izquierda’, eso no es el socialismo, eso puede ser Izquierdismo, enfermedad infantil del comunismo*”²⁵⁷.

Depois de haver sugerido, por ocasião da cerimônia comemorativa do 13 de março, em 1962, uma “*autocrítica*” ao responsável pela censura ao “Testamento Político”

²⁵⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto en homenaje a los mártires del Asalto al Palacio Presidencial, en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1962.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f130362e.html>>. Acesso em: 23 abr. 2009.

²⁵⁷ Id. As palavras com as quais Fidel Castro conclui esse trecho de seu discurso fazem alusão ao título de um texto clássico de Lênin: “*La enfermedad infantil del ‘izquierdismo’ en el comunismo*”. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/oe12/lenin-obrasescogidas11-12.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

de Echeverría, e de ter declarado “guerra” ao sectarismo²⁵⁸, Fidel Castro continuou abordando esse tema nos discursos seguintes. Ainda sem nominar o alvo de suas críticas, destacou a necessidade de corrigir distorções praticadas por aqueles que, por pertencerem às ORI, julgavam-se no direito de “*estar dando órdenes, quitar y poner, crear el caos dentro del Estado*”. Na opinião do líder cubano, os que recorriam a este tipo de procedimento – desejosos de poder, autoridade e prestígio – conseguiam tão somente “*ganarle enemigos a la Revolución y amigos a los enemigos de la Revolución*”. Em seguida, acrescentou que a autoridade de um revolucionário não era determinada pelas posições de poder que ocupava, como, por exemplo, pelo pertencimento às ORI. Neste sentido, Fidel Castro expôs o que, no seu entendimento, fazia de alguém um revolucionário e, ainda que não fosse essa a sua intenção, colocou em evidência o pragmatismo e o cálculo político a partir dos quais orientava a sua própria conduta, ao afirmar que: “*los revolucionarios se hacen con el ejemplo, con la palabra oportuna en el momento oportuno; con el argumento bien pensado, bien dirigido; con las palabras en el momento en que las palabras se necesitan, que son necesarias para orientar*”²⁵⁹.

A correção das distorções no âmbito do partido revolucionário, a que se referia Fidel Castro, foi feita com o expurgo de Aníbal Escalante do Diretório Nacional das ORI. No dia 26 de março de 1962, o líder máximo da Revolução utilizou-se da rede nacional de rádio e TV para criticá-lo publicamente, acusá-lo de sectarismo e comentar sua exclusão das ORI. Fidel Castro afirmou que Aníbal Escalante tinha incorrido em graves erros, abusado da confiança que lhe fora concedida e utilizado o partido político para atender a ambições pessoais. Com seus métodos de atuação, ele tinha feito das ORI “*una camisa de fuerza, un yugo*”, convertendo-as em “*un ejército de revolucionarios domesticados y amaestrados*”²⁶⁰. Tendo o seu nome quase sempre acompanhado do epíteto “*compañero*”, Aníbal Escalante foi apontado como sectário, mas, diferentemente do que ocorreu com outros revolucionários que discordaram dos rumos dados à Revolução por

²⁵⁸ Id.

²⁵⁹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario de la Dirección Nacional de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de graduación de 300 instructoras revolucionarias para las escuelas de domésticas, efectuado en el Teatro “Chaplin”, el 16 de marzo de 1962**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f160362e.html>>. Acesso em: 23 abr. 2009.

²⁶⁰ Id., La seriedad de un partido revolucionario se mide por la actitud ante sus propios errores – comparecencia por radio y televisión, La Habana, 26 de marzo de 1962. In: _____. **El partido, una revolución en la revolución: selección temática (1961-2005)**. La Habana: Ed. Política, 2011, p. 49.

seu Comandante em Chefe, não foi acusado de traição. Nas palavras de Fidel Castro, o dirigente do PSP não podia ser visto como *“otros hombres que fueron de la Revolución y después la traicionaron”*²⁶¹. Por isso, em vez de ter sido preso ou encaminhado ao paredão, apenas foi defenestrado, recebendo a “sugestão” de retirar-se do país. Pouco antes do discurso de Fidel Castro em rede nacional, Aníbal Escalante partiu de Cuba com destino a Praga e de lá seguiu para Moscou, onde permaneceu exilado por alguns anos²⁶². Para a punição menos severa que lhe foi aplicada parece ter sido decisiva a avaliação de que, naquele momento, não convinha incompatibilizar-se publicamente com o PSP, pois isso poderia comprometer as relações com a União Soviética.

Mais do que simplesmente abordar uma questão da política interna, o discurso de denúncia do sectarismo expunha de forma contundente as divergências ideológicas que o governo revolucionário mantinha, a um só tempo, com os comunistas do PSP, no plano interno, e com a União Soviética, no plano externo. Uma das principais diferenças ideológicas pode ser expressa, por exemplo, por meio de uma polêmica criada em torno de alguns nomes que compuseram a lista dos 25 membros da Diretoria Nacional das ORI. De posse de fontes de informação privilegiadas – não se sabe se resultantes simplesmente das comuns intrigas partidárias ou se do trabalho de vigilância e delação dos CDRs –, o líder da Revolução tornou pública a crítica feita por um militante do PSP e secretário das ORI no município de Bayamo, chamado Fidel Pompa, que, por ocasião da divulgação da lista dos membros da Diretoria Nacional das ORI, questionou os nomes de Emilio Aragonés, Guillermo García, Sergio del Valle e Haydée Santamaría, insinuando desconhecê-los e desaprovando a sua inclusão na referida lista. Em resposta a essa crítica, Fidel Castro apresentou cada um dos revolucionários citados, enaltecendo os seus méritos na luta guerrilheira e afirmando que se Fidel Pompa não os conhecia era *“sencillamente porque cuando aquí la gente estaba combatiendo él estaba debajo de la cama”*²⁶³. E acrescentou dizendo que a revolução socialista em Cuba tinha sido possível graças aos rebeldes que lutaram nas guerrilhas da Sierra Maestra, sem cujos esforços o

²⁶¹ Ibid., p. 50.

²⁶² As informações baseiam-se na obra de Luiz A. Moniz Bandeira. Este autor, porém, não se refere à partida de Aníbal Escalante nos termos aqui utilizados, ou seja, como um “exílio”. Cf.: BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 386.

²⁶³ CASTRO, Fidel. La seriedad de un partido revolucionario..., op. cit., p. 63.

militante do PSP possivelmente ainda estaria “*debajo de la cama*”²⁶⁴. Não se tratava, porém, de uma simples antinomia entre coragem e covardia. No centro dessa polêmica envolvendo distintas concepções revolucionárias estava a oposição fundamental entre, de um lado, os que haviam participado da luta armada e, de outro lado, os que atribuíam maior ênfase à formação e militância política marxista, bem como ao papel de vanguarda a ser exercido pelo partido.

A oposição à ideia de que uma melhor formação política marxista constitui-se no critério determinante para que um grupo tenha a primazia na condução de uma revolução está presente em diversas passagens desse discurso de Fidel Castro sobre o sectarismo. O líder da Revolução criticou, por exemplo, o argumento de que alguns oficiais do Exército Rebelde, em razão de seu “*bajo nivel político*”, não poderiam estar no comando de suas respectivas tropas, questionando:

*¿Cómo se puede haber luchado por una Revolución socialista, y después decir que quien luchó y peleó por esa Revolución, y fue leal a ella, y en los momentos de vacilaciones no vaciló, y estuvo siempre presente, y se enfrentó a los vacilantes, y se enfrentó a los enemigos, y estuvo siempre dispuesto a morir, y se movilizó cuando los mercenarios, y pudo morir combatiendo a los mercenarios después de haber declarado que esta Revolución era socialista, le van a quitar el mando de tropas por bajo nivel político y van a poner a un bachiller cualquiera, capaz de recitar de memoria un catecismo de marxismo aunque no lo aplique?*²⁶⁵

No âmbito dessa crítica aos que se julgavam mais capacitados em virtude de uma melhor formação política, Fidel Castro ironizou, surpreendentemente, os que falavam “*como un papagayo*” sobre questões do marxismo-leninismo, considerando que para ser um revolucionário não era preciso saber recitar “*El Capital*” e ser submetido a “*un examen de marxismo-leninismo*”²⁶⁶. Além disso, rebateu as críticas feitas por distintos militantes do PSP, que haviam dito que “*La historia me absolverá*” era um documento reacionário e que as ações do assalto ao Moncada e do desembarque do Granma tinham sido um erro. Em resposta à afirmação de que “*La historia me absolverá*” não tinha um caráter marxista, mas sim reacionário, o líder cubano argumentou que não almejava que aquele documento se convertesse em uma “*obra clásica de Marxismo*” e que ele era a

²⁶⁴ Ibid., p. 64.

²⁶⁵ Ibid., p. 71.

²⁶⁶ Ibid., p. 71-72.

expressão *“de un pensamiento revolucionario en evolución. No es todavía el pensamiento de un marxista, pero es el pensamiento de un joven que se encamina hacia el marxismo y empieza a actuar como marxista”*²⁶⁷. E acrescentou que o mérito daquele que fora o seu discurso de defesa perante o tribunal que o julgou por sua participação no assalto ao quartel Moncada não estava no valor teórico das questões relativas à economia e à política, mas sim na denúncia dos crimes da ditadura de Fulgencio Batista e principalmente nas condições em que fora feita a denúncia, afinal, *“cuando no había garantías para la vida de nadie, denunciar aquellas cosas era un poco más difícil que posar de revolucionario ahora”*²⁶⁸. No que diz respeito aos comentários de que as ações das duas primeiras etapas da luta insurrecional tinham se constituído em um erro, retrucou que *“lo que se discute en el Moncada y en el Granma no es el hecho sino la línea, la línea acertada, la línea revolucionaria, la línea de la lucha armada. No la línea politiquera, la línea electoral, sino la línea de la lucha armada contra la tiranía de Batista, línea que la historia ha consagrado por su acierto”*²⁶⁹. Fidel Castro expunha, dessa forma, um aspecto fundamental das diferenças ideológicas que mantinha com os militantes do PSP e também com a União Soviética: a divergência entre os que os defendiam a luta armada e os que defendiam a via pacífica como método para o estabelecimento do socialismo.

Outro ponto importante desse discurso esteve relacionado à questão do culto à personalidade. De acordo com Fidel Castro, não havia motivos para que esse tema estivesse sendo tão discutido em Cuba, uma vez que ele havia se constituído em um problema para a União Soviética, mas, do seu ponto de vista, não era algo que afetava a si próprio. Em contraposição às acusações de que ele manifestava uma tendência a incorrer no culto a personalidade, defendeu-se nos seguintes termos:

(...) nosotros hicimos una guerra, la dirigimos, la ganamos y sobre los hombros de ninguno de nosotros hay estrellas de generales, ni sobre nuestros pechos cuelgan condecoraciones. (...) propusimos que se prohibiera por ley hacer estatuas a personas vivas, que se pusiese a calles, o ciudades, u obras el nombre de personas vivas. Y más todavía:

²⁶⁷ Ibid., p. 67.

²⁶⁸ Ibid., p. 68.

²⁶⁹ Ibid., p. 69.

*que por ley se prohibiera que los retratos nuestros estuviesen en los despachos oficiales*²⁷⁰.

Segundo Fidel Castro, não se podia confundir o culto à personalidade com a autoridade e o prestígio dos dirigentes revolucionários. A esse respeito, assegurou que em Cuba não seriam destruídos outros líderes que tivessem prestígio, considerando que tanto melhor seria se a Revolução tivesse *“un líder, dos, diez, con prestigio”*. E, contrariando o que, na prática, aconteceria no decorrer da experiência revolucionária cubana, declarou que quanto *“más voces autorizadas tenga la Revolución, mejor”*²⁷¹.

O problema do culto à personalidade em Cuba, de acordo com o líder máximo da Revolução, apenas podia ser associado ao sectarismo de Aníbal Escalante, cuja política de nomeações praticada nas ORI foi comparada aos métodos do rei Luís XIV²⁷². Parece ilógico que o alvo de suas críticas tenha sido comparado ao rei absolutista francês justamente quando o Estado cubano era cada vez mais o próprio Fidel Castro, sendo dirigido consoante seu voluntarismo. Embora tivesse afirmado ser favorável ao centralismo democrático e à direção coletiva e, ainda, declarado que a autoridade e o prestígio de um revolucionário não estavam associados às posições de poder, ele demonstrava claramente que não abdicaria do posto de líder máximo da Revolução, acumulando as funções: de primeiro-ministro, no governo; de primeiro secretário, no partido (ORI)²⁷³; e de comandante em chefe, nas Forças Armadas Revolucionárias. Nas principais instâncias do poder revolucionário ocupava a condição de “primeiro”²⁷⁴ e em todas elas o “segundo” posto na hierarquia estava reservado ao seu irmão, Raúl Castro.

A denúncia do caso de sectarismo expunha nitidamente a disputa político-ideológica em Cuba: de um lado, estavam os militantes comunistas de longa data, que possuíam formação política marxista e seguiam as diretrizes do Partido Comunista da

²⁷⁰ Ibid., p. 73.

²⁷¹ Ibid., p. 75.

²⁷² Ibid., p. 83.

²⁷³ A Diretoria Nacional das ORI teve seu Secretariado composto “por ele próprio [Fidel] e Raúl Castro, como primeiro e segundo secretários, Ernesto Che Guevara, Oswaldo Dorticós, Blas Roca e Emilio Aragonés”. Destes, apenas Blas Roca era comunista de longa data, sendo um dos dirigentes do PSP. Cf.: BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 383 e 386.

²⁷⁴ A exceção foi a função de chefe de Estado, cujo poder era mais simbólico do que efetivo e que passou a ser exercida por Fidel Castro apenas a partir de 1976, ano em que assumiu também a presidência de Cuba. Até então, os presidentes do país no período revolucionário tinham sido: Manuel Urrutia Lleó (02/01/1959 - 17/07/1959) e Oswaldo Dorticós Torrado (17/07/1959 - 02/12/1976).

União Soviética, defendendo o papel de vanguarda política a ser exercido pelo partido e a via pacífica para o socialismo; de outro lado, estavam os guerrilheiros da *Sierra Maestra*, recém-convertidos ao marxismo-leninismo e que enfatizavam o papel da vanguarda militar, preconizando a luta armada como método para estabelecer o socialismo. Em face dessa divisão, o líder cubano afirmou que combateria qualquer tipo de sectarismo: tanto o “*de la Sierra*” quanto o dos “*20 años de militancia*”²⁷⁵, credenciais com que cada um dos grupos se apresentava, reivindicando o reconhecimento de seus respectivos méritos. Embora adotasse um tom conciliador e centrasse suas críticas nas figuras de alguns militantes e não no PSP como um todo, evitando, dessa forma, prejudicar suas relações com a União Soviética e com os partidos comunistas de outros países que seguiam a mesma orientação ideológica, Fidel Castro deixava claro neste discurso que Cuba não abandonaria a linha que, segundo ele, a história havia consagrado como a correta, preconizando, assim, a luta armada como a estratégia a ser seguida pelo movimento comunista internacional.

Esse discurso de denúncia do sectarismo apenas reafirmava a concepção revolucionária que orientava a política do governo cubano em relação à América Latina e, em uma escala mais ampla, ao Terceiro Mundo. A ênfase na necessidade da luta armada para promover a revolução anti-imperialista e socialista já tinha sido expressa, por exemplo, na Segunda Declaração de Havana, ocorrida em 04 de fevereiro de 1962. Nesta ocasião, dirigindo-se principalmente aos povos latino-americanos, Fidel Castro conclamou-os à luta armada, expressando-se nos seguintes termos:

*el deber de todo revolucionario es hacer la revolución. Se sabe que en América y en el mundo la revolución vencerá, pero no es de revolucionarios sentarse en la puerta de su casa para ver pasar el cadáver del imperialismo. El papel de Job no cuadra con el de un revolucionario*²⁷⁶.

A referência a Jó, personagem bíblico cujo nome está associado à imagem de alguém que aceita com extraordinária paciência e resignação os sofrimentos e provações

²⁷⁵ CASTRO, Fidel. La seriedad de un partido revolucionario..., op. cit., p. 61.

²⁷⁶ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario de la Dirección Nacional de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la Segunda Asamblea Nacional del Pueblo de Cuba, celebrada en la Plaza de la Revolución, el 4 de febrero de 1962.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>>. Acesso em: 23 abr. 2009. Neste discurso, o governo cubano contrapôs-se às resoluções da VIII Reunião de Consulta de Ministros de Relações Exteriores, promovida pela OEA e ocorrida entre 22 e 31 de janeiro de 1962, na cidade de Punta del Este, no Uruguai. Nesta reunião, decidiu-se pela expulsão de Cuba da OEA.

a que é submetido, era uma evidência da posição cubana contrária à ideia stalinista da revolução por etapas. Na concepção do governo cubano não se devia esperar o cumprimento da etapa democrático-burguesa da revolução, passando-se diretamente ao estabelecimento do socialismo; e tampouco que o trabalho de vanguarda política do partido levasse à progressiva tomada de consciência por parte do operariado, que ainda era relativamente pequeno na maior parte dos países da América Latina. Preconizava que a luta armada poderia acelerar o processo revolucionário, que devia contar com a participação de operários, de intelectuais revolucionários e de um grupo que constituía uma força potencial nos países subdesenvolvidos do continente: o campesinato. Cuba propunha sua experiência revolucionária como um caminho a ser seguido na América Latina: a luta armada, desenvolvida por meio da guerra irregular, mais precisamente, da guerra de guerrilhas rurais e com a participação da população pobre do campo²⁷⁷. Tal como Fidel Castro havia afirmado na comemoração do 26 de julho de 1960 – que fora realizada na zona rural, nas proximidades da *Sierra Maestra*, por ele chamada de “*cordillera invicta*” – mantinha-se a proposta de que Cuba fosse o exemplo que tornaria possível converter “*la Cordillera de los Andes en la Sierra Maestra del continente americano!*”²⁷⁸.

Mesmo após ter estreitado vínculos e estabelecido o que, em consonância com a terminologia política da Revolução, era denominado de relação de amizade com a União Soviética, Cuba manteve uma política externa não apenas independente, mas, em muitos aspectos, também dissonante em relação às diretrizes soviéticas. Quanto mais aparentemente o governo revolucionário se aproximava da União Soviética, por meio de medidas como a proclamação do caráter socialista e, em seguida, do marxismo-leninismo como a ideologia oficial da Revolução, mais ficavam evidentes as diferenças e o distanciamento ideológico entre os dois países. As linhas mestras das divergências, diziam respeito, conforme foi visto, ao emprego da via pacífica, isto é, eleitoral, ou da luta armada como método para se chegar ao socialismo e, como desdobramento dessa concepção, à importância que era atribuída ao papel dos partidos comunistas na condução do processo revolucionário.

²⁷⁷ Essa concepção seria sistematizada por Che Guevara no texto “Guerra de guerrilhas: um método”, publicado em Cuba no ano de 1963. Cf.: GUEVARA, Ernesto. Guerra de guerrilhas: um método..., op. cit.

²⁷⁸ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1960...**, op. cit.

Enquanto na União Soviética defendia-se o papel de vanguarda política a ser exercido pelos partidos comunistas e a via eleitoral para o estabelecimento do socialismo e predominava ainda a interpretação do marxismo-leninismo com base em certo dogmatismo doutrinário da vertente stalinista e de suas teses a respeito da construção do socialismo em um só país e da revolução por etapas; em Cuba, por sua vez, os dirigentes revolucionários identificavam-se mais com o trotskismo e sua tese da revolução permanente e, além disso, estavam mais próximos da linha chinesa, maoista, quanto ao emprego da luta armada como forma de fazer triunfar a revolução socialista²⁷⁹. Em sua interpretação heterodoxa do marxismo-leninismo, os dirigentes cubanos apropriavam-se de diferentes perspectivas ideológicas, amalgamando correntes de pensamento socialistas com a tradição do nacionalismo cubano e com as lições que julgavam poder ser extraídas de sua própria experiência revolucionária.

Apesar de sua dependência econômica e militar, Cuba logrou manter uma considerável independência ideológica em relação à União Soviética no decorrer de praticamente toda a década de 1960. Construída sobre essas bases, a amizade cubano-soviética sustentava-se em virtude da percepção mútua da importância estratégica, ainda que por motivos distintos, que cada país possuía em relação ao outro. Consciente do que representava em termos geopolíticos o fato de, até aquele momento, Cuba ser o único Estado socialista do continente americano, o governo revolucionário cubano conseguiu fazer vantajosos usos da disputa sino-soviética, adotando uma postura de neutralidade em relação às divergências existentes entre as duas potências socialistas. Ao não tomar partido nem pelo país com o qual mais se identificava quanto à concepção revolucionária, nem pelo país do qual recebia a mais expressiva ajuda econômica e militar, Cuba podia beneficiar-se das relações que mantinha com ambos. No tocante especificamente às relações com a União Soviética, o governo cubano conseguia manter elevado o seu poder de negociação, explorando a pretensão deste país de conservar a liderança do movimento comunista internacional. Além disso, Cuba buscava tirar proveito também das disputas estratégico-militares que a União Soviética mantinha com os Estados Unidos.

²⁷⁹ A esse respeito, cf.: LÖWY, Michel. Introducción: puntos de referencia para una historia del marxismo en América Latina. In: _____ (Org.). **El marxismo en América Latina...**, op. cit., p. 9-67.

Foi motivado por uma das muitas disputas que marcaram o confronto bipolar da Guerra Fria, que o governo soviético buscou, em contrapartida, valer-se de sua estratégica aliança com Cuba. Apoiando-se no pretexto de auxiliar na defesa da Revolução, propôs a instalação secreta de mísseis nucleares em território cubano como uma forma de dissuadir os Estados Unidos de praticarem uma invasão ou ataque direto ao país caribenho. Porém, a medida atendia principalmente aos interesses estratégicos da União Soviética de aumentar o seu poder de negociação com os Estados Unidos na disputa envolvendo a ocupação de Berlim Ocidental²⁸⁰. Neste sentido, a instalação dos mísseis em Cuba era importante, pois os Estados Unidos também possuíam mísseis nucleares em bases militares na Turquia. Depois de algumas hesitações iniciais, o governo cubano concordou com a instalação dos mísseis pelos soviéticos. Logo, porém, os Estados Unidos descobriram essa operação militar, tendo início um dos principais acontecimentos da Guerra Fria: a “crise dos mísseis”. O período compreendido entre 22 e 27 de outubro de 1962 – datas que correspondem, respectivamente, ao anúncio pelos Estados Unidos da descoberta dos mísseis e ao acordo que pôs fim à crise –, foi marcado pela preparação de diversas operações militares e pela tensão mundial acerca de uma possível guerra nuclear. Não pretendendo deflagrar uma guerra nuclear e sequer comprometer o equilíbrio de poderes que caracterizava a ordem mundial bipolar, as duas superpotências decidiram por uma solução pacífica para a crise. Assim, depois de intensa troca de correspondências com John Kennedy, Nikita Krushev noticiou a decisão de retirar os mísseis do território cubano. Em contrapartida, os Estados Unidos retirariam os seus mísseis da Turquia, além de assumirem, embora apenas verbalmente, o compromisso de não invadir Cuba²⁸¹.

Em virtude de ter sido celebrado em negociações que envolveram tão somente a Casa Branca e o Kremlin e, ainda, do fato de Nikita Krushev ter anunciado a retirada dos mísseis do território cubano sem consultar e nem mesmo informar previamente a Fidel Castro a respeito de sua decisão, esse acordo gerou grande insatisfação em Cuba. O nome do premiê soviético, que tinha sido entoado em algumas ocasiões anteriores aos gritos de

²⁸⁰ A parte ocidental de Berlim estava ocupada pelas seguintes potências capitalistas: Estados Unidos, Grã-Bretanha e França. Cf.: BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 416.

²⁸¹ FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 132-133.

“¡Fidel, Jruschov, estamos con los dos!”²⁸², receberia, em decorrência da repercussão entre os cubanos de sua decisão de retirar os mísseis, uma menção insultuosa, expressa por meio da frase: “Nikita mariquita, lo que se da no se quita!”²⁸³.

Em uma mensagem enviada a Nikita Krushev no dia 27 de outubro de 1962, após ter tomado conhecimento do acordo, Fidel Castro expôs sua insatisfação com a atitude do premiê soviético, negou que tivesse proposto um primeiro ataque aos Estados Unidos e deu indícios de que Cuba não manteria uma postura de subordinação. Porém, consciente de que não seria hábil prescindir da ajuda da União Soviética, afirmou, ao final, que o episódio não implicaria no rompimento dos laços de amizade entre os dois países:

(...) Muitos olhos de homens, cubanos e soviéticos... dispostos a morrer com suprema dignidade, verteram lágrimas ao conhecer a decisão surpreendente, inesperada e praticamente incondicional, de retirar as armas... Nós sabíamos – não presume que ignorávamos – que haveríamos de ser exterminados, no caso de estalar uma guerra termonuclear. Contudo, nem por isso lhe pedimos que retirasse os projéteis. Nem por isso lhe pedimos que cedesse... Entendo que não se deve conceder aos agressores o privilégio de decidir, ainda mais quando há de se usar a arma nuclear... E não sugeri ao senhor, companheiro Kruschov, que a URSS fosse agressora (...).

(...) Cada qual tem as suas próprias opiniões. E sustento a minha, acerca da periculosidade dos círculos agressivos do Pentágono e da sua tendência ao golpe preventivo. O senhor pode convencer-me que estou equivocado, mas não pode me dizer que estou equivocado sem me convencer...

(...) Não são uns, mas muitos os que neste momento vivem indizível amargura e tristeza... Nosso povo, todavia, mantém inquebrantável a sua vontade de resistir... Talvez mais que nunca necessite confiar em si mesmo e na sua vontade de luta...

(...) E sairemos adiante, sem que nada possa destruir os laços de amizade e gratidão eterna para com a URSS²⁸⁴.

Publicamente, porém, essa gratidão e esses laços de amizade não seriam enaltecidos. Naquele momento, em razão dos moldes em que foi feito o acordo que pôs fim à crise dos mísseis, os esforços de Fidel Castro concentraram-se em buscar justificativas para a retirada dos mísseis, de modo a atenuar o que a atitude da União Soviética poderia representar em termos de comprometimento da imagem de Cuba –

²⁸² Uma dessas ocasiões foi, por exemplo, a cerimônia na qual Fidel Castro declarou o caráter socialista da Revolução. Cf.: CASTRO, Fidel. **Discurso... 16 de abril de 1961...**, op. cit.

²⁸³ FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 135.

²⁸⁴ CASTRO, Fidel. Mensagem a Nikita Kruschov, 27 de outubro de 1962, apud FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 133-134.

tanto interna quanto externamente – como nação soberana. Afirmando atuar em defesa da soberania do país, Fidel Castro não permitiu que nem os Estados Unidos nem representantes da ONU inspecionassem o território cubano enquanto eram desmontadas as plataformas de lançamento dos mísseis. No dia seguinte à resolução da crise, argumentou ainda que o compromisso verbal de que os Estados Unidos não invadiriam Cuba não era suficiente para solucionar os conflitos existentes entre os dois países e estabeleceu os “cinco pontos” que eram necessários para que uma negociação pudesse solucionar de forma duradoura as relações conflituosas mantidas com os Estados Unidos:

1) suspensão do bloqueio econômico e de todas as medidas de pressão comercial, que os EUA impunham a todas as partes do mundo contra Cuba; 2) suspensão de todas as atividades subversivas, como lançamento de desembarque de armas e explosivos por via aérea e marítima, organização de *‘invasiones mercenarias’*, infiltração de espíões e sabotadores, bem como de todas as ações fomentadas a partir dos EUA e de *‘algunos países cómplices’*; 3) cessação dos *‘ataques piratas’* realizados desde bases existentes nos EUA e em Porto Rico; 4) cessação das violações do espaço aéreo e marítimo de Cuba por aviões e navios de guerra norte-americanos; 5) retirada da Base Naval de Guantánamo e devolução do território cubano ocupado pelos EUA²⁸⁵.

Nas negociações que se seguiram entre as duas superpotências para os encaminhamentos finais da resolução da crise, essa proposta dos cinco pontos foi ignorada²⁸⁶. O desfecho dado à crise dos mísseis teria efeitos negativos sobre as relações cubano-soviéticas, levando a um distanciamento político entre os dois países. Criticando a postura da União Soviética na negociação com os Estados Unidos, o governo cubano sinalizava o seu intento de conduzir uma política ainda mais autônoma e independente em relação aos interesses soviéticos. A União Soviética, por sua vez, defendia-se das críticas reivindicando para si própria o mesmo direito postulado por Cuba de não sofrer interferências na condução de sua política externa²⁸⁷. Desse modo, às divergências ideológicas já existentes, juntava-se uma menor disposição de ambas as partes no que diz

²⁸⁵ CASTRO, Fidel. Declaración del Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, Fidel Castro, La Habana, 28 out. 1962. In: _____. **Pueblo Invencible**. La Habana: Ed. José Martí, 1991, p. 65, apud BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 475.

²⁸⁶ Apenas em maio de 1963, por meio da Declaração Conjunta Soviético-Cubana, emitida por ocasião da primeira visita de Fidel Castro a Moscou, a União Soviética fez uma extemporânea e retórica manifestação de apoio em relação aos cinco pontos que tinham sido propostos pelo primeiro ministro cubano durante a crise dos mísseis. RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 67-68.

²⁸⁷ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 488.

respeito às concessões políticas, o que, por sua vez, não implicaria em um rompimento da instável, mas estratégica relação de amizade entre os dois países.

As diferentes e, por vezes, incompatíveis políticas externas de Cuba e da União Soviética estão relacionadas não apenas às suas divergências ideológicas em relação à linha revolucionária a ser seguida no âmbito do movimento comunista mundial, devendo ser compreendidas também em razão da dualidade de papéis que cada um dos países estava desempenhando na política internacional. Conforme ressaltou Blanca Ramírez, Cuba desempenhava dois papéis: *“el de país subdesarrollado neutral y el de estado socialista”*²⁸⁸. Por sua vez, a União Soviética era, a um só tempo, *“una de las dos superpotencias y el líder del movimiento comunista internacional”*²⁸⁹. Muitas vezes, a cada um dos países em questão, foi possível conjugar e harmonizar os interesses inerentes aos dois papéis por eles desempenhados. Porém, nos momentos em que esses interesses eram contraditórios, os ganhos políticos obtidos ao se priorizar um dos papéis implicavam em perdas em relação ao outro²⁹⁰.

Essa duplicidade de papéis marcou as relações cubano-soviéticas, especialmente, ainda que não de forma exclusiva, durante a década de 1960. Se, por um lado, Cuba pôde beneficiar-se, conforme foi visto, da dupla condição da União Soviética: como um dos polos do poder mundial frente aos Estados Unidos, e como o país líder do movimento comunista internacional, que enfrentava a dissidência da China; por outro lado, a necessidade por parte da União Soviética de conciliar os interesses inerentes a cada um dos seus dois papéis – que não devem ser aqui entendidos como estanques, mas como estreitamente imbricados – esteve no centro das críticas que lhe foram feitas pelos dirigentes cubanos, ora formuladas de forma mais explícita, ora expressando a discordância de modo sutil, consoante variava o grau de entendimento político entre os dois países.

Em linhas gerais, essas críticas – expressas de forma mais contundente pelo Partido Comunista Chinês, mas ecoadas pelos dirigentes cubanos – estavam apoiadas no argumento de que a União Soviética priorizava os seus interesses estratégicos como

²⁸⁸ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 47.

²⁸⁹ Ibid., p. 92.

²⁹⁰ Id.

superpotência em detrimento de seu papel como líder do movimento comunista internacional, não apoiando satisfatoriamente os objetivos dos demais países socialistas e até mesmo as lutas dos países do Terceiro Mundo potencialmente revolucionários, visto que estes estavam subjugados pelo imperialismo e, em alguns casos, ainda pelo colonialismo. O alvo principal das críticas era a política de coexistência pacífica acordada entre as duas superpotências e transformada pela União Soviética em diretriz a ser seguida pelos partidos comunistas sob a sua orientação. Essa política era considerada como uma forma de colaboração com o imperialismo e, conseqüentemente, apontada como uma traição à revolução socialista internacional.

Em sua política externa, Cuba fez usos combinados de sua dupla condição, apenas variando, conforme as necessidades de cada circunstância, a ênfase atribuída a cada um dos seus papéis: como Estado socialista e como país do Terceiro Mundo, que mantinha uma posição de neutralidade frente à disputa ideológica entre as duas superpotências. Este último papel foi reivindicado pelo governo cubano quando de sua participação – como o único país do continente americano na condição de membro efetivo – na 1ª Conferência dos Chefes de Estado e de Governo Não-Alinhados, realizada na cidade de Belgrado, em setembro de 1961, e na qual ficou oficialmente instituído o Movimento dos Países Não-Alinhados. Em decorrência desta reunião de cúpula, Fidel Castro teria declarado, segundo o relato de Cláudia Furiati, que “Cuba assumiu a liderança de uma terceira posição, nem comunista nem capitalista, nem opressão ideológica, nem opressão econômica”²⁹¹. Em sua obra, Cláudia Furiati não deixa claro se essa afirmação de Fidel Castro foi feita de forma pública ou privada nem indica a data exata em que ela ocorreu.

A intenção de assumir uma terceira posição, ou seja, uma postura de neutralidade em face do confronto bipolar havia sido afirmada publicamente em termos bastante semelhantes, em maio de 1959²⁹². Porém, apesar das constantes metamorfoses ideológicas do regime cubano, essa afirmação a propósito da reunião de cúpula dos Não-Alinhados, caso tenha sido feita de forma pública, não deixa de ser surpreendente, uma vez que ela teria ocorrido depois de ter sido proclamado o caráter socialista da

²⁹¹ FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 92.

²⁹² Em maio de 1959, Fidel Castro havia afirmado que não estaria disposto a ter que “*escoger entre el capitalismo que mata de hambre a la gente y el comunismo que resuelve el problema económico, pero que suprime las libertades*”. Cf.: CASTRO, Fidel. Comparecencia en el programa de televisión *Ante la Prensa*, CMQ-TV, La Habana, 21 de mayo de 1959, apud ENTRIALGO, Roberto B., op. cit., p. 14-15.

Revolução. Seja como for, essa defesa de uma terceira posição já não mais seria sustentada, em dezembro de 1961, por ocasião da declaração do marxismo-leninismo como ideologia oficial da Revolução Cubana, quando Fidel Castro, conforme mencionado anteriormente, afirmou não haver meios-termos entre capitalismo e socialismo e argumentou ainda que tentar encontrar terceiras posições significaria incorrer em uma postura falsa e utópica²⁹³.

Mesmo depois de ter declarado a impossibilidade de uma terceira posição e de, a rigor, já não mais poder ser considerado um país não alinhado – apesar de suas divergências com a União Soviética quanto à linha revolucionária –, Cuba não quis perder seu poder de atuação política junto aos demais países do Terceiro Mundo. Por isso, por ocasião da 2ª Conferência dos Países Não-Alinhados – que teve lugar em outubro de 1964 na cidade do Cairo, no Egito –, o governo cubano manejou o argumento de que não pertencia a nenhum bloco militar, ou seja, nem à OTAN nem ao Pacto de Varsóvia, para justificar o seu direito de participação na referida conferência²⁹⁴.

A importância atribuída por Cuba ao estreitamento das relações não apenas com os vizinhos latino-americanos, mas, de forma mais ampla, com os países do Terceiro Mundo pode ser evidenciada, por exemplo, pelo empenho do governo cubano em participar das reuniões de cúpula do Movimento dos Países Não-Alinhados; pelo envio de delegações, na condição de observadoras, para as conferências de solidariedade afro-asiáticas; pela convocação de uma conferência tricontinental, sediada em Havana, e que resultou na criação, em 1966, da Organização de Solidariedade entre os Povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAAL). Nessas conferências, a atuação do governo cubano estava fundamentada prioritariamente no discurso terceiro-mundista. Essa diretriz da política externa cubana não constituiu em si mesma um problema para as relações entre Cuba e União Soviética. A razão dos atritos entre os dois países esteve associada às seguidas críticas feitas à superpotência socialista pela delegação cubana, mais precisamente por Ernesto Che Guevara, em conferências que debatiam temas relativos à economia e ao desenvolvimento. Foi este o caso, por exemplo, do Seminário Econômico

²⁹³ “(...) *no hay términos medios entre capitalismo y socialismo. Los que se empeñan en encontrar terceras posiciones, caen en una posición verdaderamente falsa y verdaderamente utópica*”. Cf.: CASTRO, Fidel. De Martí a Marx..., op. cit., p. 286.

²⁹⁴ A informação relativa ao argumento de que Cuba não pertencia a nenhum bloco militar, baseia-se em: RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 84.

de Solidariedade Afro-Asiática, realizado na Argélia, em fevereiro de 1965, no qual Che Guevara afirmou que os países socialistas deveriam favorecer o desenvolvimento dos países que haviam alcançado recentemente a independência e criticou a política econômica do bloco socialista, considerando que este não deveria *“sostener un comercio de ‘beneficio mutuo’ porque, con los términos de comercio vigentes, las ganancias eran unilaterales. Si los países socialistas establecían operaciones con los subdesarrollados sobre estas bases, se convertían, en cierta manera, en cómplices de la explotación imperialista”*²⁹⁵. As sucessivas, contundentes e públicas críticas feitas por Che Guevara à União Soviética têm sido apontadas como a causa que levou ao seu desentendimento com Fidel Castro e, em seguida, à sua partida de Cuba para lutar na guerrilha boliviana²⁹⁶.

No que diz respeito especificamente à sua política para a América Latina, Cuba pôde conjugar com um menor esforço discursivo a sua duplicidade de papéis, combinando suas estratégias para fomentar a revolução socialista com o discurso terceiro-mundista. Este último, que ao ser aplicado ao continente convertia-se em um discurso latino-americanista, era útil para ressaltar a importância de uma linha revolucionária que levasse em consideração as especificidades dos países subdesenvolvidos da região. Neste sentido, a criação da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), que se constituiu em uma versão exclusivamente continental da OSPAAAL, foi idealizada com o propósito de fomentar a revolução socialista, apoiando os movimentos guerrilheiros na América Latina. Como estava apoiada em uma estratégia revolucionária distinta daquela preconizada pela União Soviética, a política do governo cubano para o continente provocou uma divisão no movimento comunista latino-americano, uma vez que estimulava a luta guerrilheira por parte de organizações revolucionárias radicais, diminuindo a importância do papel de vanguarda política a ser desempenhado pelos partidos comunistas – que atuavam em consonância com as diretrizes de Moscou – na construção do socialismo. Além disso, Cuba também contrariava os interesses da superpotência socialista ao opor-se a que o governo soviético estabelecesse relações diplomáticas e comerciais com os países capitalistas da América Latina, sob o argumento de que, ao agir dessa forma, o país líder do movimento comunista internacional estava favorecendo a contrarrevolução. O governo cubano

²⁹⁵ Ibid., p. 86.

²⁹⁶ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 549-578.

considerava que a União soviética, ao manter relações comerciais e conceder linhas de crédito às oligarquias capitalistas, estava auxiliando aqueles que combatiam a causa revolucionária²⁹⁷.

As divergências políticas e ideológicas deram o tom da instável relação cubano-soviética durante os anos 1960. Desde o estabelecimento dos vínculos até o ano de 1965, os dois governos conseguiram administrar com êxito essa instabilidade. Nem mesmo a crise dos mísseis, em 1962, apesar de ter gerado insatisfação e ressentimento da parte dos cubanos, afetou o pragmatismo com que era conduzida essa aliança estratégica. Na década em questão, o período mais crítico das relações entre os dois países teve lugar entre 1966 e 1968, quando as divergências no campo político-ideológico – cujos pontos principais foram anteriormente abordados – intensificaram-se e tornaram-se cada vez mais explícitas, podendo ser evidenciadas por meio de uma série de fatores. A imprensa soviética, por exemplo, deixou de publicar os discursos de Fidel Castro, substituindo-os por sucessivos artigos de membros dos partidos comunistas latino-americanos que criticavam a política do governo cubano²⁹⁸. Além disso, entre 1966 e 1968, a União Soviética recusou-se a aumentar a venda de petróleo a Cuba, que, em virtude do crescimento do consumo desse produto no país e da negativa dada à sua reivindicação, teve que recorrer ao racionamento²⁹⁹.

Cuba, por sua vez, também deu diversas demonstrações do estado em que se encontravam as relações entre os dois países. Em junho de 1967, por ocasião da visita do primeiro-ministro soviético Aleksei Kosygin, o governo cubano não organizou uma recepção oficial e tampouco foi dada importância a essa visita na imprensa cubana³⁰⁰. Poucos meses depois, em uma nova demonstração do elevado grau de desentendimento entre os dois países, Fidel Castro ignorou as comemorações do cinquentenário da Revolução Russa de 1917 – também conhecida como Revolução de Outubro ou Revolução Bolchevique –, recusando-se a participar dos festejos alusivos à efeméride e enviando para a União Soviética uma “representação de menor nível hierárquico”, que não contava sequer com o presidente Oswaldo Dorticós, tendo sido chefiada pelo então ministro da

²⁹⁷ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 86 e 111-112.

²⁹⁸ FURTAK, Robert K., op. cit., p. 351.

²⁹⁹ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 96.

³⁰⁰ Ibid., p. 117.

Saúde, José Ramón Machado Ventura³⁰¹. Além disso, Fidel Castro foi “*el único líder de países socialistas que – fuera chinos y albaneses – no contribuyó con un artículo a la serie publicada en Pravda con motivo del aniversario*”³⁰².

Essa fase crítica dos desentendimentos com a União Soviética manifestou-se também na política interna cubana. Uma vez mais, os problemas estiveram associados ao nome de Aníbal Escalante, que depois de ter permanecido alguns anos no exílio, recebeu, em 1967, autorização do governo cubano para retornar ao país. Em janeiro de 1968, Fidel Castro denunciou o que chamou de “*microfracción*” – também referida em algumas fontes como “*microfacción*” –, termo utilizado para designar um grupo liderado por Aníbal Escalante e composto por outros comunistas que haviam militado no antigo PSP e que eram seguidores da linha soviética. Os integrantes desse grupo foram acusados de conspirarem contra o governo cubano, por terem solicitado ao governo soviético que exercesse pressão política e econômica – considerando-se inclusive a possibilidade de suspender o fornecimento de petróleo³⁰³ – como uma forma de fazer com que Cuba adotasse uma política que estivesse em consonância com as diretrizes soviéticas. Além disso, eles teriam também distribuído artigos publicados na imprensa soviética por comunistas latino-americanos contrários ao regime cubano e organizado reuniões em que difamavam os dirigentes revolucionários e criticavam a linha do partido e as medidas do governo. As críticas diziam respeito principalmente ao desejo de mando pessoal por parte de Fidel Castro – apontado como antissoviético e falso comunista³⁰⁴ –, por querer manter o partido sob seu controle exclusivo, bem como ao voluntarismo e à falta de planejamento com base nos quais continuava sendo conduzida a política econômica. Os acusados de formarem essa “*microfacción*” foram expulsos do Partido Comunista de Cuba, submetidos às respectivas autocríticas – um expediente amplamente utilizado por regimes totalitários –, julgados pelos tribunais revolucionários e condenados, recebendo penas de até quinze anos de prisão³⁰⁵.

³⁰¹ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 579.

³⁰² RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 120.

³⁰³ QUIRK, Robert E. **Fidel Castro**. New York: W. W. Norton & Company, 1993, p. 589-590, apud BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 580.

³⁰⁴ Ibid., p. 581.

³⁰⁵ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 120-121.

Em um discurso proferido em março de 1968, pouco tempo depois do julgamento dos integrantes da *“microfracción”*, Fidel Castro retomou a ideia da Revolução benigna, ao afirmar que os tribunais revolucionários não foram *“tan severos como muchos deseaban”*, apontando como justificativa o fato de que *“la severidad innecesaria nunca ha sido característica de esta Revolución”*. Aludindo às relações internacionais cubanas, admitiu que a necessidade que o país possuía de racionar combustível, e o julgamento dos membros da *“corriente seudorrevolucionaria”* foram fatores que contribuíram para criar um estado de inquietude e incertezas. Todavia, considerou que apenas em parte esse clima de incertezas tinha uma base real, pois, em certa medida, estava associado à ação dos *“regadores de bolas”*³⁰⁶ e dos *“sembradores de derrotismo”*. Em virtude disso, cobrava serenidade aos revolucionários diante das circunstâncias adversas e atribuía o clima de incertezas a uma insuficiente instrução política das massas. O líder cubano não estava, porém, referindo-se aos aspectos teóricos, mas sim à necessidade de que as massas conhecessem melhor os problemas concretos que lhe afetavam, não permanecendo presas ao que denominou de clichês e frases estereotipadas. Avaliava que para essa insuficiente instrução política tinha contribuído *“más que el uso, el abuso de los manuales de marxismo-leninismo”*, o que havia levado a um enorme abismo *“entre la filosofía y la realidad”*³⁰⁷.

Fidel Castro criticou também a formação entre as massas de uma *“mentalidad acomodaticia”* nos campos da defesa e da economia. Ainda que sem citar nominalmente, a referência à dependência em relação à União Soviética nessas duas áreas era mais do que evidente. Sem incluir-se na crítica, o líder cubano afirmou ter sempre se preocupado com o *“abuso teórico de los supuestos cohetes”*, referindo-se ao fato de que em Cuba começou-se a falar exageradamente acerca dos mísseis intercontinentais e a supervalorizar a proteção militar da União Soviética. Acrescentou ainda que os revolucionários cubanos deveriam se acostumar à ideia de defender a Revolução e fazer avançar a economia do país com base unicamente em seus próprios esforços, instando-os

³⁰⁶ O termo *“bolas”* é aí empregado com o sentido de *“mentiras”*, *“lorotas”*.

³⁰⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto conmemorativo del XI Aniversario de la Acción del 13 de marzo de 1957, efectuado en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1968.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f130368e.html>>. Acesso em: 3 jul. 2009.

a lutar para reduzir ao máximo a *“dependencia de todo lo que sea del exterior”*, uma vez que os cubanos conheciam *“las amarguras de tener que depender en grado considerable de lo que venga de afuera y como eso se puede convertir en un arma, y es al menos una tentación de usarla contra el país”*³⁰⁸.

Contudo, a fase crítica dos desentendimentos com a União Soviética não seria mantida por muito mais tempo. Em 20 de agosto de 1968, um importante acontecimento na cena internacional daria o ensejo para que Cuba sinalizasse o seu intuito de promover uma reaproximação política. Tratou-se da ordem da União Soviética para que as tropas do Pacto de Varsóvia invadissem a Tchecoslováquia para reprimir a Primavera de Praga, nome pelo qual ficou conhecido o processo de liberalização política que estava sendo levado a efeito no país, sob o governo de Alexander Dubcek, e cujas reformas destinadas a construir um *“socialismo com rosto humano”* incluíam medidas como, por exemplo, a descentralização político-administrativa e a ampliação da liberdade de imprensa³⁰⁹.

Pouco depois desse acontecimento, Fidel Castro compareceu em rede nacional de rádio e TV, no dia 23 de agosto, para manifestar-se favorável à intervenção militar soviética. Conforme destacou Moniz Bandeira, o líder cubano fez *“verdadeiro malabarismo ideológico”* para, mesmo reconhecendo a violação dos princípios de autodeterminação dos povos e soberania nacional – tão reivindicados por Cuba em sua disputa com os Estados Unidos –, justificar a repressão praticada pela União Soviética. O argumento manejado foi que a intervenção constituiu-se em uma *“necessidade amarga”* para evitar que o capitalismo fosse restabelecido na Tchecoslováquia. Em uma provável alusão ao que alguns críticos recorrentemente consideravam ser capitulações da União Soviética diante dos Estados Unidos, Fidel Castro questionou ainda se a Doutrina Brejnev, *“segundo a qual a comunidade dos países socialistas não permitiria que nenhum dos seus membros se desgarrasse”*³¹⁰, seria aplicada pela União Soviética a países que solicitassem a sua ajuda para defenderem-se dos ataques do imperialismo estadunidense:

As divisões do Pacto de Varsóvia serão enviadas ao Vietnã se os imperialistas ianques aumentarem sua agressão contra aquele país e o povo do Vietnã requerer sua ajuda? As divisões do Pacto de Varsóvia serão enviadas para a República Democrática da Coréia se os

³⁰⁸ Id.

³⁰⁹ GOLDFEDER, Sônia. **A primavera de Praga**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

³¹⁰ BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 584.

imperialistas ianques atacarem aquele país? As tropas do Pacto de Varsóvia serão enviadas para Cuba se os imperialistas ianques atacarem nosso país e nosso país as requerer?³¹¹

A aparente incoerência quanto à questão da soberania nacional manifesta no apoio de Fidel Castro à repressão à Primavera de Praga pode ser matizada quando se levam em consideração as sucessivas metamorfoses ideológicas e variações discursivas promovidas pelo regime cubano, consoante as necessidades pragmáticas de cada circunstância; ou ainda quando se atenta para o fato de que em Cuba, desde março de 1968, estava em curso a “ofensiva revolucionária”, um processo completamente oposto ao que vinha ocorrendo na Tchecoslováquia, pois se caracterizava por uma expressiva estatização da economia e pela diminuição da liberdade de expressão³¹².

O discurso de Fidel Castro justificando a intervenção militar na Tchecoslováquia era indicativo, conforme mencionado, de sua intenção de reaproximar-se politicamente da União Soviética. Alguns fatores parecem ter sido decisivos no cálculo político que levou o líder cubano a tomar essa decisão. Em 1968, Cuba enfrentava uma séria crise econômica, marcada pela escassez e racionamento de petróleo e de alguns gêneros alimentícios. No plano político, a situação internacional apresentava dois cenários desfavoráveis ao país caribenho. Um deles estava relacionado ao Movimento dos Países Não-Alinhados, que não se reunia desde 1964 – a terceira reunião de cúpula ocorreria apenas em 1970, na Zâmbia –, encontrando-se relativamente enfraquecido em razão das divergências internas no tratamento de determinados temas, bem como de seu menor poder de negociação em face da distensão levada a efeito pelas duas superpotências³¹³. O outro cenário político dizia respeito à situação na América Latina, onde as sucessivas derrotas sofridas pelas guerrilhas, dentre as quais a de Che Guevara na Bolívia, contribuiu para arrefecer o ímpeto cubano em sua estratégia revolucionária para a região. Isto não significava que a luta guerrilheira tivesse sido abandonada, mas o governo cubano percebeu que era necessário reorganizá-la, pois as circunstâncias não eram favoráveis.

³¹¹ CASTRO, Fidel. **Un grano de maíz**: conversación con Tomás Borge. La Habana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1992, p. 122-123, apud BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 584.

³¹² Sobre a repercussão da “ofensiva revolucionária” na política cultural do regime cubano, cf.: MISKULIN, Silvia Cezar. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. **Esboços**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, n. 20, p. 47-66, 2009.

³¹³ COLARD, Daniel. Le sommet des Non-alignés et la sécurité internationale. **Revue Défense Nationale**. Paris, Comité d’Études de Défense Nationale, n. 506, p. 73-84, févr. 1990.

Tanto é assim que o governo cubano sequer realizou a segunda conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade, que estava prevista para o ano de 1969. A percepção das circunstâncias adversas foi interpretada por Raúl Castro com o emprego de uma metáfora, a qual continha também uma mensagem de encorajamento, ao afirmar que o fracasso da guerrilha na Bolívia tinha representado o “*Moncada*” da América Latina, mas que, assim como ocorrera com Cuba, a revolução na América Latina também conheceria o seu “*primero de enero*”³¹⁴.

A reaproximação política ocorrida em 1968, embora ainda não tenha significado um alinhamento do governo cubano às diretrizes soviéticas, marcava uma importante transformação nas relações entre os dois países. Ainda que continuassem existindo divergências, desde então, elas não mais eram expressas por meio de críticas contundentes, evitando-se assim o clima de confrontação. Um exemplo disso foi a Conferência Internacional de Partidos Comunistas e Operários, realizada em Moscou, em junho de 1969. Nesta ocasião, o chefe da delegação cubana, Carlos Rafael Rodríguez, afirmou que o seu país tinha decidido participar da Conferência apenas na condição de observador por possuir muitas discordâncias em relação aos temas nela discutidos. Ao referir-se aos pontos que eram objeto de divergências, reafirmou posições anteriormente sustentadas por Cuba, negando o papel combativo que se estava atribuindo aos partidos comunistas latino-americanos e criticando as correntes reformistas que, segundo ele, iludiam-se sobre a derrota gradual do imperialismo. Ao final de seu discurso, agradeceu pela ajuda que Cuba recebia da União Soviética e, embora tenha admitido a existência de discordâncias políticas e ideológicas entre os seus governos, buscou demonstrar que os soviéticos poderiam contar sempre com o firme apoio cubano, afirmando que

*en cualquier confrontación decisiva, ya se trate de la acción soviética frente al peligro del desgajamiento del sistema socialista por las maniobras del imperialismo, o de una provocación o agresión contra el pueblo soviético venga de donde viniere, Cuba estará indeclinablemente al lado de la URSS*³¹⁵.

As características e transformações por que passaram as relações cubano-soviéticas no decorrer da década de 1960 estão refletidas, em grande medida, nos

³¹⁴ RAMIREZ, Blanca T., op. cit., p. 124.

³¹⁵ Ibid., p. 126.

discursos do líder da Revolução por ocasião das principais cerimônias comemorativas promovidas pelo regime cubano³¹⁶. A ênfase dessa produção discursiva, sobretudo na primeira metade da década, esteve relacionada à ajuda econômica e militar prestada pela União Soviética a Cuba. As referências à União Soviética foram pautadas pelos elogios aos moldes nos quais tinha sido estabelecido o comércio entre os dois países, ou seja, com base em convênios de longo prazo, geralmente quinquenais, e alheio à lógica capitalista do mercado mundial. Também foi enfatizado o auxílio dado pelo governo soviético, por meio do envio de armas e do oferecimento de mísseis nucleares, para a defesa da Revolução Cubana. Neste sentido, especialmente entre 1960 e 1962, foram praticados os “abusos teóricos dos supostos mísseis” que, posteriormente, na fase mais acentuada dos desentendimentos entre os dois países, seriam criticados por Fidel Castro como se não tivesse sido ele próprio, em virtude da posição que ocupava, o principal praticante e incentivador dos referidos abusos. Um exemplo disso foi o discurso por ele proferido durante a Primeira Declaração de Havana, quando afirmou que, em caso de invasão do país por tropas militares estadunidenses, o governo cubano aceitaria os mísseis oferecidos pela União Soviética, em uma provável tentativa de transformar uma oferta que poderia ter sido meramente retórica em um compromisso público de ajuda militar.

As divergências políticas e ideológicas mantidas entre os dois países nos anos 1960 também ajudam a explicar o porquê de as breves e pouco numerosas referências à União Soviética nos discursos do governo cubano terem permanecido quase que exclusivamente restritas aos agradecimentos à ajuda econômica e militar, de que Cuba era dependente. No período em questão, esses discursos não tiveram como característica marcante o enaltecimento político da União Soviética, tendo sido poucas as ocasiões em que isso ocorreu. Uma dessas ocasiões teve lugar em 1961, na comemoração da efeméride do 26 de julho, cuja cerimônia contou com a presença de Yuri Gagarin, “*primer cosmonauta del mundo, y héroe de la Unión Soviética*”, o qual recebeu do governo cubano a primeira condecoração da recém-criada Ordem Nacional de *Playa Girón*. Em seu discurso, Fidel Castro destacou o grande feito alcançado pela União Soviética na corrida espacial – uma vez que Yuri Gagarin fora o primeiro homem a viajar pelo espaço sideral, em 12 de abril de 1961, completando uma volta em torno da Terra – e valeu-se dessa

³¹⁶ Faz-se referência aqui às comemorações do 26 de julho, do 1º de janeiro e do 1º de maio, cujas cerimônias eram as que reuniam as maiores concentrações populares em Cuba.

realização do país amigo para tecer críticas ao principal inimigo da nação cubana e explorar habilmente o simbolismo da vitória de *Playa Girón*. O líder cubano afirmou recordar bem que

*fue por aquellos mismos días, cuando la Unión Soviética se cubría de gloria y de prestigio lanzando el primer hombre al espacio, cuando el gobierno de Estados Unidos lanzaba contra nuestro pueblo su criminal invasión. Tuvimos oportunidad de contrastar aquellos dos hechos: el hecho en favor de la ciencia, en favor del progreso de la humanidad y de la paz; y el hecho cobarde e inescrupuloso de la invasión mercenaria, que inspirada en el propósito de recuperar sus privilegios y sus monopolios, lanzaron los imperialistas contra nuestro país*³¹⁷.

De acordo com a interpretação de Fidel Castro, tanto o feito da União Soviética, ao lançar o primeiro homem ao espaço sideral, quanto o feito cubano, ao derrotar a invasão imperialista, constituíram-se em “*actos heroicos*”. Neste sentido, avaliou que condecorar Yuri Gagarin com a Ordem Nacional *Playa Girón* era uma forma de manter “*siempre unido el recuerdo de esas dos grandes victorias por la paz mundial*”³¹⁸.

Em 1963, em um contexto marcado pelos esforços dos governos soviético e cubano para superar o mal-estar que a crise dos mísseis havia provocado nas relações entre os dois países, a União Soviética seria novamente enaltecida no discurso oficial da Revolução Cubana em duas circunstâncias distintas. Um dos momentos em que isso ocorreu foi durante a primeira visita de Fidel Castro a Moscou, realizada entre fins de abril e início de junho do referido ano, quando o líder cubano afirmou que livros, filmes, e narrativas não eram suficientes para conhecer a União Soviética, bem como o heroísmo e as façanhas de seu povo. Em uma manifestação do binarismo a partir do qual costuma interpretar a realidade, Fidel Castro afirmou que

En el mundo hay, además, dos URSS: la verdadera, la heroica, la que se construyó y defendió con la sangre, el sudor y el sacrificio de sus obreros y campesinos; la que abrió para la humanidad una era nueva; la que dio vida, en la práctica y en la realidad, a la concepción de la historia, a las ideas revolucionarias de Marx, Engels y Lenin; el primer país socialista, la

³¹⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1961...**, op. cit. Nesta cerimônia comemorativa, Fidel Castro valeu-se de seu frequente hábito de brincar com a prolixidade de seus próprios discursos: “*Yo le había dicho al comandante Gagarin que mientras yo pronunciara mi discurso él le podía dar dos veces la vuelta a la Tierra (RISAS Y EXCLAMACIONES DE: “¡Fidel, Fidel!”). El dice que hasta ahora nada más habría podido darle una vuelta y media a la Tierra. Es decir que me queda media vuelta (RISAS) para cumplir mi palabra, pero la garganta no me quiere acompañar mucho en el día de hoy*”.

³¹⁸ Id.

primera patria de los trabajadores liberados; la que inculcó el desarrollo de la economía, de la cultura y de la ciencia, a ritmos nunca antes conocidos por la humanidad.

Y la otra URSS: la que pintan sus enemigos reaccionarios con los peores acentos de la infamia; la que se describe en las cintas de los periódicos del capital monopolista, en la palabra de los corrompidos políticos de las clases explotadoras y sus ideólogos; en la pluma de los escritores mercenarios³¹⁹.

Por ocasião da comemoração do 26 de julho, também em 1963, portanto, pouco após ter retornado de sua primeira visita oficial a Moscou, Fidel Castro ressaltou a posição cubana, que era de *“amistad fraternal, estrecha e indestructible con la Unión Soviética y el campo socialista!”*. Ao dirigir-se ao povo cubano, diferentemente de quando falou para o público soviético, Fidel Castro não chegou a exaltar o país amigo, tal como havia feito em Moscou. Manteve, porém, a estratégia de comparar a União Soviética aos Estados Unidos, argumentando, por exemplo, que a ajuda que o governo soviético tinha concedido a Cuba em um ano era superior àquela que havia sido dada pelo imperialismo a todas as oligarquias juntas, em alusão aos governos dos países da América Latina. A comparação do líder cubano estendeu-se também ao campo militar, afirmando que os Estados Unidos tinham diante de si *“un poder mayor que les impide imponer su ley al mundo, porque frente a ellos tienen el poderío militar aplastante de la Unión Soviética y del campo socialista”*³²⁰. O recurso a essas comparações – ainda que, quase sempre, elas carecessem de fundamentação – era útil ao governo cubano em sua tentativa de construir a ideia de que, depois de ter insistido por algum tempo em uma posição de neutralidade, Cuba havia optado pelo lado correto, mais poderoso, da disputa que se travava entre as superpotências que correspondiam aos dois polos do poder mundial.

Ainda em relação ao confronto ideológico entre as duas superpotências, Fidel Castro rebateu as críticas de que Cuba era um satélite da União Soviética e, apoiando-se no argumento de que o país caribenho era o único em toda a América que estava em condições de absoluto usufruto de suas riquezas, elogiou as relações mantidas no interior do campo socialista. Acrescentou que o fato de os Estados Unidos considerarem Cuba um

³¹⁹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del PURS y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto celebrado en el Estadio “Lenin” de Moscú, Unión Soviética, el 23 de mayo de 1963.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f230563e.html>>. Acesso em: 23 abr. 2009.

³²⁰ Id., **Discurso... 26 de julio de 1963...**, op. cit.

satélite soviético não levaria o governo cubano a fazer nenhuma concessão ideológica ao imperialismo, pois o país caribenho era constituído por um povo revolucionário que sabia “*ser amigo de sus amigos, sin sombra de oportunismo en su política*”³²¹.

Na comemoração do quinto aniversário do triunfo da Revolução Cubana, em janeiro de 1964, pouco antes de partir para a sua segunda visita oficial à União Soviética³²², Fidel Castro manteve a tônica de discursos anteriores, reafirmando os “*lazos indestructibles de la amistad*” que unia os povos dos países que integravam o campo socialista. Neste sentido, atribuiu a força da Revolução ao fato de ela fazer parte do movimento revolucionário mundial, que havia começado “*con la histórica revolución de los trabajadores y campesinos de la Unión Soviética, la revolución de Lenin, la revolución de Marx y de Engels*”, declarando que, sozinhos, os cubanos não teriam “*podido resistir al imperialismo*”, aludindo aos bloqueios, às agressões e ao “*estrangulamiento económico*” engendrados pelos Estados Unidos contra Cuba³²³.

As cerimônias acima mencionadas constituíram-se nas poucas ocasiões em que, durante os anos 1960, a produção discursiva do regime cubano enalteceu méritos políticos da União Soviética, indo além dos agradecimentos pela ajuda recebida nos campos econômico e militar. Durante a segunda metade dos anos 1960, os discursos do regime cubano nas cerimônias comemorativas das principais efemérides da Revolução – refletindo o grau de deterioração das relações entre os dois países –, tiveram como característica marcante a alternância do silenciamento a respeito da União Soviética com críticas que, mesmo quando não tinham seu alvo nominado, não deixavam dúvidas quanto ao seu destinatário. Apenas em janeiro de 1969, divergindo do padrão discursivo que vinha sendo predominante e como sinal da reaproximação política que estava em curso desde o apoio do governo cubano à repressão à Primavera de Praga, Fidel Castro

³²¹ Id.

³²² Fidel Castro chegou à União Soviética, em 13 de janeiro de 1964, para sua segunda visita oficial ao país com objetivo de firmar novos acordos para a venda do açúcar, bem como para a mecanização da produção, depois de o governo cubano ter fixado a meta de produzir dez milhões de toneladas de açúcar para o ano de 1970.

³²³ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración conmemorativa del Quinto Aniversario de la Revolución, en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1964**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f020164e.html>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

voltaria a destacar, porém, ainda de forma sucinta, “*la solidaridad del campo socialista y en especial la solidaridad de la Unión Soviética*” em relação a Cuba³²⁴.

3.3- A acomodação das divergências político-ideológicas (1970-1985)

O processo de reaproximação política entre Cuba e União Soviética não teve como resultado um simples retorno à situação anteriormente vigente entre os dois países, em que Cuba, mesmo dependente nos campos econômico e militar, conseguia manter uma expressiva independência político-ideológica em relação à União Soviética. Na década de 1970, as relações entre os dois países sofreram uma significativa transformação, ficando caracterizadas pelo crescente alinhamento de Cuba às diretrizes da União Soviética, ou, dito de outro modo, por um processo de sovietação – econômica, política, ideológica, cultural, etc. – da experiência revolucionária cubana.

Para que ocorresse esse alinhamento de Cuba às diretrizes soviéticas, o fracasso da meta do governo cubano de produzir, no ano de 1970, uma safra de dez milhões de toneladas de açúcar desempenhou um papel preponderante. O plano de aumentar progressivamente a produção açucareira foi delineado em 1963 como parte de uma estratégia de reorientação da economia cubana. Até então, a política econômica do governo revolucionário, cuja direção estava sob a responsabilidade de Ernesto Che Guevara, tinha como objetivos estimular um rápido processo de industrialização – de modo a promover a substituição de importações – e também diversificar a produção agrícola. Esses direcionamentos dados à economia estavam pautados no desejo de livrar Cuba de sua condição de país agrário-exportador, dependente do cultivo da cana-de-açúcar. O insucesso dessa política traduziu-se em crise econômica para o país, fazendo com que o Fidel Castro decidisse, em 1963, voltar a priorizar a atividade açucareira. Estabeleceu-se então um plano para elevar anualmente a produção de açúcar, de modo a atingir uma safra recorde em 1970.

³²⁴ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, al conmemorarse el X Aniversario del Triunfo de la Rebelión, en la Plaza de la Revolución, el 2 de enero de 1969.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f020169e.html>>. Acesso em: 3 jul. 2009.

Na comemoração do 26 de julho, em 1963, ao abordar questões relativas à economia do país, Fidel Castro anunciou que a meta de produção de açúcar para o ano de 1970 era ultrapassar “8 millones de toneladas”³²⁵. Poucos meses depois, em um ato comemorativo realizado na Universidade de Havana, no dia 27 de novembro de 1963, fixou uma meta bem mais ambiciosa a ser alcançada em 1970: “exportar 10 millones de toneladas de azúcar”. Porém, não foi apenas a cifra dos dez milhões que foi audaciosa. Adotando uma retórica triunfalista e manifestando a sua característica de recorrer frequentemente ao uso de metáforas, o líder da Revolução afirmou que, em pouco tempo, os cubanos teriam em suas mãos a “bomba atómica azucarera”. Em um período em que o poder dos países era determinado preponderantemente por sua capacidade nuclear, buscou-se, por meio dessa metáfora, apresentar Cuba como uma grande potência açucareira. Aludindo aos concorrentes burgueses no mercado internacional, Fidel Castro desafiou-os a ver quem sairia vitorioso no que ele considerou ser uma disputa “entre el modo de producción capitalista y el modo de producción socialista”³²⁶.

De 1963 a 1970, a safra de dez milhões de toneladas de açúcar, mais do que o tema principal, converteu-se em uma verdadeira obsessão da política econômica do governo cubano e continuou sendo enfatizada nos discursos de Fidel Castro de forma triunfalista. Em 1964, após ter realizado sua segunda visita a Moscou, o líder da Revolução destacou em sucessivos discursos o convênio açucareiro firmado com a União Soviética e com outros países do campo socialista. Esse convênio, além da mecanização da colheita da cana, havia garantido um mercado seguro para a venda do açúcar³²⁷. Em um dos discursos, o líder cubano jactou-se do fato de a safra de dez milhões estar quase que inteiramente vendida e não só assegurou que a meta seria alcançada, como ainda conjecturou a possibilidade de que o país tivesse que produzir dois ou três milhões de toneladas a mais³²⁸.

³²⁵ Id., *Discurso... 26 de julio de 1963...*, op. cit.

³²⁶ Id., *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el Acto Conmemorativo del 27 de Noviembre, celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 27 de noviembre de 1963*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f271163e.html>>. Acesso em: 23 abr. 2009.

³²⁷ Id., *Discurso... 1º de mayo de 1964...*, op. cit.

³²⁸ Id., *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el Acto de Fin de Curso del*

As condições favoráveis para que Cuba alcançasse a meta de produção de açúcar eram constantemente reiteradas em meio a um clima de euforia e intensa propaganda revolucionária. Multiplicavam-se os discursos, cartazes e slogans políticos sobre a “safra de dez milhões”. Por toda parte, era possível ler – e em algumas circunstâncias também ouvir – frases como: “*Hacia la meta azucarera en 1970*”; “*Más producción en menos áreas*”; “*Adelante el plan azucarero*”; “*La revolución social se hizo para hacer la revolución técnica*”; “*Los 10 millones van*”; “*De que van, van*”; “*Sí, a optimizar la zafra, central por central*”; “*A festejar la zafra más grande de la historia*”³²⁹.

À medida que se aproximava o prazo para o cumprimento da meta de produção açucareira, ficava cada vez mais evidente que a “safra de dez milhões” não permaneceria circunscrita ao campo econômico e que, assim como vários outros temas de diferentes áreas, ela receberia do regime cubano um tratamento de guerra e, com base nessa perspectiva, seria expressa por meio de um vocabulário bélico. Isso pode ser notado, por exemplo, na comemoração da efeméride do 13 de março, no ano de 1968, quando o líder cubano afirmou que:

*La cuestión de la zafra de los 10 millones es una cuestión que se ha vuelto algo más que una meta económica; es algo que se ha convertido en una cuestión de honor de esta Revolución; es algo que se ha convertido en una medida de la capacidad de esta Revolución. Los enemigos han hecho todas las apuestas a que no se llega; los microfraccionales disfrutaban y auguraban el fracaso de la Revolución, es decir, el fracaso de la línea revolucionaria dentro de la Revolución con la idea de que no se llegaba a los 10 millones, y entonces tendríamos que volvernos más reposados, más tranquilos, más dóciles, más sumisos, en dos palabras: dejar de ser revolucionarios. ¡Y desde luego que los revolucionarios primero dejan de ser, que dejar de ser revolucionarios!*³³⁰.

A safra de dez milhões de toneladas de açúcar havia se convertido, portanto, em um índice da honra, da capacidade, e do prestígio da Revolução Cubana. A meta da

Instituto Tecnológico de la Caña “Álvaro Reynoso”, Ateneo de Matanzas, el 13 de noviembre de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f131164e.html>>. Acesso em: 15 maio 2009.

³²⁹ Essas frases, expressas em cartazes da propaganda revolucionária, podem ser encontradas também em discursos de Fidel Castro. Cf., por exemplo: Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la Sesión de Clausura del Primer Fórum Azucarero Nacional, efectuada en el Teatro “Chaplin”, el 19 de septiembre de 1964.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f190964e.html>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

³³⁰ Id., **Discurso... 13 de marzo de 1968...**, op. cit.

produção açucareira estava no centro de uma disputa: alcançar ou não o resultado planejado determinaria se a vitória seria dos revolucionários ou daqueles que eram apontados como seus inimigos, fossem eles externos ou internos. A esse respeito, o líder cubano declarou não ter dúvidas de que os inimigos teriam que se preparar para o êxito da safra e que isto colocaria “*en ridículo al imperialismo*”³³¹.

Embora a safra de dez milhões tenha sido transformada em uma questão moral, estendendo-se ao campo político-ideológico, o seu sucesso era muito importante para a economia cubana, área que era um grande desafio para os dirigentes revolucionários e na qual vinham sendo acumuladas seguidas crises. As dificuldades econômicas e as tentativas de solucioná-las estão refletidas, em grande medida, no calendário instituído para a Revolução Cubana, no qual cada ano recebe um nome que expressa o alvo principal dos esforços do governo revolucionário. Neste sentido, a atenção dada aos problemas e rumos da economia no decorrer dos anos 1960 fica evidenciada na escolha dos seguintes nomes: 1962, *Año de la Planificación*; 1963, *Año de la Organización*; 1964, *Año de la Economía*; 1965, *Año de la Agricultura*³³².

A ênfase na meta da produção açucareira fez com que as diretrizes da economia determinassem as denominações também dos anos de 1969 e 1970. Antes mesmo que fosse escolhida a denominação para o ano de 1969, já estava definido que o ano de 1970 seria, previsivelmente, o “*Año de los Diez Millones*”, afinal havia seis anos que Cuba se preparava para o ano que assinalaria o ápice da produção açucareira e que era aguardado como um momento de virada, no sentido do desenvolvimento da economia do país. Em face de toda a expectativa criada, o nome atribuído ao ano de 1969 também estava estreitamente ligado à necessidade de cumprir a meta estabelecida, tendo ficado definido como o “*Año del Esfuerzo Decisivo*”³³³. A prioridade absoluta que foi dada à safra

³³¹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el Central “Antonio Guiteras”, Puerto Padre, Oriente, en resumen del Acto Central de Inicio de la Zafra de los 10 Millones, el 14 de julio de 1969**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f140769e.html>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

³³² Em 1962 e 1963, ainda que o “planejamento” e a “organização” fossem extensivos a outros temas, a questão econômica figurava como uma das prioridades.

³³³ O anúncio do nome escolhido para cada ano do processo revolucionário costuma ocorrer na cerimônia comemorativa do triunfo da Revolução Cubana, cuja celebração não se realiza no próprio dia da efeméride, ou seja, no dia 1º, mas sim no dia 2 de janeiro. Por ocasião da escolha do nome para o ano de 1969, Fidel

de dez milhões fez até mesmo com que Fidel Castro abdicasse de comemorar as duas principais efemérides da experiência revolucionária – e momentos por excelência da gestão da memória e da legitimação do regime cubano –, não realizando as cerimônias alusivas ao 26 de julho, no ano de 1969, e ao 1º de janeiro, no ano de 1970. Além de reduzir drasticamente as comemorações de efemérides e outros atos públicos, a partir do segundo semestre de 1969, o líder da Revolução também interferiu nas celebrações privadas do povo cubano, instando-o a não interromper o trabalho nos canaviais por causa das festas da véspera de Natal e do Ano Novo, conforme se verifica no trecho abaixo:

*Tenemos las tradicionales fechas de fines de año: la Nochebuena, el Año Nuevo, el 2 de Enero. ¿Dónde debemos estar el día 24 de diciembre? (EXCLAMACIONES DE: “¡En la caña!”) ¡En la caña! ¿Dónde debemos estar el día Primero de Enero? (EXCLAMACIONES DE: “¡En la caña!”) ¿Dónde debemos estar el día 2 de enero, conmemorando el aniversario de la Revolución? (EXCLAMACIONES DE: “¡En la caña!”) ¡En la caña!*³³⁴

Não sem motivos, o ano de 1969 fora apresentado à população cubana como o “*año de los 18 meses*”, uma vez que ele só terminaria ao final da safra, quando tivesse sido alcançada a meta de 10 milhões de toneladas de açúcar, em julho de 1970, período no qual, de acordo com Fidel Castro, o povo cubano teria novamente o seu tempo de festas, com “*pleno derecho a celebrar con júbilo sus éxitos y su trabajo*”³³⁵. O argumento utilizado era de que se os cubanos interrompessem a “*ofensiva*” naqueles dias tradicionalmente dedicados às festas, correriam “*el riesgo de perder la batalla*”³³⁶. No decorrer dos “18 meses” do “Ano do Esforço Decisivo”, intensificou-se o uso da terminologia bélica a partir da qual vinha sendo interpretada a meta da produção açucareira: os técnicos compunham “*ejércitos*”, cujos conhecimentos eram “*armas*”;

Castro divulgou que a denominação para o ano de 1970 já estava há algum tempo definida. Cf.: Id., **Discurso... 2 de enero de 1969...**, op. cit.

³³⁴ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto para dar inicio a la etapa masiva de la Zafra de los 10 Millones de Toneladas, efectuado en el Teatro “Chaplin”, La Habana, el 27 de octubre de 1969.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f271069e.html>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

³³⁵ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de Inauguración de 72 viviendas, una escuela primaria y otras instalaciones, en el Plan Experimental Genético “Niña Bonita”, de Cangrejera, Marianao, 30 de enero de 1969.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f300169e.html>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

³³⁶ Id., **Discurso... 27 de octubre de 1969...**, op. cit.

formaram-se as “*brigadas millonarias*”; a safra era uma “*batalla azucarera*”, cujo êxito representava uma vitória contra “*el enemigo*”. Isto para citar apenas alguns dos termos utilizados. Outro exemplo do modo como estava sendo tratada a questão da meta econômica traçada para o país seria dado por Fidel Castro, ao explicar que, “*como en una guerra*”³³⁷, tinham sido mobilizados soldados e oficiais das Forças Armadas Revolucionárias para a safra de dez milhões.

Em fins de 1969, a mobilização atingia quase toda a população cubana, a qual era instada pelo governo a trabalhar com entusiasmo para que a meta fosse alcançada. Para isso, Fidel Castro, que já havia apresentado a safra como uma batalha contra o inimigo, passou a associar o cumprimento da meta como uma forma de honrar a memória dos que “*lucharon y se sacrificaron*”³³⁸ pela Revolução. Argumentou ainda que seria o entusiasmo demonstrado no cumprimento da meta o que aproximaria cada cubano dos “*buenos revolucionarios*”, “*héroes*” e “*mártires*” da história nacional³³⁹.

Por mais contraditório que possa parecer, para alcançar a safra de dez milhões o governo cubano determinou o racionamento de açúcar para a população³⁴⁰. Conforme Fidel Castro admitiu, logo no início do Ano do Esforço Decisivo, a safra “*se volvió algo más que toneladas de azúcar, se volvió algo más que economía: ¡Se volvió una prueba, se volvió una cuestión moral para este país!*”. A preocupação já não mais parecia ser a produção açucareira em si mesma. Havia uma obsessão com o número, com a cifra de dez milhões, em relação à qual o líder cubano tinha empenhado sua palavra. Parecia que o que estava em jogo era muito mais a sua honra do que o sucesso econômico do país. Comentando a análise em que um integrante do governo dos Estados Unidos duvidava que fosse possível atingir a meta de dez milhões de toneladas, Fidel Castro afirmou:

³³⁷ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, a los soldados y oficiales de las Fuerzas Armadas Revolucionarias que tomaran parte en la Zafra de los 10 Millones, en el Teatro del MINFAR, el 4 de noviembre de 1969.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f041169e.html>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

³³⁸ Id., **Discurso... 27 de octubre de 1969...**, op. cit.

³³⁹ Id., **Discurso... 4 de noviembre de 1969...**, op. cit.

³⁴⁰ Em um discurso proferido no dia 5 de janeiro de 1969, Fidel Castro rebate as críticas feitas pela imprensa estadunidense ao racionamento de açúcar em Cuba. Cf.: Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la inauguración de un seminternado de primaria y un policlínico, en El Cangre, a la vez que el Policlínico de Valle del Perú, en Güines, el 5 de enero de 1969.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f050169e.html>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

*Nosotros, realmente, hemos trabajado para 10 millones. ¡Y no nos conformamos con una libra menos de 10 millones!. De manera que si nos quedáramos en 9 999 999, sería un gran esfuerzo, muy meritorio y todo lo que quieran. Pero realmente debemos decir de antemano que sería moralmente una derrota. Porque no nos conformamos con triunfos a medias. (...) Así que de antemano les rechazamos los elogios que le puedan hacer a este país por ocho, o por nueve, o por 9,9. Porque no aceptaremos ningún elogio por tales cifras.*³⁴¹

As declarações de Fidel Castro tiveram um teor diferente, em 19 de maio de 1970, quando, pela primeira vez, ele admitiu publicamente que a meta de dez milhões de toneladas de açúcar não seria atingida. No início de seu discurso, abordou de forma hipotética o não cumprimento da meta, mas, em seguida, reconheceu que não seria possível alcançá-la:

*Si esa meta no se alcanza, solo sobre nosotros mismos, sobre los revolucionarios, habrá que buscar las causas, las razones, que no son objetivas y que son subjetivas. Tendríamos que hacer el recuento de todas nuestras debilidades, ineficiencias, que todavía nos quedan en el proceso revolucionario. Tendríamos que sacar esa cuenta, pero con valentía. Afrontar una derrota. Sí. Moralmente no alcanzar los 10 millones sería una derrota. (...) Pero si ustedes quieren que les diga con toda claridad la situación, es sencillamente que no haremos los 10 millones.*³⁴²

Depois de haver declarado que não se conformaria sequer com uma libra a menos em relação ao número estipulado para a safra, o líder cubano teve que aceitar uma drástica redução da meta à qual ele tinha vinculado a honra revolucionária, afirmando que, desde aquele momento, a luta para atingir dez milhões de toneladas tinha se transformado na “*lucha por los nueve millones*”. O que, porém, não sofreu nenhuma redução foi o grau de exigência quanto ao espírito de luta do povo cubano, que foi

³⁴¹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el Acto de Graduación del Curso de Estudiantes de Agronomía y de Técnicos de Nivel Medio de los Institutos Tecnológicos Agropecuarios, celebrado en la Universidad Central, en Santa Clara, el 18 de octubre de 1969.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f181069e.html>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

³⁴² Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de recibimiento a los once pescadores secuestrados, efectuado frente al edificio de la ex Embajada de los Estados Unidos de Norteamérica en Cuba, el 19 de mayo de 1970.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1970/esp/f190570e.html>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

instado a *“luchar cuando incluso esa meta no está a la vista”*, pois isso seria *“una demostración de valor y de condición revolucionaria”*³⁴³.

De acordo com o líder cubano, os inimigos explorariam fartamente o não cumprimento da meta de dez milhões, que seria por eles utilizada para medir a capacidade da Revolução. Contrariando, entretanto, alguns rumores de que recorreria a algum subterfúgio como justificativa principal para o fracasso da safra – como, por exemplo, alguns incidentes em centrais açucareiras ou ainda o episódio do sequestro de onze pescadores cubanos, do qual os Estados Unidos estavam sendo acusados –, Fidel Castro argumentou que as causas do insucesso tinham que ser buscadas no que chamou de debilidades e ineficiências da Revolução e acrescentou que a meta da produção açucareira havia demonstrado aos revolucionários os limites de suas forças e que sua capacidade estava abaixo do que se supunha. Além disso, Fidel Castro habilmente fez uso de outra estratégia para cobrar do povo cubano disciplina e entusiasmo revolucionário e evitar que houvesse manifestações de descontentamento, ao afirmar que a avaliação da capacidade dos revolucionários não seria determinada com base apenas no resultado da safra, mas principalmente *“con la actitud ante el revés, con la actitud ante el dolor, con la actitud frente al golpe, incluso digámoslo: con nuestra actitud ante la humillación”*³⁴⁴. Logo, a propaganda política da Revolução, que estava apoiada na promessa de sucesso da safra açucareira, metamorfoseou-se e adquiriu um novo lema revolucionário, que foi pronunciado em sucessivos discursos e estampado em cartazes: era tempo de *“convertir el revés en victoria”*³⁴⁵.

Em julho de 1970, a safra chegou ao fim, alcançando uma produção de 8,5 milhões de toneladas de açúcar. Uma das metáforas que havia sido empregada por Fidel Castro revelou-se pertinente, mas com um significado oposto ao que foi por ele imaginado: a “bomba atômica açucareira”, ao invés de solucionar os problemas econômicos do país e aumentar o seu poder de negociação em âmbito internacional, foi inabilmente

³⁴³ Id.

³⁴⁴ Id.

³⁴⁵ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la inauguración del Pueblo Doce y Medio, para los trabajadores del Plan de Arroz de Bayamo, Oriente, el 31 de mayo de 1970.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1970/esp/f310570e.html>>. Acesso em: 2 ago. 2009; Id., **Discurso... 26 de julio de 1970...**, op. cit.

“detonada” e causou um efeito devastador na economia cubana. A safra de dez milhões constituiu-se em um fracasso não apenas porque o resultado alcançado ficou muito aquém da meta pretendida, mas principalmente porque a verdadeira operação de guerra criada em torno da produção açucareira teve consequências desastrosas para os outros setores da economia do país. Metaforicamente, poder-se-ia dizer que deixou tais setores com um aspecto de “terra arrasada”. Neste sentido, convém destacar que o tratamento dado à questão da safra de dez milhões foi emblemático do papel preponderante do voluntarismo dos dirigentes da Revolução Cubana, notadamente de seu líder máximo, na definição e condução das políticas de governo, as quais vinham se caracterizando pelo elevado grau de improvisação e, conforme Che Guevara reconheceu em 1963, pelo “guerrilheirismo administrativo”³⁴⁶.

Como não houve o tão prometido sucesso da safra a ser festejado, a cerimônia comemorativa do 26 de julho, em 1970, foi utilizada pelo líder da Revolução para fazer o que ele qualificou como uma autocrítica. Iniciou seu discurso afirmando que, diferentemente de outras ocasiões, não iria rememorar êxitos ou passados heroicos, mas tão somente tratar dos problemas e dos reveses enfrentados pelo país. Esses reveses estavam associados fundamentalmente à questão da safra de dez milhões, cujo fracasso foi responsável por um agravamento das dificuldades econômicas do país, pois, conforme Fidel Castro admitiu, a concentração dos esforços na safra açucareira levou a uma redução da produção em outros setores da economia. Argumentou que não foi possível atingir a meta de dez milhões de toneladas devido à ausência de uma indústria açucareira adequada, apontando como uma das causas do fracasso da safra o insuficiente estágio de desenvolvimento das forças produtivas do país. Porém, segundo seu ponto de vista, as dificuldades objetivas correspondiam apenas a uma parte do problema, sendo necessário levar em consideração também o que ele denominou de fator subjetivo, referindo-se à *“ineficiencia en el trabajo general de la Revolución”*. Ao tratar de sua parcela de responsabilidade por essa ineficiência, o líder cubano insinuou retoricamente o seu desprendimento em relação à posição de poder que ocupava e buscou obter uma pública demonstração de apoio popular, expressando-se nos seguintes termos:

³⁴⁶ Sobre a declaração de Che Guevara acerca do “guerrilheirismo administrativo”, cf.: CASTAÑEDA, Jorge G. **A vida em vermelho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 288.

No pretendo ni mucho menos señalar responsabilidades que pretenda que no me pertenecen también a mí y a toda la dirección de la Revolución. Lamentablemente estas autocríticas no pueden ser fácilmente acompañadas de otras soluciones consecuentes. Mejor sería decir al pueblo: busquen otro. Incluso: busquen otros (EXCLAMACIONES DE: “¡No!”). Sería mejor. En realidad también por nuestra parte sería hipócrita.

Creo que nosotros, los dirigentes de esta Revolución, hemos costado demasiado caros en el aprendizaje. Y desgraciadamente nuestro problema – no cuando se trate de sustituir a los dirigentes de la Revolución, ¡que este pueblo los puede sustituir cuando quiera, en el momento que quiera, y ahora mismo si lo quiere! (EXCLAMACIONES DE: “¡No!” Y “¡Fidel, Fidel, Fidel!”) –, uno de nuestros más difíciles problemas es precisamente, y en eso estamos pagando una buena herencia, la herencia en primer lugar de nuestra propia ignorancia³⁴⁷.

Referindo-se ainda aos problemas, Fidel Castro declarou que os inimigos tinham razão quando afirmavam que a Revolução enfrentava dificuldades e que havia descontentamento no país, mas deixou claro os limites em que a insatisfação seria tolerada, ao argumentar que esses inimigos equivocavam-se *“en creer que para el pueblo hay una alternativa de la Revolución, creer que el pueblo frente a las dificultades de la Revolución, cualesquiera que sean, pueda escoger el camino de la contrarrevolución”³⁴⁸.*

De acordo com Fidel Castro, assim como havia acontecido por ocasião do revés sofrido na etapa que inaugurou a luta insurrecional, era tempo de começar de novo e de retomar a luta em prol da Revolução. Neste sentido, o fracasso da safra assinala um ponto de inflexão no processo revolucionário e nas relações cubano-soviéticas, aspecto que pode ser evidenciado no discurso de autocrítica proferido na comemoração do 26 de julho, em 1970. Pragmático e ciente de que a recuperação econômica de Cuba dependia, em grande medida, das boas relações com a União Soviética, Fidel Castro, ao admitir a ineficiência administrativa e expor a necessidade de superar a ignorância e resolver os problemas que afetavam a Revolução, deu indícios de que estava disposto a inspirar-se no modelo soviético, a seguir as suas diretrizes. Segundo o líder cubano, havia alguns problemas estruturais a serem resolvidos. Neste sentido, destacou a necessidade de reorganização do Estado, afirmando que ao Conselho de Ministros já não mais era possível dirigir todas as funções que lhe competiam no aparato administrativo, defendendo que era preciso criar um órgão de caráter político que pudesse atuar na

³⁴⁷ CASTRO, Fidel. **Discurso... 26 de julio de 1970...**, op. cit.

³⁴⁸ Id.

coordenação dessas funções. Salientou igualmente a necessidade de que fosse criado um órgão coletivo que pudesse aumentar a representação dos trabalhadores na direção das fábricas e de outras unidades produtivas. Ao apontar nesse discurso de autocrítica tais necessidades – que resultaram na posterior criação, respectivamente, do Conselho de Estado e da Assembleia Nacional do Poder Popular –, o líder cubano sinalizava, mesmo não fazendo nenhuma referência explícita a isto, a sua disposição de implantar em Cuba um modelo de organização política semelhante ao então existente na União Soviética.

Em seu discurso, Fidel Castro deu indícios ainda da tendência do governo cubano a alinhar-se às diretrizes soviéticas no campo ideológico. Essa tendência manifestou-se, por exemplo, em uma incomum referência ao proletariado industrial como a classe verdadeiramente revolucionária. Convém lembrar que durante a década de 1960 o governo cubano, divergindo da União Soviética, minimizava o papel de vanguarda a ser exercido pelo partido e questionava a viabilidade de o proletariado fazer a revolução, especialmente em face das condições presentes na América Latina. Preconizava, em vez disso, a luta armada e considerava o campesinato como a classe potencialmente revolucionária, a qual devia tomar o poder por meio das guerrilhas rurais. Porém, essa nova etapa que se instaurava, em 1970, nas relações entre Cuba e União Soviética foi acompanhada por algumas mudanças no discurso oficial da Revolução Cubana, que passou a evidenciar as convergências ideológicas com o governo da União Soviética. Neste sentido, valendo-se de um episódio em que, após conversas mantidas com alguns operários do país, pôde constatar que estes, mesmo padecendo de carências de diversas ordens, tinham como alvo principal de suas preocupações a solução para os problemas da produção fabril, Fidel Castro enalteceu o potencial revolucionário do proletariado, expressando-se nos seguintes termos:

Y obreros con ropas rotas, y zapatos rotos, pidiendo tornos, máquinas herramientas, instrumentos de medición, preocupados más por eso todavía que por los demás problemas. Incluso a pesar de lo mal que estaban los abastecimientos, preocupados más por la fábrica y la producción que por los abastecimientos. ¡Y eso sí que es una cosa impresionante! ¡Eso sí que es para nosotros una lección! ¡Eso sí que es confirmación en la vida y en la realidad de que es en el proletariado, de que es en el proletariado industrial donde está la clase verdaderamente revolucionaria, la clase más potencialmente revolucionaria! ¡Qué lección práctica de marxismo-leninismo! Nosotros que nos iniciamos en el camino de la Revolución no por una fábrica, que buena

*falta nos habría hecho a todos, sino que nos iniciamos en el camino de la Revolución por la vía intelectual del estudio de la teoría, del pensamiento. Y qué bien nos habría convenido a todos nosotros haber conocido mucho mejor y haber surgido de las fábricas, porque es allí donde realmente está el espíritu genuinamente revolucionario de que hablaban Marx y Lenin.*³⁴⁹

Imaginou-se que o sucesso da safra de dez milhões transformaria Cuba em uma potência açucareira, de modo a resolver o problema da dependência econômica do país e, por extensão, assegurar aos dirigentes da Revolução a autonomia ideológica que eles tanto prezavam. Contudo, paradoxalmente, o estado de total desorganização decorrente do fracasso da safra açucareira tornou a economia cubana ainda mais dependente e criou condições para que Fidel Castro, por meio da abordagem dada a esse revés em seu retórico discurso de autocrítica, buscasse justificar, em nome da necessidade de uma melhor organização administrativa e da superação da crise econômica, as medidas que marcariam o processo de sovietação da experiência revolucionária cubana, com suas nítidas implicações na perda de autonomia político-ideológica do país em relação à União Soviética.

A partir de 1970, as relações entre Cuba e União Soviética conhecem uma nova etapa, que se estende, sem grandes variações, até 1985 e que se caracteriza pelo alinhamento cubano às diretrizes da União Soviética e, conseqüentemente, pela acomodação de suas divergências políticas e ideológicas. No decorrer desse período, podem ser apontados alguns importantes marcos, conforme o critério analítico que se privilegie, do processo de sovietação da experiência revolucionária cubana: culturalmente, em 1971, com a realização do Primeiro Congresso de Educação e Cultura; economicamente, em 1972, pelo ingresso de Cuba no Conselho de Ajuda Mútua Econômica (COMECON ou CAME); ideologicamente, em 1975, com a realização do Primeiro Congresso do Partido Comunista de Cuba; jurídica e politicamente, em 1976, com a nova Constituição da República de Cuba e com a criação da Assembleia Nacional do Poder Popular e do Conselho de Estado. Esses acontecimentos são representativos da institucionalização da Revolução Cubana com base nos moldes soviéticos. Apesar de poderem ser apontados como marcos simbólicos, tais acontecimentos não representam

³⁴⁹ Id.

necessariamente o começo absoluto ou circunscrevem em si mesmos cada um dos aspectos dessa institucionalização, que possui um caráter processual.

No que se refere ao discurso oficial da Revolução Cubana, pode-se identificar um ponto de inflexão no tratamento dado à União Soviética e à relação de amizade entre os dois países a partir de 1972, notadamente depois que Cuba passou a fazer parte do COMECON, o conselho de integração econômica que reunia os países do bloco socialista liderados pela União Soviética. Naquele ano, o discurso de Fidel Castro na cerimônia de comemoração do 26 de julho foi marcado, como em nenhuma ocasião anterior, por um verdadeiro panegírico à União Soviética e também pelo fato de as referências ao país amigo, até então comumente sucintas, terem sido copiosas. O líder cubano ocupou-se em listar as façanhas históricas da União Soviética, enaltecendo a vitoriosa Revolução de Outubro de 1917, sob a liderança de Lênin; as batalhas soviéticas contra o fascismo e o nazismo; o poder de reconstrução do país nos períodos que se seguiram às duas grandes guerras mundiais; o grau de desenvolvimento que a União Soviética havia alcançado e a sua importância para a comunidade de países socialistas. Este último aspecto foi um dos que receberam maior ênfase. Proferindo seu discurso pouco tempo depois de ter retornado de uma visita à União Soviética e aos países do Leste Europeu, Fidel Castro comentou *“la solidez creciente de la comunidad socialista”*, destacando os avanços observados nos países visitados e o importante papel da União Soviética no auxílio às suas economias. Em relação especificamente ao país líder do bloco socialista, elogiou o grau de desenvolvimento técnico e científico, os progressos obtidos nos campos social e educacional, bem como a cultura política do povo soviético, atribuída ao processo de educação das massas e às tradições revolucionárias de um país onde a ideologia e a propaganda imperialistas *“no han podido penetrar en ninguna parte”*³⁵⁰.

Nesse discurso, a ênfase já não estava em Cuba como um farol para a revolução na América Latina, mas sim no Estado soviético e em seu povo como exemplos para todo o campo socialista, do qual o país caribenho passava a fazer parte de forma institucionalizada em decorrência de seu ingresso no COMECON. Referindo-se ainda à sua visita aos países do campo socialista, Fidel Castro afirmou que eles tinham dado uma demonstração sem precedentes de sua vontade de ajudar a Cuba a vencer o

³⁵⁰ Id., **Discurso... 26 de julio de 1972...**, op. cit.

subdesenvolvimento e a sair “*victoriosa frente al bloqueo imperialista*” e ressaltou a importância que a integração econômica tinha para um “*país pequeño*”, avaliando que, no futuro, o mundo seria formado por “*grandes comunidades humanas y económicas*”. Embora reafirmasse a latino-americanidade dos cubanos e o seu desejo de integração econômica e política com a América Latina, Fidel Castro considerava, porém, que isso só seria possível no futuro, depois que ocorresse a revolução social e anti-imperialista nos países latino-americanos:

*¡Nosotros tenemos que integrarnos con los trabajadores, con los obreros y campesinos, con los revolucionarios, cuando la hora inexorable de la Revolución llegue a la América Latina! Pero eso tarda. No podemos hacer planes con vistas a una integración que puede tardar 10, 15, 20, 25, 30 años – eso para los más pesimistas. Mientras tanto, ¿qué hacemos? – país pequeño, rodeado de capitalistas, bloqueado por los imperialistas yankis –: ¡nos integraremos económicamente con el campo socialista!*³⁵¹

A integração econômica com os países do campo socialista fez com que Fidel Castro voltasse a oferecer ao povo cubano o futuro como utopia. Recuando precisamente dois anos no tempo, o líder da Revolução evocou a comemoração do 26 de julho de 1970 para afirmar que no decorrer desse período o país havia avançado em todos os campos, declarando que nunca tinham sido melhores o momento vivido pela Revolução e as suas perspectivas futuras no que se refere à política, à consciência revolucionária e às relações internacionais. Enfatizando este último aspecto, declarou que as “*relaciones de amistad y de cooperación con el campo socialista, y especialmente con la Unión Soviética*”, eram o que assegurava o avanço da Revolução, tornando possível seu êxito ao fortalecê-la não apenas economicamente, mas também nos campos militar, político e ideológico³⁵².

As relações entre Cuba e União Soviética foram consideradas por Fidel Castro como as mais “*generosas*” que podiam existir entre dois países. No enaltecimento da generosidade soviética, ele enfatizou dois aspectos principais: no campo militar, o envio gratuito de armas para a defesa da Revolução; e no campo econômico, o fato de a União Soviética não reduzir ou interromper o fornecimento de produtos essenciais ao país caribenho nas situações em que este, em decorrência de problemas climáticos ou de dificuldades de ordem diversa, não conseguia, por sua parte, cumprir o que havia sido

³⁵¹ Id.

³⁵² Id.

estabelecido nos acordos comerciais entre os dois países. Esses exemplos foram utilizados por Fidel Castro para qualificar a amizade soviética como “*altruista, desinteresada, revolucionaria*” e para demonstrar aos “*intelectualoides, seudorrevolucionarios, intrigantes y calumniadores*”³⁵³ que as relações com o campo socialista e, principalmente, com a União Soviética eram fundamentais para o país caribenho.

Os significados que se buscou construir acerca da União Soviética e de sua relação de amizade com Cuba na comemoração do dia 26 de julho de 1972 são representativos de um padrão discursivo característico do período compreendido entre 1970 e 1985 e que apresenta permanências, mas também mudanças fundamentais em relação à discursividade predominante na década de 1960.

As permanências no discurso oficial cubano quanto aos modos de abordar as relações com a União Soviética e os méritos deste país podem ser evidenciadas em muitos aspectos. O principal deles diz respeito ao reconhecimento da importância do auxílio prestado pelo governo soviético nos campos econômico e militar. A abordagem da ajuda econômica baseou-se em uma contraposição entre o que se denominou como, de um lado, as agressões econômicas do inimigo e, de outro lado, as ações solidárias do país amigo³⁵⁴. Esta solidariedade econômica era apresentada como o fator que permitiu a Cuba resistir ao bloqueio imposto pelos Estados Unidos. Em relação à ajuda militar, predominam as referências ao fornecimento gratuito de armas para a defesa da Revolução. Neste sentido, o episódio mais evocado, ligado à defesa da Revolução, é a vitória de *Playa Girón*, enfatizando-se dois aspectos: o fato de que já naquele momento Cuba pôde contar com as armas do país amigo; e o poder de dissuasão da União Soviética, evitando que os Estados Unidos praticassem uma agressão direta e, conseqüentemente, um “*genocidio contra Cuba*”³⁵⁵. Desse modo, costuma-se apresentar

³⁵³ Id.

³⁵⁴ Para uma formulação precisa dessa abordagem, cf., por exemplo: Id., **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en la concentración popular efectuada en la Plaza de la Revolución “José Martí”, en honor del compañero Leonid Ilich Brezhnev, Secretario General del Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética, y la delegación que lo acompaña, el 29 de enero de 1974, “Año del XV Aniversario”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1974/esp/f290174e.html>>. Acesso em: 2 set. 2009.

³⁵⁵ Id., **Discurso... 26 de julio de 1978...**, op. cit. A esse respeito, ver também o discurso de comemoração dos 20 anos da “*victoria de Playa Girón*”: Id., **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en la velada solemne conmemorativa del XX Aniversario de la Victoria de Playa Girón, celebrada en el Teatro “Carlos Marx”, el 19 de abril de 1981, “Año del XX Aniversario de**

a colaboração da União Soviética nos campos econômico e militar como tendo sido decisiva para a consolidação da Revolução Cubana.

Contudo, as permanências discursivas não dizem respeito apenas à abordagem da amizade cubano-soviética. Podem ser notadas também no enaltecimento do país amigo, cujos principais méritos destacados são: o fato de ter sido o primeiro Estado socialista do mundo, abrindo caminho ao movimento comunista internacional; as suas lutas contra o fascismo e, notadamente, contra a Alemanha de Hitler; a solidariedade com os países do campo socialista; e a sua capacidade de fazer frente ao poder dos Estados Unidos, tido, por sua vez, como seguidor das práticas nazifascistas em função de seu reacionarismo e anticomunismo. Convém ressaltar, no entanto, que embora haja uma continuidade quanto aos aspectos que constituem a base da propaganda da Revolução acerca da União Soviética e de sua relação de amizade com Cuba, a sua manifestação torna-se mais frequente no período que corresponde ao alinhamento cubano às diretrizes soviéticas.

No que se refere às mudanças no padrão discursivo, a principal diferença não está relacionada à maior regularidade com que se passou a enaltecer a relação de amizade com a União Soviética ou ainda às copiosas referências ao tema no discurso oficial cubano, até mesmo porque os elogios à União Soviética depois da comemoração do dia 26 de julho de 1972 não continuaram sendo tão numerosos e extensos como haviam sido naquela cerimônia. Pode-se afirmar que a mais importante mudança não diz respeito ao que esses discursos passaram a apresentar, mas sim ao que deles esteve ausente, isto é, a manifestação de críticas à União Soviética.

Presentes durante os anos 1960, as críticas feitas pelo governo cubano ao seu principal aliado expunham as divergências políticas e ideológicas existentes entre os partidos comunista dos dois países. A partir dos anos 1970, a acomodação dessas divergências fez com que algumas questões que anteriormente tinham sido alvos de críticas passassem a ser apoiadas pelo governo cubano. Um exemplo disso foi a política soviética de coexistência pacífica. Antes criticada por ser entendida como algo que, em

Girón". Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1981/esp/f190481e.html>>. Acesso em: 7 set. 2009. É interessante notar que no discurso oficial cubano o enaltecimento desse poder de dissuasão da União Soviética está vinculado ao episódio de *Playa Girón* e não ao acordo entre as duas superpotências no desfecho da crise dos mísseis e por meio do qual os Estados Unidos assumiram o compromisso de não invadir Cuba. A explicação para isso está no ressentimento cubano em relação ao modo como a União Soviética conduziu as negociações para a solução dessa crise.

nome dos interesses estratégicos da superpotência socialista em sua disputa de poder com os Estados Unidos, prejudicava o movimento revolucionário mundial, ela passou a receber o apoio dos dirigentes da Revolução Cubana. Em 1974, por ocasião da visita de Leonid Brejnev a Cuba, Fidel Castro destacou os esforços que o líder soviético estava realizando em prol da distensão internacional e incluiu-se no grupo de líderes políticos mais “*conscientes*” que eram favoráveis à política soviética de paz, enaltecendo o “*servicio extraordinario que el Partido y el Estado de Lenin*” estavam prestando a toda a humanidade³⁵⁶. Em outra ocasião, respaldou a política de coexistência pacífica com uma reivindicação do leninismo, afirmando que “*la consigna de paz y coexistencia entre todas las naciones del mundo fue lanzada en la aurora misma del primer Estado socialista por Vladimir Ilich Lenin*”³⁵⁷.

A acomodação das divergências políticas e ideológicas com a União Soviética traduziu-se também em mudanças no discurso cubano no âmbito do Movimento dos Países Não-Alinhados. Na década de 1960, Cuba havia priorizado o discurso terceiro-mundista em detrimento de sua condição de Estado socialista e endossado as críticas segundo as quais a União Soviética atuava em relação aos países subdesenvolvidos de modo semelhante ao dos Estados Unidos. A partir dos anos 1970, inversamente, a atuação cubana como membro do campo socialista sobrepujou o seu papel de país do Terceiro Mundo. Partindo em defesa da União Soviética, Fidel Castro passou a criticar a tese da existência de dois imperialismos – um dirigido pelos Estados Unidos, outro pela União Soviética –, afirmando que essa tese era “*reaccionaria en sí misma y fruto exclusivo de la ideología e intriga de los teóricos burgueses y del imperialismo*” e que, ao sustentá-la, “*pretendiendo semejar a la URSS con Estados Unidos*”, alguns dirigentes dos países do Terceiro Mundo estavam tão somente servindo ao “*único y verdadero imperialismo*” e, dessa forma, afastando os movimentos de libertação nacional dos países socialistas, os quais, de acordo com o líder cubano, deviam ser vistos como seus “*aliados naturales*”³⁵⁸. Essa defesa da União Soviética, que havia sido feita na comemoração do 26 de julho de 1973, foi reiterada por Fidel Castro, em setembro do mesmo ano, na cidade de Argel, durante seu discurso na 4ª Conferência dos Países Não-Alinhados. Nesta reunião de

³⁵⁶ Id., *Discurso... 29 de enero de 1974...*, op. cit.

³⁵⁷ Id., *Discurso... 26 de julio de 1978...*, op. cit.

³⁵⁸ Id., *Discurso... 26 de julio de 1973...*, op. cit.

cúpula, ele voltou a abordar o “*delicado tema*” da tese dos dois imperialismos, criticando os dirigentes que, “*deliberadamente*” ou “*por ignorancia de la historia*”, não levavam em consideração o “*profundo e insalvable abismo que media entre el régimen imperialista y el socialismo*”. Buscando refutar a tese de que a União Soviética também era imperialista, o líder da Revolução Cubana lançou os seguintes questionamentos:

*¿Cómo se puede calificar de imperialista a la Unión Soviética? ¿Dónde están sus empresas monopolistas? ¿Dónde está su participación en las compañías multinacionales? ¿Qué industrias, qué minas, qué yacimientos petrolíferos posee en el mundo subdesarrollado? ¿Qué obrero es explotado en algún país de Asia, África o América Latina, por el capital soviético?*³⁵⁹

As sucessivas manifestações de apoio à União Soviética renderam críticas ao governo cubano. Por ocasião da 6ª Conferência dos Países Não-Alinhados, que ocorreu na cidade de Havana, em setembro de 1979, Fidel Castro afirmou que os Estados Unidos e os seus antigos e novos aliados – neste último caso, referindo-se à China – tinham recorrido a manobras diplomáticas para impedir que essa conferência fosse realizada em Cuba. Além disso, rebateu as acusações feitas pelos governos desses países, os quais haviam formulado a “*repugnante intriga*” de que Cuba estava transformando o Movimento dos Países Não-Alinhados em um instrumento a serviço da política soviética. Em resposta às críticas, Fidel Castro argumentou que ninguém ditava o papel a ser desempenhado pelo governo cubano no Movimento dos Não-Alinhados, pois Cuba orientava-se por critérios próprios, possuía “*absoluta independencia*” e não se valia de uma política oportunista, seguindo uma linha política coerente com os princípios dos Não-Alinhados. Segundo ele, os revolucionários cubanos eram “*decididamente antiimperialistas, anticolonialistas, antineocolonialistas, antirracistas, antisionistas, antifascistas*” e esses princípios, que faziam parte de suas concepções, estavam “*en la esencia, el origen, la vida y la historia del Movimiento de los Países No Alineados desde su fundación*”. Tendo respondido nestes termos aos seus críticos, o líder cubano não deixou, porém, de reafirmar suas “*relaciones fraternales con la comunidad socialista y la Unión Soviética*”³⁶⁰. Neste seu discurso, listou

³⁵⁹ Id., **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en la IV Conferencia de Países No Alineados, en Argel, Republica Argelina Democrática y Popular, el 7 de septiembre de 1973, “Año del XX Aniversario”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1973/esp/f070973e.html>>. Acesso em: 2 set. 2009.

³⁶⁰ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en la Sesión**

ainda alguns países do Terceiro Mundo que, a exemplo de Cuba, tinham que ser gratos pela solidariedade internacionalista que lhes tinha sido prestada pela União Soviética e manifestou também o apoio cubano à política de coexistência pacífica, o que, por sua vez, colocava em evidência a fase de alinhamento político-ideológico que caracterizava as relações cubano-soviéticas.

3.4- O reaparecimento das divergências (1986-1991)

As divergências entre Cuba e União Soviética reapareceram durante o governo de Mikhail Gorbatchev em razão da *Perestroika* e da *Glasnost*, medidas reformistas que objetivavam, respectivamente, promover uma reestruturação econômica e conferir à política maior transparência, possibilitando um aumento da liberdade de expressão. Tais medidas implicavam em uma diminuição do controle exercido pelo Estado nessas duas áreas e, em virtude de seu caráter liberalizante, sofreram forte oposição do líder cubano.

Em sentido contrário às reformas implantadas na União Soviética, o governo cubano deu início ao que denominou de “*proceso de rectificación de errores y de lucha contra las tendencias negativas*”, por meio do qual foi definido um programa reformista para o quinquênio 1986-1990, que, entre outras medidas, exigia do povo cubano atitude exemplar e maior disposição para o trabalho voluntário – a ser recompensado por meio de incentivos morais em detrimento de benefícios materiais – e limitava ainda mais as iniciativas privadas, aumentando o controle estatal sobre a economia³⁶¹. Enquanto na União Soviética passava a haver maior abertura política para a expressão de discordâncias em relação ao governo, Fidel Castro proibia em Cuba “a circulação das edições em língua

Inaugural de la VI Conferencia Cumbre del Movimiento de Países No Alineados, celebrada en el Palacio de las Convenciones de La Habana, el 3 de septiembre de 1979, “Año 20 de la Victoria”. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1979/esp/f030979e.html>>. Acesso em: 7 set. 2009.

³⁶¹ A respeito das tendências negativas e dos erros apontados pelo governo cubano, cf.: Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en la clausura de la Sesión Diferida del Tercer Congreso del Partido Comunista de Cuba, en el Teatro “Carlos Marx”, el 2 de diciembre de 1986, “Año del XXX Aniversario del Desembarco del Granma”.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1986/esp/f021286e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

espanhola de duas importantes revistas soviéticas – *Sputnik* e *Moscou News* – porque falavam da *Glasnost* e da *Perestroika*”³⁶².

As divergências do governo cubano quanto às medidas reformistas da União Soviética não foram imediatamente expressas sob a forma de críticas, o que poderia prejudicar as relações entre os dois países em um momento que se caracterizava pela recessão econômica. Em seu discurso no 27º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, realizado em Moscou, em fevereiro de 1986, Fidel Castro afirmou que não lhe competia, na condição de convidado, emitir “*juicios evaluativos*”, mas apenas expressar sua convicção de que o povo e o Partido soviético saberiam vencer quaisquer dificuldades “*en el camino de la construcción del comunismo*”, destacando o “*estilo dinámico*” de Mikhail Gorbatchev e os “*aires de renovación*” de marcavam o ambiente daquele congresso³⁶³.

Gradativamente, porém, as manifestações de desacordo do governo cubano com esses ares de renovação que tomavam conta da União Soviética foram se tornando cada vez menos tácitas. Em 1988, em seu discurso na cerimônia de comemoração do 26 de julho, Fidel Castro comentou que os imperialistas tratavam de urdir intrigas entre Cuba e União Soviética sob o argumento de que os dois governos divergiam quanto aos rumos das reformas em seus países. Valendo-se de um tom conciliador, o líder cubano negou que tivesse qualquer problema com os dirigentes do Kremlin, mas, tratou de afirmar a sua posição acerca das medidas reformistas, declarando que estava claro para ambos os governos que Cuba não tinha simplesmente que “*copiar*” o que os soviéticos faziam e reivindicando para cada um “*el derecho de hacer lo que sea conveniente hacer*”. Sentenciou, entretanto, que Cuba jamais adotaria “*métodos, estilos, filosofías, ni idiosincrasias del capitalismo*”³⁶⁴.

Por ocasião da visita de Mikhail Gorbatchev a Cuba, em abril de 1989, Fidel Castro manteve a mesma linha argumentativa, sendo, contudo, um pouco mais incisivo em suas

³⁶² BANDEIRA, Luiz A. M., op. cit., p. 610.

³⁶³ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en el XXVII Congreso del Partido Comunista de la Unión Soviética. Palacio de los Congresos, Moscú, 26 de febrero de 1986, “Año del XXX Aniversario del Desembarco del Granma”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1986/esp/f260286e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

³⁶⁴ Id., **Discurso... 26 de julio de 1988...**, op. cit.

declarações. Ele reiterou que não havia motivos para qualquer crise nas relações entre Cuba e União Soviética, uma vez que os dois países não possuíam nenhuma divergência em torno das questões concernentes à política internacional e que, segundo seu ponto de vista, o que cada governo fazia em seu próprio país não devia ser objeto de desavenças. Promovendo um ponto de inflexão no que diz respeito à aplicação de modelos soviéticos à política cubana, Fidel Castro voltou a enfatizar a necessidade de que o marxismo-leninismo fosse interpretado e empregado de acordo com as “*condiciones concretas de cada país*”. Neste sentido, ocupou-se de apontar as diferenças entre Cuba e União Soviética, bem como entre suas revoluções, argumentando que os dois países possuíam histórias, culturas, dimensões territoriais, contingentes populacionais, tempos de revolução e problemas distintos e, por isso, não tinham que aplicar as mesmas fórmulas na tentativa de solucionar seus diferentes problemas. Acrescentou ainda que, embora não se considerasse no direito de julgar a história da União Soviética e de analisar os seus erros, via-se diante da necessidade de citar alguns exemplos. Mesmo não citando erros daquele tempo presente – em particular das medidas reformistas da administração de Mikhail Gorbatchev –, mas sim do passado, é bastante significativo das mudanças na relação entre os dois países o fato de que o passado da União Soviética estivesse sendo evocado não apenas, como acontecia anteriormente, para o enaltecimento de suas façanhas históricas, mas também para a exposição de seus erros. Nas palavras de Fidel Castro,

*No tiene nada de extraordinario que cualquier proceso revolucionario cometa errores. Desde ese punto de vista, es incuestionable que ocurrieron errores en el proceso revolucionario de la Unión Soviética, según los criterios de los propios soviéticos; pero nosotros no tuvimos algunos tipos de fenómenos que ocurrieron en la Unión Soviética en la época de Stalin. Realmente – como he dicho otras veces – nosotros no hemos tenido ese tipo de problemas asociados con aquella personalidad de la historia soviética, a no ser que me consideren a mí – como he dicho en algunas ocasiones – una especie de Stalin, y, en ese caso, yo diría que todas mis víctimas gozan en nuestro país de excelente salud.*³⁶⁵

³⁶⁵ Id., **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en la Sesión Extraordinaria y Solemne de la Asamblea Nacional, con motivo de la visita a nuestro País del compañero Mijaíl S. Gorbachov, Secretario General del Comité Central del PCUS y Presidente del Presídium del Soviet Supremo de la URSS, celebrada en el Palacio de las Convenciones, el 4 de abril de 1989, “Año 31 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1989/esp/f040489e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

Ao abordar os problemas que ocorreram na União Soviética na época do governo de Josef Stálin (1922-1953), Fidel Castro referia-se a dois fenômenos principais: o primeiro deles, mencionado explicitamente em seu discurso, foi o da coletivização forçada no campo; o segundo fenômeno aludia, de modo implícito, às práticas do expurgo e do fuzilamento de dissidentes levadas a efeito sob o governo do então líder soviético. Se, por um lado, é certo afirmar que não ocorreu em Cuba a coletivização forçada, por outro lado, não parece ser correto que o mesmo seja dito em relação ao segundo fenômeno.

Nesse discurso, Fidel Castro combinou a exposição de erros soviéticos do passado com elogios ao *“estilo de trabajo y relaciones del compañero Gorbachov”*, o qual, apesar de representar *“un gigantesco y poderoso país”*, nunca havia tido *“actitudes paternalistas”* ou atuado *“desde posiciones hegemónicas”* em relação tanto ao líder cubano quanto a dirigentes de outros países. Além disso, destacou a sua gratidão pela ajuda prestada ao governo cubano pela União Soviética, país cujo êxito em seu programa de reformas era, segundo o líder da Revolução, não somente um desejo, mas também uma necessidade de Cuba. Não se tratava, no entanto, de um desejo e de uma necessidade apenas de Cuba, afinal *“ese éxito lo desean y lo necesitan todos los pueblos del Tercer Mundo; ese éxito lo desea lo mejor de la humanidad, y ese éxito lo necesita toda la humanidad”*³⁶⁶.

Na cerimônia comemorativa do 26 de julho, em 1989, Fidel Castro deu indícios de seu pessimismo quanto ao êxito do programa reformista adotado por Mikhail Gorbachev e, após comentar que eram crescentes as tensões e os conflitos entre as diferentes nacionalidades que compunham o Estado soviético, declarou que mesmo em face de um eventual colapso do bloco socialista ou da notícia de que a União Soviética havia se desintegrado – o que, segundo afirmou, esperava que jamais ocorresse – ainda sob essas circunstâncias *“Cuba y la Revolución Cubana seguirían luchando y seguirían resistiendo!”*³⁶⁷.

Nos discursos que se seguiram à queda do muro de Berlim, ocorrida em 09 de novembro de 1989, Fidel Castro afirmou reiteradamente a sua disposição de defender a

³⁶⁶ Id.

³⁶⁷ Id., *Discurso... 26 de julio de 1989...*, op. cit.

qualquer custo as *“banderas de la revolución y el socialismo”*³⁶⁸, o que significava, por conseguinte, defender a sua própria permanência no poder. Na comemoração do 26 de julho, em 1990, o líder cubano revelou que os dirigentes revolucionários estavam dispostos até mesmo a sacrificar os planos de desenvolvimento social, pois os esforços tinham que estar concentrados na economia, uma vez que esta era a área *“esencial para la supervivencia de la Revolución”*. Neste sentido, justificava a situação econômica do país e o fato de o “processo de retificação” não ter alcançado resultados mais expressivos, argumentando que ninguém poderia imaginar *“que el campo socialista se derrumbaría como un castillo de naipes”* ou ainda que a União Soviética teria *“las dificultades y los problemas”* que estava enfrentando naquele momento, aspectos que, conforme Fidel Castro reconheceu, traziam consigo incertezas quanto aos recursos de que Cuba poderia dispor nos anos seguintes. No entanto, declarou que, independente disso, o socialismo no país não seria *“una decisión transitoria”*³⁶⁹.

A tentativa de Fidel Castro de evitar que Cuba se tornasse mais uma “carta” desse “castelo” socialista que estava a desmoronar refletiu-se em mudanças discursivas na abordagem das relações cubano-soviéticas. Mais do que simplesmente continuar afirmando – como o havia feito por ocasião da visita de Mikhail Gorbachev – que Cuba não estava disposta a copiar as medidas do programa reformista que estava em curso na União Soviética, o líder da Revolução passou a admitir publicamente como um erro o fato de, durante um período, ter copiado alguns modelos soviéticos. No seu entendimento, uma das *“tendencias negativas”* que se desenvolveram em Cuba foi *“el endiosamiento”* de tudo que era proveniente da União Soviética, em uma época em que se considerava que *“todo lo que venía de allá era lo perfecto, el non plus ultra”*. Para explicar esse “endeusamento” que havia existido e justificar a censura que foi imposta à circulação de publicações soviéticas – as já mencionadas *Sputnik* e *Moscou News* – no país caribenho, tão logo se percebeu que o endeusamento do país amigo era um equívoco, o líder cubano recorreu a uma metáfora religiosa, expressando-se nos seguintes termos:

³⁶⁸ Id., **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto de despedida de duelo a nuestros internacionalistas caídos durante el cumplimiento de honrosas misiones militares y civiles, efectuado en el Cacahual, el 7 de diciembre de 1989, “Año 31 de la Revolución”**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1989/esp/f071289e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

³⁶⁹ Id., **Discurso... 26 de julio de 1990...**, op. cit.

*Todos hemos estudiado algo de la Iglesia, y existe el misterio de la Santísima Trinidad. No lo menciono con falta de respeto, ni mucho menos, a las iglesias o a los creyentes; pero a mí me enseñaron que existía el misterio de la Santísima Trinidad y que había el padre, el hijo y el Espíritu Santo, además, el Espíritu Santo no se puede equivocar. Nosotros convertimos todo lo de la URSS en una especie de Espíritu Santo, y cuando empezaban a llegar determinadas publicaciones y determinadas cosas – en algunas de las cuales se vio claramente la oreja de burro del anticomunismo y del antisocialismo, y que se habían convertido en eco de las peores calumnias que se decían contra el socialismo –, se recibían aquí como verdades ineludibles. Yo decía: Nosotros tenemos nuestra responsabilidad, porque el veneno viene ahora – decía yo – del Espíritu Santo. Figúrense, si el Espíritu Santo empieza a hablar, hablar y hablar contra el socialismo, quién va a dudar del Espíritu Santo.*³⁷⁰

A União Soviética havia sido destituída de sua aura sagrada no discurso oficial da Revolução Cubana. Depois de conhecer um período em que somente havia enaltecimento de seus méritos, o país voltou a ter os seus equívocos apontados. A princípio associados exclusivamente à época do stalinismo, começaram a ser apontados os erros “*políticos, históricos, estratégicos, militares*” cometidos pela União Soviética no período contemporâneo à Revolução Cubana. Em um contexto marcado por profundas mudanças nos países do bloco socialista, Fidel Castro, apesar de reconhecer que Cuba também tinha erros a retificar, deixava claro que não aceitaria o “*veneno*” ideológico proveniente da União Soviética e que não abriria espaço para ilusões quanto à possibilidade de discussão de ideias de cunho liberalizante no país. Manifestando o seu pragmatismo, ele considerava que aquele não era o momento de “*teorizar*”, mas sim de “*avanzar, resistir, sobrevivir, vencer*”. Depois disso, haveria “*tiempo de teorizar y cosas que teorizar*”. Considerava, pois, ser “*ridículo... adoptar poses de doctrinarios cuando hay muchas cosas concretas que hacer y que son una cuestión de supervivencia para el país y para la Revolución*”³⁷¹.

A percepção de que a desintegração total da União Soviética era cada vez mais iminente fez com que o governo cubano empreendesse outra mudança discursiva,

³⁷⁰ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en la clausura del IV Congreso de la FEU, celebrado en el Palacio de las Convenciones, 20 de diciembre de 1990, “Año 32 de la Revolución”.** Disponível em:

<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1990/esp/f201290e.html>>. Acesso em: 22 set. 2009.

³⁷¹ Id.

voltando a enfatizar a sua independência político-ideológica em relação ao país amigo. Na comemoração do 26 de julho, em 1991, Fidel Castro atribuiu mais uma vez alguns fenômenos negativos ocorridos com a experiência revolucionária cubana ao fato de ter copiado modelos da União Soviética, preocupando-se, no entanto, em enfatizar sua autonomia na tomada de decisões, declarando que ninguém nunca se atreveu a lhe dar ordens. A esse respeito, sentenciou que “*no había, ni hay, ni habrá nadie en el mundo que nos pueda dar órdenes*”³⁷². Em 16 de dezembro de 1991, quando já havia sido decidida a desintegração da União Soviética³⁷³, mas ainda antes que fosse feito o anúncio oficial, Fidel Castro já fazia referência à “*antigua Unión Soviética*”, ao tecer críticas aos resultados da *Perestroika* e da *Glasnost*, declarando que já antevia que o rumo das reformas não levaria ao aperfeiçoamento do socialismo, mas sim à sua destruição. O “*veneno ideológico*” dessas reformas teria provocado efeitos danosos também em Cuba, pois, segundo o líder da Revolução, não tinham sido poucos os cubanos que se deixaram influenciar por aquelas ideias, afinal era “*el Espíritu Santo hablando desde ultratumba*”, em uma época em que se costumava acreditar “*al pie de la letra todo lo que se escribía y decía*” em Moscou. Entretanto, analisando sob outro prisma, avaliava que o fato de o governo cubano não ter seguido as medidas reformistas adotadas na União Soviética tinha servido para demonstrar o quanto Cuba era verdadeiramente independente, podendo ser considerada como “*el país más independiente del mundo*”. Segundo Fidel Castro,

Los que dudaban de que hubiésemos alcanzado la independencia definitiva, cuántos millones de veces no nos acusaron de ser unos satélites soviéticos y un país sin independencia, hasta que llegó el momento en que no quedó más remedio que demostrar todo lo independiente que éramos. Lo fuimos siempre, pero mucha gente no lo creía, o no se lo podía imaginar. La gran crítica de la Revolución por parte del imperialismo se basaba en que éramos unos satélites

³⁷² Id., **Discurso... 26 de julio de 1991...**, op. cit.

³⁷³ A decisão foi tomada em uma reunião, ocorrida no dia 8, entre Boris Yeltsin, Stanislav Shushkevich e Leonid Kravchuk, líderes políticos, respectivamente, da Rússia, da Bielorrússia e da Ucrânia. O anúncio oficial dessa decisão foi feito no dia 25, quando Mikhail Gorbachev declarou que no dia 31 cessaria a existência jurídica da União Soviética. A respeito dessa reunião, cf.: Id., **Reflexiones del Comandante en Jefe: mentiras deliberadas, muertes extrañas y agresión a la economía mundial**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2007/esp/f180907e.html>>. Acesso em: 28 set. 2009.

*soviéticos, y ahora la gran crítica es porque no hacemos lo que hicieron los soviéticos, como si fuéramos suicidas o idiotas.*³⁷⁴

É interessante notar que, diferentemente do que ocorria no período marcado pela sovietação da experiência revolucionária cubana, Fidel Castro já não mais se defendia das críticas de que Cuba era um satélite da União Soviética com base no enaltecimento dos princípios que caracterizavam as relações existentes entre os dois países, mas sim na afirmação da independência cubana no campo político-ideológico.

3.5- Os “elogios fúnebres” à União Soviética (1992-2009)

As representações construídas pelo discurso oficial da Revolução Cubana acerca da União Soviética no período que se seguiu à sua desintegração conjugaram enaltecimento e críticas. Metaforicamente, poder-se-ia dizer que, de maneira distinta ao que costuma acontecer em elogios fúnebres, as “homenagens póstumas” de Cuba à extinta União Soviética não se restringiram a lamentar a perda e louvar as suas virtudes, ocupando-se também de apontar seus erros e defeitos.

Nas poucas vezes em que ocorreu, o enaltecimento das virtudes da União Soviética e de sua relação de amizade com Cuba fundamentou-se em alguns dos aspectos que haviam sido enfatizados no período de sovietação da experiência cubana, como, por exemplo: o importante papel desempenhado pela Revolução de Outubro de 1917; a vitória soviética sobre o nazismo; e a generosidade na ajuda prestada a Cuba nos campos econômico e militar.

As duras críticas do governo cubano às medidas reformistas que levaram à desintegração do Estado soviético foram, no entanto, muito mais frequentes do que o enaltecimento da relação de amizade que existiu entre os dois países. Nessas críticas, argumentava-se que o reformismo soviético traduziu-se em sérios problemas para Cuba,

³⁷⁴ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en la clausura del VI Foro Nacional de Piezas de Repuesto, Equipos y Tecnologías de Avanzada, efectuada en el Palacio de las Convenciones, el 16 de diciembre de 1991.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1991/esp/f161291e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009.

enfraquecendo-a nos campos político, militar e econômico. Inegavelmente, os efeitos mais desastrosos incidiram sobre a economia do país, uma vez que, devido ao fim das vantajosas relações comerciais com a União Soviética, Cuba teve que enfrentar a grave crise do “período especial”, fazendo com que Fidel Castro interpretasse essa situação como um *“doble bloqueo”* econômico e utilizasse a imprevisibilidade dos acontecimentos – embora em outras ocasiões, contraditoriamente, tivesse declarado sua antevisão quanto aos rumos das reformas – para eximir-se da culpa pelos problemas nos quais o país caribenho estava mergulhado, afinal de contas o Estado soviético *“que parecía tan inmovible y tan seguro como el sol desapareciera en unos días”*. As medidas reformistas adotadas durante a administração de Mikhail Gorbachev foram criticadas também por causa de suas consequências para a política internacional, pois resultaram em um *“mundo unipolar bajo la batuta del imperialismo yanqui”*. Na opinião do líder cubano, o governo soviético não devia ter presenteado os Estados Unidos com o *“hegemonismo mundial”* sem sequer *“disparar un tiro”*³⁷⁵.

Nos termos da metáfora aqui empregada, pode-se afirmar que o teor das críticas “póstumas” feitas pelo governo cubano à União Soviética foi o mesmo de quando este país já estava “moribundo” e o seu fim era tido como uma questão de tempo. A crítica principal era que, em vez de aperfeiçoar, o governo soviético havia destruído o socialismo. Neste sentido, os erros atribuídos à União Soviética foram utilizados por Fidel Castro para legitimar o regime cubano, ao afirmar que, por mais difíceis que fossem as circunstâncias, os cubanos não poderiam cometer os mesmos erros que tinham sido cometidos pelos soviéticos, ou seja, *“destruir el Partido, destruir el Estado, destruir el Gobierno, destruir la historia del país”*³⁷⁶.

Essa produção discursiva do período das “homenagens póstumas” tem ainda duas outras características marcantes. Uma delas diz respeito à reafirmação da independência político-ideológica de Cuba em relação à União Soviética, com destaque para as declarações de Fidel Castro acerca de sua postura de insubmissão frente aos dirigentes soviéticos – sendo, neste caso, a crise dos mísseis o episódio mais evocado³⁷⁷. A outra

³⁷⁵ Id., **Discurso... 26 de julio de 1993...**, op. cit.

³⁷⁶ Id.

³⁷⁷ Acerca da afirmação da autonomia do líder cubano em relação aos dirigentes soviéticos, ver, por exemplo: Id., **Conclusiones del Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central**

característica está relacionada à publicização de opiniões que são próprias de um período em que já não havia uma relação de amizade ou, pelo menos, diplomática a ser preservada – até mesmo porque sequer havia o país amigo. Neste sentido, o exemplo mais emblemático são os comentários acerca dos defeitos da tecnologia soviética. Na opinião de Fidel Castro,

Parece que había una época en la URSS en que sobraba tanta gasolina que no tenían dónde guardarla y se decidieron a utilizarla en los motores, porque los motores soviéticos, que los tenemos aquí en grandes cantidades y constituyen una de nuestras desgracias hoy, gastan tres veces más gasolina que lo que gastan otros motores; sus aviones también.

Yo, sin embargo, voy siempre tranquilo en un avión soviético, y he viajado no solo por Cuba sino por el mundo en él (...). Sé lo que ocurre a veces cuando el IL-62 está arrancando, traquetea, pero arranca (RISAS); gasta gasolina, pero llega; es seguro, es un avión seguro, eso sí lo puedo garantizar: gastador de gasolina, pero seguro (RISAS).³⁷⁸

Considerada em conjunto a produção discursiva do período em questão, pode-se afirmar que o “epitáfio” cubano à extinta União Soviética não foi propriamente honroso, uma vez que o sentido predominante não foi o reconhecimento da importância da amizade cubano-soviética, mas sim a publicização de críticas ao país amigo, em especial às medidas liberalizantes adotadas pelo governo de Mikhail Gorbachev para reformar o socialismo. Essas medidas reformistas foram consideradas por Fidel Castro como erros políticos que destruíram a história do primeiro Estado socialista e que jamais deveriam ser cometidos pelo governo cubano.

del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los consejos de Estado y de Ministros, en la clausura del X Foro de Ciencia y Técnica, efectuado en el Palacio de las Convenciones, el 21 de diciembre de 1995, “Año del Centenario de la Caída de José Martí”. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1995/esp/f211295e.html>>. Acesso em: 23 set. 2009; Id., **Reflexiones del Comandante en Jefe: el Imperio y la Isla Independiente.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2007/esp/f160807e.html>>. Acesso em: 28 set. 2009; Id., **Reflexiones del Comandante en Jefe: Lula.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2008/esp/f220108e.html>>. Acesso em: 28 set. 2009.

³⁷⁸ Id., **Discurso... 26 de julio de 1993...**, op. cit.

Capítulo 4 - Os inimigos que “traíram” a pátria: os dissidentes cubanos

A oposição, tanto interna quanto externa, ao regime revolucionário cubano não é um fenômeno recente. Ao contrário disso, tem o mesmo tempo de existência da Revolução. Desde o triunfo dos revolucionários, no ano de 1959, surgiram opositores ao governo recém-instaurado, tendo lugar as primeiras críticas e dissensos que marcaram a trajetória de uma multifacetada dissidência cubana, que tem atuado no decorrer de pouco mais de cinco décadas de experiência revolucionária. Mas, quem são, afinal, os dissidentes?

A resposta a essa pergunta não deve ser buscada senão sob o signo da pluralidade. Diferentemente do que faz o discurso oficial – que os homogeneiza, que os apresenta indistintamente, definindo-os através de termos pejorativos: “traidores da pátria” e “mercenários a serviço do imperialismo ianque” –, os dissidentes devem ser vistos a partir de sua heterogeneidade constitutiva, que se manifesta por meio de diferenças geracionais, étnicas, de gênero, religiosas, ideológicas e políticas. Há, assim, entre os dissidentes: liberais, socialdemocratas, democratas cristãos, marxistas, martianos, esquerdistas, centristas, direitistas, socialistas, capitalistas, militantes cristãos, praticantes da Santería, residentes em Cuba, residentes no exterior, opositores de longa data, ex-defensores do regime que retiraram seu apoio à Revolução, e até mesmo indivíduos que, embora não tenham deixado de ser favoráveis ao governo revolucionário, foram apontados como obstáculos ou ameaças a seu poder e considerados como contrarrevolucionários e traidores da pátria.

Em virtude de sua heterogeneidade constitutiva, os dissidentes integram grupos que apresentam diferentes pensamentos políticos, opiniões e aspirações sociais, havendo entre eles desde ativistas políticos até mesmo aqueles que são simplesmente críticos das políticas de governo, de suas reformas ou da ausência destas. Ser dissidente não significa, pois, possuir um projeto de poder político, querer ocupar uma posição no governo ou se colocar inevitavelmente no front anticastrista – para empregar aqui uma terminologia bélica própria do discurso oficial do governo cubano –, ainda que haja alguns opositores que se enquadrem nesses quesitos. O termo dissidente também não se aplica apenas ao

indivíduo que fazia parte de agremiações políticas ou organizações sociais e que delas se separou, formando, quase sempre, organizações similares. A partir de que critérios, então, podem ser definidos os indivíduos que constituem a dissidência da Revolução Cubana? O primeiro critério é o emprego do termo dissidente com um sentido amplo, referindo-se a todos aqueles que possuem divergências em relação à ideologia oficial e às políticas de governo, que tecem diferentes críticas ao regime. O segundo critério, importante para circunscrever a abrangência do primeiro, consiste em não considerar como dissidentes quaisquer críticos do regime, mas apenas, ainda que isso pareça óbvio, aqueles que são cubanos, não importando se residem em Cuba ou em um dos países para onde emigraram os exilados.

A adoção desse último critério não significa que não serão utilizadas aqui as reflexões críticas de autores de outras nacionalidades, muitos dos quais são estudiosos da dissidência cubana. Busca tão somente marcar a distinção entre os diversos críticos do regime e os dissidentes cubanos, ainda que se note que entre uns e outros há pontos de convergência e mesmo influências recíprocas.

Considerada a complexidade que envolve a dissidência cubana, não é possível, nos limites deste capítulo, realizar um estudo completo e pormenorizado acerca desse tema. Buscar-se-á tão somente analisar alguns casos representativos da política de expurgos praticada pelo regime cubano contra aqueles que, por terem sido vistos pelo líder da Revolução como obstáculos ou ameaças a seu poder, foram submetidos aos tribunais revolucionários, onde foram rotulados de “contrarrevolucionários”, “inimigos” e “traidores da pátria”.

Prioriza-se nessa abordagem o tratamento discursivo que – como parte integrante das estratégias de legitimação da experiência revolucionária e do grupo no poder – foi dado pelo regime cubano aos seus opositores, sujeitos históricos aos quais, por meio da censura e da repressão, dentre outros expedientes, buscou-se estigmatizar, silenciar e apagar da história nacional – entendida aqui em seu duplo sentido de processo vivido e de escrita da história.

4.1- Os tribunais revolucionários como tribuna política

Como uma expressão dos conflitos de interesses existentes no seio das sociedades em que são gestadas, todas as revoluções engendram, desde o seu triunfo, pontos de vista e posicionamentos que lhes são contrários. Quanto a este aspecto, o que costuma variar de uma revolução comparativamente a outra são as concepções de seus líderes acerca do que pode ser entendido como uma postura contrarrevolucionária. No caso particular da Revolução Cubana, a linha divisória que separa revolucionários de contrarrevolucionários é bastante tênue, sendo definida conforme o arbítrio de seu líder máximo. Neste sentido, não foram poucos os indivíduos que pertenceram às fileiras da Revolução Cubana – na condição de guerrilheiros, intelectuais, membros das Forças Armadas Revolucionárias, integrantes do Partido, etc. – e que, por não se enquadrarem em alguma das sucessivas metamorfoses ideológicas e políticas ditadas por Fidel Castro no decorrer do processo revolucionário, foram apontados como “contrarrevolucionários” e “traidores da pátria”.

4.1.1- O nacionalismo democrático no banco dos réus: o “caso Huber Matos”

Um dos primeiros e mais emblemáticos exemplos da política de expurgos praticada pelo regime cubano ocorreu em outubro de 1959 com a prisão do comandante Huber Matos, que havia liderado uma das colunas guerrilheiras na Sierra Maestra e entrado em Havana ao lado de Fidel Castro e de Camilo Cienfuegos na marcha vitoriosa dos revolucionários cubanos. Depois de pressionar Fidel Castro para que houvesse uma definição dos rumos que tomaria o processo revolucionário e diante dos sucessivos adiamentos de uma reunião para a discussão do projeto revolucionário e da qual participariam os cinco principais líderes da Revolução naquele momento – Fidel, Raúl Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos, além dele próprio –, Huber Matos escreveu a Fidel Castro no dia 19 do referido mês, comunicando a sua decisão de renunciar ao cargo de comandante do Exército Rebelde na província de Camagüey por se opor à crescente influência comunista no governo cubano. Em sua carta de renúncia, argumentou que para

que a Revolução triunfasse era necessário que se dissesse aos revolucionários cubanos “*adónde vamos y cómo vamos*”, considerando que não se devia tachar “*de reaccionario ni de conjurado*” a quem fizesse tais questionamentos. Em sua opinião, quem quer que houvesse tido a “*franqueza*” de falar com Fidel Castro a respeito do “*problema comunista*” devia deixar as fileiras da Revolução antes que fosse necessário ser delas retirado. Antes de finalizar a sua carta de renúncia, Huber Matos fez um pedido a Fidel Castro, expressando-se nos seguintes termos:

(...) no deseo convertirme en obstáculo de la Revolución y creo que teniendo que escoger entre adaptarme o arrinconarme para no hacer daño, lo honrado y lo revolucionario es irme. (...)
*También quiero que entiendas que esta determinación, por meditada, es irrevocable, por lo que te pido no como el comandante Huber Matos, sino sencillamente como uno cualquiera de tus compañeros de la Sierra – ¿te acuerdas? De los que salían dispuestos a morir cumpliendo tus órdenes –, que accedas a mi solicitud cuanto antes, permitiéndome regresar a mi casa en condición de civil sin que mis hijos tengan que enterarse después, en la calle, que su padre es un desertor o un traidor.*³⁷⁹

Em contrapartida, Fidel Castro deu ordens a Camilo Cienfuegos, Chefe do Estado-Maior do Exército Rebelde, para dirigir-se a Camagüey na manhã do dia 21 de outubro e, sob a acusação de traição, dar voz de prisão a Huber Matos, o qual não ofereceu nenhuma resistência. Ainda nesse mesmo dia, depois de consumada a prisão, Fidel Castro chegou a Camagüey, onde organizou um ato público para execrar a suposta traição de Huber Matos, a quem chamou de “*traidor*”, “*ingrato*”, “*vanidoso*” e “*ambicioso*”. Em seu discurso, o líder máximo da Revolução, ao comentar haver recebido a carta de renúncia com as razões alegadas pelo então comandante para não mais prosseguir no Exército Rebelde, ouviu pedidos do público para que ela fosse lida. Inicialmente hesitante, ele tentou esquivar-se dizendo: “*¡Es que no puedo leer todos los papeles aquí!*”. Porém, diante dos insistentes pedidos, ele decidiu ler a carta e o fez intercalando a leitura com os seus comentários, de modo a orientar a correta interpretação a ser dada pelo povo. Não faltou fidedignidade na reprodução dos trechos lidos. O que faltou, porém, foi fazer a leitura da carta na íntegra. A parte final foi omitida por Fidel Castro, talvez por entender que ali havia trechos que não convinham aos propósitos daquele ato público. Assim, deu

³⁷⁹ MATOS, Huber. **Renuncia del Comandante Huber Matos en 1959**. Disponível em: <<http://comandantehubermatos.blogspot.com.br/2012/10/>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

por concluída a carta na frase em que se lê: “*permitiéndome regresar a mi casa (...)*”³⁸⁰, omitindo a passagem em que Huber Matos, pensando em preservar a própria honra diante dos filhos, pedia para não ser publicamente tachado como desertor ou traidor; e também o último parágrafo, no qual ele desejava êxito a Fidel Castro e se despedia em tom amigável: “*Deseándote todo género de éxitos para ti en tus proyectos y afanes revolucionarios, y para la patria – agonía y deber de todos – queda como siempre tu compañero, Huber Matos*”³⁸¹.

Em seu intento de justificar o alijamento de Huber Matos e de construir a ideia de que, em vez de uma perda, ele representava uma ameaça para a Revolução, Fidel Castro minimizou a importância do ex-companheiro da Sierra Maestra na luta insurrecional e ainda afirmou que havia outros revolucionários que possuíam mais méritos e demonstrações de sacrifício, apontando como um gesto generoso, mas também equivocado, o fato de tê-lo nomeado para o comando do Exército Rebelde em Camagüey. O perfil do ex-comandante é traçado do seguinte modo:

*Llamamos al inteligente. Llamamos al culto. Llamamos al que gustaba de pronunciar discursitos y posar de doctor. Llamamos al que le gustaba mucho retratarse. Llamamos al que le gustaba mucho invitar periodistas para que le hicieran el panegírico. Llamamos al que le gustaba ir a todos los lugares donde hubiera un acto público para hablar y hablar y hablar.*³⁸²

A tônica desse discurso consistiu em acusar Huber Matos de possuir ambições pessoais de poder, bem como em apresentar a sua renúncia como uma “*maniobra contrarrevolucionaria*”, interpretando-a como uma atitude levada a efeito por “*un caballito de Troya*” que, a partir das fileiras revolucionárias, atuava “*en beneficio de los enemigos de Cuba y de los enemigos de la Revolución*”³⁸³. Contudo, o ex-guerrilheiro da Sierra Maestra não foi associado por Fidel Castro apenas aos inimigos externos, mas também às figuras de outros dois “traidores da pátria”: Pedro Luis Díaz Lanz e Manuel Urrutia Lleó. O primeiro deles havia sido destituído do cargo de chefe da Força Aérea

³⁸⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el Campamento “Agramonte”, en Camagüey, el 21 de octubre de 1959.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f211059e.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

³⁸¹ MATOS, Huber, op. cit.

³⁸² CASTRO, Fidel. **Discurso... 21 de octubre de 1959...**, op. cit.

³⁸³ Id.

Revolucionária e, em 29 de junho de 1959, tendo conseguido evitar a prisão, partiu para o exílio nos Estados Unidos³⁸⁴. O segundo havia ocupado o cargo de presidente de Cuba até o dia 17 de julho de 1959, quando Fidel Castro compareceu em rede nacional de TV para mobilizar a opinião pública, afirmando que o então presidente estava criando obstáculos às reformas propostas para o país. Ao pronunciamento do líder da Revolução, seguiu-se um ato de protesto pelas ruas, que levou Manuel Urrutia a renunciar. Ele, entretanto, permaneceu em Cuba até 1963, quando também partiu para o exílio nos Estados Unidos depois de estar vivendo, desde abril de 1961, na condição de solicitante de asilo político nas embaixadas da Venezuela e do México³⁸⁵. Pedro Luis Díaz Lanz e Manuel Urrutia Lleó foram rotulados como “traidores” porque se opuseram abertamente à crescente influência comunista no governo cubano. Somando-se a eles dois, Huber Matos era o terceiro integrante da Revolução a denunciar a tendência comunista do governo e também a ser considerado como “traidor”. Referindo-se a eles, Fidel Castro afirmou: “*Ya los ‘tres mosqueteros’ cayeron, ¡los tres mosqueteros cayeron! Y espero que por un buen tiempito no haya ya más traidores... Fueron cayendo uno tras otro sin gloria, porque no contaron con el pueblo*”³⁸⁶.

Para a defenestração dos “três mosqueteiros” foi determinante o simples fato de eles terem discordado de Fidel Castro. Contudo, pelo menos em relação a Huber Matos, não parece correto o argumento de que lhe faltava popularidade. À sua renúncia, seguiram-se as renúncias de outros oficiais do Regimento por ele comandado no Exército Rebelde, bem como as manifestações de apoio por parte da imprensa e do movimento estudantil de Camagüey. Tudo isso, porém, foi interpretado por Fidel Castro como parte de uma conspiração, como desdobramentos de um plano previamente traçado pelo ex-comandante para criar uma “*atmosfera de intranquilidad*” e um “*estado de anarquía*” que começaria na província de Camagüey, mas que se pretendia estender “*por el resto de la isla*”. Os relatos da imprensa de que havia comoção popular em decorrência da notícia da renúncia de Huber Matos foram considerados por Fidel Castro como uma farsa tramada

³⁸⁴ Informações sobre a participação de Pedro Luis Díaz Lanz na Revolução, bem como a “*Carta Abierta al Pueblo de Cuba*”, documento no qual ele denunciava a infiltração comunista no governo cubano, podem ser consultadas em: <<http://www.latinamericanstudies.org/diaz-lanz.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

³⁸⁵ As informações sobre Manuel Urrutia Lleó podem ser consultadas em: <http://www.ecured.cu/index.php/Manuel_Urrutia_Lle%C3%B3>. Acesso em: 24 jun. 2013.

³⁸⁶ CASTRO, Fidel. **Discurso... 21 de octubre de 1959...**, op. cit.

por “*periodistas incondicionales*”. Também como uma farsa foi interpretada uma Assembleia Geral, convocada para a noite daquele 21 de outubro, e que reuniria diferentes entidades do movimento estudantil agrupadas em torno da Federação Provincial de Estudantes Secundários de Camagüey, cuja pauta de discussão era a renúncia. Porém, depois dos últimos acontecimentos, a prisão de Huber Matos inevitavelmente seria discutida. Demonstrando que não toleraria críticas à sua decisão, o líder cubano propôs uma similar política de expurgos no movimento estudantil, ao declarar que divulgaria os nomes de “*unos cuantos lidercillos estudiantiles*”, aos quais chamou de “*descarados*” e “*contrarrevolucionarios*”, para que “*los estudiantes los destituyan*”. Ainda durante o ato de repúdio a Huber Matos, o líder da Revolução teve que interromper o seu discurso, em um momento em que dirigia agressões verbais ao ex-companheiro, por ter ocorrido um tumulto entre o público:

No era justo que el trabajo de miles de hombres, un ambicioso sin escrúpulos, un fatuo, un desleal, un ingrato, un equivocado, lo viniera a echar por tierra (ABUCHEOS). Y si algo compensa, si algo compensa ese daño, ha sido la actitud del pueblo. Porque ellos verán las fotografías del pueblo y sabrán lo que hizo el pueblo. Sobre todo, sabrán lo siguiente: Había una conjura en un cuartel. ¿Y qué pasó? Nosotros teníamos tanques, cañones, aviones, tropas entrenadas, soldados numerosísimos. ¿Qué hicimos? (En la multitud se produce un incidente.) (EXCLAMACIONES)... Bueno. No, que había un grupito de los incondicionales de Huber Matos que estaban tratando de agitar a los estudiantes (ABUCHEOS), un grupito de los directivos. Pero no importa. Los estudiantes los van a destituir (...).³⁸⁷

A popularidade de Huber Matos, no entanto, não estava associada unicamente ao gesto da renúncia. Não apenas ele, mas os principais líderes revolucionários que haviam participado da luta guerrilheira na Sierra Maestra usufruíam de grande prestígio popular. Nos primeiros meses da Revolução, houve circunstâncias em que partiram questionamentos do público acerca do paradeiro de alguns desses líderes que estavam ausentes das cerimônias. Por exemplo, em uma cerimônia realizada na cidade de Santa Clara, em janeiro de 1959, o líder cubano teve seu discurso interrompido porque foi solicitado a dar informações sobre as ausências de Huber Matos e de Raúl Castro:

(ALGUIEN LE DICE: “Dígame algo de Hubert [sic] Matos; estoy desesperado por saber de él”). Hubert Matos está en estos momentos

³⁸⁷ Id.

*transportándose con la Columna 9 hacia Camagüey, donde se le da el mando del Regimiento aquel, ahora Regimiento de la Revolución. (ALGUIEN DICE: “El y el hermano de Fidel que no sabemos de él). ¿El hermano de Fidel? Está en Santiago de Cuba, en el Cuartel Moncada.*³⁸⁸

Foi, talvez, por não ter alcançado a unanimidade que desejava naquele ato de repúdio realizado em Camagüey, que o governo revolucionário organizou uma grande concentração popular, no dia 26 de outubro, em Havana, com o intuito de demonstrar que contava com um expressivo apoio do povo cubano, bem como de buscar legitimidade para a intensificação da repressão aos que externavam opiniões divergentes. No dia desta cerimônia, aviões procedentes de Miami haviam lançado sobre Cuba panfletos “*contrarrevolucionarios*”, dentre os quais constavam cópias de uma carta em que Pedro Luis Díaz-Lanz criticava o caráter ditatorial do governo revolucionário e afirmava que este pretendia instaurar um sistema comunista no país. Ao referir-se a esse episódio, o líder cubano afirmou que, quando já estava na tribuna para aquele ato público, recebeu a notícia que um dos aviões tinha lançado uma bomba sobre a província de Pinar del Río. Quanto aos panfletos contrarrevolucionários, não comentou o conteúdo do que denominou de “*campaña de calumnias*”, limitando-se a declarar como falsas as acusações de que a Revolução pretendia instaurar o comunismo no país³⁸⁹.

O discurso de Fidel Castro apoiou-se no argumento de que os “*enemigos*” externos e os “*traidores*” da pátria estavam unidos em torno “*de la misma mentira*”, enfatizando a polêmica que envolveu a prisão de Huber Matos. Ocupou-se tanto de reiterar as acusações de traição quanto de repudiar todos aqueles que manifestaram apoio ao ex-comandante, tecendo fortes críticas à imprensa “*contrarrevolucionaria*”, especialmente aos periódicos cubanos “*Diario de La Marina*” e “*Avance*” por veicularem textos que manifestavam solidariedade a Huber Matos. Manejando o argumento de que inimigos e traidores, juntos, tentavam destruir a Revolução e a pátria cubana “*por el estrangulamiento económico, la traición y el terror*”, Fidel Castro afirmou que eles agiam

³⁸⁸ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro, en la ciudad de Santa Clara, el 6 de enero de 1959**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/c060159e.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

³⁸⁹ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, ante el pueblo congregado en el Palacio Presidencial para reafirmar su apoyo al Gobierno Revolucionario y como protesta contra la cobarde agresión perpetrada contra el pacífico pueblo de La Habana por aviones procedentes de territorio extranjero, el 26 de octubre de 1959**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f261059e.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

dessa forma porque ficavam impunes, uma vez que o governo revolucionário estava empenhado em “*hacer una revolución con procedimientos completamente generosos; hacer una revolución sin mano dura con los enemigos de la Revolución*”. Muito habilmente, o líder cubano buscou legitimar o uso do terror pela Revolução, de modo a poder afirmar que o povo cubano, mais do que apoiar, havia decidido pela reimplantação dos tribunais revolucionários e do temido paredão de fuzilamento, conforme se verifica a seguir:

Pero como la Revolución no es cosa mía, la Revolución es cosa del pueblo, y nosotros aquí no hacemos sino interpretar los sentimientos del pueblo, se plantea la necesidad de defender la Revolución; se plantea el deber de defender la Revolución, ¡y es el pueblo quien tiene la palabra! (APLAUSOS.) Y aquí, ante todos nuestros compatriotas reunidos, voy a plantear y voy a consultar al pueblo sobre la reimplantación de los tribunales revolucionarios (APLAUSOS Y EXCLAMACIONES DE: “¡Paredón!”). Quiero que la ciudadanía exprese su deseo, quiero que la ciudadanía decida sobre esta cuestión y que los que estén de acuerdo con que se restablezcan los tribunales revolucionarios levanten la mano (LA MULTITUD, DURANTE VARIOS MINUTOS, CON LAS MANOS EN ALTO, EXCLAMA: “¡Paredón!”).

Puesto que es necesario, puesto que es necesario defender la patria de la agresión, puesto que es necesario defender la patria frente a los ataques aéreos desde tierras extrañas, puesto que es necesario defender la patria de la traición, mañana se reunirá el Consejo de Ministros (EXCLAMACIONES Y APLAUSOS) para discutir y decretar la ley que restablezca de nuevo, por el tiempo que sea necesario, los tribunales revolucionarios (APLAUSOS Y EXCLAMACIONES DE: “¡Paredón!”)... y, por último, ¡que levanten la mano los que opinen que los traidores como Hubert Matos merecen la pena de fusilamiento! (EXCLAMACIONES DE: “¡Paredón!” y “¡Fusilamiento!” CON LAS MANOS EN ALTO).³⁹⁰

O restabelecimento dos tribunais revolucionários e a estratégia de buscar respaldo popular para a aplicação de uma eventual pena de fuzilamento a Huber Matos evidenciava o intuito do governo cubano de silenciar os seus críticos em um período em que a prisão do ex-comandante estava no centro da agitação política, dividindo opiniões quanto à veracidade da acusação de que estaria sendo tramada uma conspiração contrarrevolucionária.

Esse episódio da prisão de Huber Matos ainda desdobrou-se em outra importante polêmica: o desaparecimento de Camilo Cienfuegos, na noite de 28 de outubro de 1959,

³⁹⁰ Id.

quando retornava em um avião bimotor de Camagüey com destino a Havana. Em 30 de outubro, esse desaparecimento foi anunciado pelo governo cubano, ocasião em que se iniciaram as buscas. No dia 12 de novembro, Fidel Castro compareceu em rede nacional de TV para tratar das investigações sobre o caso. Afirmou que o observatório meteorológico tinha verificado a existência de uma zona de mau tempo em uma parte do trajeto que seria percorrido pela aeronave entre as províncias de Las Villas³⁹¹ e Matanzas e que essa informação tinha sido confirmada pelo piloto de um avião *Sea Fury* que havia voado sobre essa área. Além disso, apresentou duas outras informações em nada conclusivas: declarou que teve notícias de que um avião com as mesmas características daquele em que viajava Camilo Cienfuegos tinha sido visto, por volta das 18h:30, voando sem iluminação nas proximidades do município de Caibarién³⁹² em direção ao sul da Flórida; bem como de que um avião havia sobrevoado, por volta das 20h, o povoado de Punta Alegre³⁹³ fazendo sinais luminosos, mas que se pensou que se tratava de um ataque inimigo. Contudo, sem que tivessem sido encontrados nem os destroços da aeronave nem os restos mortais de Camilo Cienfuegos – e tampouco do piloto e do soldado que viajavam com ele –, o caso foi dado por encerrado pelo líder cubano, que afirmou: “*hay que aceptar que el compañero cae cumpliendo el deber*”³⁹⁴. De acordo com a versão oficial do governo cubano, Camilo Cienfuegos havia morrido na noite de 28 de outubro, vítima de um acidente aéreo³⁹⁵.

Às margens da versão oficial surgiram, no entanto, rumores de que Camilo Cienfuegos havia sido assassinado, se não a mando de Fidel Castro – algumas versões defendem que a decisão tenha partido de Raúl Castro –, certamente com a sua anuência.

³⁹¹ Com a divisão político-administrativa de Cuba, realizada em 1976, a então província de Las Villas deixou de existir, dando a lugar a três novas províncias: Cienfuegos, Villa Clara e Sancti Spíritus.

³⁹² Município da então província de Las Villas, atualmente província de Villa Clara.

³⁹³ O povoado de Punta Alegre fica localizado no município de Chambas. Na época em questão, a localidade pertencia à província de Camagüey. A partir da divisão político-administrativa de 1976 a província de Camagüey dividiu-se em duas – Camagüey e Ciego de Ávila –, passando o município de Chambas a fazer parte desta última província.

³⁹⁴ CRUZ, José Moreno. **Los tres mosqueteros más uno**. Disponível em: <<http://www.lanuevacuba.com/archivo/josemoreno-2.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

³⁹⁵ Na *Ecured*, a enciclopédia *on line* mantida pelo governo cubano, admite-se a seguinte hipótese como a explicação mais plausível para o acidente aéreo: “*La hipótesis aceptada por la mayoría era la de que, ante la severa turbonada encontrada aquel día aciago en el trayecto, el piloto Fariñas [Luciano Fariñas Rodríguez] decidió desviarse hacia el norte, y el pequeño avión desorientado y alejado en extremo de su ruta cayó al mar por falta de combustible*”. Disponível em: <http://www.ecured.cu/index.php/B%C3%BAsqueda_de_Camilo_Cienfuegos>. Acesso em: 28 jun. 2013.

Argumenta-se que, desde a prisão de Huber Matos, Camilo Cienfuegos vinha investigando o caso e teria apurado ser infundada a acusação acerca da suposta sedição contrarrevolucionária. Tanto é assim que no dia 26 de outubro ele teria enviado duas mensagens a Huber Matos, dispondo-se a ajudá-lo a fugir da prisão. Na tarde de 28 de outubro, dando prosseguimento às investigações sobre o caso, Camilo Cienfuegos viajou a Camagüey, onde interrogou os subordinados do capitão Jorge Henrique Mendoza, o qual teria ajudado aos irmãos Castro a montar a farsa contra Huber Matos. Ainda naquela tarde, Raúl Castro seria informado a respeito das atividades de Camilo Cienfuegos por Osvaldo Sánchez Cabrera³⁹⁶, chefe do Órgão de Segurança do Estado, também conhecido como G-2, o serviço secreto cubano³⁹⁷.

Entre os que defendem que Camilo Cienfuegos foi assassinado, são mencionados testemunhos e indícios que apontam para o fato de a aeronave ter sido derrubada. De acordo com o testemunho de um oficial da Força Aérea de Cuba, existiriam registros de que instantes depois da decolagem do avião em que viajava Camilo Cienfuegos, também partiu do mesmo aeroporto um avião *Sea Fury* – um caça de fabricação britânica – tripulado pelo piloto pessoal de Raúl Castro. Outras testemunhas teriam presenciado um ataque aéreo e a explosão de uma aeronave³⁹⁸. Acredita-se, portanto, que em virtude das investigações relativas às acusações contra Huber Matos, Camilo Cienfuegos tenha sido alvo de um crime político, pois, por se tratar de um dos líderes mais carismáticos e populares da Revolução, uma eventual denúncia das supostas irregularidades apuradas ou até mesmo a decisão de deixar as fileiras revolucionárias – uma vez que Camilo Cienfuegos era defensor de uma revolução nacionalista e democrática e também estaria insatisfeito com a crescente influência comunista no governo – poderia representar uma ameaça ao poder de Fidel Castro. Acerca do prestígio popular de Camilo Cienfuegos, testemunha-se que:

³⁹⁶ Pouco mais de um ano depois, na noite de 09 de janeiro de 1961, Osvaldo Sánchez Cabrera foi, coincidentemente, vítima de um acidente aéreo causado, segundo o governo cubano, também pelo mau tempo. Disponível em: <http://www.ecured.cu/index.php/Osvaldo_S%C3%A1nchez_Cabrera>. Acesso em: 28 jun. 2013.

³⁹⁷ As informações relativas à investigação realizada por Camilo Cienfuegos em Camagüey, bem sobre a mensagem transmitida por Osvaldo Sánchez a Raúl Castro baseiam-se em: CRUZ, José M., op. cit.

³⁹⁸ Para uma descrição mais detalhada acerca dos testemunhos que fundamentam a hipótese do assassinato, ver: CORZO, Pedro. **¿Asesinó Castro a Camilo Cienfuegos?** Disponível em: <<http://www.martinoticias.com/content/camilo-cienfuegos-cuba-fidel-castro-/16067.html>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

*Dos días antes de su desaparición física, en el acto celebrado aquel 26 de octubre frente al Palacio Presidencial, a su llegada, Camilo recibe una gran ovación que no terminaba nunca, mayor que la otorgada a Fidel. Camilo trata de tranquilizar al máximo jefe diciéndole que aquella ovación no era para él, sino para la Revolución. Por primera vez se siente amenazado, sabiéndose testigo del juicio que se avecinaba contra su amigo Huber Matos.*³⁹⁹

A morte de Camilo Cienfuegos constitui ainda um grande enigma da história da Revolução Cubana, devendo permanecer assim até que haja a substituição do grupo que detém o poder em Cuba. A análise das diferentes versões existentes para explicar a sua morte permite avaliá-las apenas quanto à sua plausibilidade, ainda não sendo possível nenhuma interpretação conclusiva. Camilo Cienfuegos teria sido vítima de um acidente aéreo? Ou visto como uma ameaça e eliminado pelo próprio governo do qual fazia parte? A única certeza é que com a morte do carismático líder popular, Fidel Castro ganhava mais um herói para o panteão revolucionário, ou, conforme a expressão empregada por Pedro Corzo, para a “*mitología del totalitarismo cubano*”⁴⁰⁰.

Nos discursos de Fidel Castro durante os atos públicos que se seguiram ao fim das buscas por Camilo Cienfuegos, percebe-se que pairava em Cuba uma atmosfera de suspeição sobre o que, de fato, havia acontecido naquela noite de 28 de outubro. Por ocasião da abertura do 10º Congresso da Central de Trabalhadores de Cuba (CTC), em 18 de novembro de 1959, Fidel Castro aludiu às injúrias e “*imputaciones*” que “*dentro y fuera*” do país estavam sendo publicadas contra o que chamou de “*gobierno de la verdad y de la Revolución*” e, fazendo uma das primeiras apropriações póstumas da figura de Camilo Cienfuegos, declarou aos trabalhadores:

*¡Entre ustedes puede haber uno o puede haber muchos Camilos! (APLAUSOS.) Lo que necesitó él fue la oportunidad, fue la ocasión de poder demostrar sus magníficas y extraordinarias virtudes (...) ¡héroes surgirán de todos los rincones de la patria, héroes surgirán de todos los campos de la patria, héroes surgirán de todas las fábricas de la patria, héroes surgirán de todos los institutos, de todas las universidades y de todas las escuelas de la patria, héroes surgirán de todos los pueblos y de todas las aldeas y de todas las esquinas de la patria para defenderla!*⁴⁰¹

³⁹⁹ CRUZ, José M., op. cit.

⁴⁰⁰ CORZO, Pedro, op. cit.

⁴⁰¹ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la apertura del X Congreso de la CTC, el 18 de noviembre de 1959.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f181159e.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

Durante o encerramento desse Congresso da CTC, no dia 21 de novembro, ficaria evidente a existência de uma divisão política e de um ambiente de críticas ao que era visto como uma tendência pró-comunista das medidas do governo cubano, aspecto agravado pelo clima de desconfiança criado em torno das duas recentes e polêmicas baixas que haviam ocorrido nas fileiras da Revolução com a prisão de Huber Matos e o desaparecimento de Camilo Cienfuegos, líderes que se opunham à crescente influência comunista no governo. As críticas ao governo revolucionário – expressas tanto por sua reverberação no discurso de Fidel Castro quanto pelos apartes dos representantes dos sindicatos dos trabalhadores – não ficaram restritas, porém, à assembleia de encerramento.

De acordo com Fidel Castro, no decorrer do congresso houve um grupo que, ecoando *“voces contrarrevolucionarias”*, manifestou-se com gritos e insultos contra alguns ministros do governo revolucionário e, inclusive, contra ele próprio. Em linhas gerais, conforme mencionado, havia um grupo que se opunha à crescente participação comunista no governo e à mudança de rumos do processo revolucionário, que estaria se afastando da proposta de uma revolução nacional e democrática, tal como fora concebida pelo Movimento 26 de Julho, cujos ideais, segundo o entendimento dos críticos, o líder cubano já não mais representava. Pontualmente, condenava-se o amplo processo de militarização do país – especialmente o propósito do governo de treinar e armar milícias formadas pela classe trabalhadora –, bem como a presença do primeiro-ministro no evento, que era entendida como uma tentativa de controlar os sindicatos. Em sua defesa, Fidel Castro assegurava que não havia *“cambiado absolutamente nada en sus convicciones, en sus principios morales y revolucionarios”*, afirmando que *“el cubano”* que, naquele momento, estava falando aos dirigentes sindicais era o mesmo do *“Moncada”*, do *“Granma”*, da *“Sierra Maestra”* e das *“leyes revolucionarias”* que vinham sendo estabelecidas e que, por isso, ele tinha o *“derecho de hablar en nombre del [Movimiento] 26 de julio”*. Defendendo a ideia de que *“con un proceso revolucionario no se juega”*, o líder cubano expressou-se nos seguintes termos:

Para mí, para los que hemos tenido que meditar sobre las revoluciones y sobre las historias de las revoluciones, un proceso revolucionario está muy por encima de los accidentes menores, está muy por encima de las pasiones personales, está, incluso, muy por encima de los individuos y

está por encima de las cosas mezquinas que muchas veces constituyen el ingrediente de la vida diaria. (...)

Bien puede haber quien cambie de camisa, puede haber quien cambie de opinión como quien cambia de camisa; pero la masa de los delegados aquí reunidos entiendo que son los mismos hombres a quienes les hablé hace tres días, los mismos hombres a quienes les habló incluso el compañero Camilo Cienfuegos, porque yo viví aquel día⁴⁰² las mismas emociones que seguramente vivieron todos ustedes. Y, sin embargo, ¿por qué ha ocurrido esa cosa extraña? (...)

¿Qué cosa extraña ha sido eso que al entrar aquí hoy – si ustedes eran los mismos de aquella noche solemne –, qué cosa extraña ha habido que esto parecía algo así como un manicomio? Y hasta un momento hubo en que creía ya que no iba a poder proseguir hablando, porque oía unos gritos por acá y unos gritos por allá, y yo tuve la impresión de que ustedes estaban jugando con una revolución en sus manos.⁴⁰³

Fidel Castro deixou claro aos participantes do 10º Congresso da CTC que não toleraria que os representantes da classe trabalhadora manifestassem dissensões em relação ao governo, afirmando que esperava que eles fossem revolucionários “*de verdad*”, “*leales*” e que não agissem como “*el de Camagüey*”, em uma muito provável alusão a Huber Matos. Tais critérios, segundo o líder da Revolução, eram indispensáveis a qualquer dirigente da classe trabalhadora. Neste sentido, defendeu que em todos os sindicatos fosse completa “*la barrida de los inmorales*” e propôs que fosse “*la escoba el símbolo de este congreso, para limpiar!*”. A manifestação de apoio incondicional ou de discordâncias em relação ao governo era o que determinaria se cada integrante do movimento sindical – e, de forma mais ampla, cada cubano – seria um revolucionário a empunhar essa “vassoura” ou um contrarrevolucionário a ser “varrido” para longe, de modo a depurar a política cubana por meio da eliminação dos “imorais” opositores ao

⁴⁰² Nesse trecho de seu discurso, que foi proferido no dia 21 de novembro de 1959, Fidel Castro se expressa de forma confusa ao mencionar acontecimentos passados. Primeiro ele faz referência ao discurso que proferiu – “*hace tres días*” –, no dia 18 de novembro, por ocasião da abertura do X Congresso da CTC. Logo em seguida, ao mencionar “*aquel día*” está se referindo ao dia do desaparecimento de Camilo Cienfuegos, que ocorreu em 28 de outubro de 1959. Ao afirmar que acreditava que aqueles “*hombres*” eram os mesmos para os quais Camilo Cienfuegos havia discursado, Fidel Castro não estava fazendo referência a nenhum discurso de Camilo Cienfuegos para a plateia de um Congresso da CTC, pois aquela 10ª edição do referido congresso era a primeira que estava acontecendo no período posterior ao triunfo da Revolução. Portanto, Camilo Cienfuegos havia discursado para aqueles “*hombres*”, mas desde outras tribunas políticas da Revolução.

⁴⁰³ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura del X Congreso de la CTC, celebrada en el Teatro de la CTC, el 21 de noviembre de 1959**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f211159e.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

governo. Contrária à pluralidade política, a Revolução Cubana não comportaria mais do que um binarismo a partir do qual seria interpretada a realidade:

*Porque no debe haber nadie tan ingenuo para creer que aquí caben términos medios. En procesos como estos se va de la extrema revolución a la extrema reacción. Esos que esgrimen terceras posiciones y cosas por el estilo, le están haciendo el caldo gordo a la extrema reacción, porque si el poder un día no estuviera en manos revolucionarias, pararía en las peores manos de los peores criminales, porque en estos procesos los términos medios no existen, y la historia lo enseña.*⁴⁰⁴

Outro ensinamento da história, tal como o considerava Fidel Castro, foi por ele evocado em sua tentativa de construir a ideia de que a Revolução Cubana vinha sendo “generosa” com os seus inimigos e que o mesmo não ocorreria caso estes tomassem o poder. Na opinião do líder cubano, “*la historia demuestra que las revoluciones vencidas producen tan tremenda represión que no puede compararse con nada*”, mas, por sua vez, “*también es conocido que las revoluciones en el triunfo son generosas, como ha sido esta Revolución*”⁴⁰⁵.

Pouco mais de um mês depois, durante uma cerimônia na Universidade de Havana, Fidel Castro reafirmaria a generosidade da Revolução, contrabalançando-a, no entanto, com o que buscava apresentar como uma espécie de severidade criteriosa e seletiva:

*La Revolución destruye a sus enemigos cuando estima que sea necesario destruirlos, no porque se lo merezcan, sino porque sea necesario, de acuerdo con el daño que le hayan hecho al pueblo (DEL PUBLICO LE DICEN: “Hubert Matos”). Ese señor que lo juzguen los tribunales (EXCLAMACIONES), que los juzguen los tribunales para que las lloronas egipcias de que hablaba Raúl (RISAS) no hagan el papel de escandalizadas, ni digan que lo hemos juzgado aquí. Por más que yo tuve buen cuidado en decir que el pueblo opinara, independientemente de lo que dijeran los tribunales revolucionarios.*⁴⁰⁶

Quando este discurso foi proferido, restavam poucos dias para que Huber Matos fosse julgado por um tribunal revolucionário. Referindo-se ao caso, Fidel Castro julgou que havia uma “*relación directa*” entre “*la traición de Camagüey y la pérdida del*

⁴⁰⁴ Id.

⁴⁰⁵ Id.

⁴⁰⁶ Id., **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la Universidad de la Habana, el 27 de noviembre de 1959.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f271159e.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

compañero Camilo Cienfuegos”, considerando que Huber Matos, além de ter tramado uma conspiração contrarrevolucionária, tinha sido responsável pela morte de um homem de “*extraordinario valor*”⁴⁰⁷.

Os cinco dias durante os quais transcorreu o julgamento, entre 11 e 15 de dezembro de 1959, são rememorados por Huber Matos em seu livro *Como llegó la noche*⁴⁰⁸, no qual aborda desde a sua participação na luta guerrilheira da Sierra Maestra até a partida para o exílio, depois de ter cumprido um longo tempo de prisão. Referindo-se ao julgamento, ele relata que o governo revolucionário buscava dar uma aparência de legalidade ao que constituía, na prática, uma ação “*viciada por la inmoralidad y por el abuso del poder*”. Fidel Castro – que já havia condenado Huber Matos à morte no ato público do dia 26 de outubro, em frente ao Palácio Presidencial, ao instar o povo a levantar as mãos em aprovação à pena de fuzilamento, aos gritos de “*¡Paredón!*” – detinha o “*monopolio completo*” do julgamento. Era ele quem determinava a formação de um tribunal militar em que todos os membros lhe eram “*incondicionales*”⁴⁰⁹, escolhia o lugar do julgamento e definia as testemunhas.

Durante o julgamento de Huber Matos, o comandante em chefe da Revolução Cubana atuou formalmente como testemunha de acusação, embora desempenhasse, de fato, o papel de juiz, ordenando “*la sentencia*” a um tribunal encarregado simplesmente de comunicá-la. Apenas para o momento da fala de Fidel Castro, instalava-se um microfone para que fosse feita a transmissão pela rede nacional de emissoras de rádio, de modo que o seu depoimento não ficasse restrito à “*oficialidad*” governista que lotava a sala do tribunal, chegando a um público bem mais amplo. De acordo com Huber Matos, o primeiro-ministro cubano falou – como era habitual – durante “*varias horas*” e, com “*poses olímpicas*”, deturpou acontecimentos, “*falseando la verdad*”, ora “*silenciando datos y palabras*”⁴¹⁰, ora inventando-os, conforme lhe convinha. Deixando evidente que não estava ali apenas como testemunha de acusação, Fidel Castro interrompeu o seu

⁴⁰⁷ Id.

⁴⁰⁸ MATOS, Huber. **Como llegó la noche**: Revolución y condena de un idealista cubano. Barcelona: Tusquets, 2002.

⁴⁰⁹ Os trechos citados constam da parte do livro, referente ao julgamento, que está disponível no jornal *El País*. Cf.: MATOS, Huber. **El juicio de Huber Matos**. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2002/03/24/domingo/1016945562_850215.html>. Acesso em: 24 jun. 2013.

⁴¹⁰ Id.

depoimento para, tal como se fosse o promotor de justiça, interrogar outra testemunha⁴¹¹ de modo a fazê-la modificar o teor do depoimento anteriormente dado perante o tribunal, no qual havia afirmado que não considerava ter existido conspiração contrarrevolucionária. Tratava-se, portanto, de um julgamento em que uma testemunha interrogava a outra. Havia casos também de pessoas que não estavam listadas como testemunhas no processo judicial, mas que, mesmo assim, faziam uso da palavra para acusar o réu. Tudo isso evidenciava, conforme demonstra Huber Matos, a grande “farsa” que eram os tribunais revolucionários.

Ao final de longas e tumultuadas sessões de julgamento, leu-se o veredicto que apresentou um resultado diferente do previsto – o paredão de fuzilamento –, estabelecendo para Huber Matos uma pena de 20 anos de prisão, que foi integralmente cumprida até 1979, quando ele saiu não apenas do presídio, mas também do país, partindo para o exílio. Huber Matos considerou que o fato de ele contar com o apoio de “*mucha gente en el ejército*” pode ter dissuadido Fidel Castro de fuzilá-lo, já que este tinha “*horror a un atentado*”⁴¹². Contudo, mais até do que esse aspecto apontado por Huber Matos, parece ter sido decisiva a grande repercussão do caso na imprensa, tanto em Cuba quanto fora do país, havendo uma parcela da opinião pública que não havia ficado convencida a respeito da suposta conspiração contrarrevolucionária e denunciava o caráter arbitrário daquela prisão.

Como o governo enfrentava a oposição política de setores que reivindicavam o restabelecimento do Estado de direito, Fidel Castro certamente avaliava que a aplicação da pena de fuzilamento converteria Huber Matos em um mártir para os opositores do regime. Essa preocupação havia sido sinalizada pelo líder da Revolução durante um discurso proferido na Universidade de Havana poucos dias antes do julgamento. Neste discurso, aludiu à repercussão do “caso Huber Matos” ao criticar órgãos da imprensa que – por denunciarem que o preso encontrava-se incomunicável – estariam recorrendo à manobra de “*pintar a los lobeznillos como ovejitas*”. Afirmava, porém, que não lhes daria

⁴¹¹ Tratava-se do comandante Félix Duque, segundo na hierarquia da coluna guerrilheira liderada por Huber Matos na Sierra Maestra e que estivera em Camagüey no dia anterior à prisão do ex-companheiro de guerrilha.

⁴¹² MATOS, Huber. **El juicio de Huber Matos...**, op. cit.

a chance de que andassem “*sacando victimas*”⁴¹³. Em um momento em que ainda não tinham sido sufocadas as vozes discordantes na imprensa cubana, o fuzilamento de Huber Matos poderia criar grande instabilidade para o governo cubano. Por sua vez, ao impor tão somente uma pena de prisão, Fidel Castro ganhava mais um elemento no qual apoiar a sua propaganda acerca da decantada generosidade da Revolução Cubana em relação a seus “traidores” e “inimigos”.

A defenestração de opositores – de que o episódio que envolveu Huber Matos é apenas um dos muitos exemplos – evidencia a dimensão do poder pessoal de Fidel Castro e o seu papel como juiz supremo da nação cubana, no exercício do qual tanto se valia dos tribunais revolucionários como uma tribuna política quanto utilizava – com uma frequência bastante expressiva – cada tribuna instalada nas praças públicas do país como um tribunal no qual defendia a Revolução e acusava os seus inimigos.

O “caso Huber Matos” evidencia ainda outras importantes características do regime cubano. Em sua carta de renúncia, o ex-comandante de Camagüey afirmava, conforme demonstrado anteriormente, não estar disposto a “adaptar-se” aos rumos que, segundo seu ponto de vista, a Revolução Cubana estava tomando e, a propósito disso, incomodava-se com o fato de Fidel Castro não definir ou expor claramente “para onde” e “como” seria encaminhado o processo revolucionário. A prisão de Huber Matos expunha um requisito necessário a todos que quisessem permanecer nas fileiras revolucionárias: a capacidade de adaptar-se, sem expressar oposição ou críticas, às mudanças de rumo estabelecidas pelo comandante em chefe da Revolução. O empenho para alcançar uma maior conformidade – fosse por meio da persuasão ou da repressão – entre os revolucionários constituiu-se em uma das questões centrais da estratégia de governo adotada por Fidel Castro, que, mais pragmático do que fiel a uma corrente ideológica, evitava assumir uma posição política com contornos muito precisos, de modo a manter sob o seu controle grupos de matizes ideológicos distintos, bem como a legitimar mais facilmente cada metamorfose a ser empreendida no decorrer da experiência revolucionária. A respeito dessa forma de governar de Fidel Castro, o historiador Rafael Rojas destaca a existência do que denomina de uma “*invisibilidad de la política oficial*”,

⁴¹³ CASTRO, Fidel. *Discurso... 27 de noviembre de 1959...*, op. cit.

que, orientada por *“la siempre secreta razón de Estado”*, está na origem *“del totalitarismo”* do regime cubano⁴¹⁴.

Os primeiros alvos da política de expurgos praticada pelo regime cubano foram os dirigentes revolucionários que, por reivindicarem o cumprimento da promessa de uma revolução humanista e democrática – o que implicava na realização de eleições e no restabelecimento da legalidade constitucional anterior ao golpe militar de Fulgencio Batista – e por se oporem à crescente participação de comunistas no governo foram vistos por Fidel Castro como uma ameaça à conformidade revolucionária e, conseqüentemente, à estabilidade de seu poder. Esses dirigentes revolucionários opuseram-se à participação de integrantes do PSP no governo tanto por serem contrários à ideologia comunista quanto pelo fato de o referido Partido ter compactuado, durante algum tempo, com o governo de Fulgencio Batista, passando a apoiar apenas tardiamente a luta do movimento rebelde.

4.1.2- O comunismo ortodoxo no banco dos réus: os casos “Marquitos” e “Ordoqui”

Após ter defenestrado dirigentes revolucionários que se opunham à tendência comunista do regime cubano, Fidel Castro deu sucessivas evidências de que a sua permanência no poder e o avanço da Revolução tinham mais importância do que o fiel cumprimento de uma plataforma política ou a filiação coerente a uma concepção ideológica, qualquer que fosse ela. Enquanto declarava que a Revolução era nacionalista e tinha um caráter humanista e democrático, o líder cubano expurgou dirigentes que reivindicavam o restabelecimento da democracia no país e opunham-se ao aumento da influência comunista no governo. Não muito tempo depois de ter proclamado que a Revolução era socialista e, em seguida, declarar o marxismo-leninismo como ideologia oficial, o regime cubano passou a investir contra alguns comunistas do PSP que possuíam vínculos estreitos com o Kremlin e foram vistos pelo líder da Revolução como ameaças a seu poder ou, pelo menos, como obstáculos à sua forma de governar.

⁴¹⁴ ROJAS, Rafael. Políticas invisibles. *Encuentro de la cultura cubana*, n. 6/7, otoño/invierno de 1997, p. 25-26.

Dois importantes casos de defenestração de dirigentes oriundos do PSP envolveram – conforme demonstrado no capítulo anterior – a figura de Aníbal Escalante. O primeiro caso, em março de 1962, consistiu na acusação de “sectarismo”, em decorrência da qual ele foi destituído do cargo que ocupava nas ORI e partiu para o exílio na União Soviética. O segundo episódio, ocorrido em janeiro de 1968, ficou conhecido como o processo contra a “microfracción” e foi marcado por um expurgo mais amplo, uma vez que, além de Aníbal Escalante, outras 38 pessoas, militantes do PSP em sua grande maioria, foram condenadas à prisão.

Também representativo das disputas de poder entre os principais dirigentes da Revolução, porém muito mais marcado por zonas de sombras, é o episódio que envolve a defenestração, em 1964, de Joaquín Ordoqui e de sua esposa Edith García Buchaca, dois proeminentes comunistas oriundos das fileiras do PSP e que ocupavam, respectivamente, os cargos de vice-ministro das Forças Armadas Revolucionárias e de diretora do Conselho Nacional de Cultura. No centro dessa defenestração está o controverso “caso Marquitos”, nome pelo qual ficou conhecido o julgamento de Marcos Rodríguez, militante da Juventude Socialista do PSP, acusado da delação que resultou no assassinato pelas forças policiais de Fulgencio Batista, em 20 de abril de 1957, de quatro integrantes do Diretório Revolucionário que estavam foragidos desde a fracassada tentativa de assalto ao Palácio Presidencial ocorrida no dia 13 de março do referido ano. Esse episódio ficou conhecido como o “crime de Humboldt 7” em referência ao endereço – Rua Humboldt, n. 7, apartamento 201 – onde estavam escondidos os quatro foragidos da polícia, que desde então ficaram conhecidos como “os mártires de Humboldt 7”⁴¹⁵.

O “caso Marquitos” teve grande importância nas disputas de poder entre a elite dirigente da Revolução Cubana. Isto, porém, não se deveu diretamente à figura de Marcos Rodríguez – que não ocupava nenhum cargo importante e tampouco podia ser considerado como uma ameaça ao poder de Fidel Castro –, mas sim aos vínculos que manteve com alguns dos principais dirigentes revolucionários e, em virtude disso, pelas informações privilegiadas que possuía a respeito de duas das três organizações políticas

⁴¹⁵ Os quatro integrantes do Diretório Revolucionário vitimados no “crime de Humboldt 7” foram: Fructuoso Rodríguez, Juan Pedro Carbó, José Machado y Joe Westbrook. Parte dos documentos referentes ao julgamento de Marcos Armando Rodríguez Alfonso – “caso Marquitos” – encontra-se disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/marcos-rodriguez.htm>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

que formavam o governo revolucionário. Na condição de militante da Juventude Socialista do PSP, Marcos Rodríguez havia se infiltrado entre os principais dirigentes do Diretório Revolucionário para realizar atividades de espionagem política. Pouco depois do “crime de Humboldt 7”, ele passou a ser tido como o principal suspeito de ter delatado os integrantes do Diretório Revolucionário que estavam foragidos e, por isso, asilou-se na embaixada do Brasil em Havana, de onde partiu para o exílio, passando pela Costa Rica e pela Argentina até estabelecer-se, em 1958, no México, país onde contou, a exemplo de outros integrantes do PSP, com o apoio dos também exilados Joaquín Ordoqui e Edith García Buchaca.

Com o triunfo da Revolução, Marcos Rodríguez retornou a Havana, onde foi preso e investigado pela suspeita de delação, mas, como não existiam provas suficientes para incriminá-lo e ele contava com o apoio de figuras proeminentes da política cubana, foi posto em liberdade e, poucos meses depois, ainda em maio de 1959, recebeu de Alfredo Guevara – membro do PSP e fundador do ICAIC – uma bolsa para realizar estudos na Tchecoslováquia.

Temporariamente esquecido ou silenciado pelas autoridades cubanas, o crime de Humboldt 7 voltou à tona em janeiro de 1961, quando Esteban Ventura Novo – oficial de polícia que planejou aquela ação militar e que após o triunfo da Revolução exilou-se no México e, em seguida, nos Estados Unidos –, publicou o livro *Memorias*, uma autobiografia na qual afirmou que os delatores dos mártires de Humboldt 7 foram dois integrantes do próprio Diretório Revolucionário 13 de Março: Raúl Díaz Argüelles e Faure Chomón Mediavilla, os quais, na época da publicação do livro, ocupavam, respectivamente, os cargos de chefe da Polícia Nacional Revolucionária e de Embaixador de Cuba na União Soviética⁴¹⁶. Coincidentemente, no mesmo período da divulgação do livro, ou seja, em janeiro de 1961, Faure Chomón – que após a morte dos ex-companheiros havia se tornado o principal líder do Diretório Revolucionário – acusou Marcos Rodríguez de realizar atos de espionagem na Tchecoslováquia para diferentes agências de inteligência. Em virtude dessa denúncia – que, pelo momento em que é feita, parece conferir plausibilidade à versão de Esteban Ventura a respeito da identidade dos

⁴¹⁶ ANGUREL, Julio Soto. **La chivatería**. Disponível em: <<http://julio-soto-angurel.blogspot.com.br/2010/10/la-chivateria-por-julio-soto-angurel.html>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

delatores do crime de Humboldt 7 –, Marcos Rodríguez foi detido em Praga e encaminhado para Havana, onde, desta vez, permaneceu preso.

Passaram-se pouco mais de três anos desde a prisão de Marcos Rodríguez, em janeiro de 1961, até que o governo revolucionário decidisse, em março de 1964, levá-lo a julgamento, não pela denúncia acerca de atos de espionagem em Praga, que havia sido o motivo alegado para a sua prisão, mas sim pela acusação de ter sido o delator dos mártires de Humboldt 7. No decorrer do período em questão, tiveram lugar dois acontecimentos que parecem ter sido preponderantes na decisão de transformar o que viria a ser chamado de “caso Marquitos” em uma arma política nas disputas de poder que ocorriam entre alguns dirigentes da Revolução. Em setembro de 1962, incomodado com o tempo que já havia permanecido na prisão, Marcos Rodríguez envia uma carta a Joaquín Ordoqui, por meio da qual pede que este interceda a seu favor e o ajude a sair da prisão. Além disso, menciona o trabalho que desempenhou na Juventude Socialista do PSP e faz denúncias contra o Diretório Revolucionário. Um ano depois, em setembro de 1963, cópias dessa carta foram enviadas – não se sabe ao certo por quem – a Fidel Castro e Faure Chomón.

Em 14 de março de 1964 deu-se início ao julgamento do “caso Marquitos”, que se constituiu no episódio mais emblemático do uso do tribunal revolucionário como uma tribuna política. Por meio desse julgamento, Fidel Castro logrou enfraquecer e, em alguns casos, anular politicamente importantes dirigentes revolucionários. Não se tratava ali de julgar uma questão jurídica, pois a culpabilidade do réu já era tida como certa. Antes de levar Marcos Rodríguez a julgamento, obteve-se dele – entre março e abril de 1963, portanto, ainda na prisão – uma confissão de culpa cuja espontaneidade é bastante duvidosa, uma vez que contradiz o teor da carta anteriormente enviada a Joaquín Ordoqui.

Na referida carta, Marcos Rodríguez aludia ao serviço de inteligência que prestava ao PSP, vigiando os passos do Diretório Revolucionário – ao qual se referia como “*fuera revolucionaria pequeño burguesa*” –, mas declarava-se inocente em relação à acusação de que havia sido o delator dos mártires de Humboldt 7, questionando: “*¿Por qué soy precisamente yo a quien se señala como el traidor de Humboldt? ¿Por qué se han ceñido sobre mí todas las investigaciones? (...) ¿Qué poderoso interés había en encontrar una*

persona sobre la cual hacer recaer el peso de la responsabilidad? Responsabilizar para salvar responsabilidades?”. Neste sentido, afirmava ser necessário “establecer nítidamente la diferencia que existe entre el hombre que le brinda información a su Partido y el hombre que le brinda información a la policía”. Contudo, mais do que simplesmente declarar sua inocência, Marcos Rodríguez dava indícios de que possuía informações privilegiadas a respeito do crime e lembrava que no começo de 1959, quando chegou a ser preso como o principal suspeito da delação, havia pensado em tornar público tudo o que sabia, mas tinha sido dissuadido por Joaquín Ordoqui, a quem aparentemente reprovava por ter sugerido deixar o problema ser solucionado de forma mais sigilosa por meio de reuniões políticas entre o PSP e o Diretório Revolucionário, conforme se verifica no trecho a seguir:

*En aquellos momentos yo le consulté a Ud. [usted], la idea de publicar una declaración situando cada cosa en su lugar. Recuerdo bien que usted me respondió que mi proposición no era táctica ni prudente ya que hubiese creado las condiciones para un sonado escándalo. ¿Resolver ese problema a través de las reuniones políticas que con el Directorio en aquellos días celebraban Carlos Rafael y otros camaradas?*⁴¹⁷

No decorrer do julgamento, que ocorreu em duas instâncias, prevaleceram as discussões de caráter político. Marcos Rodríguez foi condenado, em primeira instância, à pena de morte. A culpabilidade do réu não se constituiu, todavia, no tema principal do debate. O que sobressaiu no tribunal foi a exposição das rivalidades e divergências – que diziam respeito tanto ao método de luta quanto às concepções ideológicas – entre o Diretório Revolucionário e o PSP durante o período insurrecional. Isto ficou particularmente acentuado no depoimento de Faure Chomón, que, ao defender-se das denúncias que pesavam contra ele próprio e rebater as críticas contra a sua anterior organização política, não apenas acusou Marcos Rodríguez de ser o culpado pela delação que vitimou quatro integrantes do Diretório Revolucionário, como também criticou o PSP. Ele evitou fazer críticas diretas aos dirigentes oriundos das fileiras do PSP, mas não deixou de reprovar o que, segundo seu ponto de vista, eram métodos equivocados desse

⁴¹⁷ A carta de Marcos Rodríguez a Joaquín Ordoqui não está disponível na íntegra. Alguns parágrafos dela constam nos testemunhos de Fidel Castro e Faure Chomón. Os trechos aqui citados foram retirados do depoimento deste último. Cf.: CHOMÓN, Faure. **Declaración del testigo Comandante Faure Chomón Mediavilla en el juicio seguido al delator de los mártires de Humboldt 7 en la sala cuarta de la Audiencia de La Habana**. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/cuba/Faure-Chomon-testimonio.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

partido, qualificando a infiltração de espiões em organizações revolucionárias como uma prática “*que daba asco*” e que tinha sido responsável por causar “*un daño tan grande a la Revolución*”⁴¹⁸.

Na enumeração dos erros do partido que estava sendo o alvo de suas críticas, Faure Chomón evocou a figura do já defenestrado Aníbal Escalante – que se encontrava exilado na União Soviética – para condenar os males causados pelo episódio do sectarismo, que ficou marcado pela colocação de “*viejos militantes del PSP en todos los puestos claves de la Revolución*”, abrindo espaço no aparato político para “*oportunistas, delatores y traidores*”. Neste sentido, reprovava o PSP por ter admitido em seus quadros gente como Marcos Rodríguez, a quem buscava desqualificar por considerá-lo como “*un fruto amargo del sectarismo*”, um indivíduo oportunista e imoral em busca de notoriedade, um “*desviado*” e “*invertido*”. Este último adjetivo, tão eufêmico quanto preconceituoso, aludia à homossexualidade do réu, que, tal como um grande tabu, embora não tenha sido jamais referida pelo próprio nome, foi utilizada em diferentes depoimentos no decorrer do processo judicial para explicar a conduta contrarrevolucionária e traiçoeira que lhe era atribuída no crime de Humboldt 7. Essa relação de causalidade entre homossexualidade e posturas equivocadas é expressa trecho abaixo:

*Los tipos como Marcos Rodríguez, exhibicionistas ansiosos de notoriedad, son los mismos que en el año 1959 cuando el Congreso Latinoamericano de Juventudes, vimos en una serie de delegaciones trotskistas. No recuerdo jamás haber visto tanta gente extraña y estafalaria junta y pensaba yo como posiciones equivocadas pueden atraer a elementos extraños y enfermos ajenos a la Revolución.*⁴¹⁹

Na opinião de Faure Chomón, Marcos Rodríguez não havia se instalado na Universidade de Havana para combater a tirania de Fulgencio Batista, mas sim “*el único movimiento de acción de masas contra la tiranía, que era el que desarrollaban las organizaciones de estudiantes*”, as quais, por sua vez, deram origem ao Diretório Revolucionário. Depois das críticas feitas ao PSP por ter admitido em seus quadros um “*elemento desviado*”, Faure Chomón buscou explicar o porquê de os integrantes do Diretório Revolucionário terem permitido a aproximação desse mesmo “*elemento*”.

⁴¹⁸ CHOMÓN, Faure, op. cit.

⁴¹⁹ Id.

Afirmou que, apesar de ser conhecida a militância de Marcos Rodríguez na Juventude Socialista do PSP, eles imaginaram que este tinha se decidido pelos métodos de luta do Diretório. Todavia, Faure Chomón preocupou-se em afirmar que Marcos Rodríguez, desde o princípio, não havia lhe causado uma boa impressão *“por su tipo, por su forma de vestir, con unas sandalias en que llevaba dos centavos americanos”*. Além disso, buscou deixar claro o seu ponto de vista sobre qual devia ser o destino do réu, finalizando o seu depoimento com a seguinte exortação: *“juzguemos a Marcos Rodríguez que en él también vamos a enterrar, a sepultar el sectarismo”*⁴²⁰.

O paredão foi o destino definido para o réu pelo tribunal que o julgou em primeira instância. O fato de a defesa de Marcos Rodríguez ter impetrado um recurso por meio do qual solicitava a reavaliação da sentença que estabeleceu a pena de morte, levando o julgamento a um tribunal de segunda instância, apenas criava a aparência de uma legalidade jurídica que, na prática, não foi respeitada. Assim como havia acontecido em julgamentos anteriores, coube a Fidel Castro – que era, de fato, a última instância do poder em Cuba – a aplicação da justiça revolucionária. Formalmente, ele desempenhava o papel de testemunha de acusação diante de um tribunal encarregado de julgar o recurso que tentava anular a pena de morte estabelecida para o réu Marcos Rodríguez. Em termos práticos, porém, foi possível constatar que o líder cubano acumulava as funções de interrogar, testemunhar, e julgar, bem como que o tribunal, uma vez mais, converteu-se em uma tribuna política, onde o que estava em jogo era a avaliação das condutas de outros dirigentes da Revolução.

Nesta etapa do julgamento do “caso Marquitos”, Fidel Castro utilizou como prova das alegações que fez durante seu longo depoimento um interrogatório de caráter privado a que submeteu o réu Marcos Rodríguez depois de encerrada a audiência em que este havia sido condenado à morte. Diante do tribunal que estava julgando o caso em segunda instância, o réu – cabisbaixo, em silêncio e com sua expressão fisionômica parcialmente encoberta atrás dos óculos escuros que utilizava – ouvia o líder cubano justificar, em nome da “verdade”, o fato de ter realizado *“algunas gestiones y esfuerzos personales”* com o objetivo de que fossem esclarecidas as *“incógnitas”* do caso e, em seguida, expor tanto as perguntas que havia feito quanto as respostas obtidas naquele

⁴²⁰ Id.

peculiar interrogatório. Antecipando-se a eventuais críticas, Fidel Castro declarou ter dito ao réu que aquele interrogatório não devia ser entendido como um “*abuso de poder*” e tampouco tinha o propósito de levá-lo a um esgotamento “*físico y mental*”. A isto, Marcos Rodríguez, como alguém que seria incapaz de atribuir ao comandante em chefe da Revolução uma conduta incorreta, teria retrucado: “*yo no puedo pensar eso de usted*”. Em suas sucessivas respostas, tal como reproduzidas por Fidel Castro, o réu teria representado a si mesmo como alguém que não tinha suficiente “*valor*” e “*valentía moral*”, reconhecido possuir uma “*mentalidad sectaria mil veces depreciable*” e, por isso, declarado não merecer “*ninguna oportunidad*”. Ainda no que se refere à defesa dos métodos utilizados pela Revolução para interrogar os acusados, Fidel Castro destacou que os interrogatórios anteriores a Marcos Rodríguez, feitos por agentes da segurança do Estado, também foram marcados pela correção, pois para descobrir “*el delito*” os revolucionários jamais se valiam da “*tortura*”, recorrendo, em vez disso, “*a la inteligencia*”⁴²¹.

Logo no início de seu depoimento, Fidel Castro declarou que considerava “*con absoluta convicción culpable al acusado*”. Essa declaração não foi, porém, o único indício de que a pena anteriormente imposta ao réu não seria modificada. Mais adiante, enquanto comentava o interrogatório que havia conduzido pessoalmente, revelou ter recomendado a Marcos Rodríguez que ele não continuasse “*haciendo daño aun después de muerto*”⁴²². O dano a que o líder da Revolução se referia era a vinculação dos dirigentes do PSP ao caso, uma vez que o crime de delação atribuído a Marcos Rodríguez tinha ficado associado ao serviço de inteligência que ele prestava em sua militância na Juventude Socialista desse partido. Como isso comprometeria a imagem de uma das forças políticas que integravam o poder revolucionário⁴²³, o objetivo principal de Fidel Castro ao expor o resultado do interrogatório, que afirmava ter realizado, foi estabelecer como a versão verdadeira dos fatos o argumento de que a delação dos mártires de

⁴²¹ CASTRO, Fidel. **Comparecencia del Primero Ministro del Gobierno Revolucionario, Comandante Fidel Castro, en el juicio que se sigue contra Marcos Armando Rodríguez Alfonso, por delito de delación, celebrado en el Tribunal Supremo, el día 26 de marzo de 1964.** Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/cuba/Fidel-3-26-1964.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

⁴²² Id.

⁴²³ Em 1964 já estava instaurado o regime de partido único, então denominado Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC), que era composto por grupos políticos oriundos das seguintes organizações já extintas: Movimento 26 de Julho, Diretório Revolucionário 13 de Março e Partido Socialista Popular.

Humboldt 7 não teve natureza política, tendo sido resultante de uma motivação estritamente pessoal do réu, de um sentimento de mágoa que este teria nutrido em relação às vítimas, versão que, conforme se verá mais adiante, será sustentada e apresentada com mais detalhes pelo próprio advogado de defesa de Marcos Rodríguez.

O líder da Revolução Cubana ocupou-se principalmente em negar a natureza política de um crime de delação que colocaria em evidência o antagonismo e as disputas de poder entre as organizações revolucionárias. Neste sentido, reprovou Faure Chomón por ter, ainda que *“involuntariamente”*, conferido um caráter político ao julgamento, quando o lugar correto para discutir algumas daquelas questões expostas no tribunal revolucionário teria sido a Direção Nacional do Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba, cuja unidade, segundo o líder cubano, tinha sido colocada em dúvida naquele julgamento. Apesar de fazer essa crítica, Fidel Castro tinha afirmado, instantes antes, que o Tribunal de Apelação era também *“el Tribunal del Pueblo”* e, com base nessa perspectiva, considerou que o julgamento – que estava sendo transmitido pela rede nacional de TV – era um *“vehículo de información para el pueblo”*⁴²⁴.

Para dar informações ao povo cubano acerca do “caso Marquitos”, Fidel Castro valeu-se fundamentalmente de dois documentos: o interrogatório que ele próprio realizou ao final da primeira etapa do julgamento e a confissão de culpa que, havia aproximadamente um ano, tinha sido obtida do réu. A respeito deste último documento, buscou justificar o intervalo de tempo transcorrido desde a obtenção da confissão até que o réu fosse levado ao tribunal, argumentando que havia ali *“cuestiones delicadas”* que afetavam *“a personas, al pueblo y a la Revolución”*. Segundo o líder cubano, essa confissão de culpa devia ser cuidadosamente tratada

*(...) no solo porque traía imputaciones a una compañera de la Revolución [Edith García Buchaca], compañera además de un dirigente de la Revolución [Joaquín Ordoqui], sino también, por contener informaciones que de no ser total y absolutamente esclarecidas, podían causar daños a las relaciones en el seno de nuestro Partido, sino además, porque las circunstancias que rodean ese caso de Marcos Rodríguez, son más que suficientes, para que esta cuestión se estudiase bien, bien, bien.*⁴²⁵

⁴²⁴ Id.

⁴²⁵ Id.

Em nome do tratamento cuidadoso que o caso requeria, Fidel Castro encarregou-se de interpretar diante do tribunal o documento em que constava a confissão de culpa de Marcos Rodríguez para que não se confundisse *“la veracidad y la mentira, el dato cierto con la invención”*. Para tanto, intercalava a leitura dos trechos da confissão que considerava necessários ao *“esclarecimiento político”*⁴²⁶ com os seus comentários sobre o que julgava ser verdadeiro ou falso. Desse modo, e conforme notou com muita propriedade o historiador e literato cubano Enrique Del Risco, Fidel Castro atuou no julgamento *“como árbitro supremo de la unidad revolucionaria y su principal representante”*⁴²⁷. De fato, depois de terem sido expostas no tribunal tanto as denúncias e acusações que Marcos Rodríguez fez ao Diretório Revolucionário quanto as que Faure Chomón fez ao Partido Socialista Popular, Fidel Castro encarregou-se de isentar de culpa ambas as organizações políticas, as quais, junto com o Movimento 26 de Julho, integravam o Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba. Não deixou, porém, de mencionar o fato de Marcos Rodríguez não ter feito nenhuma acusação *“contra los compañeros procedentes del 26 de julio, ninguna acusación, ninguna ofensa a los compañeros muertos, de la que era nuestra organización en aquel tiempo”*⁴²⁸. Apesar da formação do sistema de partido único, os dirigentes revolucionários continuavam definindo sua identidade política em função de seu anterior pertencimento a uma das organizações revolucionárias, o que pode ser explicado, em parte, pelo antagonismo existente entre os grupos que conformavam o aparato político da Revolução e pela ausência, talvez inevitável, de um projeto de governo que fosse suficientemente aglutinador.

Na condição de árbitro supremo do “caso Marquitos”, Fidel Castro ocupou-se de julgar não apenas as organizações políticas, mas principalmente os dirigentes revolucionários. Como negava a natureza política da delação, ele isentou o PSP de quaisquer responsabilidades. Dentre os dirigentes que foram absolvidos pelo líder cubano, estava Edith Garcia Buchaca. Em sua confissão de culpa, Marcos Rodríguez declarou ter contado a esta dirigente toda a história que envolvia o episódio da delação, o

⁴²⁶ Id.

⁴²⁷ DEL RISCO, Enrico. **El caso Marquitos (final)**. Disponível em: <<http://enrisco.blogspot.com.br/2009/07/el-caso-marquitos-final.html>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

⁴²⁸ CASTRO, Fidel. **Comparecencia... en el juicio...**, op. cit.

que a tornava, conseqüentemente, cúmplice daquele crime. Esta versão conheceu, entretanto, intrigantes reviravoltas. Algum tempo depois da confissão de culpa, realizou-se uma acareação entre Edith García e Marcos Rodríguez, ocasião em que este, segundo Fidel Castro, além de negar o que havia declarado, ainda *“inventa una cosa inusitada: que los agentes del Cuerpo de Seguridad lo sugirieron eso”*⁴²⁹. Diante do tribunal, Marcos Rodríguez inicialmente silenciou a respeito do fato de Edith García conhecer a delação, mas, depois de encerrado o julgamento em primeira instância, o réu voltou a declarar que ela sabia do episódio da delação.

Em sua tentativa de explicar essas reviravoltas, Fidel Castro buscou formular uma espécie de teoria geral a partir de sua experiência em casos semelhantes, afirmando que a primeira declaração do autor de um crime não costuma conter *“toda la verdad”* e que réus confessos sempre buscam minorar *“su responsabilidad”*. Aplicando essas máximas ao “caso Marquitos”, o líder cubano considerou que a confissão continha apenas uma parte da verdade, ou seja, a culpabilidade do réu. Avaliou, porém, como falsa a declaração que faria com que Edith García figurasse como cúmplice do crime e que havia sido expressa tanto na confissão de culpa quanto depois de encerrado o julgamento em primeira instância. A esse respeito, a versão aceita como verdadeira foi a da acareação, quando Marcos Rodríguez negou que Edith García soubesse que havia sido ele o delator. Fidel Castro demonstrou ainda que a sua capacidade de determinar o que era verdadeiro ou falso em cada declaração do processo judicial estava orientada por um princípio axiológico que se baseava na fidelidade revolucionária como um fator de mensuração da verdade, conforme expresso no trecho abaixo:

Y señores hay una cuestión de principios. Que es necesario que nosotros la establezcamos como una cuestión de principios. Y es el principio que jamás la palabra de un delator, de un individuo cuya conducta es un libro de vergüenza, de inescrupulosidad y de inmoralidad, de simulación, la palabra de un sujeto de esa índole, de un delator, jamás pueda enfrentarse a la palabra de un revolucionario cualquiera que sea su nivel. Cualquiera que sea su jerarquía desde la más alta hasta la más humilde. El día que aceptáramos ese principio, el día que renunciáramos a ese principio la honra de ningún revolucionario estaría segura. El prestigio de ningún revolucionario estaría seguro. La vida de ningún revolucionario, la honra, su historia estaría segura, porque estaría a merced de cualquier miserable delator que al borde del castigo merecido estaría dispuesto a

⁴²⁹ Id.

*lanzar lodo, a lanzar fango, e a lanzar división sobre los revolucionarios.*⁴³⁰

Orientado por esse princípio axiológico, o líder da Revolução expôs qual deveria ser o juízo correto a ser feito pelos demais revolucionários acerca da suposta cumplicidade de Edith García no crime de delação cometido por Marcos Rodríguez, expressando-se nos seguintes termos: *“si somos hombres de principios, si somos hombres objetivos, debemos exonerar enteramente de esa imputación a la compañera Edith García Buchaca. Y que mantener dudas no sería exonerarla”*⁴³¹.

O único dirigente do PSP ao qual não se exonerou totalmente de culpa no “caso Marquitos” foi Joaquín Ordoqui, cujos vínculos estreitos com o réu tinham provocado em Fidel Castro *“verdadera indignación”*. O líder cubano condenou publicamente Joaquín Ordoqui por ter permitido o ingresso de Marcos Rodríguez no PSP, por ter dado *“consejitos a este señor”* e por não ter comunicado imediatamente à direção do Partido (PURSC) o recebimento do que denominou de *“carta chantaje”* – em alusão à carta em que Marcos Rodríguez pedia ao dirigente do PSP que ele intercedesse a seu favor. Por essas razões, Fidel Castro reprovou Joaquín Ordoqui, vinculando à sua atitude *“censurable”* os demais acontecimentos do “caso Marquitos”. Além disso, argumentou que *“a un viejo militante revolucionario es correcto que se le exija el tratamiento adecuado a las cuestiones y no incurrir en errores de esa naturaleza”*. Recorrendo ao adágio popular segundo o qual *“no hay mal que por bien no venga”*, Fidel Castro considerou que o esclarecimento do caso tanto do ponto de vista *“legal”* quanto *“político”* tinha sido útil, entre outros aspectos, para demonstrar que a disciplina era *“el principio esencial de un revolucionario, de un marxista”*, bem como que a Revolução Cubana não seria *“ni tolerante ni implacable”*. Neste sentido, o “caso Marquitos” foi utilizado para transmitir a ideia de que a Revolução era generosa não apenas com os inimigos, mas também com os próprios revolucionários. Para ilustrar essa generosidade com cada *“compañero”*, o líder cubano recorreu à mitologia romana, ao afirmar o seu desejo de que fossem rechaçadas as ameaças da *“Ley de Saturno”*:

¿Y cuál es la Ley de Saturno? Aquella ley clásica o dicho clásico o refrán clásico que dice que la revolución como Saturno devora a sus propios

⁴³⁰ Id.

⁴³¹ Id.

*hijos. Que esta revolución no devore a sus propios hijos. Que la Ley de Saturno no imponga sus fueros, que las facciones no asomen por ninguna parte.*⁴³²

De acordo com Fidel Castro, qualquer ameaça dessa “*ley maldita*” seria enfrentada tanto por ele próprio quanto pelo povo, de modo que ninguém pudesse abusar do poder em Cuba e que os revolucionários se sentissem seguros. Nem tolerante nem implacável, a Revolução encarregava-se tão somente de aplicar a justiça para que nunca se pudesse dizer “*que un solo revolucionario fue injustamente castigado... que un solo inocente fue fusilado. Que un solo hijo de la revolución fue devorado*”⁴³³.

Após tecer considerações acerca da unidade da Revolução e dos métodos justos e generosos com que esta tratava tanto os inimigos quanto os companheiros, Fidel Castro finalizou o seu depoimento como testemunha de acusação no tribunal revolucionário do mesmo modo como – na condição de comandante em chefe da Revolução e primeiro-ministro do governo – finalizava os seus discursos na tribuna política: gritando o lema “*¡Patria o Muerte!*”⁴³⁴ e sendo ovacionado com aplausos pelo público presente.

Em termos práticos, pode-se afirmar que o tribunal que julgou o “caso Marquitos” condenou dois “réus”: Joaquín Ordoqui foi condenado politicamente, ao passo que Marcos Rodríguez foi condenado juridicamente. Contudo, em relação a ambos os “réus” e em todas as etapas do processo judicial ficou evidente o caráter político do julgamento. Neste sentido, a atuação de José Antonio Grillo Noroña, advogado de defesa de Marcos Rodríguez, é um dos exemplos mais emblemáticos do caráter político e, conseqüentemente, da insustentável aparência de legalidade jurídica do julgamento. José Grillo Noroña começou sua explanação afirmando que, na condição de advogado de ofício do Tribunal Supremo que julgava o caso, tinha sido encarregado da defesa de Marcos Rodríguez. Considerou, entretanto, que sua tarefa não era “*agradable*”, já que se tratava do julgamento de um fato “*tan repugnante*” como “*el delito de delación*”⁴³⁵.

⁴³² Id.

⁴³³ Id.

⁴³⁴ Id.

⁴³⁵ NOROÑA, José A. Grillo. **Vista del juicio que se sigue contra el procesado Marcos Armando Rodríguez Alfonso, celebrada el 30 de marzo de 1963 [sic]**. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/cuba/3-30-1963.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2013. Erroneamente, o documento é datado de 1963. A data correta é 30 de março de 1964.

Consciente de que deveria atuar muito mais como revolucionário do que como jurista – ainda mais depois de Fidel Castro ter criticado, diante do mesmo tribunal, membros da imprensa cubana que eram *“más periodistas do que revolucionarios”*⁴³⁶ –, o defensor do réu argumentou que, enquanto em uma sociedade burguesa o advogado recorre a todo tipo de artimanhas e mentiras para postular a inocência de seu representado, em uma sociedade socialista o advogado atua de modo distinto, uma vez que lhe interessa tão somente o *“esclarecimiento de la verdad”*, razão pela qual os diferentes membros do tribunal – defesa, promotoria, etc. – *“no tienen ni deben tener posiciones antagónicas”*. Seguindo uma linha argumentativa que se caracterizava mais pela defesa da Revolução do que de seu representado, José Grillo Noroña afirmou não ter dúvidas de que a confissão do réu não apenas havia sido espontânea, como também havia sido sincera. Além disso, assegurou que a defesa teve *“todas las garantías y toda la libertad”* para realizar seu trabalho. Todavia, preocupou-se em esclarecer que no exercício de sua função jamais pretendeu *“proyectar sombra alguna sobre instituciones y hombres de la Revolución”*, tendo ainda o cuidado para não produzir equívocos, pois, dessa forma, poderia oferecer *“materia prima a los intrigantes, a la contrarrevolución para manufacturar sus asqueantes y miserables productos: la mentira, la infamia, la calumnia, el engaño”*⁴³⁷.

Depois de feitas essas ressalvas, o advogado de defesa declarou que o seu objetivo era solicitar ao Tribunal de Apelação que o réu não fosse sancionado com a pena de morte. Apesar disso, reconheceu não haver argumentos sérios para defender a inocência de Marcos Rodríguez, uma vez que tinha ficado suficientemente comprovado que ele havia sido *“el delator de Humboldt 7”*. De igual modo, admitiu não haver *“pruebas serias ni argumentos serios”* para declarar que o réu era *“un demente y por lo tanto un absoluto inimputable”*. Preocupando-se em falar não apenas como jurista, mas principalmente como revolucionário, afirmou que não pediria clemência no julgamento do réu porque isso poderia significar que um delito daquela natureza não merecia a pena de morte, quando, ao contrário, entendia ser esta uma punição justa. Defendeu ainda ser *“un*

⁴³⁶ CASTRO, Fidel. **Comparecencia... en el juicio...**, op. cit.

⁴³⁷ NOROÑA, José A. G., op. cit.

*derecho y un deber, de nuestra revolución socialista, aplicar la pena de muerte cuantas veces ello sea necesario*⁴³⁸.

Exposta a sua posição política quanto à sentença que havia sido estabelecida para o réu em primeira instância, o advogado de defesa buscou fundamentar o seu pedido para converter a pena de morte em pena de prisão, argumentando que Marcos Rodríguez possuía uma *“personalidad psicopática”* e que isto consistia em uma circunstância atenuante do crime. Valendo-se de adjetivos empregados pelas testemunhas de acusação para caracterizar o réu, o advogado de defesa dedicou-se fundamentalmente a compor o perfil psicológico de Marcos Rodríguez, apresentando-o como um indivíduo *“psicópata, extraño, raro, vanidoso, exhibicionista”*. A essa lista, somaram-se vários outros epítetos com sentido também negativo, tais como: *“simulador”, “taimado”, “conflictivo”, “intrigante”, “mentiroso”, “amoral”*. Quanto ao aspecto físico, ele foi apresentado como um indivíduo *“débil”* e *“insignificante”*. Constam ainda referências que evidenciam a reprovação quanto às vestimentas de Marcos Rodríguez, por ele habitualmente usar *“sandalias, saco amarillo”*. Em síntese, tratava-se de um indivíduo *“muy raro”*, expressão empregada para aludir eufemicamente à sua homossexualidade⁴³⁹.

Em toda a explanação do defensor, a homossexualidade do réu é referida nas entrelinhas e utilizada como um dos fatores que, aliado ao perfil psicopata que lhe é atribuído, explicam a conduta traiçoeira na delação dos mártires de Humboldt 7. É particularmente interessante o modo como é explicada a motivação pessoal do delator. De acordo com o advogado de defesa, o réu utilizava a sua crescente capacidade intelectual como uma forma de compensar a sua *“falta de valor”* e as suas *“debilidades”* físicas. Por essa razão, Marcos Rodríguez havia se aproximado do grupo de intelectuais que integravam as entidades estudantis da Universidade, onde poderia satisfazer *“su gran vanidad”*, lendo e escrevendo poemas com o intuito de ser o *“centro de admiración”* daquele grupo. No entanto, o acirramento da luta contra o governo de Fulgencio Batista teria evidenciado o descompasso existente entre o réu e os integrantes do Diretório Revolucionário, os quais, mais tarde, seriam vitimados no crime de Humboldt 7. Esse descompasso seria explicado pelo fato de Marcos Rodríguez não se enquadrar no padrão

⁴³⁸ Id.

⁴³⁹ Id.

de masculinidade que se esperava de todo revolucionário. Quando se impôs a necessidade da luta contra o governo de Fulgencio Batista, os integrantes do Diretório abandonaram temporariamente os afãs literários e partiram para a ação revolucionária. Desde então, *“la admiración de todos”* passou a ser *“para los hombres, que exponen todos los días su vida contra los sicarios de la tiranía”*. Dessa forma, ninguém pensava em Marcos Rodríguez, que estava perdendo *“las oportunidades de satisfacer su vanidad”*, uma vez que já não mais havia interesse em sua *“producción literaria”*⁴⁴⁰.

As diferenças entre os mártires de Humboldt 7 e o seu delator estavam, portanto, claramente definidas. De um lado, estavam os integrantes do Diretório, que eram mais revolucionários do que intelectuais, sendo caracterizados como *“hombres de acción”*, *“hombres de coraje”*, *“hombres de valor”*. De outro lado, estava o indivíduo *“raro”*, que utilizava *“su debilidad como una arma social”* e tudo o que conseguia era inspirar *“sentimientos maternales”*, *“lastima”* ou *“desprecio”*. Marcos Rodríguez possuía capacidade intelectual, mas não revolucionária, pois, ao aproximar-se dos homens de ação e de valor, apenas colocava em evidência *“su cobardía”*. Ainda de acordo com a interpretação de José Grillo Noroña, por não mais encontrar espaço para *“brillar con su inteligencia”* e por ter sido criticado pelos integrantes do Diretório em virtude de sua *“falta de valor”* como revolucionário, Marcos Rodríguez teria nutrido ódio em relação àqueles *“valiosos compañeros”*. Esse ódio, os *“complejos”* que o réu possuía e a sua *“personalidad anormal y psicopática”* explicariam, portanto, *“la decisión de producir la venganza”*. O crime de delação representou, segundo o defensor, a satisfação de um *“impulso patológico”* e constituiu-se no meio pelo qual o réu, que não era um delator qualquer, mas um *“verdadero genio del mal”*, buscou *“dar escape a su complejo”*⁴⁴¹. Foi para este gênio do mal que o advogado de defesa pediu a reversão da pena de morte em pena de prisão, argumentando que o seu representado, apesar de não ser inimputável, não podia ser considerado plenamente responsável por seus atos. O Tribunal de Apelação, por sua vez, decidiu manter a pena de morte e, no dia 19 de abril de 1964, Marcos Rodríguez foi executado por um pelotão de fuzilamento.

⁴⁴⁰ Id.

⁴⁴¹ Id.

O “caso Marquitos” não se encerrou, entretanto, com a condenação e o fuzilamento de Marcos Rodríguez, oficialmente o único réu do caso. Conforme mencionado anteriormente, um dos resultados desse julgamento havia sido a condenação política de Joaquín Ordoqui. Pouco mais de seis meses depois de encerrado o “caso Marquitos”, no qual havia figurado como “réu político”, Joaquín Ordoqui foi submetido também à justiça revolucionária. Isto ocorreu porque, enquanto transcorria o julgamento de Marcos Rodríguez, surgiram denúncias de que, em 1958, durante o período em que esteve exilado no México, o então dirigente do PSP teria fornecido informações ao serviço de inteligência dos Estados Unidos. Em decorrência dessas denúncias, Joaquín Ordoqui foi condenado, em novembro de 1964, a 30 anos de prisão domiciliar por ter supostamente atuado como agente da CIA. Ele não chegou, porém, a cumprir integralmente a pena, por ter falecido em 1973⁴⁴².

Militante do PSP desde longa data e fiel às diretrizes do Partido Comunista da União Soviética, Joaquín Ordoqui era um dos homens de confiança deste país em Cuba. Se, por um lado, isso lhe beneficiou, uma vez que o caráter especial e relativamente suave da pena – a detenção em seu próprio domicílio – teria sido decorrente das pressões exercidas pelo governo soviético⁴⁴³, que, ao interceder a favor do réu, conseguiu evitar que ele recebesse uma punição mais severa, sendo encaminhado ao paredão de fuzilamento ou então encarcerado em um dos presídios cubanos; por outro lado, o fato de, naquele momento, ser talvez o principal homem de confiança da União Soviética parece ter sido justamente o que fez de Joaquín Ordoqui um obstáculo ao poder de Fidel Castro e determinou a sua defenestração.

Permeados por zonas de sombras, o “caso Marquitos” e o “caso Ordoqui” – etapas distintas de um só processo de defenestração política – ainda não oferecem elementos suficientes para uma interpretação conclusiva acerca de muitos de seus aspectos. No entanto, parece ser bastante plausível a hipótese de que o objetivo de anular politicamente Joaquín Ordoqui não se restringia a uma questão da política interna, estando ligado mais amplamente ao protagonismo com que Fidel Castro pretendia

⁴⁴² ROJAS, Rafael. **¿Un misterio revelado?** Disponível em: <<http://www.librosdelcrepusculo.net/2009/09/un-misterio-revelado.html>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

⁴⁴³ LA GRANGE, Bertrand de. **La Revolución devora a sus hijos**. Disponível em: <<http://www.razon.com.mx/spip.php?article19504>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

conduzir as negociações com a União Soviética em um período no qual as relações entre os dois países caracterizavam-se pela instabilidade decorrente de suas divergências político-ideológicas.

Alguns fatos fornecem indícios dessa provável vinculação entre o propósito de Fidel Castro de conduzir pessoalmente as negociações com a União Soviética e as suas investidas contra o homem de confiança do governo soviético na cúpula revolucionária cubana. O prestígio político de Joaquín Ordoqui com os dirigentes soviéticos teria ficado evidenciado em outubro de 1962, quando ele foi o principal interlocutor cubano durante as negociações secretas que tinham como objetivo solucionar a crise dos mísseis⁴⁴⁴. Depois disso, outros dois fatos parecem vincular importantes etapas de negociações entre Cuba e União Soviética com o tratamento político dado ao “caso Marquitos”: a confissão de culpa de Marcos Rodríguez – que continha declarações que comprometiam Joaquín Ordoqui e Edith García Buchaca – foi obtida, coincidentemente, alguns dias antes de Fidel Castro realizar a sua primeira visita oficial à União Soviética e aos países do Leste Europeu, em abril de 1963; e o início do julgamento do caso, em março de 1964, ocorreu pouco tempo depois do retorno do líder cubano de sua segunda visita a Moscou. Mesmo sendo apenas indícios, tais fatos contribuem para conferir plausibilidade à hipótese de que Fidel Castro pretendia se livrar de intermediários na condução das relações com a União Soviética.

Não há dúvidas, porém, de que o líder cubano tinha a intenção de anular politicamente Joaquín Ordoqui e de que utilizou o “caso Marquitos” para justificar, inclusive diante do governo soviético, essa defenestração⁴⁴⁵. A prova disso é o fato de que Joaquín Ordoqui foi o único dirigente revolucionário que não foi “absolvido” no “caso Marquitos”. Se quisesse isentá-lo de culpa, Fidel Castro poderia ter recorrido a algum

⁴⁴⁴ BARROSO, Miguel. Castro ha monopolizado la historia de Cuba. *El siglo*, n. 852, 19 oct. 2009. Disponível em: <<http://www.elsiglodeeuropa.es/siglo/historico/2009/852/852culturaBarroso.html>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

⁴⁴⁵ Joaquín Ordoqui era um dos homens de confiança da União Soviética em Cuba e possuía boas relações com o premiê Nikita Krushev. Neste sentido, um dado curioso é que as denúncias de que Ordoqui havia atuado como agente da CIA começaram a surgir entre março e abril de 1964, durante o “caso Marquitos”, mas Fidel Castro apenas determinou a prisão domiciliar do dirigente comunista em novembro do referido ano – coincidentemente ou não – um mês depois de Nikita Krushev ter sido destituído do poder soviético.

subterfúgio, como havia feito para inocentar Edith García Buchaca⁴⁴⁶, em relação à qual defendeu o princípio de que a palavra de um revolucionário é mais fidedigna do que a de um indivíduo que pratica um ato contrarrevolucionário. Já em relação a Joaquín Ordoqui, como o líder cubano tinha a intenção de alijá-lo, foi conveniente adotar o princípio oposto, pois, desta vez, a palavra do inimigo foi considerada mais fidedigna do que a do revolucionário. De acordo com a versão do governo cubano, as denúncias que originaram o “caso Ordoqui” teriam sido reveladas por agentes da CIA a funcionários da embaixada cubana no México. Contudo, parece pouco provável que Joaquín Ordoqui tenha, de fato, fornecido informações ao serviço de inteligência dos Estados Unidos, em 1958, durante o período em que esteve exilado no México. O que compromete a plausibilidade dessa acusação é menos o fato de que se tratava de um comunista de longa data, leal ao PCUS, do que a estranha coincidência de que a acusação acerca de uma suposta colaboração com a CIA tenha vindo à tona justamente durante o julgamento do “caso Marquitos”, quando Fidel Castro condenava politicamente Joaquín Ordoqui.

A acusação de que esse dirigente colaborou com a CIA teria sido inventada pelo governo cubano – depois de terem ficado evidentes os distintos critérios com que os dirigentes revolucionários foram julgados no “caso Marquitos” – como uma estratégia

⁴⁴⁶ O critério distinto aplicado em relação a Edith García Buchaca – que estava tão a par das atividades de Marcos Rodríguez, tenham sido elas delituosas ou não, quanto Joaquín Ordoqui – suscita o questionamento acerca do porquê do empenho demonstrado por Fidel Castro em protegê-la de quaisquer acusações. O peso das relações pessoais no âmbito da cúpula revolucionária teria sido determinante nesse caso? Ainda antes do triunfo da Revolução – segundo algumas fontes, na década de 1940; segundo outras, na década de 1950 –, Joaquín Ordoqui, Edith García Buchaca e Carlos Rafael Rodríguez envolveram-se em uma história de infidelidade conjugal. Enquanto era casada com Carlos Rafael Rodríguez, Edith García teve um relacionamento amoroso com Joaquín Ordoqui – à época, professor de Carlos Rafael na Universidade de Havana – e casou-se com ele posteriormente. A história de traição, envolvendo os três integrantes do PSP, não ficou restrita às suas vidas particulares, pois os dirigentes do Partido decidiram discuti-la publicamente, tratando o episódio de traição conjugal como uma questão que *“afectaba a la moral colectiva de los miembros del Partido”*. Tendo participado da etapa final da luta na Sierra Maestra e, após o triunfo da Revolução, demonstrado possuir ideias menos ortodoxas do que a maioria dos integrantes do PSP, Carlos Rafael tornou-se amigo e um dos homens de confiança de Fidel Castro no governo revolucionário. Por ocasião do julgamento do “caso Marquitos”, teria Carlos Rafael intercedido a favor de Edith García, com quem possuía duas filhas? Em caso positivo, teria sido essa intervenção determinante na decisão de Fidel Castro de isentá-la de quaisquer responsabilidades no “caso Marquitos”? Ou, desde o princípio, a intenção de Fidel Castro era investir tão somente contra Joaquín Ordoqui? Não se sabe se houve alguma interferência de Carlos Rafael Rodríguez no tratamento dado pelo governo revolucionário ao casal Ordoqui/García. É certo que Edith García também foi excluída da vida pública, mas diferentemente de seu marido, não esteve submetida a uma prisão domiciliar, podendo viajar a Madri para visitar umas das filhas que teve com Carlos Rafael Rodríguez. Cf.: RODRÍGUEZ, Osvaldo Fructuoso. Humboldt 7 y el hombre que delató a mi padre. **Miami Herald**, 20 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.autentico.org/oa09876.php>>. Acesso em: 23 jul. 2013; MONTANER, Carlos Alberto. **Historia genital de la Revolución Cubana**. Disponível em: <http://www.diariodecuba.com/cuba/1308303016_1799.html>. Acesso em: 5 jul. 2013.

para retirá-lo de uma vez da vida pública e fundamentar de forma mais consistente o seu expurgo? Ou essa acusação contra o homem de confiança do governo soviético teria sido fabricada pela CIA com o objetivo não apenas de fomentar a divisão no seio da cúpula revolucionária cubana, mas principalmente de fazer com que a União Soviética se indispusesse com o líder cubano em um momento no qual os dois países empreendiam uma reaproximação política? Caso as denúncias tenham sido realmente forjadas pela CIA⁴⁴⁷, resta saber: Fidel Castro teria acreditado na palavra do inimigo – sem suspeitar de suas possíveis intenções – ou tirado proveito dela para livrar-se de um dirigente que era visto como um obstáculo a seu protagonismo na condução da Revolução?

Seja qual for a resposta correta para cada uma dessas perguntas, não há dúvidas de que a defenestração de Joaquín Ordoqui interessava a Fidel Castro. Diferentemente do que havia acontecido com Aníbal Escalante, não incidia sobre Joaquín Ordoqui nenhuma acusação de que ele tencionava usurpar o poder e assumir o comando da Revolução. No entanto, houve alguns aspectos em comum no expurgo desses dois dirigentes revolucionários, que eram oriundos das fileiras do PSP. Em ambos os casos, Fidel Castro condenou o que qualificou como condutas contrarrevolucionárias dos dois dirigentes, evitando fazer críticas diretas ao PSP, tanto porque dependia de seus quadros políticos capacitados no aparato administrativo da Revolução quanto pelo fato de que não lhe convinha incompatibilizar-se com todos os comunistas de longa data do país e, por extensão, com o governo soviético, já que o PSP – que havia sido extinto por ocasião da formação das ORI – seguia as diretrizes do Partido Comunista da União Soviética. No expurgo desses dois dirigentes revolucionários ficou evidenciado também que ser o homem de confiança da União Soviética equivalia, em contrapartida, a ser visto com suspeição pelo líder máximo da Revolução Cubana, passando a figurar como uma ameaça ou um obstáculo a seu poder. O fato de, em maio de 1960, o governo cubano ter nomeado Faure Chomón – dirigente oriundo do Diretório Revolucionário e marcadamente anticomunista durante o período da luta insurrecional⁴⁴⁸ – como

⁴⁴⁷ Essa é a interpretação defendida por Miguel Barroso, para quem as denúncias contra Joaquín Ordoqui foram fabricadas pela CIA como uma forma de *“instigar la rivalidad y la división dentro de la cúspide revolucionaria”*. Cf.: BARROSO, Miguel, op. cit.

⁴⁴⁸ A partir da declaração de Fidel Castro, em 1961, de que o marxismo-leninismo era a ideologia oficial da Revolução Cubana, houve, logicamente, uma conversão generalizada ao socialismo por parte de dirigentes revolucionários oriundos do Movimento 26 de Julho e do Diretório Revolucionário 13 de Março. Neste

embaixador de Cuba em Moscou, em vez de nomear um integrante do PSP, parece ser um indício de que os vínculos entre a União Soviética e os seus homens de confiança em Cuba eram vistos com certo temor por Fidel Castro.

A força política dos dirigentes do PSP na cúpula revolucionária decorria principalmente do fato de terem sido eles os principais promotores do estreitamento de vínculos entre Cuba e União Soviética e de, a partir de então, virem desempenhando o papel de intermediários nas negociações entre os governos dos dois países. Convém lembrar que no decorrer dos anos 1960 as relações cubano-soviéticas estavam assentadas em bases bastante instáveis, uma vez que Cuba, mesmo dependente nos campos econômico e militar, reivindicava independência político-ideológica em relação à União Soviética. Quanto a este último aspecto, o governo soviético parece ter compreendido a estratégia política a que atendia a profissão de fé marxista-leninista feita por Fidel Castro e, não bastasse isso, ainda reprovava a heterodoxia dos recém-convertidos comunistas cubanos. O intuito de Fidel Castro de anular politicamente alguns dirigentes do PSP parece estar associado principalmente ao temor de que, em face de uma situação de disputa na política interna cubana, a União Soviética pudesse preterir-lo, apoiando os comunistas de longa data oriundos das fileiras do PSP, alguns dos quais se constituíam nos homens de confiança do governo soviético em Cuba.

A defenestração política de alguns dirigentes revolucionários não se explica, no entanto, pelo simples fato de eles serem procedentes das fileiras do PSP, pois tanto Aníbal Escalante e Joaquín Ordoqui, que foram presos e apontados como contrarrevolucionários, quanto Carlos Rafael Rodríguez, que se tornou um dos homens de confiança de Fidel Castro e chegou a ser vice-presidente dos conselhos de Estado e de Ministros de Cuba, pertenceram a este partido. Portanto, o líder cubano não investiu indistintamente contra todos os dirigentes revolucionários provenientes do PSP, mas sim contra aqueles que, fiéis às diretrizes do Partido Comunista soviético, demonstraram

sentido, alguns trechos do testemunho de Faure Chomón durante o julgamento do “caso Marquitos” são emblemáticos das metamorfoses por que passou o regime cubano. São exemplos disso: tanto a negação que o dirigente faz de seu anterior anticomunismo, quanto a sua preocupação em afirmar retroativamente o anti-imperialismo do Diretório Revolucionário, aludindo inclusive ao fato de a Revista *Alma Mater* – publicação da Universidade de Havana que foi o principal veículo de divulgação das ideias da Federação de Estudantes Universitários (FEU) – conter citações de frases de Lênin como uma evidência do anti-imperialismo dos integrantes do Diretório Revolucionário, organização política que havia sido qualificada como “pequeno-burguesa” por Marcos Rodríguez. Cf.: CHOMÓN, Faure, op. cit.

menor conformidade em relação à heterodoxia e às sucessivas metamorfoses político-ideológicas do castrismo.

Antes mesmo que findasse a década de 1960, Fidel Castro já havia defenestrado os dirigentes revolucionários que discordaram de sua forma de conduzir a Revolução e, por conseguinte, anulado o poder de contestação dos demais. O líder máximo da Revolução investiu tanto contra dirigentes anticomunistas, que se opunham à radicalização das reformas e reivindicavam o retorno à legalidade democrática, quanto contra comunistas de longa data que criticavam aspectos como, por exemplo, a heterodoxia ideológica do governo cubano. Fidel Castro apropriou-se de determinados postulados ideológicos do marxismo-leninismo, estreitou as relações com a União Soviética e, em seguida, anulou politicamente os velhos comunistas e o seu trabalho de intermediários políticos, tornando-se ele próprio o principal interlocutor do governo soviético⁴⁴⁹. Conforme argumenta Elizabeth Burgos, o alijamento de comunistas de longa data constitui uma evidencia de que *“lo que hizo del castrismo una dictadura, no fue su ideología socialista o marxista, sino la visión totalitaria de Fidel Castro que instrumentalizó el comunismo para su proyecto totalitario”*⁴⁵⁰. Por meio de uma política de defenestração de dirigentes revolucionários de diferentes matizes ideológicos, Fidel Castro logrou exercer controle absoluto sobre as distintas organizações políticas que se uniram para compor o sistema de partido único, uma das bases de sustentação do regime cubano.

4.1.3- O reformismo socialista no banco dos réus: os casos “Ochoa” e “Abrantes”

Fidel Castro também buscou anular qualquer ameaça a seu poder no âmbito de outra importante – talvez a principal – base de sustentação do regime: as Forças Armadas Revolucionárias. Nessa instituição do poder revolucionário, o mais emblemático e polêmico episódio de defenestração transcorreu entre os meses de junho e julho de

⁴⁴⁹ BARROSO, Miguel, op. cit.

⁴⁵⁰ BURGOS, Elizabeth. **El castrismo y medio siglo de amnesia**. Disponível em: <<http://www.analitica.com/va/sociedad/articulos/7306394.asp>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

1989⁴⁵¹ e envolveu o julgamento e a condenação do general Arnaldo Ochoa, de outros oficiais da Segurança do Estado e de eminentes figuras do governo cubano. Na “causa nº 1 de 1989”, além de Arnaldo Ochoa, foram indiciados também dois importantes agentes do serviço secreto cubano: os irmãos gêmeos Antonio – mais conhecido como Tony – e Patricio de La Guardia. Ao todo, nesse processo judicial foram indiciados quatorze réus. Dentre estes, quatro foram sentenciados com a pena de morte: o general Arnaldo Ochoa; o coronel Tony de La Guardia; o capitão Jorge Martínez Valdés; e o major Amado Padrón Trujillo. Patricio de La Guardia e os demais acusados foram sentenciados com penas que variaram de 10 a 30 anos de prisão⁴⁵².

Os réus foram acusados de uma série de atividades ilícitas que incluíam: corrupção; lavagem de dinheiro; contrabando de marfim e diamantes oriundos de Angola; e estabelecimento de uma conexão criminosa com o cartel de Medellín – comandado por Pablo Escobar –, colocando Cuba na rota do narcotráfico, uma vez que eles desempenhariam o papel de atravessadores de carregamentos de drogas que, procedentes da Colômbia, eram recebidos no Panamá e transportados até os Estados Unidos, mais precisamente ao estado da Flórida. Arnaldo Ochoa estaria envolvido com o comércio ilegal de marfim e diamantes de Angola e com a venda de armas e munição para a Nicarágua, enquanto Tony de La Guardia seria o principal responsável pelo tráfico de drogas. A lavagem do dinheiro resultante de ambas as operações era facilitada em razão do tipo de atividades realizadas por um departamento secreto que fazia parte do Ministério do Interior (MININT) e era comandado pelo próprio Tony de La Guardia. Tratava-se do departamento MC, sigla de *Moneda Convertible*⁴⁵³, cuja função era contornar o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, arrecadando divisas e comprando computadores, equipamentos médicos e diversos outros produtos de fabricação estadunidense, os quais, embora também fossem obtidos por meio de conexões diretas estabelecidas com cidadãos dos Estados Unidos, eram adquiridos

⁴⁵¹ A prisão dos acusados ocorreu no dia 12 de junho, o início do julgamento no dia 25 do mesmo mês e a execução dos que foram condenados à pena de morte ocorreu no dia 13 de julho de 1989.

⁴⁵² Sobre as sentenças impostas aos réus, cf.: FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 327.

⁴⁵³ Quando foi descoberto que Tony de La Guardia utilizava o departamento em questão para suas atividades relacionadas ao tráfico de drogas, alguns críticos do governo cubano atribuíram outro significado para a abreviatura MC, afirmando que, em vez de “moeda convertível”, ela designava “*marihuana y cocaína*”. Disponível em: <http://www.cubaeuropa.com/historia/General_Ochoa/General_Ochoa.htm>. Acesso em: 15 jul. 2013.

principalmente a partir do Panamá⁴⁵⁴, país cujas zonas de livre comércio facilitavam tais operações. Neste sentido, o escritório panamenho do MC foi fundamental tanto para essas operações – que, por ocasião do julgamento da “causa nº 1 de 1989”, foram admitidas em um editorial do *Granma*, periódico oficial do Partido Comunista de Cuba, e qualificadas como “*justas y morales frente al criminal bloqueo de Estados Unidos*”⁴⁵⁵ – quanto para as atividades de Tony de La Guardia relacionadas ao narcotráfico, cuja existência o governo revolucionário declarou ignorar completamente.

A “causa nº 1 de 1989” também ficou conhecida como “caso Ochoa / La Guardia”⁴⁵⁶, sendo, no entanto, referida com mais frequência tão somente como “caso Ochoa”. Mas quem era o oficial do alto escalão das Forças Armadas que se tornou o principal alvo desse processo? Arnaldo Tomas Ochoa Sánchez (1941-1989) havia ingressado, em 1958, na luta rebelde na Sierra Maestra, atuando na coluna guerrilheira liderada por Camilo Cienfuegos. A partir do triunfo da Revolução, tornou-se soldado profissional, recebeu treinamento na academia militar de Moscou e trilhou uma carreira de destaque nas Forças Armadas Revolucionárias de Cuba, chegando ao posto de general de divisão do Exército. O general Arnaldo Ochoa foi um dos mais condecorados oficiais cubanos, sendo agraciado, em 1984, com o título honorífico de “Herói da República de Cuba”. Teve atuação destacada em diversas missões internacionalistas cubanas na América Latina, na Ásia e, principalmente, na África. Na década de 1960, desempenhou missões militares na Venezuela e no Congo-Brazzaville e treinou guerrilheiros em Angola e Moçambique. Nos anos 1970, atuou na Síria, em Angola e chefiou uma missão militar na Etiópia. Em 1983 lutou na Nicarágua e entre 1987 e 1988 liderou as tropas cubanas em uma etapa decisiva da guerra civil angolana⁴⁵⁷. Sendo um dos muitos exemplos da força dos militares na política cubana, Arnaldo Ochoa integrava o Comitê Central do Partido Comunista e exercia o cargo de deputado na Assembleia Nacional do Poder Popular. Em 1989, o condecorado general caiu em desgraça, passando de herói à condição de traidor da pátria. Foi destituído do Partido Comunista, do cargo de deputado, do posto de

⁴⁵⁴ GOTT, Richard, op. cit., p. 316.

⁴⁵⁵ CELORIO, Gonzalo. Abogado del diablo: el juicio del general Arnaldo Ochoa. **Letras Libres**, México, D.F., p. 36-45, mayo 2010. Disponível em: <<http://www.letraslibres.com/revista/convivio/abogado-del-diablo-el-juicio-al-general-arnaldo-ochoa>>. Acesso em 15 jul. 2013.

⁴⁵⁶ FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 318.

⁴⁵⁷ Sobre os dados biográficos de Arnaldo Ochoa, cf.: GOTT, Richard, op. cit., p. 317; FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 318.

general e do título de herói da República de Cuba⁴⁵⁸. Perdeu ainda: a liberdade ao ser encarcerado pelo regime; a honra diante dos tribunais da Revolução; e a vida diante de um pelotão de fuzilamento.

O julgamento de Arnaldo Ochoa, a exemplo do que ocorreu em casos anteriores, não ficou restrito ao aspecto jurídico, apresentando também contornos políticos e gerando controvérsias quanto ao motivo que fez com que o condecorado general fosse levado ao banco dos réus e, em seguida, ao paredão de fuzilamento. De acordo com a versão oficial, Arnaldo Ochoa estava sendo julgado por corrupção, enriquecimento ilícito e tráfico de drogas, atividades ilícitas que, até o momento em que foi determinada a sua prisão, seriam totalmente desconhecidas pela cúpula do governo cubano.

Em torno dessa versão – como costuma acontecer com praticamente todas as polêmicas associadas à Revolução Cubana – surgiram distintas interpretações, algumas das quais pareceram ter sido determinadas *a priori*, resultando mais das concepções político-ideológicas de seus intérpretes do que da análise de evidências ou indícios ligados ao caso. Houve uma parcela da opinião pública que se preocupou em defender a Revolução e a figura de seu líder, endossando em sua totalidade a versão oficial e considerando o julgamento como uma “clara demonstração ao mundo de que havia princípios inegociáveis para Fidel e a Revolução”⁴⁵⁹, ou seja, como uma manifestação das virtudes revolucionárias. Em uma perspectiva distinta, houve interpretações que, apoiadas em alguns testemunhos, consideraram que Fidel Castro estava a par das atividades ilícitas de seus comandados⁴⁶⁰. Essa versão parece plausível quando se leva em conta, por exemplo: o porte das operações ilegais; os altos postos que os envolvidos ocupavam no poder revolucionário; o controle exercido por Fidel Castro sobre as diversas instâncias do governo; e a existência em Cuba de uma ampla rede de vigilância, formada tanto pelos serviços de inteligência do Estado quanto pelos Comitês de Defesa da Revolução, e utilizada pelo governo para apurar conspirações, atentados e atos contrarrevolucionários. Quanto ao julgamento, argumentou-se que, por meio dele, Fidel

⁴⁵⁸ CELORIO, Gonzalo, op. cit.

⁴⁵⁹ FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 330. Nessa passagem da obra, Cláudia Furiati apenas apresenta os diferentes modos como a opinião pública internacional interpretou o julgamento. O trecho citado, portanto, não reflete necessariamente o ponto de vista da autora.

⁴⁶⁰ OPPENHEIMER, Andrés. **Castro's final hour**: the secret story behind the coming downfall of communist Cuba. Nova York, 1992, p. 127, apud GOTT, Richard, op. cit., p. 320.

Castro buscou atingir um duplo propósito: salvar a honra da Revolução, negando qualquer vínculo do governo com o narcotráfico; e ainda livrar-se de Arnaldo Ochoa, um general carismático e popular, que era favorável às medidas reformistas – *Perestroika* e *Glasnost* – que estavam sendo implantadas na União Soviética e que foi visto pelo líder da Revolução como uma ameaça ao seu poder.

Houve ainda alguns críticos do regime cubano que, indo mais longe nessa linha interpretativa, afirmaram que Arnaldo Ochoa possuía ambições políticas e, por isso, estaria organizando um complô para substituir Fidel Castro no comando da Revolução⁴⁶¹. Esse ponto de vista parece resultar não apenas de indícios ligados ao caso, mas principalmente da projeção das expectativas e vontades políticas de críticos do regime cubano que, idealizando a figura de Arnaldo Ochoa, viram neste popular e carismático general uma alternativa reformista ao governo ditatorial de Fidel Castro. Após um julgamento cercado de polêmicas, a aplicação da pena de morte fez com que Arnaldo Ochoa fosse convertido em um símbolo para os dissidentes cubanos e entronizado como uma espécie de mártir. Em decorrência disso, entre alguns opositores, observou-se em relação à figura póstuma de Arnaldo Ochoa algo semelhante ao que os defensores incondicionais da Revolução Cubana fazem em relação a Fidel Castro, ou seja, uma espécie de mitificação em que o indivíduo é colocado acima de qualquer suspeita⁴⁶², não havendo espaço para o reconhecimento de seus defeitos, mas tão somente para a exaltação de suas virtudes, de modo que, por vezes, tanto adeptos quanto opositores da Revolução acabam incorrendo em uma perspectiva maniqueísta.

A popularidade do general Arnaldo Ochoa; o seu posicionamento favorável às reformas políticas que estavam ocorrendo na União Soviética; e o fato de o réu ter sido preso dois meses depois da visita, em abril de 1989, de Mikhail Gorbachev a Cuba não parecem ser elementos suficientes para atestar que havia um plano no âmbito das Forças Armadas para destituir Fidel Castro do poder. No entanto, tais elementos bastaram para criar uma suspeita de conspiração que gerou sentimentos distintos entre os que nela acreditaram. De um lado, o temor do líder da Revolução, que, vendo em Arnaldo Ochoa

⁴⁶¹ Essa linha interpretativa é defendida, por exemplo, pelo general Rafael del Pino, que, em 1987, desertou da Força Aérea Cubana e exilou-se nos Estados Unidos. Cf.: GOTT, Richard, op. cit., p. 319.

⁴⁶² Convém ressaltar, porém, que não ficou comprovada a participação de Arnaldo Ochoa nas operações relacionadas ao tráfico de drogas. Ele foi acusado por não ter delatado tais operações que supostamente conhecia.

uma ameaça a seu poder, decidiu eliminá-lo, antecipando-se assim a um suposto golpe de Estado. De outro lado, entre os opositores do regime cubano, a frustração relativa à não realização de seu anseio de que, em um contexto de crise em Cuba e diante de um cenário internacional marcado pela derrocada de regimes socialistas, uma revolta no âmbito das Forças Armadas tivesse posto fim ao governo de Fidel Castro e realizado reformas políticas no país.

Em relação ao “caso Ochoa”, a exemplo do que acontece com outros episódios que envolvem a defenestração de figuras ligadas à Revolução Cubana, ainda persistem zonas de sombras e muitas incertezas. Não é possível negar ou, inversamente, afirmar de modo taxativo que o general Arnaldo Ochoa tinha uma intenção golpista; e nem que as atividades ilícitas atribuídas aos réus contavam com a anuência de Fidel Castro. No entanto, os depoimentos e intervenções dos envolvidos no julgamento de Arnaldo Ochoa não deixam dúvidas quanto a dois aspectos: a farsa jurídica dos tribunais revolucionários e o tratamento político que foi dado ao caso.

Arnaldo Ochoa foi julgado por três tribunais distintos: primeiro, pelo Tribunal de Honra das FAR, que decidiu que ele devia ser julgado por traição à pátria; em seguida, pelo Tribunal Militar Especial, que o condenou à pena de morte; e, finalmente, pelo Tribunal Supremo, formado pelos integrantes do Conselho de Estado, os quais confirmaram, por unanimidade, a sentença. Nessas distintas etapas do julgamento, cujos procedimentos “eram gravados e apresentados à noite na televisão”⁴⁶³, o que prevaleceu não foi o debate jurídico sobre os crimes atribuídos a Arnaldo Ochoa e aos demais réus, que pareciam estar condenados de antemão, mas sim uma discussão de cunho político e moralizante com o intuito de salvar perante a opinião pública as imagens da Revolução Cubana e de seu líder máximo.

Uma das estratégias utilizadas durante o julgamento para não comprometer a imagem da Revolução consistiu na tentativa de demonstrar que não se estava julgando um inocente, até mesmo por não se tratar de um inocente qualquer, mas sim de um general que havia prestado inúmeros serviços às causas internacionalistas da Revolução. Com notória uniformidade discursiva, tanto o promotor de justiça, o general de brigada

⁴⁶³ GOTT, Richard, op. cit., p. 318.

Juan Escalona Reguera, quanto as duas principais testemunhas de acusação, Fidel e Raúl Castro, empenharam-se em construir a imagem de Arnaldo Ochoa como um revolucionário que havia se degenerado ética e moralmente. O propósito era demonstrar que quem estava ali no banco dos réus não era o herói, mas sim o traidor da pátria. De modo muito semelhante ao que havia sido feito 30 anos antes com Huber Matos, buscou-se desqualificar Arnaldo Ochoa, diminuindo a importância que ele teve para a Revolução e até mesmo negando as façanhas e os méritos que lhe eram anteriormente atribuídos. Neste sentido, o promotor do caso tratou de enfatizar que Arnaldo Ochoa havia se transformado, pois já não mais agia como um autêntico revolucionário. Afirmou que tinha presenciado o general Ochoa dirigir exercícios e tropas militares e que conhecia suas façanhas na Etiópia⁴⁶⁴. Dito isto, questionou em seguida: *“¿Es posible que este hombre sea el mismo hombre, que después se transforme en un perfecto irresponsable, que compromete el prestigio, la dignidad, el honor de su país con una irresponsabilidad absoluta?”*⁴⁶⁵. Ao que Arnaldo Ochoa – seguindo a linha que manteve durante o julgamento, de assumir todas as culpas que lhe eram atribuídas e empreender uma autocrítica – respondeu: *“ya no soy, objetivamente, el mismo hombre que decía el Fiscal, que combatí aquí, que dirigí allá, inclusive me he sentido apagado... tomé el camino equivocado... Cuando un ser humano pierde el crédito, ya no es nadie”*⁴⁶⁶.

Raúl Castro, então ministro das FAR e chefe imediato de Arnaldo Ochoa, não apenas negou os méritos militares desse general, como também o desqualificou, afirmando que se estava diante de um indivíduo *“presuntuoso, arrogante, charlatán, inmoral, ambicioso, demente y aventurero”*. Depois de ter atacado a reputação de Arnaldo Ochoa, recomendou que este infundisse *“en el ánimo de sus hijos, tras un análisis autocrítico, la justeza de la decisión de los tribunales si estos lo condenan a la pena capital”*⁴⁶⁷. Em seu depoimento durante a sessão do Tribunal Supremo, Raúl Castro declarou que havia chorado ao pensar nos filhos de Ochoa, nos familiares dos outros acusados e em todo o povo cubano – ou seja, no público para o qual buscava justificar as sanções que seriam aplicadas pelos tribunais revolucionários –, pois sobre aqueles para

⁴⁶⁴ Foi por sua atuação à frente das tropas cubanas na Etiópia que o general Arnaldo Ochoa foi condecorado com o título honorífico de “Herói da República de Cuba”.

⁴⁶⁵ CELORIO, Gonzalo, op. cit.

⁴⁶⁶ Id.

⁴⁶⁷ Id.

os quais ele havia direcionado o seu pensamento tinha sido lançada uma “tonelada de lama”⁴⁶⁸, expressão utilizada para aludir aos crimes atribuídos aos réus.

O comandante em chefe da Revolução também buscou minimizar os méritos militares de Arnaldo Ochoa à frente das missões internacionalistas cubanas na Etiópia e em Angola. Criticando a tendência de se “*individualizar los éxitos*”, ele argumentou que o sucesso das referidas missões devia ser creditado à direção do Partido e ao alto comando das FAR, ou seja, indiretamente a si próprio, já que ele ocupava o cargo máximo em ambas as instituições, conforme observou Gonzalo Celorio⁴⁶⁹. Essa aparente primazia conferida ao papel das instituições em detrimento dos méritos individuais seria digna de nota se, logo em seguida, não fosse contradita por Fidel Castro, que tratou de enfatizar seu protagonismo e, dessa forma, diminuir a importância de Arnaldo Ochoa na missão em Angola, notadamente na vitória alcançada pelas tropas cubano-angolanas, em fins de 1988, na decantada batalha de Cuito Cuanavale. Para tanto, ele criticou o general Arnaldo Ochoa, entre outros aspectos, por não ser muito inclinado a fazer informes sobre o que acontecia na frente de batalha e pela inadequação de suas “*propuestas estratégicas*”. Fidel Castro buscou destacar a sua própria atuação na direção das operações militares – o que incluía traçar as estratégias de guerra –, mesmo não estando no campo de batalha, mas sim em seu “*despacho en La Habana*”⁴⁷⁰.

O líder cubano permite entrever que o grau de autonomia do general Arnaldo Ochoa não lhe agradava. Porém, conforme notou Gonzalo Celorio, é curioso que, mesmo em face dos defeitos e erros estratégicos apontados por Fidel Castro, Arnaldo Ochoa tenha permanecido durante tanto tempo à frente de importantes missões internacionalistas; recebido o título de “herói da República de Cuba”; e sido designado,

⁴⁶⁸ Salvo indicação em contrário, as declarações dos envolvidos no julgamento – promotor de justiça, advogados de defesa, testemunhas, réus, etc. – baseiam-se no documentário “8-A”, de autoria de Orlando Jiménez Leal. A propósito do título desse documentário, o número “8” (*ocho*) e a letra “A”, utilizados para aludir ao nome do general Arnaldo Ochoa, apareceram escritos em algumas ruas de Havana como uma homenagem póstuma que lhe foi anonimamente prestada já no dia 13 de julho de 1989, data em que ocorreu o seu fuzilamento. Como uma forma de evitar que se realizassem romarias ao cemitério e que houvesse uma manifestação de culto à memória de Arnaldo Ochoa, o regime cubano impediu que a lápide de seu túmulo tivesse qualquer inscrição que o identificasse. Até 1992, ano da produção do documentário de Orlando Jiménez Leal, os familiares de Arnaldo Ochoa ainda viviam em Cuba e eram mantidos sob a permanente vigilância de agentes da Segurança do Estado. Cf.: LEAL, Orlando Jiménez. **8-A**. New York: P.M. Films, 1992, 83min. Disponível em: <<http://vimeo.com/13948546>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

⁴⁶⁹ CELORIO, Gonzalo, op. cit.

⁴⁷⁰ Id.

após seu retorno de Angola, para assumir o comando da Divisão Ocidental do Exército. Isso evidencia que todos os deméritos que o comandante em chefe da Revolução atribuiu “*de manera retroactiva*”⁴⁷¹ a Arnaldo Ochoa tinham por objetivo negar o prestígio do condecorado general.

Contudo, a desqualificação de Arnaldo Ochoa foi apenas parte integrante de uma estratégia mais ampla que objetivava salvar a imagem da Revolução e isentar de qualquer culpa a figura de seu líder máximo. Para isso, concorreram todos os envolvidos no julgamento, inclusive os réus que, por meio do exercício da autocrítica – um expediente comum nos regimes totalitários –, assumiam todas as culpas que lhes eram atribuídas, reprovavam suas próprias condutas contrarrevolucionárias e manifestavam-se favoráveis às sentenças que lhes tinham sido impostas pelo tribunal. Não bastasse isso, ainda partiam em defesa da Revolução.

Em suas declarações, os diversos réus da “causa nº 1 de 1989”, assim como os demais envolvidos no julgamento, parecem repetir frases e jargões que Fidel Castro costumava empregar em seus discursos na tribuna política. O significado principal expresso no conjunto das declarações é a ideia de que foi cometida uma traição. Com as suas condutas contrarrevolucionárias, os réus confessavam ter traído: a imagem dos mártires; a Revolução; e ainda a confiança e os ideais do comandante em chefe. Reconheciam que tinham feito um enorme dano à Revolução e ao povo cubano e que, por isso, mereciam ser castigados severamente para que a sua punição servisse de exemplo para outros revolucionários, chegando um dos réus a afirmar, admitindo a sua condição de traidor, que não tinha sequer o direito de respirar o ar que os revolucionários respiravam⁴⁷².

Em conformidade com o teor das declarações de outros réus do caso, Arnaldo Ochoa referiu-se ao “tribunal” de sua própria consciência para, em seguida, afirmar que desprezava a si mesmo. Parecendo seguir o roteiro prescrito por seus acusadores, que o tinham feito passar de herói a vilão, o general das missões internacionalistas na Etiópia e em Angola afirmou que nem mesmo “*en 200 años de heroísmo*” ele seria “*capaz de*

⁴⁷¹ Id.

⁴⁷² As declarações dos réus da “causa nº 1 de 1989” podem ser conferidas em: LEAL, Orlando J., op. cit.

resarcir a la Revolución” pelo dano que lhe havia causado. Dispôs-se ainda a ser utilizado como um “mau exemplo” a serviço da pedagogia revolucionária:

*(...) yo creo firmemente, conscientemente en mi culpabilidad y si aún puedo servir aunque sea de un mal ejemplo, la Revolución me tiene a su servicio, y si esta condena, que puede ser por supuesto el fusilamiento, llegara, en ese momento sí les prometo a todos que mi último pensamiento será para Fidel, por la gran Revolución, que le ha dado a este pueblo. Gracias.*⁴⁷³

Metaforicamente, poder-se-ia dizer que Arnaldo Ochoa não figurou no julgamento apenas como réu, desempenhando também o papel de “advogado de defesa” da Revolução e de Fidel Castro. Neste sentido, assumiu sozinho a responsabilidade pelos crimes que lhe foram atribuídos, afirmando que eles tinham sido um “artifício” de sua própria mente e inocentando de qualquer culpa os seus superiores hierárquicos e as instituições da Revolução, afinal “*ni el Comandante en Jefe, ni el Ministro [Raúl Castro], ni el Partido, ni el Gobierno, ni nadie en las Fuerzas Armadas, tuvo nunca nada que ver con esto*”. Ao ser questionado pelo promotor de justiça se tinha conhecimento a respeito das “calunias” que estavam sendo publicadas nos periódicos estrangeiros contra a Revolução Cubana, Arnaldo Ochoa dedicou-se a defendê-la, rebatendo as referidas “calunias” e dotando a sua resposta de expressões que, pelos significados que encerra e pelos termos insultuosos que utiliza, fazem lembrar os discursos de Fidel Castro:

En realidad, ¿qué se dice ahí? Que hay una escisión política, que lo que hay es un levantamiento militar en Cuba, que es sedición, que en el MINFAR y el MININT hay sublevaciones, que hay división interna del Partido...

*(...) Se dice aquí que hay una lucha entre los viejos y los jóvenes, y que bueno, Castro está haciendo una purga. Es decir, se dicen tantas cosas que uno se da cuenta hasta dónde es capaz de llegar el cinismo de estos señores... dicen... que aquí en Cuba toda la vida se ha traficado con droga y que éste es un problema político... Hasta dónde son capaces de hacer invenciones por hacerle daño a la Revolución. Y yo diría que ésa es una medida de la grandeza de esta Revolución y de lo que vale esta Revolución... yo diría que nuestra Revolución, día a día, ha sido más sólida y se ha ido consolidando y es más fuerte. Y prueba de eso es lo que está sucediendo en este juicio, ésa es la realidad. Y decirles que no sean cínicos, que son realmente unos calumniadores.*⁴⁷⁴

⁴⁷³ CELORIO, Gonzalo, op. cit.

⁴⁷⁴ Id.

Dessa estratégia de salvar a imagem da Revolução, conforme anteriormente mencionado, participaram todos os envolvidos no julgamento. Ainda que em condições e com motivações distintas, todos concorreram para construir a ideia de que os réus traíram os princípios da Revolução e, extensivamente, a confiança de Fidel Castro. Os militares que atuaram como advogados de defesa na “causa n. 1º de 1989” mostraram-se – assim como se observou com o advogado que atuou no “caso Marquitos” – mais revolucionários do que juristas, justificando-se quanto ao fato de terem sido designados, por dever de ofício, para defender os acusados. Em uma das declarações mais significativas, houve uma preocupação em deixar claro que se estava ali representando os réus, mas não defendendo o delito de traição. Neste sentido, um dos advogados afirmou que ele próprio era o primeiro a reprovar e condenar as condutas dos acusados. Obviamente, todos os advogados declararam que consideravam culpados os seus representados, afirmando, entre outros aspectos, que eles tinham deteriorado a sua condição de revolucionários, violado as regras da legalidade socialista e traído os mais “sagrados” princípios da Revolução⁴⁷⁵.

As distintas declarações feitas no decorrer do julgamento deviam contribuir para inocentar Fidel Castro, afastar qualquer suspeita de que ele poderia ser cúmplice das atividades ilícitas e apresentá-lo como uma vítima da traição cometida pelos réus. Neste sentido, o promotor do caso, general Juan Escalona, não apenas tratou de reafirmar que Fidel Castro tinha sido traído por seus comandados, como ainda enalteceu a figura do líder cubano, ao afirmar que:

*A quien primero traiciona Ochoa es, precisamente, a Fidel, de quien no basta decir, en sólida argumentación técnica, que es su Comandante en Jefe. Ochoa sabe, como nadie, que está traicionando un símbolo, una historia de limpieza jamás empañada por una mentira... Al atentar contra la credibilidad de Fidel, Ochoa, y con él todos los demás encartados, clavaron a la patria y al pueblo un puñal en medio de la espalda... Fidel es nuestra voz, es nuestra representación, a quien acudimos en los momentos difíciles (...).*⁴⁷⁶

Durante a sessão do Tribunal Supremo, que tinha por objetivo ratificar a sentença de morte ou comutá-la por uma pena de prisão, os integrantes do Conselho de Estado

⁴⁷⁵ LEAL, Orlando J., op. cit.

⁴⁷⁶ CELORIO, Gonzalo, op. cit.

reforçaram a ideia de traição à pátria e a Fidel Castro. Buscou-se demonstrar que a conduta dos réus havia provocado indignação e sofrimento, especialmente em seus superiores hierárquicos, cuja confiança e princípios tinham sido traídos. Para expressar o seu sentimento de revolta, Raúl Castro tinha declarado, conforme anteriormente mencionado, que chorou ao pensar em todos os que tinham sido prejudicados pela conduta dos réus e, ato contínuo, acrescentou que tinha ficado indignado consigo mesmo – esclarecimento compreensível, afinal chorar não é uma atitude esperada e tampouco valorizada como expressão do valor de um revolucionário – e que logo em seguida se recompôs. O mal causado a Fidel Castro, por sua vez, foi expresso de modo distinto, mas também com certa dramaticidade por um dos membros do Conselho de Estado, o general Abelardo Colomé Ibarra, que, de modo patético, declarou acreditar que a conduta dos réus deixaria uma marca indelével, permanente, na saúde do comandante em chefe, expressando-se nos seguintes termos: *“Cuán hondo han herido a Fidel, cuánto daño le han hecho, cuanto le han hecho sufrir. Incluso, yo creo, esto deja una marca imborrable en su salud, porque éstos no eran enemigos, eran nuestra propia gente y hombres de la historia de Arnaldo Ochoa”*⁴⁷⁷.

Devidamente apresentado na condição de vítima, Fidel Castro parecia alternar consternação e revolta por meio de suas expressões faciais e gestos. Para expressar sua indignação com a conduta dos réus, o comandante em chefe da Revolução elevou o tom de voz, gesticulou com arrebatamento e empregou expressões insultuosas para referir-se aos réus, aos quais chamou de *“hijos de puta”*, criticando-os por terem manifestado *“el intento de mesclar a Raúl en esta porquería”*. Em suas declarações durante a sessão do Tribunal Supremo, o líder cubano – assim como havia feito por ocasião do “caso Marquitos” – buscou legitimar o julgamento, destacando que o processo judicial havia se caracterizado *“por su excepcional limpieza”*⁴⁷⁸, e justificar a necessidade da aplicação da

⁴⁷⁷ CAÑO, Antonio. Fidel Castro enfermó y Raúl lloró por la 'conexión cubana'. **El País**, 12 jul. 1989. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1989/07/12/internacional/616197604_850215.html>. Acesso em: 23 jul. 2013.

⁴⁷⁸ LEAL, Orlando J., op. cit.

pena de morte, declarando que, excepcionalmente, a Revolução não podia ser generosa⁴⁷⁹, conforme se verifica no trecho a seguir:

Tivemos que deixar tudo de lado para nos dedicarmos aos da *'dolce vita'*. Quem poderá voltar a crer na Revolução se realmente não se aplicarem, para faltas tão graves, as penas mais severas que as leis do país estabelecem? Como poderemos garantir a disciplina em nossas Forças Armadas e no Ministério do Interior, se um chefe de um Exército de dezenas de milhares de homens em combate se dá ao luxo de reservar tempo para tais atividades, como alguém que se sente acima da lei, da moral, do país? Quem voltaria a falar de retificação?

(...) Há muitos que pensam que sou eu quem decide se algo deve ser feito ou não e digo com toda franqueza: se apenas eu tivesse que decidir, e não o Conselho de Estado em nome dos representantes do povo, adotaria exatamente a mesma decisão. Hoje, a Revolução não pode ser generosa, sem fazer um profundo dano a si mesma!⁴⁸⁰

Depois de expressar seus pontos de vista sobre o caso e de propor aos membros do Conselho de Estado que fosse cumprida a formalidade da votação, coube a Fidel Castro a palavra final no julgamento realizado no Tribunal Supremo, anunciando que *“por unanimidad del Consejo de Estado”*⁴⁸¹ ratificava-se a sentença do Tribunal Militar Especial e que a sessão estava concluída.

Os problemas na cúpula do poder revolucionário não se encerraram, contudo, com a decisão final do Tribunal Supremo e a aplicação das sentenças aos réus da “causa nº 1 de 1989”. O caráter político do julgamento do “caso Ochoa” foi reforçado pelos desdobramentos que fizeram surgir, já no mês de agosto, a “causa nº 2 de 1989, também conhecida como “caso Abrantes”, em alusão ao principal alvo do expurgo, o general José Abrantes Fernández, que havia ocupado o cargo de ministro do Interior até o fim de junho, quando foi afastado e substituído pelo general Abelardo Colomé Ibarra, o autor da patética declaração sobre o dano indelével que o “caso Ochoa” havia causado na saúde do comandante em chefe. Ao todo, sete altos oficiais do Ministério do Interior (MININT), incluindo o então ex-ministro José Abrantes, foram submetidos ao Tribunal Militar sob as acusações de “abuso de cargo, negligência e uso indevido de recursos financeiros e

⁴⁷⁹ Do ponto de vista do governo cubano, o fato de a Revolução não poder ser “generosa” não significava considerá-la implacável ou desumana, afinal, conforme expressou um dos integrantes do Conselho de Estado, o fuzilamento dos condenados era *“indispensable”, “justo”, “humano” e “correcto”*. Id.

⁴⁸⁰ FURIATI, Cláudia, op. cit. p. 329.

⁴⁸¹ LEAL, Orlando J., op. cit.

materiais”⁴⁸², recebendo sentenças de até 20 anos de prisão⁴⁸³. De acordo com Claudia Furiati, “oficiais do Ministério das Forças Armadas (MINFAR) assumiram as chefias de distintos departamentos do MININT”⁴⁸⁴. Dito de outro modo, esses importantes cargos foram entregues a homens de confiança de Raúl e Fidel Castro. Neste sentido, uma das acusações feitas contra José Abrantes dizia respeito ao “desleixo no traslado de informação à alta direção do país”⁴⁸⁵. Entretanto, ao que parece, José Abrantes e os oficiais do MININT que com ele foram destituídos tornaram-se pouco confiáveis e converteram-se em uma ameaça ao poder revolucionário por uma razão que não podia ser abertamente alegada no processo judicial: por terem se manifestado favoráveis, por exemplo, à “descriminalização do dólar” e à “liberação para o exercício de empresas privadas em Cuba”⁴⁸⁶, medidas reformistas que naquele momento, e ao contrário do que ocorria em outros países do bloco socialista, o governo cubano não estava disposto a implantar.

Convém lembrar que em 1989, ano em que ocorreu o julgamento dos casos “Ochoa” e “Abrantes”, a Revolução Cubana tinha comemorado os seus 30 anos em um cenário no qual os países socialistas enfrentavam uma crise econômica e política que se intensificou, notadamente no segundo semestre daquele ano, até resultar no colapso do socialismo real no Leste Europeu, processo que teve na queda do muro de Berlim – ocorrida em 09 de novembro de 1989 – o seu principal marco simbólico. Enquanto em outros países do bloco socialista reformas econômicas e políticas de caráter liberalizante estavam ocorrendo e líderes políticos sendo substituídos; em Cuba, o líder da Revolução já havia defenestrado – em um ato com efeitos pedagógicos nas Forças Armadas e na cúpula governista – aqueles que, por serem favoráveis à reestruturação do socialismo no país caribenho mediante a adoção de medidas liberais, foram vistos como possíveis ameaças a seu poder.

⁴⁸² FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 332.

⁴⁸³ Essa foi a sentença imposta a José Abrantes, que morreu na prisão em janeiro de 1991, vítima de um infarto, segundo as informações do governo cubano. Cf.: EL PAÍS, **José Abrantes Fernández**, ex-ministro del Interior cubano, 23 enero 1991. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1991/01/23/agenda/664585202_850215.html>. Acesso em: 23 jul. 2013.

⁴⁸⁴ FURIATI, Cláudia, op. cit., p. 332.

⁴⁸⁵ Id.

⁴⁸⁶ Ibid., p. 333. Da obra de Cláudia Furiati são retiradas as informações citadas, mas as interpretações feitas a partir delas não coincidem necessariamente com o ponto de vista da autora.

A “causa nº 2 de 1989” demonstrava ser um desdobramento da “causa nº 1” e, além disso, o cumprimento fiel de uma declaração feita por Raúl Castro durante o “caso Ochoa”, quando afirmou que seria feita “*una continua y sistemática profilaxis nacional en todas las instancias de la sociedad, empezando por los órganos de dirección a todos los niveles*”⁴⁸⁷. Nos diferentes órgãos do governo cubano, essas medidas profiláticas objetivavam purgar do poder revolucionário todo aquele que – por apresentar “enfermas” ideias reformistas, por não demonstrar obediência irrestrita ou ainda por expressar divergências – tornava-se alvo da desconfiança de Fidel e Raúl Castro e passava a ser visto por estes como uma ameaça a seu poder, devendo, por isso, ser afastado para evitar danos à Revolução.

Se, por um lado, as duas causas julgadas pelos tribunais revolucionários em 1989 demonstravam ser o cumprimento da declaração feita por Raúl Castro acerca da necessidade de uma “contínua e sistemática profilaxia nacional”; por outro lado, elas foram apenas mais alguns exemplos – em uma lista de casos, tanto anteriores quanto posteriores, envolvendo a defenestração de importantes figuras do poder revolucionário⁴⁸⁸ – que colocaram em evidência o descumprimento da declaração de Fidel Castro, de que em Cuba não imperaria a “lei de Saturno”, ou seja, de que a Revolução não devoraria seus próprios filhos.

Essa declaração de Fidel Castro acerca da “lei de Saturno” havia sido feita em seu depoimento diante do tribunal revolucionário que julgou o “caso Marquitos” e, desde

⁴⁸⁷ CAÑO, Antonio, op. cit.

⁴⁸⁸ No decorrer das duas últimas décadas, houve alguns membros da nova geração de revolucionários cubanos que ocuparam importantes cargos na cúpula do governo e chegaram a ser apontados como possíveis sucessores dos irmãos Castro, mas acabaram sendo defenestrados com base em distintos argumentos: “deslumbramento com o poder”, “diversionismo ideológico”, “corrupção”. Às margens da versão oficial, argumenta-se que se trata de indivíduos que manifestaram em elevado e indesejado grau características como: afã de protagonismo, autonomia, tendências reformistas, etc. Por essas razões, passaram a integrar a lista dos defenestrados do regime, em sua maioria submetidos ao “*plan pijama: es decir, condenados al ostracismo, humillados y despojados de los privilegios de la nomenclatura*”. Essa política de defenestração ocorreu, por exemplo: em 1992, com Carlos Aldana, que era responsável pelo departamento ideológico e pelas relações internacionais do Partido Comunista Cubano; em 1999 e 2001, com Roberto Robaina, que havia sido dirigente da Juventude Comunista e ocupado o cargo de ministro das relações exteriores, do qual foi destituído (1999) e, em seguida, expulso do partido (2001); e em 2009 (ano em que a Revolução comemorava o seu cinquentenário), com Carlos Lage, vice-presidente do Conselho de Ministros, e com Felipe Pérez Roque, ministro de Relações Exteriores. Cf.: RICO, Maite. Las purgas de Fidel: el líder cubano depuró a quien pretendía hacerle sombra. **El País**, 08 marzo 2009. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2009/03/08/internacional/1236466803_850215.html>. Acesso em: 8 jul. 2013.

então, foi reiterada em diferentes lugares e momentos⁴⁸⁹. Em uma dessas ocasiões, da tribuna instalada na Universidade de Havana para a tradicional cerimônia comemorativa do 13 de março, no ano de 1966, Fidel Castro afirmou, em uma evidente contradição entre as práticas e os discursos do regime cubano, que sob a Revolução “*no se ha cumplido aquella ley de Saturno, es decir, ‘que devoraba a sus propios hijos’... Esta Revolución lucha, incluso, por no devorar a ninguno de los que hayan sido hijos suyos; ni a sus hijos, ni a sus primos ni a sus parientes más lejanos devora esta Revolución*”. De acordo com o líder cubano, isso tanto era verdade que a Revolução, “*paciente*” e “*tolerante*”, tratava “*de ayudar a los compañeros y no de destruirlos*”⁴⁹⁰.



Figura 3: *Saturno devorando a un hijo* (1820-1823).

Autor: Francisco J. de Goya y Lucientes.

Acervo: Museu Nacional do Prado (Madri, Espanha).⁴⁹¹

⁴⁸⁹ Há referências ao deus Saturno em discursos proferidos por Fidel Castro nas seguintes datas: 13/03/1966; 29/11/1971; 22/12/1975; 24/08/1998. Esses discursos podem ser consultados em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>>.

⁴⁹⁰ CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del IX Aniversario del Asalto al Palacio Presidencial, celebrada en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1966.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f130366e.html>>. Acesso em: 15 maio 2009.

⁴⁹¹ Disponível em: <<http://www.museodelprado.es/coleccion/galeria-on-line/galeria-on-line/obra/saturno-devorando-a-un-hijo/>>. Acesso em: 14 out. 2010.

A prática do deus Saturno de devorar seus filhos⁴⁹² – imortalizada na célebre obra do pintor espanhol Francisco de Goya (figura 3) – tem sido utilizada, desde a fase do “Terror” da Revolução Francesa, como uma alegoria das disputas pelo poder que ocorrem nas revoluções. Mais precisamente, do expediente utilizado pelos líderes das revoluções – e, de forma geral, dos regimes políticos – de eliminar todos aqueles que possam ser vistos como uma ameaça a seu poder. Neste sentido, a alegoria de Saturno parece bem apropriada para se pensar a política de expurgos praticada sob a Revolução Cubana. Afinal uma lógica saturnina tem presidido a relação do regime cubano com todos aqueles que – por ousarem expressar ou, tão somente, permitirem perceber a existência de críticas e divergências a respeito de medidas adotadas pelo comandante em chefe – têm sido vistos como uma ameaça a seu poder. As prisões e execuções por meio das quais foram eliminados possíveis adversários políticos são uma evidência de que o líder cubano valeu-se dos tribunais revolucionários para fazer com que, de fato, imperasse no país a “lei de Saturno”. Para que não tivesse sido contrariada na prática, a declaração de que a Revolução Cubana não devoraria “seus filhos” e nem mesmo seus “parentes mais distantes” deveria ter sido acompanhada de um corolário: a Revolução negaria a “paternidade” e mesmo qualquer “grau de parentesco” a todos aqueles que fossem, a qualquer momento e por qualquer razão, apontados como contrarrevolucionários e traidores da pátria.

⁴⁹² Na mitologia romana, Saturno (que corresponde a Cronos, deus do tempo, na mitologia grega), é o deus da agricultura, da justiça e da força. Saturno era filho de Urano, o deus dos céus, e de Gaia, a deusa da terra. Segundo a lenda, a pedido de sua mãe, Saturno castrou o pai com uma foice, mutilando-o e assumindo o seu reino. Entretanto, o reinado de Saturno era ameaçado por uma profecia segundo a qual um dia um de seus filhos também iria destituí-lo do poder, assumindo o seu lugar. Por esse motivo, Saturno devorava os seus filhos assim que eles nasciam.

Conclusão

Neste trabalho, buscou-se compreender as estratégias de legitimação da Revolução Cubana, no período compreendido entre 1959 e 2009, a partir de uma análise dos discursos proferidos pelos líderes do governo revolucionário desde as mais diversas tribunas políticas, mas principalmente daquelas instaladas para as cerimônias comemorativas de suas efemérides revolucionárias.

O 26 de julho tornou-se a principal efeméride do vasto calendário cívico da Revolução. A data que marcou o início da luta armada contra o governo de Fulgencio Batista foi declarada como o “dia da rebeldia nacional” e converteu-se no dia destinado à celebração da festa revolucionária cubana, tendo sido estabelecida em torno dessa efeméride uma expressiva tradição comemorativa. Repetidas anualmente, as cerimônias comemorativas do 26 de julho tornaram-se momentos privilegiados para a construção e gestão da memória da experiência revolucionária. As interpretações e ideias expressas nessas comemorações pelos líderes do governo cubano ditavam a versão oficial, autorizada, em torno da história da Revolução e, extensivamente, da nação cubana, uma vez que estabeleciam as matrizes discursivas a serem reproduzidas em cartazes e outros instrumentos da propaganda revolucionária.

As comemorações tinham como finalidade construir significados que fossem capazes de legitimar a ordem revolucionária e assegurar a manutenção do grupo no poder. Para tanto, os discursos comemorativos não se restringiam a um ato mnemônico. Mais do que isso, eles articulavam as três dimensões constitutivas do tempo histórico, pois nos diversos tempos presentes empreendiam um duplo movimento: de evocação e usos políticos do passado; bem como de antecipação e predição do futuro, oferecendo-o como utopia. Desse modo, as comemorações das efemérides possibilitavam a construção de significados não apenas em torno do passado, mas também do presente e do futuro.

Nessa operação com o tempo histórico, o regime cubano buscou construir a ideia de que a Revolução havia representado uma ruptura instauradora de uma nova época na história da nação cubana e, para simbolizar essa ruptura, estabeleceu marcos temporais associados ao processo revolucionário. Neste sentido, apesar de a Revolução ter

triunfado no dia 1º de janeiro de 1959, data que demarca simbolicamente a fronteira entre o passado pré-revolucionário e o presente revolucionário, houve um maior investimento comemorativo em torno do 26 de julho de 1953, efeméride que foi escolhida como o grande evento fundador da Revolução Cubana. Com base na ideia de que o triunfo revolucionário e todas as conquistas seguintes foram decorrentes das ações que marcaram o início da luta insurrecional, o governo cubano tentou atribuir um significado positivo à derrota sofrida na tentativa de assalto aos quartéis militares, argumentando que as dificuldades e os reveses, a depender da atitude que se adotasse diante deles, poderiam ser convertidos em vitória. Dessa forma, utilizou os acontecimentos do 26 de julho para forjar o espírito de luta, a perseverança e a disposição ao sacrifício não apenas como características, mas principalmente como requisitos necessários ao povo cubano sob a Revolução.

A evocação da fase insurrecional foi importante para assinalar o começo do processo de ruptura em relação ao estado de coisas a que se contrapunha o movimento rebelde e, com isso, atribuir significados e construir a identidade da Revolução em oposição à indispensável alteridade do passado. Como parte dessa estratégia para legitimar a Revolução e o grupo no poder, o discurso do governo revolucionário redimensionou os problemas do período anterior a 1959, retratando-o como um passado de ruínas materiais e morais. As representações desse passado foram contrastadas com as de um presente edificante – período que se caracterizava pelos êxitos obtidos pela Revolução e pela instauração de uma ordem em que tudo passava a ser referido junto com o epíteto “novo”: o homem, a sociedade, os valores morais, etc. – e de um futuro cada vez mais promissor para o povo cubano.

Como parte dessa estratégia de construir significados em torno da nova ordem instaurada pela Revolução a partir de um contraste com o passado, os líderes revolucionários recorreram também ao expediente de criticar traços da cultura política e as administrações dos sucessivos governos da história republicana de Cuba, anterior ao triunfo revolucionário, por terem se sujeitado aos interesses imperialistas dos Estados Unidos e permitido que fosse estabelecida no país uma “República neocolonial” (1902-1958), que comprometeu a soberania cubana e frustrou a plena independência do país. Com base nesse argumento, construiu-se a ideia de que as lutas iniciadas no século XIX

para tornar Cuba um país independente conheceram um hiato neocolonial durante a “falsa república”, tendo sido concretizadas apenas sob a Revolução Cubana. Neste sentido, os revolucionários apresentaram-se como os membros da geração que continuou e logrou concretizar a obra dos heróis independentistas.

Importantes para a construção de significados em torno da experiência revolucionária, as referências ao passado – fosse ele objeto de enaltecimento ou de execração – no discurso oficial cubano estiveram relacionadas fundamentalmente ao período pré-revolucionário. Isto porque discursar acerca da Revolução Cubana significou abordá-la como um fenômeno inscrito em um eterno tempo presente, uma “Revolução inconclusa”, cujo caráter processual estava relacionado à necessidade de construção do socialismo e ao cumprimento de uma teleologia histórica que levaria ao comunismo. Essa ideia de um “processo revolucionário” ou de uma “Revolução inconclusa” ganhou força no discurso oficial a partir de 1961, ano em que Revolução Cubana conheceu sua primeira e mais significativa metamorfose ideológica, declarando o seu caráter socialista e, em seguida, adotando o marxismo-leninismo como ideologia oficial.

No que se refere às metamorfoses ideológicas, o governo cubano declarou inicialmente que a Revolução possuía um caráter nacionalista ou “verde-oliva” e, dois anos depois, que se tratava de uma Revolução socialista ou “vermelha”, tendo sido possível identificar, quanto ao aspecto ideológico, quatro fases principais no decorrer de cinquenta anos (1959-2009) de experiência revolucionária. No entanto, convém ressaltar que, especialmente em relação às três últimas fases, a periodização proposta teve um caráter apenas aproximativo, não devendo ser entendida como marcos temporais rígidos.

Na primeira dessas quatro fases, entre 1959 e 1961, foi afirmado o caráter nacionalista e democrático de uma Revolução que era própria, autóctone, em todas as suas características constitutivas – ideologia, método de luta e movimento revolucionário – e que negava a sua filiação tanto ao capitalismo quanto ao comunismo ou, dito de outro modo, qualquer subordinação às duas superpotências mundiais da época.

Na segunda fase, que teve início em 1961 e estendeu-se até aproximadamente 1969, a Revolução Cubana transformou-se em uma revolução “vermelha”, começando a ser uma “revolução de verdade” – ou seja, socialista e marxista-leninista – em

decorrência do gradual processo de formação de uma “consciência revolucionária”. O aprendizado do marxismo-leninismo, contudo, não tinha ocorrido de modo meramente teórico, mas principalmente como o resultado da própria experiência revolucionária, o que fez com que Cuba se propusesse não apenas a copiar, mas a interpretar e produzir ideias revolucionárias, conferindo à Revolução uma fase “vermelha”, que teve “tonalidade” própria.

A terceira fase, que teve início em 1970 e estendeu-se até aproximadamente 1989, caracterizou-se por mudanças relativas à abordagem do socialismo e do marxismo-leninismo no discurso oficial cubano. Neste sentido, houve uma tentativa de estabelecer uma nova memória em torno da Revolução socialista e da filiação ideológica de seus líderes, o que expôs patentes contradições em relação a discursos anteriores. As declarações acerca da gradual formação de uma consciência revolucionária deram lugar à tese de que antes mesmo da luta insurrecional os principais líderes revolucionários eram “socialistas convictos” e que desde a primeira ação rebelde o objetivo era que a Revolução tivesse um caráter socialista. Nessa fase, porém, diferentemente do que havia ocorrido no decorrer dos anos 1960, não houve espaço para a produção de ideias revolucionárias e nem mesmo para interpretações singulares do marxismo-leninismo. A Revolução continuava sendo “vermelha”, mas sem apresentar uma tonalidade própria.

A quarta e última fase, que se estendeu de 1990 até 2009 – embora algumas de suas características constitutivas já pudessem ser notadas desde o “processo de retificação” nos últimos anos da década de 1980 –, apresentou como característica principal o fato de o governo cubano, como parte da estratégia para assegurar a manutenção do socialismo no país, ter voltado a atribuir maior ênfase ao nacionalismo revolucionário, o que fez com que – tal como expresso nos termos da metáfora cromática utilizada ao longo deste trabalho – a revolução “vermelha” fosse intensamente mesclada de “verde oliva”.

Essas sucessivas metamorfoses ideológicas da Revolução Cubana foram favorecidas pelo fato de o governo revolucionário, desde 1961, ter passado a utilizar de forma combinada, variando a ênfase consoante as necessidades do momento histórico, as correntes de pensamento nacionalista e socialista, as quais tinham como útil ponto de interseção o anti-imperialismo, que, por sua vez, ainda instrumentalizava os discursos

latino-americanista e terceiro-mundista do regime cubano. As variações na ênfase dada a cada corrente de pensamento estiveram estreitamente ligadas aos dissensos e lutas político-ideológicas que marcaram as relações do regime cubano com os seus antagonistas tanto na política interna quanto na política internacional.

O tratamento discursivo dado ao antagonismo com os Estados Unidos ocupou um lugar de destaque nas estratégias de legitimação da Revolução. A construção da inimizade entre Cuba e Estados Unidos ocorreu em 1960 e esteve relacionada à intensificação do antagonismo originado a partir das medidas econômicas adotadas por ambos os países. As representações construídas acerca do principal inimigo da Revolução apoiaram-se principalmente na defesa do nacionalismo cubano contra o imperialismo estadunidense. Neste sentido, o governo cubano empreendeu uma genealogia da dominação imperialista a que o país caribenho foi submetido, remontando à etapa final das guerras de independência e ao período da “República neocolonial” para construir a imagem dos Estados Unidos como os “opressores históricos” da nação. Nessa abordagem da longa trajetória de antagonismos, priorizou-se, no entanto, a política de agressões praticada pelos Estados Unidos com o objetivo de destruir a Revolução. A confrontação entre os dois países foi representada com base em alguns pares antinômicos: império/nação; agressor/vítima; ataque/defesa; culpado/inocente; belicismo/pacifismo. Tratada como uma “guerra” desigual, essa confrontação com o poderoso inimigo foi utilizada para reforçar os méritos da Revolução Cubana. Um exemplo disso foi o significado que se buscou construir em torno da fracassada invasão dissidente à Baía dos Porcos, referida no discurso oficial como “vitória de *Playa Girón*”, que, mesmo não tendo sido um confronto direto, foi apontada como uma vitória cubana sobre o imperialismo estadunidense, uma demonstração de que era possível derrotar o poderoso inimigo. O episódio de *Playa Girón*, reiteradamente referido como “invasão mercenária”, ainda foi explorado como parte de uma estratégia que – no decorrer de toda a experiência revolucionária – buscou vincular aos interesses dos Estados Unidos as manifestações de divergência por parte da oposição interna, negando-lhe a existência de uma lógica ou motivação própria e, dessa forma, buscando destituir de qualquer legitimidade as suas críticas. Desde então, tornou-se lugar comum rotular os opositores cubanos como “mercenários a serviço do império”.

Depois da fracassada invasão à Baía dos Porcos intensificaram-se os rumores de que Cuba poderia ser alvo de um ataque direto por parte das forças armadas dos Estados Unidos. O argumento de que o país caribenho estava sob a permanente ameaça de um ataque inimigo foi bastante útil para as estratégias de legitimação do regime cubano, uma vez que lhe permitiu, entre outros aspectos: justificar, em nome da defesa da Revolução, o processo de militarização do país e a política repressiva do regime em relação aos opositores; e reivindicar ao povo cubano unidade, espírito de luta, disposição ao sacrifício e consciência revolucionária como requisitos necessários para enfrentar a ameaça externa.

As tensões envolvendo as relações conflituosas entre Cuba e Estados Unidos não foram ininterruptas e nem tão intensas como o discurso oficial da Revolução, em decorrência de sua intenção legitimadora e homogeneizante, buscou fazer crer. Desde o fim da “crise dos mísseis”, em 1962, a ameaça de um ataque direto do inimigo tornou-se mais retórica do que real e a partir da segunda metade da década de 1960 – em razão principalmente do envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã – as tensões militares entre Cuba e Estados Unidos tornaram-se inexpressivas. Desde então, as relações entre os dois países permaneceram relativamente estáveis até o começo dos anos 1980. Houve uma retomada dos antagonismos com a adoção de políticas externas mais hostis e a intensificação de uma retórica conflitiva nos seguintes períodos: na década de 1980, especialmente durante o primeiro mandato de Ronald Reagan (1981-1985); durante o governo de George H. W. Bush (1989-1993), que abrangeu desde a derrocada do socialismo real e o imediato pós-Guerra Fria até a época em que Cuba começava a entrar na fase mais crítica do “período especial”; no final do primeiro mandato de Bill Clinton (1993-1997), notadamente a partir de 1996, quando o Congresso dos Estados Unidos aprovou o recrudescimento do bloqueio econômico; e durante o governo de George W. Bush – sobretudo por ocasião do primeiro mandato (2001-2005) – quando, sob a vigência da “doutrina Bush”, Cuba foi incluída na lista de países a serem combatidos por integrarem o “eixo do mal”.

As ações praticadas pelos Estados Unidos nos planos econômico e militar com a finalidade de conter o avanço da Revolução Cubana tiveram um caráter ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que impuseram dificuldades ao regime cubano, forneceram-

lhe matérias-primas para as suas estratégias de legitimação. A gestão da ameaça de um ataque do inimigo externo – independentemente do quão real ela pareceu ser em cada momento do processo revolucionário – foi útil ao regime cubano para justificar o tratamento de guerra dado às questões da política, o que incluía, por exemplo, a repressão aos opositores internos. Além disso, os gastos na área de Segurança Nacional – sob a justificativa de que era necessário defender o país da política belicista do império – e os problemas causados pelo bloqueio econômico foram utilizados para atribuir a culpa pela debilidade da economia cubana à política de agressões praticada pelos Estados Unidos. No discurso oficial cubano, a intensificação dos usos da imagem do inimigo da nação ocorreu nos momentos em que o governo revolucionário mais precisou recorrer às referidas justificativas.

A gestão da inimizade com os Estados Unidos no discurso oficial cubano não se restringiu, porém, à construção de significados em torno do assimétrico confronto bilateral entre o império e a nação, uma vez que o antagonismo entre os dois países foi extensivo à atuação de ambos na política internacional. A multilateralidade do confronto era determinada pelo fato de a luta contra o imperialismo estadunidense não ser vista apenas como um problema de Cuba, mas também dos demais países da América Latina e de todo o Terceiro Mundo. Desse modo, o anti-imperialismo que instrumentalizava o nacionalismo e o socialismo cubanos foi utilizado também nos discursos latino-americanista e terceiro-mundista. Com o propósito de fortalecer a luta contra o “principal inimigo do mundo”, o governo cubano orientou sua política externa no sentido de prestar auxílio a movimentos independentistas e de impulsionar a revolução socialista no Terceiro Mundo. Também em sua dimensão multilateral, o antagonismo que opunha os Estados Unidos à “humanidade progressista” foi representado a partir de alguns pares antinômicos: forças reacionárias/forças progressistas; contrarrevolução/revolução; pan-americanismo/latino-americanismo; capitalismo/socialismo.

As relações entre Cuba e União Soviética desempenharam um papel importante nas mudanças por que passaram as estratégias de legitimação da Revolução. Estabelecida no segundo semestre de 1960 – no mesmo período em que se deu a construção da inimizade entre Cuba e Estados Unidos –, a amizade cubano-soviética foi fundada sobre bases pragmáticas e teve sua trajetória marcada por uma tensão: a necessidade cubana

de conciliar sua dependência econômico-militar com independência político-ideológica. As variações quanto a este último aspecto demarcaram os pontos de inflexão nas relações entre os dois países.

No período compreendido entre 1960 e 1970, apesar da dependência econômico-militar, Cuba conseguiu manter uma considerável independência político-ideológica em relação à União Soviética. As declarações do governo revolucionário cubano acerca do caráter socialista e, em seguida, do marxismo-leninismo como a ideologia oficial da Revolução, em vez de evidenciar uma aproximação, expuseram as diferenças e o distanciamento ideológico entre os dois países. As divergências ideológicas estiveram relacionadas ao método para o estabelecimento do socialismo: de um lado, o governo cubano defendia o emprego da luta armada, dando primazia ao papel de vanguarda militar das guerrilhas; de outro lado, o governo soviético defendia a via pacífica, eleitoral, enfatizando o papel de vanguarda política a ser desempenhado pelo partido. As diferenças ideológicas quanto à linha a ser seguida para a construção do socialismo refletiram-se no fato de o governo cubano ter mantido uma política externa independente e, por vezes, conflitante em relação aos interesses da União Soviética, uma vez que enfatizava a necessidade da luta armada para promover a revolução anti-imperialista e socialista na América Latina e, em uma escala mais ampla, no Terceiro Mundo. Tratou-se de um período em que o governo cubano priorizou os discursos latino-americanista e terceiro-mundista em detrimento de sua condição de país socialista.

A partir de 1970 e até aproximadamente 1985, as relações cubano-soviéticas caracterizaram-se por um processo de sovietação da experiência revolucionária cubana, que teve implicações na perda de autonomia político-ideológica de Cuba em relação à União Soviética. Para o crescente alinhamento de Cuba às diretrizes soviéticas, o fracasso da meta do governo cubano de produzir, no ano de 1970, uma safra de dez milhões de toneladas de açúcar desempenhou um papel preponderante. Desde então, instaurou-se uma etapa marcada pela acomodação das divergências político-ideológicas entre os dois países, que se refletiu em mudanças no tratamento dado à União Soviética e à relação de amizade entre os dois países no discurso oficial da Revolução. Estabeleceu-se um novo padrão discursivo que, entre outros aspectos, diferenciou-se do que havia sido predominante nos anos 1960 pelo fato de o discurso socialista ter sobrepujado os

discursos latino-americanista e terceiro-mundista. Todavia, a principal mudança discursiva estabelecida no decorrer desse período foi a ausência de críticas à União Soviética.

O período compreendido entre 1986 e 1991 caracterizou-se pelo reaparecimento das divergências e, gradativamente, das críticas do governo cubano à União Soviética em razão das medidas reformistas adotadas pelo governo soviético. No decorrer do período em questão, Fidel Castro, tal como havia feito no decorrer dos anos 1960, voltou a reivindicar que o marxismo-leninismo fosse interpretado e aplicado de acordo com as condições concretas de cada país e a enfatizar a independência político-ideológica de Cuba em relação ao país amigo. Além disso, o líder cubano passou a atribuir alguns fenômenos negativos ocorridos com a experiência revolucionária cubana ao fato de ter copiado modelos da União Soviética. Em linhas gerais, o teor dessas críticas foi mantido no período que se seguiu à desintegração final da União Soviética, país cujas medidas liberalizantes adotadas para reformar o socialismo passaram a ser apontadas pelo governo cubano como erros fatais que a Revolução não poderia cometer.

Os significados construídos acerca da dissidência cubana e a política de expurgos praticada pelo regime cubano também foram parte integrante das estratégias destinadas a legitimar a Revolução e manter o grupo no poder. Os casos que foram aqui analisados não são representativos apenas dos usos dos tribunais revolucionários como tribuna política, mas também do tratamento dispensado pelo regime cubano a uma dissidência muito mais ampla, que tende a incorporar todos os cubanos que decidem abandonar o país em busca de melhores condições de vida. Os atos públicos realizados em Camagüey e Havana com a finalidade de condenar a atitude contrarrevolucionária atribuída a Huber Matos e nos quais foram feitos ataques contra a sua honra são apenas alguns exemplos de que as tribunas políticas também eram utilizadas como “tribunais revolucionários” que se destinavam a defender a Revolução e acusar os dissidentes. Neste sentido, entre os “réus” julgados pelos líderes da Revolução a partir das tribunas políticas ou “tribunais” das praças públicas não estavam apenas ocupantes de posições de poder no governo revolucionário, havendo também desde renomados artistas e intelectuais até milhares de cubanos anônimos que deixaram o país em massivas ondas migratórias para fugir da política repressiva de um regime que, no decorrer de mais de cinco décadas de

experiência revolucionária, tem sufocado as vozes discordantes. Para desqualificar os cubanos que se opunham ao regime, os líderes da Revolução buscavam negar a sua condição de opositores políticos apontando-os como “criminosos comuns” ou “doentes mentais” e chamando-os sempre a partir de expressões e nomes insultuosos cujo exemplo mais emblemático é o termo “*gusanos*” (vermes). Outro expediente de que se valeu o governo revolucionário cubano foi vincular os “traidores da pátria” aos interesses dos inimigos externos.

No que se refere especificamente aos casos aqui analisados, ou seja, de “traidores da pátria” que foram submetidos a tribunais revolucionários – em sentido literal –, observou-se que Fidel Castro buscou justificar o uso do terror pela Revolução colocando-se como um intérprete dos sentimentos e decisões do povo cubano e forjando a ideia de que, ao aplicar a justiça, a Revolução era “generosa” tanto com os inimigos quanto com os “companheiros”.

A análise das sessões dos tribunais revolucionários não deixou dúvidas quanto à insustentável aparência de legalidade jurídica que se pretendeu dar a julgamentos que tinham um caráter político. A indução dos réus às autocríticas; a preocupação dos advogados de defesa em demonstrar que eram mais revolucionários do que juristas; e a uniformidade discursiva de todos os envolvidos no julgamento – que pareciam repetir frases e jargões empregados por Fidel Castro – são apenas alguns exemplos da farsa jurídica de tribunais onde o que estava em jogo eram as condutas de dirigentes revolucionários e sua lealdade ao líder máximo da Revolução.

Os sucessivos alvos da política de expurgos praticada pelo regime cubano evidenciaram o pragmatismo político de Fidel Castro, para quem a permanência no poder e a continuidade da Revolução eram mais importantes do que a filiação coerente a uma concepção ideológica e o cumprimento de uma plataforma política. Os primeiros expurgos praticados pelo governo cubano – ainda durante a fase em que o discurso oficial declarava que a Revolução era nacionalista e democrática – ocorreram entre os dirigentes revolucionários que se opunham à crescente influência comunista no governo e reivindicavam o restabelecimento da legalidade constitucional, o que implicava, entre outras medidas, na realização de eleições. Em seguida, já durante a fase socialista e marxista-leninista da Revolução, os alvos da política de expurgos foram comunistas de

longa data, oriundos das fileiras do PSP, que possuíam vínculos estreitos com o Kremlin. A política de expurgos prosseguiu a partir do final da década de 1980, tendo como alvos os dirigentes revolucionários favoráveis ao reformismo socialista. Entre os defenestrados, alguns dirigentes opuseram-se à radicalização das reformas adotadas pelo governo cubano; outros se manifestaram favoráveis a reformas liberalizantes que o governo não estava disposto a pôr em prática. Em comum, havia o fato de esses dirigentes terem sido vistos por Fidel Castro como ameaças a seu poder ou, pelo menos, como obstáculos à sua forma de governar.

Por meio de uma política de expurgos que teve como alvos dirigentes revolucionários de diferentes matizes ideológicos, Fidel Castro buscou anular qualquer forma de contestação a seu poder no âmbito das Forças Armadas Revolucionárias e do Partido, ou seja, dos dois principais pilares de sustentação do regime cubano. A pedagogia dos tribunais foi utilizada para demonstrar a cada cubano que a permanência nas fileiras revolucionárias tinha como requisito fundamental a capacidade de adaptar-se, sem expressar oposição ou críticas, às decisões do comandante em chefe sobre os rumos da Revolução.

No decorrer da experiência revolucionária, Fidel Castro deu várias demonstrações de seu pragmatismo político, evidenciando que as concepções teóricas não foram preponderantes na condução de sua ação política, mas que, em vez disso, foram as necessidades políticas que determinaram as variações na ênfase com que reivindicava as distintas correntes de pensamento utilizadas para legitimar as suas ações. Esse pragmatismo político, evidenciado no “camaleonismo” ideológico a que se recorreu para legitimar as ações do governo cubano, foi fundamental para assegurar a manutenção, por mais de cinquenta anos, da Revolução Cubana e do grupo no poder.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Jaime de. O segundo centenário da Independência na América Latina: um desafio historiográfico. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 7., 2006, Campinas, SP. **Anais Eletrônicos...** Campinas, SP, ANPHLAC, 2006. Disponível em: <http://anphlac.org/upload/anais/encontro7/jaime_de_almeida.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2009.

ANGUREL, Julio Soto. **La chivatería**. Disponível em: <<http://julio-soto-angurel.blogspot.com.br/2010/10/la-chivateria-por-julio-soto-angurel.html>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 5. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BARBOSA, Rubens Antônio. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a Ordem Mundial e para o Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 45, n. 1, p. 72-91, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292002000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 8 jan. 2013.

BARROSO, Miguel. Castro ha monopolizado la historia de Cuba. **El siglo**, n. 852, 19 oct. 2009. Disponível em: <<http://www.elsiglodeeuropa.es/siglo/historico/2009/852/852culturaBarroso.html>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

BÉDARIDA, François. Tempo Presente e presença na história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 219-232.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

BETTELHEIM, Judith. Carnival in Santiago de Cuba. In: _____ (Org.). **Cuban festivals: a century of afro-cuban culture**. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2001, p. 94-126.

BLOCH, Vincent. Réflexions sur la dissidence cubaine. **Problèmes d'Amérique Latine**, n. 57/58, p. 215-241, été/automne 2005.

_____. Reflexões sobre a dissidência cubana. Trad. Jaime de Almeida e Giliard da Silva Prado. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 8, 28p, 2009. Disponível em: <http://www.anphlac.org/revista/revista8/traducao.reflexoes_sobre_a_dissidencia_cubana.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2010.

BLOCH, Vincent; LÉTRILLIART, Philippe (dir.). **Cuba, un régime au quotidien**. Paris: Choiseul, 2011.

BURGOS, Elizabeth. **El castrismo y medio siglo de amnesia**. Disponível em: <<http://www.analitica.com/va/sociedad/articulos/7306394.asp>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

CABALLERO, Manuel. Tormentosa historia de una fidelidad: el comunismo latinoamericano y la URSS. **Nueva Sociedad**, n. 80, nov./dic., 1985, p. 78-85, (versão digital). Disponível em: <www.nuso.org/upload/articulos/1335_1.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2012.

CANDAU, Joël. **Mémoire et identité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

CAÑO, Antonio. Fidel Castro enfermó y Raúl lloró por la 'conexión cubana'. **El País**, 12 jul. 1989. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1989/07/12/internacional/616197604_850215.html>. Acesso em: 23 jul. 2013.

CASTAÑEDA, Jorge G. **Che Guevara: a vida em vermelho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CASTRO, Fidel. **Comparecencia del Primero Ministro del Gobierno Revolucionario, Comandante Fidel Castro, en el juicio que se sigue contra Marcos Armando Rodríguez Alfonso, por delito de delación, celebrado en el Tribunal Supremo, el día 26 de marzo de 1964**. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/cuba/Fidel-3-26-1964.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

_____. **A história me absolverá**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

_____. De Martí a Marx. In: LÖWY, Michel (Org.). **El marxismo en América Latina: antología, desde 1909 hasta nuestros días**. Santiago de Chile: LOM ediciones, 2007, p. 281-291.

_____. La seriedad de un partido revolucionario se mide por la actitud ante sus propios errores – comparecencia por radio y televisión, La Habana, 26 de marzo de 1962. In: **El partido, una revolución en la revolución: selección temática (1961-2005)**. La Habana: Ed. Política, 2011, p. 34-95.

_____. **Discursos e intervenciones**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/index.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

_____. **Reflexiones del Comandante en Jefe**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/reflexiones/reflexiones.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

CASTRO, Raúl. **Discursos e intervenciones.** Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/rauldiscursos/index2.html>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

CATROGA, Fernando. **Memória, história, e historiografia.** Coimbra: Quarteto, 2001.

CELORIO, Gonzalo. Abogado del diablo: el juicio del general Arnaldo Ochoa. **Letras Libres**, México, D.F., p. 36-45, mayo 2010. Disponível em: <<http://www.letraslibres.com/revista/convivio/abogado-del-diablo-el-juicio-al-general-arnaldo-ochoa>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** V. 1. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHOMÓN, Faure. **Declaración del testigo Comandante Faure Chomón Mediavilla en el juicio seguido al delator de los mártires de Humboldt 7 en la sala cuarta de la Audiencia de La Habana.** Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/cuba/Faure-Chomon-testimonio.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

COGGIOLA, Osvaldo. (Org.). **Revolução Cubana:** história e problemas atuais. São Paulo: Xama, 1998.

COLARD, Daniel. Le sommet des Non-alignés et la sécurité internationale. **Revue Défense Nationale.** Paris, Comité d'Études de Défense Nationale, n. 506, p. 73-84, févr. 1990.

CORZO, Pedro. **¿Asesinó Castro a Camilo Cienfuegos?** Disponível em: <<http://www.martinoticias.com/content/camilo-cienfuegos-cuba-fidel-castro-/16067.html>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

CRUZ, José Moreno. **Los tres mosqueteros más uno.** Disponível em: <<http://www.lanuevacuba.com/archivo/josemoreno-2.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

DEBRAY, Régis. **Revolução na revolução.** São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 1967.

DE LA CUESTA, Leonel Antonio. Cuatro décadas de historia constitucional cubana, 1959-1999. **Cuban Studies**, University of Pittsburg Press, n. 32, p. 98-119, 2001.

DEL RISCO, Enrico. **El caso Marquitos (final).** Disponível em: <<http://enrisco.blogspot.com.br/2009/07/el-caso-marquitos-final.html>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

DOSSE, François. Uma história social da memória. In: **A história.** Bauru: EDUSC, 2003, p. 261-298.

DRAPER, Theodore. **A revolução de Fidel Castro:** mitos e realidades. Rio de Janeiro: Ed. GRD, 1962.

_____. **Castrismo: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Ed. GRD, 1966.

ECURED – ENCICLOPEDIA CUBANA EN LA RED. Disponível em: <<http://www.ecured.cu/>>. 12 jan. 2012.

El PAÍS, **José Abrantes Fernández**, ex-ministro del Interior cubano, 23 enero 1991. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1991/01/23/agenda/664585202_850215.html>. Acesso em: 23 jul. 2013.

ENCINOSA, Enrique G. **Escambray, la guerra olvidada: un libro histórico de los combatientes anticastristas en Cuba (1960-1966).** Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/escambray.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

ENTRIALGO, Roberto Bonachea. **Fidel Castro: pensamientos muy escogidos.** La Habana: [s. n.], 2007.

ESCOSTEGUY, Jorge. **Cuba hoje: 20 anos de revolução.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANQUI, Carlos. **Retrato de família com Fidel.** Rio de Janeiro: Record, 1981.

FURET, François. **Le passé d'une illusion: essai sur l'idée communiste au XX siècle.** Paris: Robert Laffont Calmann Lévy, 1995.

FURIATI, Cláudia. **Fidel Castro: uma biografia consentida. Tomo II (do subversivo ao estadista).** 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

FURTAK, Robert K. Cuba: un cuarto de siglo de política exterior revolucionaria. **Foro Internacional**, v. 25, n. 4, abr./jun., 1985, p. 343-361.

GEORGE, Edward. **The Cuban Intervention in Angola (1965-1991): from Che Guevara to Cuito Cuanavale.** Abingdon: Frank Cass, 2005.

GOLDFEDER, Sônia. **A primavera de Praga.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUEVARA, Ernesto. A Fidel [1965]. In: **Edición digital de las obras de Ernesto Che Guevara.** Disponível em: <<http://www.filosofia.cu/che/chet9gl.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

_____. **Textos revolucionários.** São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 1980 (Coleção Obras de Che Guevara; 3).

_____. **Obras escogidas: 1957-1967**. La Habana: Ed. Ciencias Sociales, 1991.

_____. Mensaje a todos los pueblos del mundo a través de la Tricontinental. **Tricontinental**, La Habana, 16 abr. 1967 (Suplemento Especial). Disponível em: <http://www.lajiribilla.cu/2011/n514_03/514_09.html>. Acesso em: 9 abr. 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERNÁNDEZ, R. **Mirar a Cuba**. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

HERRERA, Virtudes Feliú. **El carnaval cubano**. La Habana: Ediciones Extramuros, 2002.

HOFFMANN, Bert. ¿Helms-Burton a perpetuidad? Repercusiones y perspectivas para Cuba, Estados Unidos y Europa. **Nueva Sociedad**, n. 151, sep./oct. 1997, p. 57-72. Disponível em: <http://nuso.org/upload/articulos/2624_1.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2011.

HUBERMAN, Leo; SWEEZY, Paul M. **Cuba: anatomia de uma revolução**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

IBARRA, Jorge. **Historia de Cuba: las luchas por la independencia nacional y las transformaciones estructurales (1868-1898)**. La Habana: Editora Política, 1996.

LANZ, Pedro Luis Díaz. **Carta Abierta al Pueblo de Cuba**. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/diaz-lanz.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

LÖWY, Michel (Org.). Introducción: puntos de referencia para una historia del marxismo en América Latina. In: _____ (Org.). **El marxismo en América Latina: antología, desde 1909 hasta nuestros días**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2007, p. 9-67.

KAROL, K S. **Les guérilleros au pouvoir: l'itinéraire politique de la révolution cubaine**. Paris: Robert Laffont, 1970.

KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In: **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

LAERCIO, Diógenes. **Vidas de los filósofos ilustres**. Trad. Carlos García Gual. Madrid: Alianza, 2007 (Clásicos de Grecia y Roma).

LA GRANGE, Bertrand de. **La Revolución devora a sus hijos**. Disponível em: <<http://www.razon.com.mx/spip.php?article19504>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

LEAL, Orlando Jiménez. **8-A**. New York: P.M. Films, 1992, 83min. Disponível em: <<http://vimeo.com/13948546>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

LISSAGARAY, Hippolyte Prosper-Olivier. **História da Comuna de 1871**. São Paulo: Ensaio, 1991.

MARQUES, Rickley Leandro. **A Condição Mariel**: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990). 2006. 267 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MARTIN, Jean-Clément. La Révolution Française: généalogie de l'ennemi. **Raisons politiques**, n. 5, 2002/1, p. 69-79.

MATOS, Huber. **El juicio de Huber Matos**. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2002/03/24/domingo/1016945562_850215.html>. Acesso em: 24 jun. 2013.

_____. **Renuncia del Comandante Huber Matos en 1959**. Disponível em: <<http://comandantehubermatos.blogspot.com.br/2012/10/>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

McCALLUM, Jack. **Leonard Wood**: Rough Rider, Surgeon, Architect of American Imperialism. New York: New York University Press, 2006.

MENCÍA, Mario. **El grito del Moncada**. La Habana: Ed. Política, 1986 [2 v.].

MISKULIN, Sílvia Cezar. **Cultura ilhada**: imprensa e revolução cubana (1959-1961). São Paulo: Xamã, 2003.

_____. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009.

_____. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. **Esboços**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, n. 20, p. 47-66, 2009.

MONTANER, Carlos Alberto. **Cuba**: claves para una conciencia en crisis. [S.l.], [s.n.], 1982.

_____. **Historia genital de la Revolución Cubana**. Disponível em: <http://www.diariodecuba.com/cuba/1308303016_1799.html>. Acesso em: 5 jul. 2013.

NAZOA, Aquiles. **Cuba**: de Martí a Fidel Castro. Caracas: Instituto Venezolano-Cubano de Amistad, 1976.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

_____. L'ère de la commémoration. In: NORA, Pierre (dir.). **Les lieux de mémoire** (Les France). V. 3. Paris: Gallimard, 1997, p. 4687-4719.

NOROÑA, José A. Grillo. **Vista del juicio que se sigue contra el procesado Marcos Armando Rodríguez Alfonso, celebrada el 30 de marzo de 1963 [sic], [1964]**. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/cuba/3-30-1963.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

OCHOA, Lydia Esther. **Raúl Gómez García no dejó morir las doctrinas del maestro**. Disponível em: <<http://www.radioangulo.cu/variedades/historia/17708-raul-gomez-garcia-no-dejo-morir-las-doctrinas-del-maestro.html>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS. **Acta Final de la Séptima Reunión de los Ministros de Relaciones Exteriores**, San José, 22 a 29 de agosto de 1960. Washington, D.C., Secretaria General de la Organización de los Estados Americanos, 1960. Disponível em: <<http://www.oas.org/consejo/sp/RC/Actas/Acta%207.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2013.

OTERO, Lisandro. **Disidencias y coincidências em Cuba**. La Habana: Ed. José Martí, 1984.

OZOUF, Mona. **La fête révolutionnaire (1789-1799)**. Paris: Gallimard, 1976.

_____. A festa sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Org.). **História: novos objetos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 216-232.

PALENZUELA, María Delys Cruz. **El Manifiesto del Moncada**. Disponível em: <<http://www.cubarte.cult.cu/periodico/noticias/115472/115472.html>>. Acesso em: 26 dez. 2011.

PIERRE-CHARLES, Gérard. **Génesis de la Revolución Cubana**. 10. ed. México, D.F.: Siglo XXI, 1996.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PONTE, Antonio José. José Martí: historia de una bofetada. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Cuestiones del tiempo presente. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index30622.html>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

RAMIREZ, Blanca Torres. **Las relaciones cubano-soviéticas (1959-1968)**. México, D.F.: El colegio de México, 1971.

RAMONET, Ignacio. **Fidel Castro: biografia a duas vozes**. São Paulo: Boitempo, 2006.

RICO, Maite. Las purgas de Fidel: el líder cubano depuró a quien pretendía hacerle sombra. **El País**, 08 mar. 2009. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2009/03/08/internacional/1236466803_850215.html>. Acesso em: 8 jul. 2013.

RODRÍGUEZ, Osvaldo Fructuoso. Humboldt 7 y el hombre que delató a mi padre. **Miami Herald**, 20 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.autentico.org/oa09876.php>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

ROJAS, Rafael. Políticas invisibles. **Encuentro de la cultura cubana**, n. 6/7, otoño/invierno de 1997, p. 24-35.

_____. **Isla sin fin**: contribución a la crítica del nacionalismo cubano. Miami: Ediciones Universal, 1998.

_____. **¿Un misterio revelado?** Disponível em: <<http://www.librosdelcrepusculo.net/2009/09/un-misterio-revelado.html>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

_____. **La máquina del olvido**: mito, historia y poder en Cuba. México, D.F.: Taurus, 2012.

ROJAS, Marta. **El juicio del Moncada**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. V. 1. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1986.

SCHMITT, Carl. **El concepto de lo político**. Madrid: Alianza, 1998.

_____. **Teologia política**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

_____. **Legalidade e legitimidade**. Belo Horizonte: Del Rey, 2007.

SCHOULTS, Lars. O estabelecimento do império: Cuba e a guerra contra a Espanha. In: **Estados Unidos**: poder e submissão. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: EDUSC, 2000, p. 151-178.

SCHULZINGER, Robert. **U.S. Diplomacy since 1900**. 4. ed. New York: Oxford University Press, 1998.

STABLE, Marifeli Pérez. **La Revolución Cubana**: orígenes, desarrollo y legado. Madrid: Editorial Colibrí, 1998.

VIDAL-FOLCH, Ignacio. **Turistas del ideal**. Barcelona: Destino, 2005.

VILLAÇA, Mariana. **O Instituto Cubano del Arte y Industria Cinematográficos (ICAIC) e a Política Cultural de Cuba (1959-1991)**. 2006. 434 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp. 177-198.

Anexo - Calendário da Revolução Cubana

ANO	DENOMINAÇÃO
1959	Año de la Liberación
1960	Año de la Reforma Agraria
1961	Año de la Educación
1962	Año de la Planificación
1963	Año de la Organización
1964	Año de la Economía
1965	Año de la Agricultura
1966	Año de la Solidaridad
1967	Año del Viet Nam Heroico
1968	Año del Guerrillero Heroico
1969	Año del Esfuerzo Decisivo
1970	Año de los Diez Millones
1971	Año de la Productividad
1972	Año de la Emulación Socialista
1973	Año del XX Aniversario
1974	Año del XV Aniversario
1975	Año del Primer Congreso
1976	Año del XX Aniversario del Granma
1977	Año de la Institucionalización

1978	Año del XI Festival
1979	Año XX de la Victoria
1980	Año del Segundo Congreso
1981	Año del XX Aniversario de Girón
1982	Año 24 de la Revolución
1983	Año del XXX Aniversario del Moncada
1984	Año del XXV Aniversario del Triunfo de la Revolución
1985	Año del III Congreso
1986	Año del XXX Aniversario del Desembarco del Granma
1987	Año 29 de la Revolución
1988	Año 30 de la Revolución
1989	Año 31 de la Revolución
1990	Año 32 de la Revolución
1991	Año 33 de la Revolución
1992	Año 34 de la Revolución
1993	Año 35 de la Revolución
1994	Año 36 de la Revolución
1995	Año del Centenario de la Caída de José Martí
1996	Año del Centenario de la Caída en Combate de Antonio Maceo
1997	Año del 30 Aniversario de la Caída en Combate del Guerrillero Heroico y sus Compañeros
1998	Año del Aniversario 40 de las Batallas Decisivas de la Guerra de Liberación
1999	Año del 40 Aniversario del Triunfo de la Revolución

2000	Año del 40 Aniversario de la Decisión de Patria o Muerte
2001	Año de la Revolución Victoriosa en el Nuevo Milenio
2002	Año de los Héroes Prisioneros del Imperio
2003	Año de los Gloriosos Aniversarios de Martí y del Moncada
2004	Año del 45 Aniversario del Triunfo de la Revolución
2005	Año de la Alternativa Bolivariana para las Américas
2006	Año de la Revolución Energética en Cuba
2007	Año 49 de la Revolución
2008	Año 50 de la Revolución
2009	Año del 50 Aniversario del Triunfo de la Revolución
2010	Año 52 de la Revolución
2011	Año 53 de la Revolución
2012	Año 54 de la Revolución
2013	Año 55 de la Revolución